



João Vitor Rodrigues Gonçalves

Gramática do Amor: um estudo da
Comunicação sobre as representações e
a expressão do sentimento no discurso
emocional das culturas juvenis

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Cláudia da Silva Pereira

Rio de Janeiro
Março de 2022



João Vitor Rodrigues Gonçalves

Gramática do Amor: um estudo da Comunicação sobre as representações e a expressão do sentimento no discurso emocional das culturas juvenis

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof.^a Cláudia da Silva Pereira
Orientadora
PUC-Rio

Prof.^a Tatiana Oliveira Siciliano
Departamento de Comunicação – PUC-Rio

Prof.^o Gabriel Chavarry Neiva
Departamento de Comunicação – PUC-Rio

Prof.^a Cláudia Barcellos Rezende
Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof.^o João Batista de Macedo Freire Filho
Programa de Pós-graduação em Comunicação
e Cultura – UFRJ

Rio de Janeiro, 08 de março de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização do autor, da orientadora e da universidade.

João Vitor Rodrigues Gonçalves

Mestre em Comunicação Social (PUC-Rio) e graduado em Relações Públicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-graduação *lato sensu* em Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas, em 2008. Professor em cursos de graduação e pós-graduação, pesquisador e consultor de mercado nas áreas de comunicação e marketing.

Ficha Catalográfica

Gonçalves, João Vitor Rodrigues

Gramática do amor : um estudo da comunicação sobre as representações e a expressão do sentimento no discurso emocional das culturas juvenis / João Vitor Rodrigues Gonçalves ; orientadora: Cláudia da Silva Pereira. – 2022.

260 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2022.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Amor. 3. Juventude. 4. Representações sociais. 5. Antropologia das emoções. I. Pereira, Cláudia da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À minha orientadora Professora Cláudia Pereira por acreditar nesta pesquisa e por compartilhar comigo essa jornada.

À minha mãe, a referência do amor mais sublime que poderia receber nessa vida. Por acreditar na educação dos seus filhos e me permitir chegar aqui hoje.

Ao Rodrigo Cobra, o amor da minha vida, pelo apoio, parceria e carinho, por ser a pessoa que faz-me sentir amado todos os dias.

À Professora Maria Isabel Mendes de Almeida (*in memoriam*) que marcou definitivamente minha trajetória na pesquisa e a quem por isso serei sempre muito grato.

A todas as mulheres que passaram por mim ao longo deste trabalho e contribuíram de muitas formas para a realização deste projeto. Em especial, a todas aquelas que estiveram comigo na pesquisa nos últimos dois anos.

A todas as professoras e todos os professores que o doutorado me permitiu conhecer ao longo desse período, especialmente aqueles cujas referências estão nesta tese e apoiarão sempre minha trajetória na pesquisa.

Ao Departamento de Comunicação da PUC-Rio, em especial Marise Lira e Juliana Pecis, as pessoas mais queridas e atenciosas que tanto nos apoiam em todos os momentos.

E a todos os amigos, colegas de trabalho, parentes e pessoas queridas que se mantiveram ao meu lado desde sempre com apoio, confiança e carinho.

Resumo

Gonçalves, João Vitor Rodrigues; Pereira, Cláudia da Silva. **Gramática do Amor: um estudo da Comunicação sobre as representações e a expressão do sentimento no discurso emocional das culturas juvenis**. Rio de Janeiro, 2022, 260p. Tese de Doutorado. Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Expressar o amor é também uma linguagem através da qual se comunica aos outros e a si mesmo sobre aquilo que se sente. Orientada pelos projetos teóricos de sociologia de Marcel Mauss e Gabriel Tarde, esta tese evidencia as linguagens da gramática do amor entre jovens mulheres de camadas médias na cidade do Rio de Janeiro, considerando tanto aspectos que são caros às culturas juvenis, quanto representações sociais que circulam na mídia. Recorrendo a Moscovici e à sua teoria das representações sociais, o discurso emocional é alcançado pela análise interpretativa de conteúdo e práticas de inspiração etnográfica para indicar, através de narrativas individuais, os sinais de estabilidade e os de possíveis rupturas nas linguagens das quais se apropriam nesse início da segunda década do século XXI. De enorme relevância são também as evidências de Gilberto Velho, Claudia Barcelos Rezende e Maria Cláudia Coelho e a micropolítica das emoções, contribuindo para revelar as linguagens apresentadas na conclusão da pesquisa, entre elas, a expressividade sentimental, a desromantização das relações e a afetividade mediada.

Palavras-chave

Amor, Juventude, Representações Sociais, Antropologia das Emoções

Abstract

Gonçalves, João Vitor Rodrigues; Pereira, Cláudia da Silva. (Advisor) **Grammar of love: a study of Communication on the representations and expression of feeling in the emotional discourse of youth cultures.** Rio de Janeiro, 2022, 260p. Tese de Doutorado. Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Expressing love is also a language through which we communicate to others and ourselves that which we are feeling. Oriented by the theoretical sociology projects of Marcel Mauss and Gabriel Tarde, this thesis evinces the languages of the grammar of love among young middle class women in the city of Rio de Janeiro, considering such particular aspects to youth culture, as social representations that circulate in media. Resorting Moscovici and his theory of social representations, the emotional discourse is achieved by the interpretative analysis of content and practices of ethnographic inspiration to indicate, through individual narratives, the signs of stability and those of possible ruptures in the languages that they appropriate at the beginning of the second decade of the 21st century. The evidence of Gilberto Velho, Claudia Barcelos Rezende and Maria Cláudia Coelho and the micropolitics of emotions are also extremely relevant, contributing to reveal the languages presented at the conclusion of the research, including sentimental expressiveness, the deromanticization of relationships and mediated affectivity.

Keywords

Love, Youth, Social Representations, Anthropology of Emotions

Sumário

Introdução	10
1. Investimentos Metodológicos de Pesquisa.....	22
1.1. Planejamento inicial e impactos da pandemia	23
1.2. Encarando as implicações da pandemia sobre o trabalho de campo	30
1.3. Triangulação metodológica: análise interpretativa de conteúdo, grupo de convivência e entrevista narrativa	34
1.3.1. Parte 1: análise interpretativa de conteúdo	34
1.3.2. Parte 2: grupo de convivência, método de inspiração etnográfica	40
1.3.3. Parte 3: entrevistas narrativas e as experiências emocionais individuais	54
2. Ciências Sociais e a expressão do amor	57
2.1. Modernidade e Sociologia: reflexões sobre o par indivíduo-sociedade.....	65
2.2. Estudos culturais e a micropolítica da emoção nos projetos individuais	80
3. Narrativas românticas e as representações sociais na análise interpretativa de conteúdo	87
3.1. Análise interpretativa de conteúdo na <i>Megazine</i>	102
3.1.1. A tipificação das categorias da análise interpretativa do conteúdo	107
3.1.2. Representações sociais na análise interpretativa de conteúdo	126
4. Grupo de convivência: conversações mediadas na pesquisa de campo.....	135
4.1. As práticas e as conversações no grupo de convivência.....	140
4.2. Inspiração etnográfica – o diário de campo do pesquisador e a relação com as interlocutoras	182
5. Entrevista Narrativa	195
5.1. Ana, 19 anos.....	198
5.2. Débora, 22 anos.....	208
5.3. Flávia, 23 anos.....	215
6. Conclusões da Pesquisa	222
6.1. Linguagens da expressão do amor na gramática comum das culturas juvenis cariocas	228
7. Considerações Finais	249
8. Referências bibliográficas	254

Lista de Figuras

Figura 1: Capa da primeira edição da Megazine em 23 de maio de 2000	35
Figura 2: Publicações da tirinha 'Amar é' nas edições do jornal O Globo, respectivamente, nos dias 02/07/1977 - 16/07/1977 - 27/08/1977 - 17/08/1985	88
Figura 3: Capa da edição da revista <i>Megazine</i> de 06 de junho de 2000	104
Figura 4: Capa da edição da revista <i>Megazine</i> de 01 de março de 2011	110
Figura 5: Capa da edição da revista <i>Megazine</i> de 25 de outubro de 2005	111
Figura 6: Página interna da edição da revista <i>Megazine</i> de 15 de maio de 2007.....	112
Figura 7: Capa da edição da revista <i>Megazine</i> de 04 de julho de 2006	116
Figura 8: Capa da edição da revista <i>Megazine</i> de 15 de março de 2005	119
Figura 9: Capa da edição da revista <i>Megazine</i> de 12 de junho de 2009	122
Figura 10: Seção de Cartas dos Leitores da revista <i>Megazine</i> de 11 de janeiro de 2005.....	125
Figura 11: Seção de Cartas dos Leitores da revista <i>Megazine</i> de 18 de janeiro de 2005.....	125
Figura 12: Seção de Cartas dos Leitores da revista <i>Megazine</i> de 25 de janeiro de 2005.....	126
Figura 13: Poemas enviados em formato de imagem no grupo.....	147
Figura 14: Trechos destacados de reportagem publicada na revista <i>Megazine</i> em abril de 2005.....	156
Figura 15: Trechos destacados de reportagem publicada na revista <i>Megazine</i> em outubro de 2005.....	170
Figura 16: Trechos destacados de reportagem publicada na revista <i>Megazine</i> em outubro de 2005.....	172
Figura 17: Comentários no grupo usando memes e figurinhas do Whatsapp.	191

*Vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Não sei, não posso saber
Quem segura o dia de amanhã na mão?
Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação
Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?
Seria, sim seria, se não fosse o amor
O amor cuida com carinho
Respira o outro, cria o elo
O vínculo de todas as cores
Dizem que o amor é amarelo
É certo na incerteza
Socorro no meio da correnteza
Tão simples como um grão de areia
Confunde os poderosos a cada momento
Amor é decisão, atitude
Muito mais que sentimento
Alento, fogueira, amanhecer
O amor perdoo o imperdoável
Resgata a dignidade do ser
É espiritual
Tão carnal quanto angelical
Não tá no dogma ou preso numa religião
É tão antigo quanto a eternidade
Amor é espiritualidade
Latente, potente, preto, poesia
Um ombro na noite quieta
Um colo pra começar o dia
Filho, abraça sua mãe
Pai, perdoe seu filho
Paz, é reparação
Fruto de paz
Paz não se constrói com tiro
Mas eu miro, de frente
A minha fragilidade
Eu não tenho a bolha da proteção
Queria eu guardar tudo que amo
No castelo da minha imaginação
Mas eu vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Eu não sei, eu não posso saber
Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida
Farei um altar pra comunhão
Nele, eu serei um com o mundo até ver
O ponto da emancipação
Porque eu descobri o segredo que me faz humano
Já não está mais perdido o elo
O amor é o segredo de tudo
E eu pinto tudo em amarelo*

Emicida, Vinicius Leonard Moreira – *Principia*

Introdução

A filosofia, a sociologia, principalmente a psicologia e a psicanálise, entre outras disciplinas das ciências humanas e sociais continuam a produzir até hoje vasto acervo de teses, ensaios, saberes, obras e experiências para nos possibilitar compreender o amor e uma imensa rede de significados tocados por esse sentimento. Muito antes da era cristã no Ocidente, a questão sobre o que é o amor e o que é amar já se colocava: a Grécia Clássica, a Roma imperial e mesmo as sociedades feudais conheceram suas virtudes. De lugar marginal na vida social à herança que até hoje carregamos do valor que lhe foi atribuído pelas sociedades modernas, ao menos é consenso na literatura daquelas disciplinas que “a partir do Renascimento, o sentimento amoroso sofrerá uma impressionante mudança de valor, de tal forma que quase não reconhecemos nele aquilo de que falam os antigos” (Lázaro, 1996a, p.31).

Essa mudança carrega consigo outro significativo marco para os arranjos sociais que começavam a se constituir a partir do Renascimento, do Iluminismo, da Reforma e das revoluções que viriam a seguir, primeiro na Europa e depois em territórios colonizados ou independentes no Ocidente. Trata-se da concepção de valor do indivíduo e da consequente apropriação da premissa individualista como forma de constituir um lugar perante o mundo e os outros. Nesse contexto, à medida em que as diferentes disciplinas das ciências sociais que se consolidam a partir daquele período começam a discutir, elaborar e a interpelar os instrumentos metodológicos disponíveis para situar questões que envolvem a constituição das relações sociais, pensadores e teóricos buscam explicações para as complexas ligações que conectam indivíduos e suas subjetividades dentro das sociedades. Em relação ao amor em especial, Benzaquen de Araújo & Viveiros de Castro (1977) demonstraram como a noção desse sentimento está estreitamente relacionada à de indivíduo e fortemente marcada pela opção de escolha que pode ir contra grupos e categorias sociais. Entre as oportunidades para jogar luz sobre o tema das relações amorosas no Ocidente, no recorte como aqui interessa para análise, esta pesquisa está concentrada nas perspectivas sociológica e antropológica, tendo optado pela aproximação das ideias de Gabriel Tarde e Marcel Mauss, respectivamente, assim como no desenvolvimento de objetos de estudos para o campo da antropologia promovido por Gilberto Velho no contexto brasileiro.

Certamente que essa escolha não visa a reduzir, tampouco excluir qualquer parte da herança de conhecimentos produzidos e acumulados, tanto da sociologia quanto da antropologia, para compreender os fenômenos sociais desde então e ainda hoje. Essa escolha permitirá à pesquisa abraçar as questões contemporâneas sobre relacionamentos amorosos a partir da tensão entre as dinâmicas do social, atravessadas por questões históricas e culturais, e a expressão do sentimento como valor individual, composta das diferenças no interior de cada pessoa que vive, sente e exprime o amor em relações conjugais. Mauss ([1926] 1980) nos fala de uma gramática comum da expressão dos sentimentos e Tarde ([1895] 2018) nos convida a entrar nas mônadas como forma de chegar aos infinitos elementos que constituem um universo particular.

A sociologia de Durkheim ([1895] 2011) foi a base elementar da dissertação que produzi sobre a expressão do sentimento nas relações de amizade (Rodrigues, 2012), a partir da intermediação da comunicação em meios digitais, no início da década de 2010. A perspectiva de análise incluía observar as motivações de participantes de uma mídia social ao estabelecer uma interação de amizade no meio digital, considerando as dimensões da expressão do sentimento na condição de “fato social”, que age coercitivamente sobre a vontade individual. Mais especificamente, foi a contribuição de Mauss a partir da continuidade do desenvolvimento das teses de Durkheim – de quem era discípulo e herdeiro – que levou o trabalho à hipótese da circulação de códigos da linguagem de uma gramática comum variando entre os meios online e offline, incorporando ou adaptando as interações sociais e os conteúdos no interior da amizade.

Mauss é reconhecido por tornar mais complexo o problema central da sociologia de Durkheim: de sua tese vem a reflexão sobre o modo como o obrigatório e o espontâneo se relacionam na experiência individual e pautam o que seria a tal gramática da expressão dos sentimentos – que, ainda que tenha caráter de “fato social” (Quintaneiro; Barbosa; Oliveira, 2002, p.68), não impede que os sentimentos sejam espontâneos quando expressados por quem o vivencia. Mauss interessa nesta pesquisa porque sua contribuição faz avançar as condições da análise do par indivíduo-sociedade, mas também porque esse movimento tem enorme valor, na medida em que, segundo Rezende & Coelho (2010), marca a fundação de

um modelo teórico para se pensar as emoções como objeto das ciências sociais cuja contribuição maior está na porta que abre para construirmos, como objeto de nossa reflexão, a percepção ocidental moderna das emoções como provenientes do íntimo de cada um, em vez de deixarmos que esta representação tolde a possibilidade de reconhecermos a experiência emocional como algo histórica, social e culturalmente configurado (REZENDE; COELHO, 2010, p.49).

Justamente essa tensão entre o social e o individual me faz acreditar que as formulações de Gabriel Tarde para compreender as forças que se movem entre o par indivíduo-sociedade também se engajam para explicar fenômenos sociais contemporâneos, como as relações amorosas entre jovens que são parte do objeto desta pesquisa. Diferente de Durkheim (2011), para quem um ente superior com vida própria é apresentado no desenvolvimento do modelo teórico para pensar o objeto da sociologia, referindo-se ao conjunto de indivíduos que formam a sociedade, para Tarde (2018), “o que conta não são os indivíduos, mas as relações infinitesimais de repetição, oposição e adaptação que se desenvolvem entre ou nos indivíduos, num plano onde não faz sentido algum distinguir o social e o individual” (Vargas, 2010, p.10). Por essa razão também foi que admiti que a perspectiva sociológica de Gabriel Tarde se alinhava com a necessidade de instrumentos metodológicos capazes de dar conta dessas dimensões com a mesma importância.

Considerando o campo de estudos onde esta pesquisa se desenvolve, é importante, ainda, incorporar a ótica da comunicação, onde as contribuições de Michel Maffesoli (2008) estimulam a reflexão sobre o problema da tese: “a ideia de individualismo não faz muito sentido, pois cada um está ligado a outro pela mediação da comunicação. O importante é o *primum relationis*, ou seja, o princípio de relação que me une ao outro” (Maffesoli, 2008, p.13). E completa: a comunicação reencarna o simbolismo pelo qual percebemos “que não podemos nos compreender individualmente, mas que só podemos existir e compreendermo-nos na relação com o outro” (Maffesoli, 2008, p.13). Esse outro, que também vem sendo atravessado pelas narrativas filosóficas, históricas, religiosas, culturais etc. que há tempos cercam mulheres e homens nas sociedades ocidentais, é confrontado com as narrativas sobre o amor romântico como maneira de realização existencial do indivíduo no mundo, através da linguagem de uma gramática do sentimento, sustentada também por instrumentos mediadores da comunicação.

Certo de que em nenhuma circunstância seria produtora considerar a preponderância do indivíduo sobre as comunidades das quais faz parte para analisar a produção de sentido em contextos sociais, recorri ainda a Norbert Elias (1994), que constatou que fenômenos sociais não podem ser explicados pelo modelo conceitual da criação racional e deliberada, como a de um prédio ou uma máquina, em que pessoas individuais seriam capazes de conceber, planejar e criar “formações sócio-históricas” (Elias, 1994, p.13). Aqueles arranjos sociais sobre os quais nos debruçamos agora olhando para o passado são fruto de inúmeras interações entre os indivíduos e o meio, assim como entre eles e os aparatos sociotécnicos que os cercam, produzindo respostas aos estímulos a que estão submetidos no interior dessas sociedades. Tão relevantes quanto, também estão nesta pesquisa Georg Simmel (2006a, 2006b), Freire Costa (1998), Edgar Morin (2018), Martín-Barbero (2008), entre outros.

Diante desse referencial teórico, o objeto de investigação desta pesquisa vai ao encontro das narrativas individuais sobre relacionamentos amorosos de jovens mulheres de camadas médias urbanas (Velho, 1998) da cidade do Rio de Janeiro, no início da década de 2020, a fim de reconhecer, a partir do discurso emocional das culturas juvenis, as linguagens do sentimento e da expressão do amor. Carregado de experiências que são atravessadas pelo social, mas que também são ressignificadas em cada interação com outros indivíduos nos grupos sociais por onde circulam, assim como experiências que são resultado dos processos de negociação de suas crenças, desejos e produção de sentido nos relacionamentos amorosos frente às estruturas sociais de hierarquia e poder, esse discurso é tomado aqui como a unidade básica para dimensionar a micropolítica da emoção ao reforçar, alterar ou dramatizar as macrorrelações sociais. As narrativas individuais são, assim, a maneira de revelar os resultados dessas dinâmicas contemporâneas, alcançando as linguagens da gramática desse sentimento, com o intuito de reconhecer as incontáveis forças em ação em cada universo infinitesimal dos indivíduos e entre eles que podem estar tensionando normas morais com afetos e sentimentos.

O ponto de partida para encaminhar os interesses de investigação é a produção de uma análise de conteúdo dentro de produto midiático voltado para o público jovem, sob a perspectiva do fenômeno das representações sociais de Serge

Moscovici (2015). Elegi a revista semanal *Megazine*, cujo direcionamento do conteúdo estava voltado para esse público e que foi publicada entre os anos de 2000 e 2011 pelo jornal O Globo.

A mídia, como a comunicação em geral, faz circular representações das vidas cotidianas nas sociedades ocidentais, constituindo realidades que se firmam como um dos principais meios para estabelecer associações com as quais os indivíduos se conectam entre si e com diferentes grupos. Para Moscovici, os meios de comunicação de massa aceleraram os processos que promoveram o reconhecimento das representações sociais como estruturas dinâmicas, “operando em um conjunto de relações e de comportamentos que surgem e desaparecem” (Moscovici, 2015, p.47). E conclui: “a característica específica dessas representações é precisamente a de que elas ‘corporificam ideias’ em experiências coletivas e interações em comportamentos (...)” (Moscovici, 2015, p.48). Ou seja, tomar esse produto midiático para análise, nas condições em que interessa a esta pesquisa, permitirá contextualizar as linguagens da expressão do amor circulando entre jovens, alguns anos atrás, a fim de reconhecer o “universo consensual” inscrito dentro desse grupo acerca do sentimento nos relacionamentos conjugais. A análise interpretativa de conteúdo (Pereira, em fase de elaboração) aplicada ao material visa à classificação de categorias da expressão do amor, de maneira a produzir uma descrição de narrativas sobre o sentimento naquele contexto de determinado recorte de tempo.

Como o fenômeno das representações sociais, sob a ótica de Moscovici, pode ser compreendido dentro de aspectos temporais, uma vez que as representações “são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações” (Moscovici, 2015, p.37), o período escolhido para aquela análise será o do intervalo entre os anos de 2005 a 2011. O objetivo desse retorno ao passado é identificar aspectos do “universo consensual” de outro momento para buscar suas conexões com as dinâmicas contemporâneas entre jovens mulheres nesse início da década de 2020. Dentro das categorias de expressão do sentimento identificadas na análise da revista para o público jovem serão contextualizados também os atravessamentos sociais à época – questões de valor coletivo que envolvem as vidas das pessoas, incluindo, mas não somente, aspectos econômicos, tecnológicos, de direitos, de segurança pública, de acesso a bens e produtos, de consumo etc. – entendidos aqui como

agenciamentos, tal qual a definição de Gilles Deleuze (1995), para tentar dar conta de elementos diversos e heterogêneos na relação entre as demandas sociais e os indivíduos envolvidos nos processos cotidianos.

Logo, as manifestações de agenciamento – “capacidade mediada socioculturalmente de agir de modo propositado (e, por vezes, criativo) diante de imposições coercivas e estados de dominação, impedindo, fortalecendo ou catalisando mudanças em normas, sanções e hierarquias culturais e sociais” (Freire Filho, 2007, p.13) são admitidas como capazes de capturar as dimensões envolvidas na formulação das linguagens na gramática do amor. Além disso, tal como acredita Moscovici, “o referencial explanatório exigido para tornar os fenômenos sociais inteligíveis deve incluir conceitos psicológicos, bem como sociológicos” (Duveen, 2015, p.12). Portanto, a hipótese à qual me dedico nesta tese é a de que a emergência de tensões sobre as representações sociais do amor romântico nas culturas juvenis, produto da costura de “micro-hierarquias” (Rezende; Coelho, 2010, p.83) aos contextos culturais e históricos mais amplos, exige o reconhecimento de distintas e potenciais linguagens da expressão do sentimento no discurso emocional dos jovens. Se de fato as representações são “estruturas que conseguiram uma estabilidade, através da transformação duma estrutura anterior” (Duveen, 2015, p.22), então é interesse desta tese, a fim de julgar a hipótese, reconhecer quais entre aquelas associadas aos relacionamentos amorosos são fruto dessa transformação, se podem ser mesmo reconhecidas como estáveis e sobre quais representações elas estão promovendo transformações agora – considerando períodos e acontecimentos nas duas primeiras décadas deste século, a partir da comunicação na mídia que alcança o público jovem.

Para ser capaz de incorporar as narrativas individuais dessas jovens interlocutoras como parte da ideação analítica para o objetivo da tese, recorri à perspectiva contextualista da antropologia das emoções, que, segundo Rezende & Coelho (2010), foi proposta por Abu-Lughod e Lutz e que é inspirada na noção foucaultiana de “discurso”, fazendo emergir a noção de “micropolítica da emoção”, quando os esforços para compreender a emoção devem passar pelo contexto em que ocorrem as relações entre os interlocutores, assim como admitir que a emoção estará sempre orientada por essas relações.

Para as autoras, a emoção não seria apenas um construto histórico-cultural; a emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida. É nesse sentido que se pode falar de uma ‘micropolítica da emoção’, ou seja, de sua capacidade de dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual. É, assim, então que as emoções surgem perpassadas por relações de poder, estruturas hierárquicas ou igualitárias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais (...) (REZENDE; COELHO, 2010, p.78)

Nesse sentido, a dimensão micropolítica da emoção encaminha a análise do sentimento – o amor – nas relações conjugais contemporâneas da juventude através das narrativas individuais das interlocutoras, buscando o tensionamento do par indivíduo-sociedade contextualizado nas linguagens incorporadas à gramática de expressão do sentimento. Essas narrativas dão corpo ao discurso emocional tomado como forma de ação social com efeitos sobre o mundo, que será alcançado através dos métodos de coleta e reconhecimento dos elementos que incorpora em sua expressão verbal, oral e visual de pessoas falando para pessoas e sobre pessoas, conforme explicado no capítulo sobre metodologias desta pesquisa. Tomando as emoções como fenômenos sociais, é imprescindível que se reconheça que o discurso, naquela perspectiva foucaultiana, é essencial para a compreensão do modo como elas são constituídas. Por essa razão, o discurso emocional das culturas juvenis é a unidade básica da produção de sentido das narrativas individuais que interessam a esta tese.

O foco no discurso permite não apenas compreender o modo como a emoção, tal como o discurso do qual participa, é informada por temas e valores culturais, mas também o modo como atua em uma área controversa da atividade social, como afeta um campo social e como pode servir como idioma para a comunicação, não necessariamente sobre sentimentos, mas sobre assuntos tão diversos como conflito social, papéis de gênero ou a natureza da pessoa ideal ou desviante (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p.11)¹

¹ *The focus on discourse allows not only for insight into how emotion, like the discourse in which it participates, is informed by cultural themes and values, but also how it serves as an operator in a contentious field of social activity, how it affects a social field, and how it can serve as an idiom for communicating, not even necessarily about feelings but about such diverse matters as social conflict (White, this volume), gender roles (Lutz, this volume), or the nature of the ideal or deviant person (Farjans, 1985)*

Visando à superação do senso comum de que os sentimentos possuem uma natureza marcada pelas ideias de universalidade invariável e de algo que se origina espontaneamente do íntimo de cada pessoa, o investimento de valorização daquelas narrativas se desdobrará a partir da noção de fazer antropologia das emoções de Rezende & Coelho (2010): “colocar em xeque essas convicções, tratando-as como ‘representações’ de uma dada sociedade” (Rezende; Coelho, 2010, p.12), admitindo que as emoções quando tomadas como objeto das ciências sociais devem ser compreendidas como dimensões da experiência humana permeadas por ações da sociedade e da cultura.

O aprendizado sobre como, quando e com quem expressar os sentimentos torna-se algo internalizado nos sujeitos desde muito cedo, e muitos podem não perceber a forma controlada como os manifestam. No entanto, em muitas outras ocasiões, quando essas normas não são tão claras e reconhecidas, esses sujeitos acreditam na espontaneidade de suas expressões, razão que me leva à justificativa para esta pesquisa aprofundar a investigação. Diante das condições históricas e culturais da contemporaneidade – sociais, econômicas, políticas, educacionais, tecnológicas etc. – como essas jovens estão atribuindo sentido à expressão do amor – entre o obrigatório e o espontâneo, entre o amor idealista e o realista – em suas experiências e na produção de suas narrativas? Entre o universo consensual de Moscovici (2015) e o universo infinitesimal da sociologia de Tarde ([1895] 2018), esta pesquisa se justifica pela necessidade de discutir com representações sobre o amor romântico que se tornaram estáveis no passado as representações contemporâneas, de forma que se possa construir um quadro para a compreensão das linguagens engajadas na expressão do amor nos relacionamentos amorosos junto às questões caras à juventude – sem recorrer a uma retórica da decadência, nem ao deslumbramento pelo novo, como é prudente proceder nos estudos envolvendo culturas juvenis, tal qual concordam Freire Filho & Borelli (2008).

Tão relevante quanto para justificar esta pesquisa é também a possibilidade de jogar luz sobre questões e problemas que atribuem à dimensão individual apenas aspectos nocivos ao meio social, mas que muitas vezes são usados para invisibilizar identidades, à medida em que reforçam hierarquias de poder e exclusão. Em relação aos jovens brasileiros especificamente, como apontou Jesús Martín-Barbero (2008) se referindo aos jovens colombianos, aqui também é preciso posicionar a juventude

menos como objetos de políticas e mais como sujeito-ator de mudanças. Acredito que investimentos de pesquisa como este podem contribuir nesse sentido, mas devem receber atenção também porque interessa à Comunicação reconhecer os aparatos técnicos que nos permitirão dialogar com a juventude e, junto com os jovens, produzir novos espaços de conhecimento a fim de remover o caráter invisibilizado de muitas outras histórias, principalmente as daqueles que estão à margem dos sistemas de produção e consumo. Assim como é importante para a Comunicação incorporar novos saberes que são fruto do diálogo com as Ciências Sociais, aumentando o repertório de teses que, como esta, reconhecem os sentimentos como objeto de estudo.

A estrutura da tese é composta por um total de seis capítulos. O primeiro capítulo apresenta a triangulação metodológica da pesquisa, descrevendo as práticas de campo abraçadas para revelar as narrativas individuais provenientes dos discursos emocionais, conforme as perspectivas teóricas descritas acima. Análise interpretativa de conteúdo, grupos de convivência e entrevistas narrativas foram os métodos que me possibilitaram delinear experiências como pesquisador para produzir conhecimento no âmbito das ciências humanas e sociais dentro do escopo do tema. E como a etapa de campo acontece durante a pandemia de Covid-19, esse capítulo discorre também sobre as fases, as mudanças, os impeditivos e as formas de superar as limitações que encontrei para conseguir prosseguir e finalizar a pesquisa. Inclusive, nomeei grupos de convivência o que executei como uma adaptação dos grupos focais, em decorrência das circunstâncias que julguei como desfavoráveis, para aplicação das práticas desse método – descrevo em detalhes nesse capítulo como os grupos de convivência se configuram e como são moderados para dar conta das necessidades da pesquisa.

O segundo capítulo trata dos investimentos das Ciências Sociais para enunciar os aspectos do valor atribuído ao amor romântico desde a modernidade e mais particularmente a partir da segunda metade do século XX, em produções e teses mais recentes, ao mesmo tempo em que suas disciplinas discorrem sobre o papel desempenhado pelos sentimentos como lugar da nossa individualidade. É também nesse capítulo que estabeleço relações desses saberes com a comunicação e a cultura de massa, indicando os papéis e os lugares ocupados pelas representações sociais do amor junto à juventude.

Percorrendo a tradição cultural do Ocidente, recorro aos valores que o amor romântico assume naquelas representações e com os quais é comumente associado, enquanto os aparatos do mundo moderno deslocam a ênfase dos discursos sobre o amor para o interior do indivíduo, suas experiências e até sofrimentos. Para Lázaro (1996b), “o amor tem sido um método por meio do qual se elabora e se estabelece um modo de percepção da interioridade do indivíduo, seus limites, suas forças e seu destino” (Lázaro, 1996b, p.21), mas também um forte impulsionador da lógica da diferenciação individual e de massificação das diferenças no interior do mecanismo da sociedade de consumo contemporânea. Para o autor, nesse contexto, o amor é deslocado para a imagem que o indivíduo faz de si mesmo e para aquela que deseja ver refletida nos olhos dos outros. “Amar-se e ser amado implicam em adaptação automática a padrões positivamente qualificados que circulam pela mídia e se estampam no corpo do próximo” (Lázaro, 1996b, p.220).

Edgar Morin (2018) afirma que a propriedade da cultura de massa é universalizar a obsessão do amor, transformando-o em seu grande arquétipo, como um “fundamento tornado necessário e evidente de qualquer vida pessoal” (Morin, 2018, p.127). Também justificativa do encaminhamento desta tese ao propor uma análise interpretativa de conteúdo está a constatação de Morin sobre como a cultura de massa promoveu, através da grande imprensa, o desenvolvimento de um gigantesco setor feminino para condicionar, com anotações práticas, a arte da sedução – desde os primeiros jornais especializados até os semanários sentimentais. Para ele, os dois grandes temas identificadores da cultura de massa na imprensa feminina eram, de um lado, a casa, o bem-estar, e do outro lado, o amor e a sedução. No entanto, interessa ao objetivo desta tese as questões relacionadas aos condicionamentos propostos à juventude, mais especificamente às mulheres inseridas nas sociabilidades juvenis, tal como poderão ser demonstrados nesse capítulo.

No terceiro capítulo, relaciono o conceito de narrativa com a forma como ela se expressa no discurso romântico e de aconselhamento de boas maneiras voltado para mulheres a partir da literatura romântica, da primeira radionovela brasileira, das fotonovelas e das revistas femininas publicadas entre o início e o final do século passado. O objetivo deste capítulo é dimensionar o modo como as narrativas empreendidas pela cultura de massa operaram a partir das representações sobre o

amor e como encarregam os indivíduos de assumir posição para fazer prosperar seus relacionamentos conjugais, em especial as mulheres, que assumiram os papéis de personagens dessas narrativas e de consumidoras ao mesmo tempo.

Ainda nesse capítulo, apresento, em seguida, os resultados da análise interpretativa de conteúdo (Pereira, em fase de elaboração)² com a Revista *Megazine*. Embora essa publicação não tenha caráter de direcionamento para audiência exclusivamente feminina, foi apropriada nesta pesquisa como forma de enumerar e compreender categorias analíticas de expressão do amor em um veículo como os que são voltados para o público jovem, conforme detalho no primeiro capítulo. Ao final, discuto as quatro categorias analíticas das representações que identifiquei no material e como se relacionam com os relacionamentos afetivos, especialmente como afetam as mulheres.

Os dois capítulos seguintes são dedicados à apresentação dos dados provenientes do grupo de convivência e das entrevistas narrativas. No quarto capítulo, além de discorrer sobre o método, apresento as práticas que foram incorporadas ao grupo de convivência com a finalidade de capturar possíveis movimentos de tensionamento nas vivências das jovens interlocutoras frente às representações da expressão do amor categorizadas na primeira análise, observando repetições e transformações dos fenômenos sociais com os quais tais representações se conectam, a partir das falas decorrentes das relações que emergem das interações em grupo. Além disso, revelo o equivalente ao diário de campo dessa experiência, indicando, como pesquisador, as impressões sobre a capacidade do método prosperar.

No quinto capítulo estão os dados das entrevistas narrativas feitas com três das jovens que participaram do grupo de convivência. Com cada uma delas houve três entrevistas, nas quais puderam narrar histórias de seus relacionamentos amorosos em fases distintas das suas vidas. Essas histórias então são reunidas para que seja possível alcançar o discurso emocional das culturas juvenis nas narrativas e, assim, proceder com a análise. Nesse capítulo, dedico atenção à apresentação dessas histórias, descritas na forma indireta depois que foram transcritas, porém acrescentando partes das falas delas, de maneira a ilustrar os acontecimentos

² Método e texto ainda não publicados, de autoria de minha orientadora, Cláudia Pereira.

narrados. No capítulo seguinte, essas histórias aparecem relacionadas com as considerações sobre as análises nos outros métodos.

Finalmente, o sexto capítulo apresenta os resultados da pesquisa a partir da triangulação metodológica e discorre sobre a ação dos processos de repetição e criação na expressão do amor no interior dos relacionamentos afetivos na juventude, orientados pelo composto de crenças, desejos, afetos e singularidade que elucidam os processos de subjetivação das jovens interlocutoras. Aqui aparecem os aspectos da micropolítica da emoção observados no entrecruzamento dos fenômenos capturados pelas representações sociais com as interações de um grupo social e com a emergência da emoção no discurso emocional trazidos pelas narrativas individuais. Nesse momento, são discutidas as dimensões micropolíticas do sentimento na experiência emocional individual que atravessam as relações macrossociais. E, nesse sentido, podem ser admitidas como linguagens da expressão do amor na gramática comum da juventude. Em seguida, a última seção apresenta as considerações finais sobre este estudo.

1. Investimentos Metodológicos de Pesquisa

Como em qualquer tese, o capítulo que aborda a metodologia tem como finalidade esclarecer e delimitar os métodos, suas práticas, técnicas e ferramentas apropriados para os procedimentos de coleta e de apresentação de evidências, definindo “o grau específico de retórica que demarca as atividades científicas de outras atividades públicas, sujeitando-a às exigências de credibilidade” (W. Bauer; Gaskell, 2015, p.29). Essa etapa é atravessada pelas experiências do pesquisador ao selecionar métodos ou um conjunto deles a partir de referenciais teóricos e das perspectivas que considerou mais apropriadas para analisar dados, informações, cenários e produzir interpretações que deverão possibilitar alcançar os resultados a que o objetivo da tese se propõe.

Porém, nas circunstâncias atuais, a configuração do direcionamento metodológico desta pesquisa não foi um processo tão linear. A pandemia do Coronavírus, desde que foi decretada pela OMS em março de 2020³, provocou mudanças e forçou adaptações nas técnicas e práticas de parte dos métodos que havia selecionado para dar conta do objetivo desta tese, principalmente no tocante à etapa da pesquisa de campo. Por essa razão, fiz desse capítulo mais do que uma apresentação dos métodos e decidi compartilhar as fases, as decisões e as mudanças necessárias para iniciar e concluir a pesquisa.

Na primeira parte estão listados os procedimentos iniciais planejados, suas justificativas e de que forma foram comprometidos pela pandemia. Em seguida, descrevo as condições que levaram à seleção dos métodos viáveis para o atual cenário. Por fim, apresento o quadro da triangulação metodológica da maneira como será desenvolvida para esta tese.

³ Organização Mundial da Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. 11.Mar.2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>

1.1. Planejamento inicial e impactos da pandemia

À primeira vista, logo que comecei a elaborar o planejamento da pesquisa, um questionamento me atravessava enquanto problema metodológico: para falar de amor, qual deveria ser o tipo de recorte entre os interlocutores no trabalho de campo? Recortes de todo tipo, principalmente sociodemográficos, costumam ser comuns para a pesquisa social, especialmente na pesquisa quantitativa. Para encaminhar a questão, resgatei a ênfase da tese sobre o amor romântico, mas, ainda assim, estava ciente de que a experiência de amar em uma relação afetiva poderia ser representada socialmente entre distintos grupos, de todos os tipos, em qualquer lugar. Seria necessário caracterizar um espaço social, a fim de encontrar indivíduos dos quais fosse possível obter “opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas” (W. Bauer; Gaskell, 2015, p.57), à maneira como interessa ao pesquisador social. Depois de algumas considerações, decidi que seriam as mulheres o elemento a dar unidade ao *corpus* da pesquisa.

Em princípio, baseei-me na referência de que as mulheres ocuparam lugar de destaque na literatura romântica: “encarnando o amor, a sensibilidade, a emoção, a figura feminina terá na literatura romântica um marcante papel” (Costa, 2001, p.38). Para além do senso comum que atribui às mulheres ligação com o amor romântico ou à disposição para falar sobre suas relações, encontrei em Beleli (2015) e Alves (2003) trabalhos que corroboram com o fato de que mulheres são mais dispostas a falar sobre suas vivências, inclusive as que envolvem relações afetivas. Por outro lado, Lutz (1990) demonstrou que, no discurso ocidental, há intrínseca relação entre mulheres e emoções, pois que os aspectos que definem as emoções são tomados como femininos, logo, qualquer discurso sobre emoções é, ao menos implicitamente, atravessado pelo gênero – aspecto que requer grande atenção em especial nesta tese.

Em um primeiro momento, meu receio era estar reforçando uma perspectiva que incute na mulher a parte mais frágil das relações – ligada ao sensível – que a tornaria, conseqüentemente, mais disposta a se abrir intimamente. Porém, admiti seguir nesse caminho ciente da atenção necessária para não minimizar as dimensões micropolíticas do sentimento articuladas aos contextos socioculturais contemporâneos. Como afirmou Noguera (2017), em trabalho que escreve sobre

divindades e mitos femininos que teriam formado as mulheres, “falar ‘sobre’ e ‘com’ as mulheres não se trata de dizer algo por elas. Mas investigar os mitos femininos também é uma boa maneira de falar sobre os homens” (Noguera, 2017, p.13). Tal qual essa ideia, não pretendo falar por elas, mas falar junto com elas.

Além da idealização romântica e conjugal das mulheres, a experiência emocional individual que interessa a esta tese é a da juventude. Não como um recorte sociodemográfico ou tal qual uma segmentação estritamente quantitativa de pessoas caracterizadas por uma fase biológica. Na verdade, tomo a perspectiva de Pereira et al. (2009) que compreendem a juventude mais como um fenômeno do que construção social, que deve ser textualizado e contextualizado quando se realizam investimentos para pesquisar os jovens. As ideias de Martín-Barbero (2008) também influenciaram minha decisão nesse sentido, já que para me informar sobre os jovens incluiria na pesquisa as representações sociais das linguagens do amor em um veículo midiático. Para Martín-Barbero (2008), “televisão, publicidade, moda, música e espetáculos – e não a moral tradicional, que, ao contrário, é um obstáculo para a mudança, nem a razão técnico-científica, que, por seu elevado custo, só está ao alcance de uma pequena elite” (Martín-Barbero, 2008, p.14) tornaram-se a fonte mais apropriada para investigar grupos sociais, incluindo os jovens, a fim de responder questões sobre quem são eles, como mobilizam seus interesses e quais são os comportamentos emergentes das suas sociabilidades na “sociedade-mercado” (Martín-Barbero, 2008, p.14) em que vivemos.

Acredito ainda que, como Ferreira (2017) afirma, os estudos da juventude servem como catalisador de tendências sociais emergentes em distintas dimensões da vida cotidiana. Para o autor, os grupos juvenis frequentemente desafiam as ciências sociais tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico. Primeiro porque “estimulam a criação de novos conceitos para a compreensão e explicação de novas realidades” (Ferreira, 2017, p.17). E do ponto de vista metodológico porque exigem “a necessidade de criar novos instrumentos (ou reequacionar os mais ortodoxos) e técnicas de captação, sistematização e análise dessas mesmas realidades” (Ferreira, 2017, p.17). Além disso, Ferreira (2017) considera que conversar com jovens e ouvir as histórias que têm para contar pela sua própria voz é uma forma privilegiada de compreender suas experiências e realidades subjetivas diante das circunstâncias de uma sociedade complexa onde os discursos sobre

juventude raramente são modelados por eles, mas por aqueles com maior legitimidade para serem ouvidos, como professores, pais, especialistas, técnicos, políticos, entre outros.

A pluralidade de experiências e situações sociais, as incertezas e indecisões nas expectativas, a instabilidade e as provisoriiedades nos projetos, as reversibilidades e as contrariedades nas itinerâncias, a visualização e a digitalização massiva das existências (dos ambientes, dos corpos e das práticas), constituem novos *desafios* na vida social dos jovens que impelem a novos *caminhos* de investigação, não apenas em termos de objetos de estudo, mas também de aproximações teóricas e de desenhos de pesquisa (FERREIRA, 2017, p.17)

Assumi que era meu interesse também contar essa história através das mulheres porque sempre foi com elas com quem me senti mais acolhido – da primeira mulher na minha vida, minha mãe, até minhas amigas no colégio, depois na faculdade, no trabalho, na pesquisa e até agora. Minha proximidade com mulheres desde a infância, e durante todos esses anos, me expôs a julgamentos, discriminação, indiferença, mas ao mesmo tempo era ao lado delas que me sentia querido e acolhido, ao lado de todas elas com quem convivi e convivo até hoje.

Ao assumir que seguiria ao lado das mulheres, outra questão se impõe: as dificuldades para promover o *rapport* (W. Bauer; Gaskell, 2015) durante a pesquisa junto às interlocutoras no trabalho de campo. Como poderia um pesquisador, pessoa desconhecida delas, figura masculina, iniciar uma conversa com mulheres sobre seus relacionamentos amorosos? Por que elas se sentiriam confortáveis em narrar histórias dos seus relacionamentos? Como fazer para conquistar sua confiança a ponto de se abrirem sobre suas experiências com o amor?

Decidi usar da confiança que elas sempre me deram para ser quem eu sou quando estou com elas. Nos levantamentos iniciais e abordagens primárias antes do início da coleta de dados, quando ainda estava construindo percepções sobre a real possibilidade de seguir nessa direção, cheguei até mulheres com quem ainda não havia conversado a respeito da pesquisa, outras que já conhecia há algum tempo para falar sobre minhas ideias, fiz pontes com algumas indicadas por elas e, a todo instante, fui sincero, transparente, atencioso, agindo com ética, até que consegui colocá-las à vontade tanto quanto me sentia ao lado delas, quando apresentei meu problema de pesquisa e minhas intenções. Fui acolhido, recebi atenção,

disponibilidade, boa vontade e até muito carinho. Daí por diante, ganhei a coragem e a certeza de que estava no caminho certo e que seriam elas as responsáveis por me ajudar a concluir da melhor maneira essa jornada.

A fim de construir um *corpus* para a pesquisa, recorri à triangulação de métodos com a finalidade de combinar experiências múltiplas que pudessem incluir fatos, dados, relatos, momentos, histórias e vivências entre diferentes espaços sociais por onde jovens mulheres cariocas estariam circulando. Com a triangulação de métodos, previa realizar entrevistas em profundidade, produzir informações a partir da análise de conteúdo de um produto midiático para o público jovem e suceder ao campo com trabalho etnográfico. Duarte (2009) entende que as constantes transformações do contexto social hoje exigem dos pesquisadores novas perspectivas metodológicas. Nesse sentido, a autora aponta a triangulação metodológica como forma de consolidar diferentes interpretações, a fim de “produzir um retrato do fenómeno em estudo que seja mais completo do que o alcançado por um único método” (Duarte, 2009, p.14).

Frente a essas decisões, elaborei o planejamento da pesquisa e construí um cronograma de atividades para dar conta da coleta de dados e investida no campo, tal como previsto entre os métodos que seriam apropriados. Estava preparado para dar início à primeira etapa da pesquisa, mas é também a partir desse momento que a pandemia começa a influir sobre a concretização das práticas envolvidas para iniciar o trabalho.

Para a triangulação metodológica do que considero ser a primeira fase desse processo, iniciado no primeiro semestre de 2020, as duas investidas iniciais foram impactadas pela necessidade do isolamento social e o fechamento de lugares públicos, entre eles, a Biblioteca Nacional, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Havia decidido produzir uma “análise interpretativa de conteúdo” (Pereira, em fase de elaboração) em edições de uma revista feminina voltada para o público jovem, a Revista Capricho. Meu objetivo era localizar nas edições mensais publicadas entre as décadas de 1980 e 1990 dados que me permitiriam categorizar representações sociais da expressão do amor através das reportagens, colunas, opiniões de colunistas e quadros de interação com as leitoras, assim como todo e qualquer conteúdo do mesmo tema produzido dentro da linha editorial da publicação, exceto

os anúncios. Desejava encontrar fatos, histórias, situações, conselhos sentimentais e tudo o que pudesse ter recebido atenção nas páginas da revista que falava diretamente às adolescentes, abordando aspectos de relacionamentos amorosos e as narrativas construídas em torno do tema. A “análise interpretativa de conteúdo” (Pereira, em fase de elaboração) visa à seleção, classificação e tipificação a partir de um modo de análise que é sistematizado da seguinte forma:

(1) construção do objeto da pesquisa: a partir da identificação de palavras, expressões ou imagens, explícitas ou não (daí o caráter “interpretativo” do método), que compartilham o mesmo nexos semântico; (2) compreensão do contexto: elaboração de uma perspectiva histórica, cultural e social na qual se insere o conteúdo identificado como objeto da pesquisa; (3) recorte do objeto da pesquisa: definição do corpus que será tomado para a análise em si; (4) identificação dos elementos expressivos: busca de termos e referências que sejam recorrentes e/ou não recorrentes, no todo e em partes agrupadas do material; (5) categorização: classificação e tipificação dos elementos expressivos em categorias interpretativas de análise; (6) teorização: construção de ideias a partir da perspectiva teórico-conceitual adotada, nesse caso, a partir de Serge Moscovici (2015) e Stuart Hall (2016).

Em paralelo a essa etapa e à medida que os resultados começassem a aparecer, daria início às entrevistas em profundidade com mulheres que viveram dos 15 aos 24 anos entre as décadas de 1980 e 1990, mesma época da análise dentro da revista *Capricho*. As categorias relativas às representações sociais da expressão do amor identificadas naquela análise apoiariam o roteiro dessas entrevistas, buscando relacionar as vivências das interlocutoras com questões que permeavam aspectos sociais, mas principalmente os midiáticos, no que tange a relacionamentos amorosos – temas, sentidos, aspirações, desejos, comportamentos que haviam circulado à época da publicação da revista. Porém, o fechamento da Biblioteca Nacional em decorrência da pandemia impediu o primeiro investimento metodológico, comprometendo também o início das entrevistas.

Decorridos três meses do início da pandemia, a situação no país estava se agravando com o aumento do número de casos de pessoas infectadas com o vírus e o crescimento do número de mortes⁴. Conseqüentemente, não haveria nenhuma

⁴ Dados coletados e reunidos pela Global Change Data Lab, disponibilizados em um painel dentro de site na internet atualizado diariamente, apontavam, no início de junho de 2020, média móvel de 7 dias chegando a aproximadamente 25 mil novos casos confirmados no país. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus/country/brazil>

possibilidade, nem previsão de reabertura de locais públicos como a BN. Decidi, então, iniciar as entrevistas e elaborar um roteiro de perguntas que me permitisse extrair daquelas mesmas interlocutoras quais e de que maneiras as representações sociais do amor poderiam ter sido apropriadas em suas experiências em relacionamentos conjugais na juventude. Para W. Bauer & Gaskell (2015) a entrevista qualitativa deve ser tomada como a oportunidade de mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes, pois “é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações” (W. Bauer; Gaskell, 2015, p.65)

Considerando ainda a possibilidade futura de produzir a primeira etapa com a análise interpretativa de conteúdo nas edições da revista feminina voltada para o público jovem, mantive a abrangência das entrevistas com mulheres que, em 2020, estariam com idades variando entre 40 a 60 anos. Isso porque os conteúdos das edições da *Capricho* publicadas nos anos de 1980 até o final da década de 1990 possivelmente alcançaram jovens nascidas entre meados da década de 1960 e os anos de 1970, e o objetivo das entrevistas era revelar sentimentos envolvidos na construção das experiências amorosas dessas interlocutoras a partir dos aspectos sociais que circulavam na sociedade à época entre os jovens, alguns deles possivelmente desdobrados em publicações na revista.

Certo de que, embora invertendo a ordem das ações antes planejadas, as entrevistas poderiam fornecer informações suficientes para confrontar com a análise de conteúdo que ainda seria feita e, assim, seguir para a etapa de realização do método etnográfico – terceira parte da triangulação – realizei sete entrevistas entre os meses de maio e julho de 2020. A primeira interlocutora acionada foi uma pessoa com quem mantive relacionamento profissional durante cinco anos, entre 2008 e 2013, quando ela era gestora da equipe da qual eu fazia parte – foi escolhida como “semente” dentro da perspectiva de seleção não probabilística denominada “bola de neve” (Vinuto, 2014). Em consequência do tempo em que trabalhamos juntos, mantivemos uma relação de amizade depois desse período, o que me permitiu identificá-la dentro dos aspectos sociais que buscava para interlocutoras entrevistadas. Seguindo esse método foram realizadas sete entrevistas: duas

interlocutoras com 39 anos de idade; uma com 40; seguidas por outras com 44, 48, 49 e 60 anos.

Previa começar a pesquisa de campo ancorada nas práticas da etnografia logo após o fim das entrevistas. Nessa ocasião já havia considerado a necessidade de adaptar essa fase, visto que no país as medidas de distanciamento social e isolamento se mantinham como necessárias e urgentes para conter a pandemia. De fato, as entrevistas produziram um conjunto de informações valioso sobre experiências e relacionamentos amorosos das interlocutoras, porém, as chances de combinar seus resultados com aquela análise da revista e outras práticas de campo em uma terceira frente se tornavam cada vez mais distantes.

No planejamento inicial da pesquisa, a análise de conteúdo contribuiria com a categorização de representações sociais da expressão do amor nas dinâmicas dos relacionamentos, a partir de temas e aspectos sociais de comportamento publicados em formato jornalístico na revista. Em seguida, aquelas categorias dariam apoio a um roteiro de entrevistas em profundidade com interlocutoras de quem se esperava que fossem capazes de narrar suas lembranças à época em que circularam, nas páginas da revista, atitudes, etiquetas e modos de agir nos relacionamentos amorosos, inseridos em uma publicação voltada para o público jovem feminino. Os resultados com o método etnográfico seriam produzidos a partir de encontros presenciais junto a um grupo de quatro a seis jovens mulheres, com idades entre 18 e 25 anos, em ocasiões com todas reunidas e outras com partes do grupo.

Essa etapa da pesquisa de campo atenderia a alguns interesses, entre eles: vermos juntos o material com os temas daquela fase analisada da revista feminina, a fim de observar e registrar suas percepções a respeito da função social dessa publicação sobre as questões envolvendo relacionamentos amorosos de jovens mulheres; revelar paralelos e dissonâncias entre o contexto daquela época e o contexto em que vivem atualmente, de maneira que pudéssemos identificar continuidades, rupturas e transformações nos códigos de comportamento nas relações afetivas; convidá-las para compartilhar experiências com outras jovens, a fim de observar como colocam suas questões frente a outras vivências individuais e quais são os atravessamentos sociais que passam por cada uma de suas histórias; buscar e descrever o conjunto, ou parte dele, de referências individuais e coletivas

a que recorrem para responder as dúvidas, questões e conflitos em seus relacionamentos amorosos ou quando estão próximas de firmar um compromisso com outra pessoa; por fim, descobrir se existem e quais são os aparatos técnicos disponíveis na atualidade dos quais fazem uso para encontrar parceiros e parceiras, manter contato, estreitar laços e outras finalidades que envolvem continuidade e negociações no interior de relacionamentos amorosos.

Como empreendimento etnográfico, essa terceira fase em encontros presenciais permitiria alcançar o que está além do discurso e das respostas nesse grupo e sobre o tema; entregaria oportunidades para reconhecer um conjunto de formas de sentir, agir, interagir, trocar, ouvir e questionar percebidas nos gestos, na presença, na entrega, no envolvimento com outros indivíduos. Impossibilitado por conta da pandemia, incorporei outros espaços e experimentei novas formas do fazer etnográfico.

1.2. Encarando as implicações da pandemia sobre o trabalho de campo

A análise interpretativa de conteúdo estava em suspensão e a mantive dessa forma enquanto tentava dar conta das demais etapas. As entrevistas com aquele primeiro grupo de mulheres com idades entre 40 e 60 anos foram transcritas e produziram informações importantes sobre comportamentos das suas juventudes. Faltava encontrar uma maneira de entrar em contato com as interlocutoras com idades entre 18 e 25 anos que estavam no planejamento desde o início. Considerei realizar entrevistas também com esse grupo, no entanto, as circunstâncias com as quais estamos lidando para resolver a impossibilidade de encontros presenciais desde o início da pandemia nos levaram a um enorme tempo diante de telas, aplicativos de reuniões online, exposição de tempo aumentada diante de notebooks para trabalho principalmente, mas também para contato com amigos e familiares e encontros das mais diversas finalidades, provocando em muitas pessoas exaustão e aversão a passar mais tempo diante de telas para quaisquer outras atividades.

Com o primeiro grupo de interlocutoras as entrevistas cumpriram satisfatoriamente o objetivo: seguiram um roteiro elaborado previamente e contaram com tempo estimado de participação em dia e horário combinados entre

mim e elas, o que certamente fez com que concordassem em participar. Porém, desse grupo com mulheres mais jovens estava esperando ir além de uma entrevista com tempo limitado para conseguir captar suas respostas também pelas expressões, gestos e movimentos implicados no discurso emocional inserido no contexto de suas narrativas. Entre as possibilidades para chegar o mais perto possível desse resultado diante do cenário na pandemia, considerei iniciar e estabelecer contatos através do aplicativo de conversas WhatsApp.

No Brasil, a comunicação política, como apontam Piaia & Alves (2020), desde as eleições presidenciais de 2018, encontrou no WhatsApp enorme potencial para dinâmicas comunicativas e estratégias eleitorais; na educação, a adoção de aulas remotas em escolas e universidades, logo no início da pandemia, transformou o aplicativo de mensagens em ferramenta de interação e apoio entre professores, estudantes e instituições de ensino, com desdobramentos nas metodologias de aprendizagem (Martins; Gouveia, 2019; Heimbach, 2020; Santos; Santos, 2021); e até no atendimento psicológico o WhatsApp já é admitido como a alternativa para o relacionamento entre terapeutas e pacientes (Zaltron Dias; Pereira Pretto Calessio, 2020). Vale ressaltar ainda o uso corriqueiro e diário do aplicativo para conversas entre pessoas e entre grupos em um país onde sua audiência é estimada em 120 milhões de usuários⁵, quase o número total de pessoas com acesso à internet no Brasil⁶. Diante desses fatos, decidi abrir janelas de contato com as jovens interlocutoras de 18 a 25 anos através de conversas no WhatsApp, ponderando as limitações e investindo nas oportunidades de ouvir suas experiências agora em formatos de texto, áudios, imagens, links, emojis etc., todos esses recursos disponíveis para conversação e interação na plataforma.

⁵ O Facebook, proprietário do aplicativo, não divulga regularmente dados sobre a quantidade de usuários no país. A última vez em que os veículos jornalísticos publicaram informação a respeito, tendo a empresa como fonte, foi em 2017 e confirmava 120 milhões de usuários. Fonte: WhatsApp revela número de usuários no Brasil. Olha Digital. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2017/05/29/noticias/WhatsApp-revela-numero-de-usuarios-no-brasil/>
Acesso em:

⁶ Segundo dados da PNAD 2019, no Brasil, na população de 183,3 milhões pessoas de 10 anos ou mais de idade do país, 78,3% (ou 143,5 milhões) utilizaram a internet no período de referência dos últimos três meses da pesquisa. Entre as finalidades mais frequentes para acessar a internet estão: enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagem (95,7%), conversar por chamadas de voz ou vídeo (91,2%), assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes (88,4%) e enviar ou receber e-mail (61,5%). Fonte: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019/IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101794>

Decerto que tais recursos jamais poderiam substituir os registros simbólicos na interação face a face, durante o trabalho de campo. Por outro lado, ponderei que eles pudessem também ser capazes de reproduzir – ainda que de forma mais limitada – as intenções das interlocutoras ao manuseá-los a seu favor enquanto estivessem elaborando respostas às questões apresentadas a elas. Afinal de contas, reproduzir uma resposta em formato de texto, áudio ou imagem, de forma assíncrona, permite tempo para planejá-la, ou, ao menos, produziria narrativas com partes mais bem conectadas ao contexto sobre os temas. E, claro, certamente que esses aspectos devem ser levados em consideração na interpretação de sentidos construída pela análise do pesquisador, pois têm valor como evidência na pesquisa. Voltarei a abordar e a aprofundar esses aspectos mais adiante.

Para formar um grupo de jovens dispostas a participar da pesquisa, fiz uso da minha posição de professor do ensino superior de instituições privadas na cidade do Rio de Janeiro. Em duas ocasiões, no início de agosto de 2020, durante aulas para turmas de graduação, apresentei-me como pesquisador, expliquei o tema da pesquisa, descrevi o método para participação através de conversas no WhatsApp e convidei aquelas que se interessassem em contribuir para entrar em contato comigo. Dessa investida, recebi cinco respostas e consegui adesão de três delas. As que recusaram alegaram razões pessoais para não falar sobre relacionamentos, que não seriam capazes de corresponder às expectativas por não terem experiências afetivas ou falta de tempo para responder perguntas ao longo dos próximos dois meses – comento impressões e constatações desse momento nos resultados da pesquisa em um capítulo próprio adiante.

Em paralelo, entrei em contato com duas ex-alunas de outra instituição onde já havia lecionado e segui os mesmos procedimentos para explicar sobre a pesquisa e convidar para participar – ambas aceitaram fazer parte desse grupo. Com cinco interlocutoras confirmadas, recorri novamente à prática da seleção não probabilística denominada “bola de neve”, uma vez que esse método é bastante adequado “quando a pergunta de pesquisa estiver relacionada a questões problemáticas para os entrevistados, já que os mesmos podem desejar não se vincular a tais questões” (Vinuto, 2014, p.204). Percebi que esse poderia ser o caso da minha pesquisa quando recebi as recusas citadas anteriormente. Ainda que não houvesse pretensão de abordar questões íntimas de relacionamentos amorosos – e

isso foi esclarecido a elas –, aquelas duas jovens que preferiram não participar me sinalizaram que seria necessário adotar uma abordagem mais apropriada para conquistar a confiança de outras interlocutoras dispostas a responder as perguntas.

Consegui formar um grupo de dez jovens com idades entre 20 e 25 anos que concordaram em receber perguntas através do WhatsApp, durante dois meses, entre agosto e setembro de 2020. Todas as conversas seriam individuais, porém simultâneas. Ou seja, enviaria a mesma pergunta para cada uma delas separadamente e acolheria as respostas individualmente, sem que nenhuma delas soubesse o que as outras responderam.

Elaborei um roteiro com perguntas para encaminhar a cada uma delas ao longo dos dois meses seguintes – sem a análise de conteúdo como havia planejado para me dar suporte nessa fase, recorri às situações, momentos, circunstâncias captadas nas entrevistas com aquele primeiro grupo de interlocutoras com idades entre 40 e 60 anos. Distribuí as questões em contatos semanais para que tivessem tempo de responder sem comprometer suas outras atividades, mas também para que a abordagem não provocasse incômodo ou acabasse por gerar desinteresse em participar caso julgassem a frequência como um fator negativo dessa nossa relação. Buscava ouvir entre as mais jovens como se sentiam frente às histórias de mulheres e suas experiências com relacionamentos amorosos em outras décadas, na tentativa de descrever paralelos e rupturas decorrentes de questões sociais e individuais.

Durante os dois meses previstos, mantive contato com o grupo, que chegou ao final do período um pouco menor, já que algumas pararam de responder. Recapitulando essas etapas hoje, considero que o formato de conversas individuais tenha sido o erro mais comprometedor que fez com que o experimento social não tenha sido bem-sucedido nessa dinâmica. Logo, precisei reconsiderar minhas estratégias e voltar ao estágio inicial de planejamento do trabalho de campo, porque as respostas analisadas sob a perspectiva de entrevistas individuais foram afetadas principalmente pelo fato de que nem todas as perguntas receberam respostas das interlocutoras. A transcrição das respostas apontava questões com maior adesão, outras com menos, interlocutoras que responderam mais, e outras que sequer responderam depois da terceira pergunta. Ou seja, ficou bastante comprometida a possibilidade de consolidar um quadro com as respostas do grupo para produzir

uma análise ou assegurar uma continuidade no acúmulo de experiências entregues nessas interações para apresentar o discurso emocional que buscava através das narrativas individuais. No capítulo com resultados da pesquisa descrevo mais precisamente o funcionamento, os acertos, as falhas e as conclusões dessa fase e as razões pelas quais esse material foi descartado e não será usado para esta pesquisa.

Desse momento em diante, foi preciso reorganizar as etapas da triangulação metodológica de maneira a localizar novamente o *corpus* da pesquisa. O comprometimento em manter o trabalho de campo ancorado em três perspectivas metodológicas, como era previsto desde o início, permanecia, porém, a aplicação das práticas de cada método é que precisaria ser repensada a partir daqui. A primeira mudança foi a substituição do produto midiático apropriado para a análise interpretativa de conteúdo, já que o acesso às edições da revista *Capricho* publicadas entre meados de 1980 até o final de 1990 continuava comprometido pelo fechamento da Biblioteca Nacional. Considerando a disponibilidade de acesso remoto a outros conteúdos do mesmo tipo para análise, busquei alternativas em acervos públicos de materiais digitalizados e disponibilizados na internet, uma vez que a pandemia havia levado o Brasil à média móvel de mais de cinquenta mil casos confirmados, nos primeiros dias de 2021⁷, consequentemente inviabilizando a reabertura da Biblioteca Nacional ou de outras instituições que preservam obras de mídia em bancos de consulta acessados somente de forma presencial. Nessa ocasião, também decidi não mais contar com as entrevistas que havia realizado com aquelas mulheres entre quarenta e sessenta anos de idade, porque já vislumbrava outro tipo de entrevista mais alinhada com as decisões tomadas a partir daqui.

1.3. Triangulação metodológica: análise interpretativa de conteúdo, grupo de convivência e entrevista narrativa

1.3.1. Parte 1: análise interpretativa de conteúdo

Lançada em maio de 2000 como um caderno encartado semanalmente dentro da edição das terças-feiras do jornal *O Globo*, a *Megazine* teve um tempo total de

⁷ *Our World in Data: Daily new confirmed COVID-19 cases*. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus/country/brazil>

publicação de pouco mais de onze anos – a última edição foi publicada em 30 de agosto de 2011. A primeira edição, publicada em 23 de maio de 2000, apresentava o novo caderno na contracapa, com as palavras da editora (figura 1):

De sexo a provas. *Megazine* chega para falar sobre sexo, esporte, Internet, cinema, música, moda e também para dar informações sobre o mercado de trabalho e ajudar você no vestibular, que começou anteontem, com a primeira prova da Uerj. Não tem jeito: daqui para frente o calendário está cheio de datas de inscrições e exames. Carla Lencastre. Revista *Megazine* – 23/05/2000.



Figura 1: Capa da primeira edição da Megazine em 23 de maio de 2000
Fonte: Acervo O Globo

Não há explicitamente menção nem de um formato (revista, caderno, suplemento etc.), nem de segmentação ou direcionamento de audiência em sua apresentação, mas nota-se claramente que seu conteúdo pretende alcançar os jovens que se inscrevem para fazer as provas de vestibular e aqueles primeiros grupos que faziam também o ENEM. Em 2000, foi realizada a terceira edição do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), avaliação que viria a substituir o tradicional vestibular em muitas universidades nos anos seguintes como mecanismo de seleção para o ingresso no Ensino Superior.

Os estudantes inscritos para o Exame daquele ano eram, na maioria, solteiros, autodeclarados brancos (75,4%), com idades entre 18 e 19 anos e com

predominância de mulheres (59%), segundo o INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – que consolidou dados sociodemográficos dos estudantes inscritos⁸. Ainda de acordo com o mesmo relatório, os assuntos que mobilizavam maior interesse da maioria dos participantes eram: questões sociais (violência, desemprego, pobreza), comportamento sexual (AIDS, gravidez indesejada), meio ambiente e direito das minorias.

No estado do Rio de Janeiro, segundo dados do IGBE (2010)⁹, a população estimada no final de 2010 era de aproximadamente dezesseis milhões de pessoas, e o grupo etário entre 18 e 25 anos chegou, ao final daquela década, a pouco mais de 18%, com sua totalidade residindo em áreas urbanas, posicionando o estado como detentor do segundo maior grupo do país nessa faixa etária, atrás apenas de São Paulo. Em 2000, cerca de 10% do total de inscritos no ENEM eram do estado do Rio de Janeiro. E em relação à população fluminense que concluía o ensino médio naquele ano, 26% inscreveram-se para o exame, ainda de acordo com o mesmo relatório do INEP referente a dados do ano 2000.

Busquei informações com o atendimento ao leitor e até consultei ex-colegas de trabalho que são colaboradores da Editora Globo para que pudessem me indicar fontes para ter acesso a algum material ou ao próprio *media kit*¹⁰ produzido pelo jornal *O Globo* à época, onde poderia encontrar a segmentação de público para o qual a publicação se dirigia, mas não obtive respostas. Ainda que sem essa informação oficial da empresa que publicava a *Megazine*, os dados complementares

⁸ INEP é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação que é responsável pela organização e aplicação das provas. Naquele ano, 352.487 estudantes, sendo 72% deles da Região Sudeste, realizaram as provas do ENEM. Fonte: Microdados do ENEM 2000 (atualizado em 27/06/2019). Em 2020, o número de inscritos para a prova chegou a 5.523.036 estudantes, sendo 60% de mulheres, 45% se autodeclarando pardos, seguidos daqueles que se declaram brancos (37,4%) e pretos (12%). Nesse ano, mais da metade (51,6%) não compareceu para realizar a prova. Entre as principais razões está a pandemia, que, inclusive, exigiu que o exame fosse aplicado em datas diferentes em alguns municípios devido ao crescimento do número de casos e de mortes. Fonte: INEP – Resultados finais do Exame 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/divulgados-os-resultados-finais-do-exame>

⁹ IBGE Cidades – Dados do Censo 2010 – Amostra Características da População. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/pesquisa/23/25888>

¹⁰ *Media kit* é o material elaborado por veículos de comunicação com dados a respeito da audiência que consome (lê, assiste, ouve, interage) conteúdo de determinado canal ou publicação, cuja finalidade principal é atestar seu alcance estimado junto à população com acesso aos meios de comunicação, assim como apresentar a segmentação do público para quem o conteúdo é direcionado, a fim de orientar anunciantes que desejam realizar ações publicitárias e de marketing com a audiência.

apresentados aqui são suficientes para dimensionar o direcionamento da publicação e o alcance entre os jovens de camadas médias urbanas.

O jornal *O Globo* é uma publicação diária que circula há quase cem anos e que se consolidou na cidade do Rio de Janeiro com audiência formada principalmente por grupos de classes médias. Distribuído pelas bancas de jornais e através de um serviço de assinatura, não se pode afirmar que tenha sido capaz, em algum momento no passado, de alcançar todos os grupos sociodemográficos da cidade, entre outras razões porque o valor da edição sempre esteve acima dos outros veículos impressos com os quais concorre, restringindo o acesso àqueles com maior poder aquisitivo. E mesmo nos dias atuais, nesse início da década de 2020, o perfil da sua audiência se mantém muito semelhante ao das décadas anteriores. O site institucional da Editora Globo, publicadora do veículo, confirma a informação com dados: 57% dos leitores da edição impressa são pessoas das classes AB¹¹; a edição digital atualmente tem 41% de leitores no mesmo grupo¹². *O Globo* figura entre os maiores jornais do país em números de circulação (volume de vendas diário), repercutindo pautas de interesse nacional e locais da cidade do Rio de Janeiro. E é por essa razão mesmo que uma publicação como a *Megazine* pode ser admitida na pesquisa para localizar os temas que atravessam a juventude, uma vez que, em certa medida, suas pautas buscavam apresentar questões de interesse desse grupo através dos temas que circulavam nos meios sociais naquele período.

No capítulo sobre a pesquisa de campo e seus resultados, apresentarei mais informações sobre o contexto social em que a *Megazine* é lançada e o período em que ela foi publicada, relacionando a análise interpretativa de conteúdo com informações relevantes para dar conta dos objetivos da pesquisa. Por ora, cabe ressaltar que passarei a chamar daqui em diante a publicação de revista, admitindo a definição de Benetti (2013) para esse tipo de produto jornalístico:

- 1) é uma materialidade com características singulares; 2) está subordinada a interesses econômicos e institucionais; 3) é segmentada por público e por interesse; 4) é periódica; 5) é

¹¹ As classes econômicas são definidas a partir dos rendimentos familiares per capita de acordo com critérios orientados pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As classes AB são aquelas com rendimento familiar a partir de dez salários mínimos. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2021

¹² Editora Globo. Perfil do Leitor. Disponível em: <https://www.publicidadeeditoraglobo.com.br/oglobo>

durável e colecionável; 6) apresenta-se como um repositório diversificado de temas da atualidade; 7) trabalha com a reiteração de grandes temáticas; 8) contribui para formar a opinião e o gosto; 9) permite o exercício de diferentes estilos de texto; 10) utiliza critérios de seleção específicos para definir a capa; 11) possui uma estética particular, em que arte e texto são percebidos como unidade; 12) compreende a leitura como um processo de fruição estética; 13) estabelece uma relação direta e emocional com o leitor. (BENETTI, 2013, p.44)

Dessa forma, tomada como uma revista semanal que aborda temas que vão de estudos e provas de vestibular até questões de interesse dos jovens, como sexo, namoro, amigos, esportes e vida social, elegi a *Megazine* como o produto midiático do qual precisava para aquela análise. Não apenas seu caráter editorial foi relevante para a escolha, como também o fato de que todas as edições da revista, da primeira à última, estão disponíveis para consulta e leitura na internet através de um serviço pago do publicador, o Acervo O Globo¹³.

Para dar início à análise interpretativa de conteúdo (Pereira, em fase de elaboração), conforme método citado anteriormente, era preciso decidir sobre os parâmetros dos dados que deveriam ser coletados. Na sistematização desse modo de análise, o recorte do objeto da pesquisa precede as demais etapas. A viabilização do acesso às edições da revista *Megazine* e o reconhecimento do direcionamento do seu conteúdo, no contexto social da cidade do Rio de Janeiro, no início dos anos 2000, são os requisitos que se alinham para confirmar o recorte do objeto, uma vez que buscava um produto midiático que dialogasse com os jovens e seus desejos, aspirações e projetos, incluindo questões que atravessam o tema desta pesquisa.

Para atestar que a revista *Megazine* atenderia a esses critérios, assinei o serviço de acesso ao acervo das edições digitalizadas e dediquei tempo para analisar as pautas dos primeiros dois anos da publicação. No início ainda tive dúvidas porque suas edições semanais estavam muito voltadas para as provas de vestibular, testes, carreiras, o que a aproximava mais de um almanaque de estudantes e faculdades, formato que também era comum à época. Foi então que resolvi fazer o caminho contrário e comecei a ler as últimas edições, publicadas em 2011. Encontrei uma *Megazine* bem diferente dos primeiros anos – mais editoriais, mais páginas, mais variedade nos temas e principalmente mais questões de

¹³ Acervo *O Globo*: <https://acervo.oglobo.globo.com/>

comportamento, entre elas, algumas sobre relacionamentos amorosos. Continuei fazendo a leitura das edições semanais a partir de 2011 e retrocedendo os anos. E então consegui vislumbrar como realizar a segunda etapa da análise.

A etapa seguinte, após o recorte do objeto, é escolher o *corpus* que será tomado para a análise. E o fator preponderante para uma decisão nesse momento foi a consolidação da revista como uma publicação voltada para o público jovem abordando questões de comportamento. Ao longo dos anos 2000, a publicação se consolidou como um produto editorial do jornal *O Globo* e amadureceu enquanto formato, ao mesmo tempo em que dedicava mais espaço para questões sociais e de comportamentos da juventude – aspectos que pude perceber ao comparar as primeiras edições dos anos 2000 com as publicadas no final da década. E ainda que um site tivesse sido criado nos anos seguintes¹⁴ para compartilhar conteúdo da mesma publicação na internet, o formato de revista semanal ainda refletiria histórias e aspectos da vida dos jovens naquele período. Por essa razão, a decisão para delimitar o *corpus* da pesquisa foi investir na análise interpretativa do conteúdo da segunda metade de vida da revista, ou seja, entre os anos de 2005 a 2011. Nesse intervalo, além de consolidar a linha editorial, suas páginas dedicaram atenção a fatos de relevância nacional e local, incluindo avanços tecnológicos, como a popularização do acesso à internet banda larga no país; sociais, como a gradativa substituição do vestibular pelo ENEM e a consolidação de ações afirmativas com cotas nas universidades públicas; e políticos, como as eleições que levaram à presidência, pela primeira vez no país desde a redemocratização, um partido de esquerda, entre outros.

As duas próximas etapas para encaminhar a análise interpretativa de conteúdo (Pereira, em fase de elaboração) incluem, nessa ordem: a identificação de elementos expressivos, recorrentes e não recorrentes, no todo e em partes agrupadas da revista, que, em seguida, deverão ser tipificados a partir de categorias de análise; e a elaboração de ideias dentro da perspectiva teórico-conceitual das representações, segundo Moscovici (2015) e Hall (2016), sobre a análise aplicada nas categorias da

¹⁴ Não foi encontrada na pesquisa uma data exata de quando a Megazine lançou seu site, no entanto, já no ano de 2002 a publicação mantinha hospedado no site do jornal *O Globo*, na editoria Educação, um endereço eletrônico em que os estudantes podiam fazer testes e simulados de provas de vestibular. Aos poucos, novos conteúdos foram sendo incorporados até que a revista passou a ter um site propriamente dito.

etapa anterior. Os resultados desses investimentos do método estarão no capítulo correspondente mais adiante, quando serão apresentados também os resultados completos da análise interpretativa do conteúdo – ela produzirá tanto as observações que são consequência da análise, quanto o direcionamento para a abordagem às interlocutoras no próximo método descrito a seguir. Por ora, essas são as considerações mais relevantes para alinhar a primeira parte da triangulação metodológica e indicar como as próximas se relacionam a esta.

1.3.2. Parte 2: grupo de convivência, método de inspiração etnográfica

Aquela experiência das conversas individuais no WhatsApp, embora não tão bem-sucedida, revelou a viabilidade de um suporte para dar continuidade à pesquisa. Considerando que o contato presencial ainda estava longe de se tornar viável por conta da pandemia e que o formato de entrevistas através de plataformas online não era prioridade devido à exaustão causada a muitas pessoas pelo excesso de uso das telas para diferentes atividades nesse período, reconsiderei as interações pelo aplicativo de conversas. Dessa vez, no entanto, não com conversas individuais, mas, sim, em grupos. No WhatsApp, grupos são um dos recursos para conversas e interações entre as pessoas e podem incluir até 256 participantes¹⁵, convidados pelo administrador, aquele que tomou a iniciativa de criar o grupo.

Sob a perspectiva metodológica, criar um grupo e convidar as pessoas para que estejam todas juntas, na mesma ocasião, para responder perguntas seria o equivalente a realizar um painel ou um grupo focal, prática há muito comum entre os métodos de pesquisa. Segundo Duarte (2007), entrevistas em grupo focal viabilizam a coleta de dados a partir de debates em grupos conduzidos por um moderador, que deverá encaminhar as perguntas partindo de um tema ou tópico específico, de modo não-estruturado e natural para promover o engajamento dos participantes. Para ela, diferente de entrevistas em grupo, no grupo focal “não se trata apenas de uma sequência de perguntas e respostas, pois prevê a interação entre os participantes que, no decorrer da discussão, podem rever suas opiniões e refazer suas afirmações enquanto reelaboram seus pontos de vista” (Duarte, 2007, p.84).

¹⁵ Central de Ajuda WhatsApp. Perguntas frequentes. Como criar um grupo e convidar participantes. Disponível em: <https://faq.WhatsApp.com/android/chats/how-to-create-and-invite-into-a-group>

A coleta de dados através de grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas se basear na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. [...] As pessoas em geral precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias. E constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas a discussões de grupo. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar (CARLINI-COTRIM, 1996, p.287)

No entanto, painéis ou grupos focais são, em geral, realizados algumas vezes, com grupos diferentes, “visando a identificar tendências e padrões na percepção do que se definiu como foco do estudo” (Carlini-Cotrim, 1996, p.287), o que, nas circunstâncias de uma pandemia, restringiria o formato a interações através de plataformas online de reuniões, exatamente o que gostaria de evitar, como já mencionado. É importante ressaltar que o formato online não se caracteriza como um impeditivo, uma vez que grupos focais mediados pela internet tornaram-se comuns, consolidando possibilidades de interações síncronas e assíncronas, como as listas e grupos de e-mails, frequentes no final dos anos de 1990 e início da década de 2000, permitindo que os participantes pudessem “ler os comentários postados por outros e contribuir com suas próprias colocações a qualquer momento, não necessariamente quando algum outro integrante do grupo esteja participando” (Duarte, 2007, p.87).

Porém, a motivação inicial de abarcar as práticas do método etnográfico para desenvolvimento desta pesquisa persistia e eu ainda mantinha a confiança de que a internet poderia ser uma aliada nessa jornada, o que, certamente, exigiria adaptações, sem que isso, no entanto, comprometesse a investigação a que esta tese se propõe. A produção de conhecimento e experimentação que é resultado do investimento no desenvolvimento da pesquisa etnográfica, ao longo de décadas, confirma que as indicações para a aplicação do método não devem ser tomadas como regras, mas como oportunidades para abraçar a multiplicidade de enunciados envolvidos nos processos de produção de sentido a partir da relação entre pesquisador e os frutos do seu trabalho de campo. Para Caiafa (2007), “o esforço empenhado ao longo de tantos anos de pesquisa mostra soluções diversas, tantas vezes interessantes, e deve ser aproveitado por nós” (2007, p.172).

Da observação participante com Malinowski (1922) até a pesquisa-intervenção desdobrada no método da cartografia, a pesquisa etnográfica tem se

destacado com grande força interdisciplinar. Na comunicação, na psicologia, nos estudos em memória social e em serviço social, entre outros, ela “estipula, de fato, uma forma muito singular de relação entre observador e observado, e onde essa questão for pertinente a atitude que aí se desenvolve poderia ser inspiradora” (Caiafa, 2007, p.174). Nesse sentido, sua participação em outros campos faz surgir novos desafios, que a colocam diante da preservação da tradição incorporada da antropologia ao mesmo tempo em que precisa se expor e dialogar com mudanças de toda ordem no agenciamento que permeia a produção do etnógrafo e os resultados da pesquisa.

Certamente a presença da internet e de seus dispositivos conectados, nas últimas décadas, é uma dessas mudanças para o pesquisador envolvido com a etnografia. Não se trata de abordar a internet enquanto meio apenas, mas enquanto presença contínua e cotidiana entre diversos grupos sociais, por meio de aplicativos, sites de redes sociais e serviços de mensagens, que vêm abrandando os estatutos que separavam o que acontecia na internet e fora dela – perspectiva muito comum nos estudos de comunicação entre o final da década de 1990 e o início da década seguinte. Por essa razão, admiti com convicção para a triangulação metodológica desta pesquisa uma proposta que dialoga com um investimento de inspiração etnográfica ao mesmo tempo em que segue na direção da interpretação da produção de sentido das sociabilidades que atravessam o amor entre jovens interlocutoras. Elas, interagindo em conversas através de grupos no aplicativo WhatsApp, poderiam formular seus discursos com o acúmulo das respostas a respeito de suas vivências, aspirações, contradições, convicções e desejos, tanto a partir de suas interpretações do mundo, como também das interpretações das outras.

Frente a essas dinâmicas e condições de viabilidade da pesquisa, assumi a criação de grupos de conversas no WhatsApp como uma das práticas para sustentar os métodos que possibilitariam dimensionar um quadro social, cultural e histórico da linguagem empreendida na gramática do amor e suas negociações nas dinâmicas de interações sociais, sob a ótica de jovens mulheres de camadas médias, em um núcleo urbano brasileiro, capaz de contemplar diferenças, diversidade, olhares e a intimidade que estão na estrutura nuclear de cada indivíduo enquanto sociedade. Entre as práticas dos grupos focais, apropriei as perspectivas do método na pesquisa social, incorporando “instrumentos de intervenção grupal, que compreendem as

dimensões subjetivas” (Servo; Araujo, 2012), assim como sua essência “que consiste justamente em se apoiar na interação entre seus participantes para colher dados, a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador (que vai ser no caso o moderador do grupo)” (Carlini-Cotrim, 1996, p.286).

O objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade, um exemplo da unidade social mínima em operação e, como tal, os sentidos ou representações que emergem são mais influenciados pela natureza social da interação do grupo em vez de se fundamentarem na perspectiva individual, como no caso da entrevista em profundidade (W.BAUER; GASKELL, 2015, p.75)

Além dessas, outras condições imprescindíveis para conduzir o processo nesse sentido, também oriundas do método do grupo focal, que foram incorporadas incluem (Carlini-Cotrim, 1996, p.287):

a) Seus participantes não devem idealmente pertencerem ao mesmo círculo de amizade ou trabalho. Isto visa a evitar que a livre expressão de ideias no grupo seja prejudicada pelo temor do impacto (real ou imaginário) que essas opiniões vão ter posteriormente. (...) A franqueza e a profundidade de troca de experiências ocorridas num contexto como esse muitas vezes são especialmente ricas justamente pelo fato dos seus participantes não terem nenhum compromisso posterior de se verem ou conviverem a partir desse encontro casual.

b) Seus participantes devem ser homogêneos em termos de características que interfiram radicalmente na percepção do assunto em foco, visando a garantir um clima confortável para a troca de experiências e impressões de caráter muitas vezes pessoal. (...) É importante enfatizar, no entanto, que a busca de homogeneidade em algumas características pessoais não deve implicar na busca de homogeneidade na percepção do problema. Se assim fosse, o grupo focal perderia sua riqueza fundamental, que é o contraste de diferentes perspectivas entre pessoas semelhantes. (...) os participantes devem ser selecionados de modo que o grupo não resulte em incontornáveis discussões frontais ou em recusa sistemática de emitir opiniões.

Em oposição às práticas desse método, optei por manter o mesmo grupo durante todo o período do trabalho de campo, porém, adicionando, a cada contato, um novo tema para conduzir as conversas e a moderação com as interlocutoras. Como dito anteriormente, grupos focais costumam ser realizados para tratar do mesmo tópico com grupos de pessoas diferentes, em quantidades de grupos

suficientes para atender aos critérios de avaliação da pesquisa e do pesquisador. No entanto, essa foi uma característica que não foi apropriada integralmente, pois considere mais satisfatório conduzir um único grupo com o qual poderia compartilhar as perspectivas dos temas categorizados com a análise interpretativa de conteúdo na primeira etapa da triangulação. Logo, em vez de inúmeros grupos seguidamente, um mesmo grupo continuamente; em vez de um único tópico de interesse, diferentes observações das pautas analisadas da revista *Megazine*, levadas até elas de maneira a coletar respostas e interações simbólicas para interpretação de sentidos produzidos entre as interlocutoras dentro daquele espaço.

Do método etnográfico, incorporei “sua capacidade de receber novas presenças” (Caiafa, 2007, p.175), a fim de produzir resultados a partir de agenciamentos coletivos de enunciação. Quanto à experiência de campo na etnografia, segundo Caiafa (2007), ela é o aspecto “mais marcante e definidor da pesquisa etnográfica que se desenvolveu no âmbito da antropologia” (2007, p.147). Mover-se em direção a um lugar onde ficar, observar, cultivar uma relação cotidiana com aqueles sobre quem se vai escrever e, ao mesmo tempo, participar do que está sendo observado, a fim de encorajar a compreensão de objetos e processos culturais – essas são atividades indissociáveis do trabalho do etnógrafo em campo. Mais do que uma disciplina, o aprendizado a partir dessa experiência permitiu reconhecer um campo produtivo de trabalho, dando forma à pesquisa, mas também a uma “atitude, um olhar, um tipo de inquietação intelectual e afetiva” (Caiafa, 2007, p.148). Dadas as circunstâncias em que planejava prosseguir com a pesquisa através de grupos de conversas, recorri novamente a Caiafa (2007) que nos sugere questionar como se configura o campo e as variações desse lugar como algo estabelecido: “o que constitui de fato um ‘campo’? Os lugares de pesquisa em antropologia têm se diversificado muito, levando a tentativas de redefinição” (2007, p.148).

O deslocamento no trabalho de campo da etnografia remete a um afastamento do que lhe é habitual, ou familiar, suscitando um estranhamento, uma instabilidade, como uma interrupção na regularidade do pensamento e da vida. “(...) o que é específico da pesquisa etnográfica é que esta é trazida para o dia-a-dia e vivência pelo pesquisador. É em certa medida uma vida estranha que se constrói, no sentido de que algo se desencaixa do padrão do reconhecimento” (Caiafa, 2007, p.148).

Estando fisicamente perto ou longe do que lhe cerca, para ser capaz de provocar estranhamento, o etnógrafo deve colocar-se em uma posição de disponibilidade para se expor à novidade, porque esse é um procedimento que não é dado, é algo que deve ser atingido como parte do processo do trabalho de campo. Sendo o deslocamento para o campo um dos cânones da abordagem antropológica na etnografia, vale ressaltar que não se trata somente de produzir um distanciamento geográfico, tampouco cultural ou social apenas como regra.

A presença do etnógrafo no campo tem especificidades que não devem ser ignoradas e sobre as quais há interesse para o processo de produção coletiva que visa a abranger a multiplicidade das presenças nessa experiência. Para dar conta dessas outras presenças, promover o engajamento no trabalho de campo e produzir com elas uma pesquisa, houve um tempo em que se acreditava que o ideal a se fazer era guardar distância do alvo da pesquisa. Estudar outra sociedade que não fosse a própria seria o suficiente para que o pesquisador não se envolvesse. No entanto, há os casos em que muitos vão estudar os grupos a que pertencem e, ainda assim, a pesquisa pode ser realizada e bem-sucedida. Logo, para tratar esse impasse, o importante, como afirma Caiafa (2007) é não estipular regras, pois há muitos fatores diferentes e distintos estilos de etnografia convergindo numa situação de pesquisa. “O problema se coloca quando nos alojamos numa identidade, no reconhecível, seja retomando-o entre estranhos e ignorando essa estranheza, seja garantindo-o no meio familiar” (Caiafa, 2007, p.151).

Decerto que não há uma resposta definitiva, mas Caiafa (2007) acredita que há um conceito bastante fértil para a discussão: o conceito de agenciamento criado por Deleuze e Guattari. “Enquanto as estruturas estão associadas a ‘condições de homogeneidade’ (Deleuze, 1977:65), os agenciamentos, ao contrário, envolvem sempre componentes heterogêneos” (Caiafa, 2007, p.152). No jogo de multiplicidade de ações e paixões, de um lado, e enunciados, de outro, intrinsecamente ligados, mas sem estabelecer uma relação de determinação entre eles, a experiência do campo como agenciamento pode dar conta de abranger componentes heterogêneos situados em regime de co-funcionamento ou simpatia. A autora concorda que a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento que provoca ‘simpatia’.

Também Velho (2003) aponta que não há fórmulas nem receitas, mas “tentativas de armar estratégias e planos de investigação que evitem esquematismos empobrecedores” (Velho, 2003, p.18) para lidar com a questão da proximidade de seu objeto em menor ou maior grau na pesquisa etnográfica. Para ele, as possibilidades de ser bem-sucedido na pesquisa dependem também das peculiaridades das próprias trajetórias dos pesquisadores.

Deriva daí a importância do estudo de projetos individuais e coletivos nos quais as possíveis contradições e ambiguidades, provindas dos multipertencimentos, apresentam-se, pelo menos em parte, subordinadas a uma ação racional. Ao mesmo tempo, é esse multipertencimento que permite ao antropólogo pesquisar sua própria sociedade e, dentro dela, situações com as quais ele tem algum tipo de envolvimento e das quais participa. O fato de não ser englobado por nenhum grupo exclusivo – somado às próprias características e à formação do antropólogo, que, em princípio, produz e valoriza uma certa distância – permite o movimento de estranhamento crítico diante do próximo (VELHO, 2003, p.18)

Todo esse quadro teórico sobre o método etnográfico foi de fundamental relevância para que o grupo de conversas no aplicativo WhatsApp pudesse ser incorporado como uma prática de campo de inspiração etnográfica. Por um lado, sustentado pela comprovada eficiência dos grupos focais, por outro, impulsionando a produção de sentidos nas experiências compartilhadas no campo materializado a partir de um espaço onde os resultados das interações vão ao encontro do principal interesse da ciência social, que é “o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de outros indivíduos” (Goldenberg, 2011, p.11).

Para a experiência de campo desta pesquisa, um grupo de conversa será o espaço para o qual nos deslocaremos, eu e as interlocutoras; será também o campo onde teremos chances de cultivar relações, ao mesmo tempo em que participo e observo o objeto de estudo da pesquisa. Esse grupo permitirá pôr à prova a experiência de campo como agenciamento, pois na linguagem e na vida estamos sempre nesse regime de falar ‘com’, agir ‘com’, escrever ‘com’” (Caiafa, 2007, p.152). Para efeitos de análise nomeei esse espaço de interação das interlocutoras, mediado pelo WhatsApp e moderado por mim, de grupo de convivência.

O termo grupo de convivência é muito comumente associado a espaços, geralmente coordenados por instituições de saúde públicas ou privadas, onde vivem e recebem atenção médica e psicossocial pessoas acima de sessenta anos, que encontram ali também oportunidades para interagir socialmente com outros indivíduos através do convívio diário, realização de atividades físicas e eventos em grupos. Inúmeras pesquisas na área de saúde investem atenção na avaliação da qualidade de vida e outros benefícios associados para as pessoas que compartilham esses espaços, descrevendo de que forma a convivência em grupos como esse e a manutenção da sociabilidade podem ser úteis para a saúde física e mental do indivíduo nessa faixa etária (Serbim; Figueiredo, 2011; Santana, 2010; Fonseca; L.K.S. et al., 2020).

Ainda que não guarde semelhanças com essa prática mais comum na área da saúde, o grupo de conversas moderado nesta pesquisa também deve promover a convivência entre pessoas com alguns marcadores sociais mais próximos, em um único espaço, durante um período específico. Não se espera que promova bem-estar social ou físico, mas, ao final, ao menos será possível revelar como as interações a partir dos tópicos da pesquisa mobilizaram as intenções de seus *projetos individuais* entre as interlocutoras a partir do olhar do outro. E mesmo mediado por um serviço de conversas na internet, não considerei relevante fazer qualquer identificação desse espaço como “online”, uma vez que já não se admite a internet como um espaço à parte da sociabilidade contemporânea. Para Hine (2015), a internet, nos dias atuais, ainda que não esteja disponível para todos, atravessa aspectos centrais da vida cotidiana de grande parte da população. “Agora, mais do que nunca, tornou-se difícil justificar uma separação a priori da internet como um espaço independente do campo de pesquisa” (Hine, 2015, p. 169).

No grupo de convivência, além das práticas do grupo focal e do método etnográfico, é preciso reconhecer a posição das interlocutoras como intérpretes do mundo que as cerca a partir das experiências individuais nas relações conjugais. Ao buscar e entregar respostas para as questões relacionadas à expressão do sentimento – levadas para o grupo pela moderação do pesquisador e categorizadas pela análise de conteúdo – as experiências emocionais individuais das interlocutoras, acionadas nas falas enquanto interagem, encaminharão a interpretação de sentidos sobre suas

vivências em contraposição àqueles códigos tomados como agregadores nas representações sociais.

Na ausência do encontro presencial para captar outros sinais emitidos no discurso e nos gestos que emolduram suas narrativas, as propriedades técnicas para responder dentro do aplicativo indicarão as intenções incutidas nas respostas, interpretadas simbolicamente pelos marcadores de interações dentro do grupo de conversas – textos, imagens, sons, links etc. Mas também há outros marcadores simbólicos como a não-presença contínua, nem simultânea de todas elas, o maior ou menor grau de engajamento nas interações entre elas, a ausência nas respostas e até o abandono do grupo. Todo esse conjunto de operações será incorporado para compreender as produções de sentidos que se pretende alcançar e será apresentado no capítulo de avaliações das práticas no método.

O resultado desses investimentos como método na pesquisa será um conjunto de respostas e símbolos que demandarão esforços qualitativos de análise e interpretação. No primeiro momento, as conversas no grupo serão exportadas do WhatsApp em formato de texto, sons e imagens para um documento, onde poderão ser organizadas, transcritas e decodificadas (no caso dos emojis, figurinhas e outros recursos visuais) no contexto dos temas discutidos com e entre as interlocutoras. Nesse sentido, “não há tratamento estatístico envolvido, mas um conjunto de procedimentos que visam a organizar os dados de modo que eles revelem, com a objetividade e isenção possíveis, como os grupos em questão percebem e se relacionam com o foco do estudo em pauta” (Carlini-Cotrim, 1996, p.290). Em paralelo, seguirá em andamento a próxima etapa do tratamento desse conjunto de respostas, uma vez que nos grupos focais

muitas vezes o processo de análise acontece de modo simultâneo com a coleta de dados. Por adotar um processo indutivo, onde as categorias e hipóteses explicativas se formam a partir dos dados, é procedimento habitual de pesquisa qualitativa refletir e analisar resultados parciais, visando melhor adequar os procedimentos de coleta de dados aos objetivos da pesquisa (CARLINI-COTRIM, 1996, p.290)

Com isso, a análise deve ser capaz de dar conta da interpretação das interações no interior desses grupos considerando as características centrais desse método, segundo Gaskell: “1. (...) o grupo é mais do que a soma das partes; 2. (...) observar

o processo do grupo, a dinâmica da atitude e da mudança de opinião e a liderança de opinião; 3. (...) nível de envolvimento emocional que raramente é visto em uma entrevista a dois” (W. Bauer; Gaskell, 2015, p.76). Carlini-Cotrim (1996) aponta como uma das alternativas para a análise desse material a ênfase sobre “as citações textuais dos participantes do grupo” (Carlini-Cotrim, 1996, p.290). Enquanto para Gaskell (2015) – não sendo um processo mecânico, “o que é realmente falado constitui os dados, mas a análise deve ir além da aceitação deste valor aparente. A procura é por temas com conteúdo comum e pelas funções destes temas” (W. Bauer; Gaskell, 2015, p.85).

Portanto, justifica-se para essa experiência de campo a necessidade de mover-se através da observação participante: “observar-participar é estar lado a lado e de forma atuante, mas na justeza das preocupações da pesquisa – em suma, uma forma especial de acompanhar. A observação participante é uma atividade de simpatia” (Caiafa, 2007, p.157). E tal como uma atividade de simpatia, tão característica e particular do trabalho de campo de inspiração antropológica, é também “afeto que nos permite entrar em ligação com os heterogêneos que nos cercam, agir com eles, escrever com eles” (Caiafa, 2007, p.152), ao mesmo tempo em que deve ser útil para provocar o estranhamento e a desfamiliarização necessários ao propósito de deixar-se afetar pelo outro, compartilhar a paixão com eles, experimentar simpatia.

Simpatia não é um sentimento leve de estima, mas o corpo-a-corpo dos agenciamentos. Deixar-se afetar pelo outro é o contrário do reforço da identidade, seja na forma da identificação ou naquela da distância asséptica. Sennett (1922:148) assinala que há simpatia quando se perde “o poder de autodefinição”, chega-se “à beira de si mesmo”, o que ele chama de “emigração exterior”. Para experimentar simpatia, é preciso portanto perder os limites estritos da identidade. É só aí que nos voltamos para fora e nos ligamos ao outro (CAIAFA, 2007, p.155)

Se esse “co-funcionamento” (Deleuze, 1977, *apud* CAIAFA, 2007, p.152) provocar distanciamento em excesso, pode incorrer na pretensão de explicar o outro como um objeto de estudo fragilizado, exotizado, de uma classe ou de uma sociedade inferior, explica Caiafa (2007, p.154). Se por um lado, reside nesse estranhamento o impulso transdisciplinar da etnografia que a caracteriza como “método-pensamento” (Caiafa, 2007, p.174), por outro, é ele que é capaz de mobilizar diferentes sentidos, impressões e informações na observação direta do

campo, assim como a abertura de pensamento, também característica do método. Estar disponível para se expor à novidade é parte do processo de estranhamento que novos projetos de pesquisa impõem ao etnógrafo, ao mesmo tempo em que reforçam a transdisciplinaridade da etnografia e a sustentam como “método-pensamento” que encoraja a simpatia para a presença de múltiplas vozes nesse agenciamento. Dessa forma, é possível que o empreendimento etnográfico seja bem-sucedido no propósito de abarcar os significados e sentidos produzidos nessa experiência a que esta pesquisa se propõe. Mantendo a perspectiva histórica da abordagem antropológica, coloco-me diante do desafio de mover-me com simpatia na experiência de campo da etnografia mediada por uma plataforma de conversas e interações assíncronas para formular ideias, pensamentos e conceitos que emergem como resultado das práticas do método etnográfico.

Consolidando os aportes necessários para garantir a sustentação, a eficácia e o rigor científico do método, teve início o planejamento para encontrar as interlocutoras e criar o grupo de conversas. Porém, decidi criar dois grupos: no primeiro as mulheres têm atualmente idades entre 19 e 23 anos; no segundo elas têm entre 31 e 40 anos. O primeiro grupo é aquele sobre o qual esta pesquisa tem mais interesse, uma vez que a ênfase da perspectiva teórica de análise está diretamente relacionada com questões da juventude. Já o segundo grupo tem uma razão de existir que se relaciona diretamente com a primeira parte da triangulação metodológica que é a construção de ideias a partir da perspectiva teórico-conceitual das representações sociais de Moscovici (2015).

Tratando da categorização de conteúdo jornalístico publicado na *Megazine* a respeito de expressões do amor em relacionamentos conjugais de jovens, mais especificamente sobre como essas expressões estão atravessadas por questões sociais nas vivências femininas, considere relevante buscar o conjunto de imagens, construções coletivas, ideias e crenças de mulheres que viveram aquele período no qual a revista reproduziu em suas pautas os condicionamentos sociais da época. Pereira (2016), confirma que a teoria de Moscovici aponta a necessidade de se buscar a representação original, pois, “para ele, há ‘universos consensuais’ que conferem uma espécie de segurança e harmonia no plano das ideias e do conhecimento, que se consolidam com a repetição de situações, gestos e ideias” (Pereira, 2016, p.5)

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu (MOSCOVICI, 2015, p. 41).

Evidente que recorrer àquele “universo consensual” através dessas interlocutoras em um segundo grupo não permitirá que se elabore um cenário estanque da época, afinal de contas, a própria teoria aponta que esse universo é fruto de repetições ao longo do tempo. Porém, para Pereira (2016), a contribuição de Moscovici está principalmente

na perspectiva de uma representação social que se constrói coletivamente, a partir de diferentes espaços do mundo cotidiano, inclusive o midiático, cimentando o social, reafirmando a força da memória, buscando a familiaridade e estimulada pelo momento mesmo em que a não familiaridade insurge-se, ainda que momentaneamente, contra o que está posto – para, em seguida, ser modificada, aproximada, identificada e, finalmente, vencida por força da necessidade de um universo consensual (PEREIRA, 2016, p.5)

Dessa forma, julguei pertinente buscar nesse segundo grupo suas perspectivas sobre os fatos jornalísticos publicados na revista para produzir as categorias de análise de forma mais comprometida com o contexto temporal. Diferente da interação com o primeiro grupo, das jovens entre 19 e 23 anos, o objetivo nesse seria contar com a colaboração de mulheres que me fariam compreender melhor algumas das razões pelas quais aquelas pautas da *Megazine* teriam recebido atenção de seus editores a partir da relevância dos fatos à época. Dessa forma, e recorrendo mais uma vez à simpatia no trabalho de campo, poderia compartilhar com o primeiro grupo questões sob a ótica de outras mulheres, e não somente a partir da análise do pesquisador. Sem qualquer julgamento que cause prejuízo à colaboração e às contribuições que espero receber desse segundo grupo, suas participantes estão mais para fontes ou informantes do que interlocutoras da pesquisa. Ressalto, porém, que isso não diminui o valor de suas opiniões e observações, mas precisa ser explicitado no âmbito da metodologia, uma vez que não pretendo usar tais evidências no conjunto de dados analisados nos *corpora* dos três métodos da triangulação proposta.

Além disso, outra circunstância motivou essa decisão, que foi o contato com a experiência de Chimamanda Ngozi Adichie (2019):

Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer ‘ser maior do que o outro’. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva (ADICHIE, 2019, p.23)

Em certa medida, e ainda que todo rigor científico seja incorporado à pesquisa, ao elaborar categorias a partir da análise interpretativa de conteúdo para provocar as interações com um grupo de mulheres e entre elas, a moderação do pesquisador também está atravessada por sua posição na hierarquia social e de poder que ocupa, como sobre o “universo consensual” que alcança, constituído por suas experiências pessoais e em outros grupos. Sendo uma análise que se propõe à interpretação das representações sociais a partir do conteúdo de um *corpus* para a pesquisa, decerto que o pesquisador reconhece como sua subjetividade também se faz presente a partir das categorias e dos resultados dessa análise. No entanto, acredito que preciso reconhecer as implicações do meu lugar na sociedade quando me coloco diante da tarefa de conectar partes das experiências que constituem narrativas do outro, nesse caso as mulheres. Não pretendo indicar uma solução, tampouco elencar medidas para contornar a complexidade, a partir desse ponto de vista, que envolve a questão ao se colocar em prática tal método. Mas como homem, falando com mulheres, observando e descrevendo suas narrativas, sinto-me à vontade para problematizar esse aspecto, a fim de tentar minimizar prejuízos para a sociedade e para a pesquisa.

Para criar o grupo com as jovens na faixa de idade entre 18 e 25 anos, recorri primeiro àquelas interlocutoras com quem mantive interações individuais na primeira experiência com o WhatsApp. Optei por um grupo com seis participantes – número mínimo, em geral, para o método do grupo focal – e selecionei três entre aquelas que chegaram até o final dos dois meses na primeira vez. Todas concordaram em participar dessa nova fase em grupos, com duração prevista de dois meses. Para conseguir outras três, pedi indicações àquelas que aceitaram, mas

também a amigos e conhecidos. Não foi tão fácil confirmar as demais meninas porque as potenciais interlocutoras se mostravam resistentes à prática da pesquisa – interações no grupo de WhatsApp junto com outras desconhecidas. E ainda era preciso convencê-las de conversar sobre relações amorosas, cuja sensibilidade ao tema é maior, porque associavam o assunto à exposição da intimidade. Certamente foi mais fácil com as três primeiras porque já me conheciam da experiência anterior. Depois de algumas tentativas, aceitei uma das indicadas pelas primeiras confirmadas, mesmo havendo certo grau de relação de amizade entre elas. Assim, estava formado o primeiro grupo – duas de 19, uma de 21, duas de 22 e uma de 23 anos de idade.

Para formar o segundo grupo, fiz uso, outra vez, da seleção pelo método da bola de neve. Escolhi duas sementes entre ex-colegas de trabalho, uma com 35 anos, outra com 40. Ambas concordaram em participar e cada uma delas indicou uma mulher com idade entre 30 e 40 anos. Formar esse grupo foi tão trabalhoso como o primeiro, principalmente porque a desconfiança e a insegurança em participar de um grupo de WhatsApp com desconhecidas e, ainda, para falar de questões relativas a relacionamentos amorosos foi ainda maior. As idades delas são: uma de 31, duas de 35, uma de 36 e duas de 40 anos. Estimei o mesmo tempo de duração para esse grupo, pois à medida que entregasse a elas um tópico categorizado da análise, contaria com suas impressões para moderar os tópicos no outro grupo em paralelo.

Por fim, ao longo dessa formulação e consolidação das práticas metodológicas para dar início aos trabalhos de campo no grupo de convivência, mesmo que eles ainda não tivessem sido colocados à prova, uma outra perspectiva teórica parecia confirmar sua validade para a pesquisa: a perspectiva interacionista, que recebeu forte influência da psicologia social, tal como defende Goldenberg (2011):

Para Mead, a associação humana surge apenas quando cada indivíduo percebe a intenção dos atos dos outros e, então, constrói sua própria resposta em função desta intenção. Tais intenções são transmitidas por meio de gestos que se tornam simbólicos, ou seja, passíveis de serem interpretados. A sociedade humana se funda em sentidos compartilhados sob a forma de compreensões e expectativas comuns. O componente significativo de um ato acontece através do *role-taking*: o indivíduo deve se colocar no lugar do outro. Ao afirmar que um indivíduo possui um *self*, Mead enfatiza que, da mesma forma

que interage socialmente com outros indivíduos, ele interage consigo mesmo. O *self* representa o outro incorporado ao indivíduo. É formado através das definições feitas por outros que servirão de referencial para que o indivíduo possa ver a si mesmo (GOLDENBERG, 2011, p.21)

O interacionismo simbólico, ao contrário da concepção durkheimiana que defende que as manifestações subjetivas não pertencem ao domínio da sociologia, afirma que é a concepção que os indivíduos têm do mundo social que constitui o objeto essencial da pesquisa sociológica (GOLDENBERG, 2011, p.21)

1.3.3. Parte 3: entrevistas narrativas e as experiências emocionais individuais

Faltava agora encaminhar a terceira parte da triangulação metodológica – depois da análise interpretativa de conteúdo e dos grupos de convivência, concluí que a prática mais alinhada com as outras perspectivas era a entrevista narrativa. Segundo Jovchelovitch e W. Bauer (2015), a entrevista narrativa encoraja e estimula o interlocutor a contar uma história sobre acontecimentos sociais importantes da sua vida relativos ao contexto social. Por duas razões essa pode ser considerada a escolha mais equilibrada.

No primeiro momento, espera-se do grupo de convivência que permita alcançar histórias e acontecimentos a partir de um determinado número de ações e experiências produzidas como respostas aos estímulos temáticos, categorizados na análise do primeiro método e moderados pelo pesquisador em seguida. Essas histórias podem revelar e esclarecer motivações e circunstâncias às quais as interlocutoras recorreram, nas suas vivências em relacionamentos conjugais, para responder às situações reais com as quais precisaram lidar até aqui. A importância desse conjunto de histórias compartilhadas no grupo é contemplar a interpretação de como as respostas de um indivíduo são afetadas pelas intenções dos atos dos outros, o que, no caso desta pesquisa, possibilitará revelar parte do “universo consensual” das jovens de camadas médias urbanas que são objeto desta tese. Mas serão as entrevistas que levarão a sequências de episódios, a partir de sucessivos acontecimentos, a constituir uma estrutura de narrativa através de um enredo.

É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa. Por isso a narrativa não é apenas uma listagem de

acontecimentos, mas uma tentativa de liga-los, tanto no tempo como no sentido. Se nós considerarmos os acontecimentos isolados, eles se nos apresentam como simples proposições que descrevem acontecimentos independentes. Mas se eles estão em uma história, as maneiras como eles são contados permitem a operação de produção de sentido do enredo. É o enredo que dá coerência e sentido à narrativa, bem como fornece o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, objetivos, moralidade e relações que geralmente constituem a história (JOVCHELOVITCH; W.BAUER; 2015, p.92)

Portanto, decidi eleger três interlocutoras do grupo de convivência com as jovens entre 19 e 23 anos para realizar também entrevistas narrativas, assim que a experiência com o grupo fosse concluída. Dessa forma, completo o quadro metodológico para operar a pesquisa, orientando esforços para consolidar os discursos emocionais de jovens mulheres, moradoras da cidade do Rio de Janeiro, exprimindo o sentimento e carregando as representações sociais do amor no interior de relacionamentos amorosos, a partir de tipificações daquelas representações na mídia e das perspectivas de um “universo consensual”. Tal qual uma cartografia, acompanhando os movimentos de transformação da paisagem: “se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (Rolnik, 2016, p.23).

Considerando todas essas nuances, a pesquisa envolvida nesse projeto visa a alcançar algumas das experiências nas culturas juvenis que são resultantes das dinâmicas de interação entre inúmeros fenômenos pelas mônadas (Vargas, 2010, p.12) que formam uma sociedade, valendo-se de instrumentos sociológicos, antropológicos e, não menos importantes, da comunicação. Com entrevistas, análise de conteúdo e interações em grupo, espera-se obter um quadro singular da micropolítica da emoção articulada com as linguagens da gramática do amor entre as jovens.

A partir do conceito de sociologia infinitesimal de Tarde ([1895] 2018), as aspirações e desejos de cada uma das interlocutoras em todas as etapas da pesquisa e o conjunto de dados e informações reunidos sob as práticas metodológicas, então, pretende atestar o valor de cada experiência, acreditando que “o que conta não são

os indivíduos, mas as relações infinitesimais de repetição, oposição e adaptação que se desenvolvem entre ou nos indivíduos, ou melhor, num plano onde não faz sentido algum distinguir o social e o individual” (Vargas, 2010, p.10). A opção do pesquisador pela perspectiva sociológica de Gabriel Tarde para identificar linguagens relacionadas à expressão do sentimento amor vai ao encontro de todo o potencial de que essa visão dispõe para abarcar as infinitas diferenciações resultantes das interações entre os fluxos de subjetivação dos indivíduos no tecido social.

2. Ciências Sociais e a expressão do amor

*A difícil arte de azarar*¹⁶ é o título da matéria na revista impressa *Megazine*, de março de 2008, para explicar a origem de alguns dos códigos usados pelos jovens do Brasil Colônia para trocar mensagens sem se aproximar, usando flores, bengalas, leques e gestos com as mãos e o corpo, nas raríssimas ocasiões em que as moças podiam ser vistas na primeira missa do dia. Especialistas entrevistados pela publicação esclarecem que nessa época elas só podiam participar de festas depois de completar quinze anos de idade e, quando saíam, estavam sempre acompanhadas por suas mães.

O historiador Milton Teixeira, consultado pela revista, acredita que os códigos foram criados como uma forma de comunicação diante da dificuldade que aqueles jovens tinham de ficar a sós, já que namorar era proibido. No contexto de duzentos anos mais tarde, a história daqueles códigos é associada, em uma publicação voltada para jovens no século XXI, com a *azaração* – forma de se referir aos esforços empenhados na conquista de um par romântico – ratificando que aqueles interessados em iniciar uma relação amorosa com o outro devem compreender e saber jogar com símbolos, gestos e padrões de agir. Separadas por dois séculos, as linguagens da gramática envolvidas nessas interações atestam a persistência do componente histórico na leitura feita sobre as relações amorosas que é fruto da etnopsicologia consolidada desde a modernidade no Ocidente.

Em julho de 2018, a *BBC Brasil* publicou em seu site *As dez perguntas para fazer antes de iniciar um relacionamento amoroso*¹⁷. Trata-se de uma lista de questões fruto de um estudo realizado por uma advogada especializada em divórcios, junto com pesquisadores de uma universidade do Reino Unido, indicada para aqueles casais que pretendem investir no relacionamento. Os resultados do trabalho recomendam que as duas partes se façam frequentemente essas perguntas, de maneira a evidenciar se ambos estão de fato comprometidos para uma relação mais séria e duradoura.

¹⁶ História: A difícil arte de azarar. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 11/03/2008, Revista *Megazine*, p.16. Acervo *O Globo*. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>

¹⁷ FREEMAN-POWELL, S. As dez perguntas para fazer antes de iniciar um relacionamento amoroso. *BBC News Brasil*, São Paulo, 28 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44995281>> Acesso em: 10 out. 2021

Entre as perguntas, eles sugerem que os potenciais amantes se indaguem: compartilhamos valores, sonhos, esperanças e expectativas do outro e da relação?; geralmente vemos o melhor um do outro?; acreditamos que podemos discutir coisas e falar de problemas entre nós?; os dois trabalham para manter a relação vibrante? Além disso, os pesquisadores sugerem que de imediato se questionem se são compatíveis, entendendo essa compatibilidade como uma base sólida de amizade entre eles, pois os resultados apontaram que os casais mais bem-sucedidos começaram como amigos e foram desenvolvendo uma relação mais íntima com o tempo. Esse experimento e seus resultados remetem à dinâmica de manutenção da “relação pura”, de Giddens (2002, p.13), que está baseada em questionamento reflexivo e contínuo para que o casal se interroge se está tudo bem entre eles, com o intuito de gerar valor para seus projetos individuais e satisfação emocional como forma de garantir a autenticidade e a liberdade de cada um dos sujeitos.

E assim como esses aconselhamentos formatados como informação em veículos da mídia, há grande variedade de temas disponíveis nos sites de notícias para pesquisas com os termos “relacionamentos amorosos” – possivelmente um indicador de que também há frequente procura pelos temas que envolvem relacionamentos – que vão desde análise da combinação de signos astrológicos, passando por testes de compatibilidade realizados com perguntas sobre o comportamento do casal até listas de como comportar-se para ter uma relação bem-sucedida. E foi outra pesquisa que contribuiu, mais uma vez, para a produção de nova lista, dessa vez no site do *Nexo Jornal*¹⁸, em janeiro de 2021, no contexto de expectativas futuras para no início de um novo ano.

O texto original é assinado por um psicólogo americano que, baseado em seus estudos, aponta 7 atitudes para namoros e relacionamentos mais saudáveis. A publicação sugere aos leitores, de forma imperativa, assumir as recomendações como resoluções de Ano Novo para manter o relacionamento forte, entre elas: seja mais flexível com os compromissos do casal, permitindo-se adaptar hábitos, sem a necessidade de fazer tudo como sempre fez, pois assim terá a chance de viver mais emoções positivas; eduque sua mentalidade para que você veja seu relacionamento

¹⁸ LEWANDOWSKI Jr. G. W. 7 resoluções para fortalecer um relacionamento em 2021. *Nexo Jornal*, São Paulo, 08 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2021/01/08/7-resolu%C3%A7%C3%B5es-para-fortalecer-um-relacionamento-em-2021>> Acesso em: 10 out. 2021

como uma fonte importante de experiências que dão certo, agindo de forma proativa para buscar o que é positivo para ajudar o relacionamento; concentre-se em seu bem-estar porque isso não faz de você uma má pessoa ou parceiro ruim, já que quanto melhor estiver a sua saúde mental, mais clareza sobre si mesmo você alcançará e, conseqüentemente, deve perceber que o que é bom para você também pode ser bom para seu parceiro. Como a publicação da *BBC Brasil*, essa é mais uma a condensar regras de como agir, comportar-se e sentir, prescrita por especialistas para pessoas em busca de alguma realização pessoal através do amor em um relacionamento afetivo. O que se destaca é a o caráter do texto bem próximo dos manuais de autoajuda, um tom fortemente individualista e, em certa medida, a admissibilidade de que as emoções são naturais e podem ser controladas para se alcançar um objetivo, tornando o indivíduo refratário às ações da sociedade e dos grupos onde está inserido.

Mas a mídia também vem destacando outros aspectos contemporâneos agindo sobre os relacionamentos, sejam eles de circunstâncias locais e temporais ou questões caras à sociedade. É o caso de duas publicações que tratam da polarização política no país e de feminismo, respectivamente. Em setembro de 2015, a colunista da edição brasileira do *El País* Marina Novaes publicou artigo¹⁹ comentando sua experiência em aplicativos de relacionamento naquele momento em que se formava uma polarização política entre apoiadores do governo e opositores. Dilma Rousseff estava no primeiro ano de seu segundo mandato e a oposição já articulava uma denúncia à Câmara dos Deputados que daria início ao processo de *impeachment* da presidenta.

A colunista narra como dentro do *Tinder*²⁰, aplicativo que escolheu para buscar parceiros, as pessoas estavam se apresentando nos perfis com referências diretas ao lado político do qual se posicionavam, se a favor do governo ou contra.

¹⁹ NOVAES, M. O amor nos tempos de polarização política. Definitivamente não vivemos uma boa época para os opostos se atraírem. Mas atire o primeiro título eleitoral quem nunca tentou mudar a pessoa amada. *El País Brasil*, São Paulo, 09 set. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/08/opinion/1441738271_628977.html> Acesso em: 10 out 2021

²⁰ Aplicativo utilizado em *smartphones* conectados à internet para encontrar parceiros e parceiras através de um perfil elaborado pela pessoa com suas características pessoais, preferências e interesses, incluindo fotos de rosto e de corpo. O *Tinder* sugere o encontro através do cruzamento daquelas características, apresentando aos usuários opções de parceiros e parceiras com interesses comuns. Cabe à pessoa escolher entre sim ou não para cada opção apresentada e começar a conversa quando os dois tiverem se escolhido mutuamente.

“Fora, Dilma!” e “reaças nem gastem seu tempo comigo” são expressões que ela descreve ter encontrado no espaço reservado para que os usuários se apresentem para potenciais pretendentes, um campo destinado a uma curta biografia de quem busca um par. Sem apontar conclusões, recomendações de como agir nessas ocasiões, nem mesmo quais foram os resultados a que chegou na investida da paquera, a jornalista faz uma associação entre a polarização política que divide os casais contemporâneos com as razões a que foram submetidos Romeu e Julieta para que se mantivessem afastados – sem necessidade, hoje, daquele fim trágico, como ela faz questão de ressaltar.

Certamente essa não foi a primeira vez em que temas relacionados à política colocaram casais ou pretendentes em lados opostos, nem terá sido a última, mas é emblemático antecipar uma posição política como forma de afastar quem pensa diferente e atrair semelhantes sem nem mesmo trocar uma palavra em conversas. Essa circunstância parece decorrente do problema ocasionado pela gênese de uma sociedade intimista que passou a “subjugar a experiência da vida em público ao seu significado subjetivo para o indivíduo” (Rezende; Coelho, 2010, p.101), tal como descreveu Sennett (1988) ao identificar os principais fatores que impulsionaram mudanças nos significados em torno de público e privado, a partir do século XIX. Conseqüentemente, essas mudanças levaram também a uma tensão entre sentir e expressar os sentimentos, aspecto fundamental que interessa a esta pesquisa.

Já a questão do feminismo é tratada em uma publicação do *Universa UOL*, em outubro de 2017²¹, e começa com uma pergunta: ser feminista torna o relacionamento com homens mais difícil? Entre relatos de entrevistadas e avaliações de uma psicóloga, a publicação aponta o confronto entre as conquistas das mulheres em pautas que tratam de relacionamentos com homens e o machismo enraizado na sociedade que insiste em empurrá-las de volta para lugares à sombra dos companheiros em uma relação afetiva. Uma das entrevistadas assume que é mais difícil ser feminista e ter um relacionamento com homens; outra afirma que prefere apresentar-se como feminista – como uma identidade – desde o primeiro encontro para evitar comportamentos que não admite; e uma terceira não quer mais

²¹ BERTHO, H. Ser feminista torna o relacionamento com homens mais difícil? *Universa UOL*, São Paulo, 30 out. 2017. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2017/10/30/ser-feminista-torna-o-relacionamento-amoroso-com-homens-mais-dificil.htm>> Acesso em: 10 out 2021

se relacionar com homens e agora namora mulheres porque o machismo nas atitudes deles sempre a fazia perceber que não estava disposta a corresponder ao modelo de mulher que eles esperavam. Nesses casos nota-se claramente a marca do feminismo confrontando representações de relacionamentos e produzindo, como resultado, costuras entre os níveis micro da experiência pessoal e o macro da organização social: hierarquias e normas morais podem ser justapostas a afetos e sentimentos.

A comunicação nos relacionamentos contemporâneos também é pauta nos sites de notícia e na mídia em geral. Mas não apenas a comunicação verbal ou escrita, os gestos e as atitudes são nomeados e reunidos em uma espécie de glossário para permitir que as pessoas identifiquem as situações em que estão envolvidas. A *Revista Glamour*, em novembro de 2018²², listou alguns termos da comunicação entre jovens e explicou o contexto em que eles são acionados nos relacionamentos. A colunista que assina o artigo enumera os códigos envolvidos nas interações, como chamar de *crush* a pessoa que você gosta e está investindo na conquista; com o *crush* você marca um *date*, que é um encontro na tradução literal do inglês, mas com intenções que vão além de simplesmente conhecer a pessoa naquele dia, o intuito é que se beijem e até passem dessa para a próxima fase. Há ainda a possibilidade de enviar *nudes* – fotos em que você está literalmente nu – nas conversas por mensagens nos aplicativos de relacionamentos; além da necessidade de publicar nas mídias sociais com frequência fotos atraentes, sedutoras, impressionantes que motivem as *DM's*, ou mensagens privadas, na tradução de *direct messages*, dos interessados e interessadas em você, marcando, assim, um movimento inicial para conversas.

Algumas atitudes tiveram seus nomes atualizados, outras precisaram ser nomeadas para que as pessoas entendessem o que estão sentindo enquanto interagem com parceiros e parceiras, facilitando decisões e próximos passos na investida pessoal. *Ghosting* é o termo usado quando um dos dois ou ambos começam a deixar de responder mensagens, desmarcar encontros, dar sinais de que

²² ROMANI, G. *Ghosting, orbiting, breadcrumbing*: o glossário da paquera em tempos de WhatsApp e Instagram. Paquera, aliás, é um termo que já era... Quando foi que se relacionar assim ficou tão complicado? *Glamour*, São Paulo, 13 nov. 2018. Disponível em: <<https://glamour.globo.com/lifestyle/trending/noticia/2018/11/ghosting-orbiting-breadcrumbing-o-glossario-da-paquera-em-tempos-de-WhatsApp-e-instagram.ghtml>> Acesso em: 10 out. 2021

perdeu o interesse – que agora vem marcado pelos indicadores envolvidos na comunicação via aplicativos, como quando uma pessoa visualiza uma mensagem e não responde, e a pessoa que enviou sabe que a mensagem foi lida e ignorada. *Orbiting* é quando o casal terminou o relacionamento, mas a pessoa continua vendo as fotos, os vídeos e as informações compartilhadas pelo ex-parceiro nas mídias sociais, continua orbitando pelo mundo da outra, à espreita. O conceito desse termo parece indicar que uma vez que o término ocorreu, ambos devem se desligar completamente de qualquer forma de contato, porém, as mídias sociais permitem que se continue vigiando o que o outro está fazendo, aonde vai, com quem sai, o que anda dizendo etc. *Cushioning* vem de almofada, em inglês, e é usado para se referir à pessoa que mesmo em um relacionamento sério continua mantendo conversas com outros pretendentes a fim de garantir uma segunda opção caso a atual fracasse. Diz a descrição do termo no glossário dessa publicação que a pessoa está sempre buscando o conforto de uma almofada, que nesse caso pode ser entendido como o conforto de ter sempre alguém com quem possa manter contato, estar perto, a quem recorrer para não ficar sem um relacionamento afetivo. Tanto aqueles investimentos na comunicação para interação com outras pessoas quanto a atribuição de nomes aos momentos e espaços nos relacionamentos parecem reforçar a característica de investimento, tal como discute Bauman (2004) sobre as relações amorosas. É preciso reconhecer as medidas e os esforços para avaliar os investimentos e os lucros esperados para a relação. Não sendo possível obter o resultado desejado, muda-se de investimento.

E para completar o ciclo entre conquista, manutenção do relacionamento e término da relação, as notícias também abrem espaço para apresentar questões, soluções, maneiras de agir frente ao rompimento do casal ou à necessidade de conduzir o romance ao fim e esquecer a pessoa que um dia amou. Para tempos imersos em tecnologias, uma empresa australiana criou um serviço para quem precisa terminar casamentos, namoros ou qualquer tipo de relacionamento amoroso. Em maio de 2015, o site *Canal Tech*²³ apresentou o serviço da “*Sorry, it’s over*”: o cliente escolhe o meio através do qual quer comunicar o término com a parceira ou parceiro, escolhe entre redigir uma mensagem pessoal ou selecionar uma entre

²³ Site australiano termina seu relacionamento amoroso por você. *CanalTech*, São Paulo, 15 mai. 2015. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/comportamento/site-australiano-termina-seu-relacionamento-amoroso-por-voce/>> Acesso em 10 out. 2021

mensagens padronizadas e paga uma taxa para que a empresa faça o contato e comunique o término da relação. A contratação mais barata do serviço é com o envio de uma mensagem no celular feito pela prestadora em nome do contratante; as opções mais caras incluem um representante da empresa ir pessoalmente ao encontro da pessoa para comunicar o fim da relação ou a entrega de uma carta escrita pelo contratante que vai junto com um buquê de flores. Talvez o serviço possa ser visto como um misto de autenticidade e busca por controle das emoções, aspectos tão presentes nas relações modernas.

Apagar a dor de lembranças ruins de um relacionamento amoroso foi pauta quando do lançamento de um método clínico e psicológico com essa finalidade, no site de notícias sobre inovação e criatividade *Hypeness*, em julho de 2020²⁴. A publicação conversou com o pesquisador canadense que desenvolveu tratamento direcionado a suprimir a dor causada por separações ou experiências traumáticas nos relacionamentos, nomeado de terapia de reconsolidação. Ele indica a ingestão de um medicamento que age como betabloqueador no organismo, comum em tratamentos de enxaqueca e hipertensão, uma hora antes da terapia. Em seguida, durante a sessão, a pessoa deve descrever e registrar por escrito seu trauma para, ao final, ler em voz alta. De acordo com o criador do tratamento, o medicamento age sobre a amígdala, justamente onde ficaria o registro emocional da dor. Ao seguir a prescrição, o paciente teria a chance de se encontrar novamente com seu trauma e atualizá-lo no cérebro com menos emoção, menos trauma e menos dor, nas palavras do pesquisador, permitindo o tratamento de decepções amorosas profundas, como ele mesmo descreve na entrevista para a publicação.

Reconhecer quais são, onde e como aplicar os sinais e gestos da *azaração*, ou então o que se deve buscar saber antes de iniciar um relacionamento amoroso, quais são os dez mandamentos para manter essa relação, ou ainda quais são as atitudes que fortalecem a união afetiva, como dar fim ao romance e como esquecer as dores da separação – uma pesquisa na internet, em fontes com credibilidade²⁵ entre os

²⁴ PAIVA, V. Esta droga é capaz de apagar a dor das más lembranças de um relacionamento amoroso. *Hypeness*, São Paulo, 27 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2020/02/esta-droga-e-capaz-de-apagar-a-dor-das-mas-lembrancas-de-um-relacionamento-amoroso>> Acesso em: 10 out. 2021

²⁵ Sem a intenção de discorrer sobre a conceituação de credibilidade no jornalismo, mas para marcar a necessidade de distinguir entre fontes de informação na internet aqueles veículos que produzem notícia compromissados com a ética do jornalismo, recorri a afirmação de Lisboa (2017): “Dois

veículos de informação, é capaz de entregar prescrições sobre como ir do início ao fim de um relacionamento, a partir de aconselhamentos geralmente amparados em recomendações de especialistas sentimentais, terapeutas e pesquisadores do tema. A mesma pesquisa também é capaz de apontar problemáticas sensíveis para os pares românticos, como questões políticas e de gênero, além da categorização e nomeação de sensações, atitudes e vocábulos típicos das relações amorosas nos dias de hoje.

Materializados em veículos de notícias, todos esses regramentos e aconselhamentos podem ser tratados como formas textuais e convenções documentadas da cultura, indicando comportamentos e ideias dos indivíduos imersos nas práticas culturais da nossa sociedade. Em outras palavras, podemos admitir que, de alguma forma, os conselhos, regras e manuais de conduta para relações amorosas, pulverizados e distribuídos entre as informações produzidas e consumidas nos grupos sociais onde circulam, no início da segunda década deste século, são como intervenções ativas na cultura, agindo através do discurso e da representação, de forma material e simbólica, situados no espaço social e econômico, reforçando a noção de cultura como *prática*, no sentido de *agenciamento* na cultura. A fim de encaminhar uma perspectiva analítica para o cenário descrito acima, neste capítulo pretendo discorrer sobre a trajetória da pesquisa através de conceitos que são caros às Ciências Sociais e Humanas, dialogando com reflexões contemporâneas acerca das noções de sociedade e indivíduo, passando pela constituição do campo da antropologia das emoções, até a compreensão da comunicação como processo sociocultural capaz de forjar identidades culturais da juventude entrecruzadas com política, raça, gênero e sexualidade, entre outros.

As motivações para encontrar respostas estão atravessadas pelo modelo teórico para se pensar as emoções a partir dos trabalhos de Marcel Mauss ([1926] 1980) e pelas questões acerca da identidade cultural de Stuart Hall (1999), mas incluem ainda a sociologia durkheimiana, a entrada da subjetividade na sociologia conduzida por Gabriel Tarde ([1895] 2018), até a psicologia social de Moscovici (2015) e a formulação de projeto individual nos termos de Gilberto Velho (1997).

princípios deontológicos estão na base da credibilidade constituída do jornalismo: a verdade, associada à integridade, e o interesse público, associado à competência. A busca de uma verdade como correspondência ou conformidade ao real sobre fatos que sejam relevantes a uma comunidade, e não apenas a um grupo, é norteadora do ethos jornalístico”.

A próxima seção não se presta à função de construir uma linha do tempo das ciências sociais, da filosofia, tampouco da psicologia social, mas os fatos apresentados são relevantes para compreender a origem das teorias que servem de base para investigar o objeto de estudo da tese. Certo de que a conjugação dessas teorias não determina um encerramento da análise em si mesma, visto que se trata de uma perspectiva do pesquisador para conduzir a produção de conhecimento, quaisquer outros referenciais teóricos são bem-vindos para incrementar os resultados da pesquisa.

2.1. Modernidade e Sociologia: reflexões sobre o par indivíduo-sociedade

O ponto de partida para colocar em perspectiva analítica a experiência individual no discurso emocional de jovens mulheres nesta pesquisa são os marcos do descentramento do sujeito cartesiano, a partir de rupturas nos discursos do conhecimento da modernidade que contribuem para a fragmentação das identidades do sujeito pós-moderno, nos termos de Hall (1999). A reinterpretação do pensamento marxista, a teoria psicanalítica de Freud, os trabalhos de linguística estrutural de Saussure, a “genealogia do sujeito moderno” de Foucault e, principalmente, a crítica teórica e o movimento social feministas – alinhados por Hall (1999) como avanços do pensamento na teoria social e nas ciências humanas para compreensão do sujeito da segunda metade do século XX – fornecem subsídios para compreender as relações sociais e individuais interpretadas nesta pesquisa. Dessa lista, interessa em particular as questões suscitadas pelo movimento feminista e as discussões de hierarquias de poder e gênero nas últimas décadas do século XX e início do século XXI.

Esse marco no tempo caracterizado como modernidade, cujos discursos apresentam rupturas a partir da segunda metade da década de 1950, deu à luz um individualismo centrado em uma nova concepção para o sujeito individual e sua identidade, libertando-o de apoios estáveis ancorados nas tradições, um importante rompimento com o passado: “alguns argumentam que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da ‘modernidade’ em movimento” (Hall, 1999, p.25). Tomo aqui modernidade como empregado por Giddens (2002) para explicar de que forma a sociedade industrial entre o final do século XVII e início do século XVIII é

admitida como objeto de análise da sociologia: “instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo” (Giddens, 2002, p.21), cuja forma social mais relevante é o estado-nação.

Para Giddens (2002), as instituições modernas são marcadas por certas discontinuidades com as culturas e modos de vida anteriores. Caminha-se no sentido de ultrapassar a concepção do sujeito cujas estruturas estavam ancoradas no divino, portanto, impossibilitando quaisquer mudanças na ordem secular que mantinha fixos o status, a classificação e a posição da pessoa. Ele acredita que, nesse contexto, o ritmo mais rápido da mudança social afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes com maior amplitude e profundidade. A noção de sujeito sociológico, característico da modernidade

refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 1999, p.11).

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 1999, p.11-12).

Para Maia & Pereira (2009), a sociedade como objeto da sociologia na modernidade – fruto da necessidade de construir argumentos específicos para explicar o social como uma esfera específica da vida humana, “regida por processos e causas que não dependeriam totalmente do livre-arbítrio dos homens” (Maia; Pereira, 2009, p.9) – carrega a marca da industrialização e de novas formas de produção material, associada a uma intensa divisão do trabalho social entre os homens. Para os autores, a obra de Auguste Comte (1798-1857), cuja perspectiva positivista caracterizava a organização racional do trabalho com a aplicação de métodos científicos para compreender as causas dos fenômenos, marca esse estágio da sociologia, que partilharia com “outros ramos do conhecimento humano o mesmo espírito positivo que marcaria a modernidade industrial, mas diferenciando-se pela singularidade de seu objeto de estudo, que não poderia ser explicado por

aspectos biológicos, psicológicos etc.” (Maia; Pereira, 2009, p.11). O filósofo francês Comte firma as bases de um dos espaços clássicos da sociologia como ciência de conhecimento e organização da sociedade industrial europeia.

À organização racional da vida social na modernidade, para Ortiz (2007), corresponde um estilo de vida, um modo de ser, que rearticula o tecido social e promove relações sociais deslocadas dos contextos territoriais de interação. A sociedade industrial promove um novo tipo de estrutura social em âmbito nacional, quando a concepção de nação se constitui historicamente através da modernidade. O capitalismo é, para Giddens (2002), uma segunda dimensão institucional da modernidade, forçando um sistema de produção de mercadorias envolvidas no desenvolvimento de mercados competitivos e a mercantilização da força de trabalho.

A divisão do trabalho, fenômeno característico da modernidade, produziu o argumento de uma solidariedade social orgânica na obra de Durkheim, inspirado pelo positivismo de Comte. Maia & Pereira (2009) explicam que Durkheim atribuía à divisão do trabalho uma função moral visando à integração de funções diferentes e complementares, alinhada com a necessidade de reorganizar novos espaços de associação e sociabilidade entre os indivíduos, a fim de ordenar as relações funcionais na sociedade. A integração entre as funções nas relações sociais, na obra do sociólogo francês, se opunha à anomia – caracterizada “pela ausência de regras morais eficazes, capazes de ordenar as relações funcionais na sociedade industrial moderna, o que impedia que os interesses de grupos e indivíduos fossem disciplinados” (Maia; Pereira, 2009, p.12).

Para Simmel (2006), a necessidade suprema de liberdade encontrou sua consciência mais desenvolvida e seus efeitos mais acentuados no século XVIII: desde a livre concorrência prescrita na abordagem econômica como a ordem natural das coisas até a formulação política da Revolução Francesa, que elevava a liberdade individual ao seu ápice, a ponto de proibir que os trabalhadores se associassem para defender interesses próprios. As formas de vida socialmente válidas que mantinham os sujeitos condicionados a estamentos de uma sociedade da irracionalidade são ultrapassadas pelos valores internos e externos e pelas capacidades política,

religiosa e econômica que, então, podem ser desenvolvidas sem impedimentos e conduzir as instituições e os indivíduos à sociedade da racionalidade natural.

Essa tendência foi sustentada por uma corrente histórica ainda mais profunda, pelo peculiar conceito de natureza presente no espírito daquele tempo. Os interesses teóricos do século XVIII estavam totalmente orientados para as ciências naturais. Continuando o trabalho do século XVII, instituíram o conceito de lei natural como o mais elevado ideal de conhecimento. Para este, porém, desaparece a individualidade autêntica e tudo o que há de incomparável e inalienável na existência individual. Aqui vigora somente a lei universal, e cada fenômeno, um ser humano ou uma mancha nebulosa na Via Láctea, não passa de um caso singular daquela lei, e, mesmo na total impossibilidade de repetir sua forma, é apenas um ponto de cruzamento e um conjunto solucionável de leis conceituais gerais (SIMMEL, 2006, p.96)

Até o século XVIII, os grandes processos da vida moderna permaneceram centrados no indivíduo, influenciando grande parte da história da filosofia, assim como aspectos da ordem social, econômica e religiosa (Hall, 1999, p.28). Hall (1999) afirma que, a partir do final do século XVIII, à medida em que as sociedades iam se tornando mais complexas, também foram adquirindo uma forma mais coletiva e social. Nesse sentido, surge então uma concepção mais social também do sujeito, agora localizado dentro das estruturas que sustentam a sociedade moderna. Com isso, as antigas teorias clássicas liberais, baseadas nos direitos e consentimentos individuais, viram-se diante da obrigação de se adaptar às estruturas do estado-nação para atender aos anseios das massas que fazem parte de uma democracia moderna.

Dentro desse quadro, dois importantes eventos contribuíram para designar esse sujeito moderno que vai se acomodando dentro da estrutura social em transformação, sendo um deles o fato de que “o sujeito foi ‘biologizado’ – a razão tinha uma base na Natureza e a mente, um ‘fundamento’ no desenvolvimento físico do cérebro humano” (Hall, 1999, p.30). O segundo teria sido o surgimento das novas Ciências Sociais, que, para Hall, baseado no dualismo típico do pensamento cartesiano, institui a divisão entre a psicologia e a sociologia, quando a partir de então “o estudo do indivíduo e de seus processos mentais tornou-se o objeto de estudo especial e privilegiado da psicologia” (Hall, 1999, p.31).

É dentro dessa estrutura em transformação que encontro a primeira parte de um referencial teórico capaz de encaminhar a análise que pode tentar explicar

heranças das teorias sobre as formas de exprimir o amor em relacionamentos afetivos: Émile Durkheim (1858-1917) e Marcel Mauss (1872-1950) são contemporâneos daquela fase e suas teses sobre o par indivíduo-sociedade são marcas do período para a sociologia e a antropologia. É de 1895 a formulação de Durkheim de um projeto teórico-metodológico para a nova disciplina da sociologia em que determina como unidade de análise o “fato social”. “Este é definido como algo que ‘existe fora das consciências individuais’, sendo capaz de exercer uma ação coercitiva sobre a vontade individual” (Rezende; Coelho, 2010, p.46).

Isso significa que essa capacidade de coerção externa sobre o indivíduo atestaria a natureza social de um fato, aquilo que é capaz de coagir a vontade individual. Para Durkheim (2011), as constituições, os códigos penais, a condenação pela opinião pública ou os costumes são exemplos dessa característica do fato social que se sobrepõe à consciência individual. Para Quintaneiro et al., (2002), a teoria sociológica de Durkheim está baseada na premissa de que a sociedade “avança no sentido de seu gradual aperfeiçoamento, governada por uma força inexorável: a lei do progresso” (Quintaneiro et al. 2002, p.68). Nessa concepção sociológica, a identidade, nas palavras de Hall (1999), costura o sujeito à estrutura, promovendo uma estabilização dele com os mundos culturais que habita, fortalecendo a reciprocidade entre as partes e tornando-os mais unificados e predizíveis.

Durkheim ([1895] 2011) acredita que o termo coerção, admitido para explicar os fatos sociais, confrontava os ideais do indivíduo perfeitamente autônomo que dependeria unicamente de si próprio. “Uma vez, porém, que é hoje incontestável que a maior parte das nossas ideias e tendências não são elaboradas por nós, mas antes nos vêm do exterior, elas só podem penetrar em nós impondo-se; é a isto apenas o que nossa definição significa” (Durkheim, 2011, p.33). O sociólogo afirma que os fatos sociais ocorreriam onde houvesse uma organização definida, quando o poder de coerção externa é capaz de arrastar o indivíduo contra sua vontade. Qualquer um que tente opor-se a essas manifestações coletivas, sentirá a força do sentimento negativo voltar-se contra si próprio.

A sociedade moderna de Durkheim, que busca um novo sistema científico e moral mais alinhado com a ordem industrial emergente depois de 1789, toma a vida

coletiva não somente como uma imagem ampliada da individual, “mas um ser distinto, mais complexo, e irreduzível às partes que o formam” (Quintaneiro et al., 2002, p.68). Nesse sentido, a sociedade superaria o aspecto de simples coleção de indivíduos movidos por interesses particulares para constituir-se em um corpo moral com regras e uma consciência coletiva (Maia; Pereira, 2009).

Mesmo numa sociedade mais diferenciada e com forte presença do individualismo seria possível identificar a presença de regras – explícitas ou costumeiras – que obrigavam os homens a terem certos modos de agir e certas relações com outros. Na sociologia durkheimiana, a própria valorização do individualismo seria explicada como resultado de um consenso moral que seria extraindividual (MAIA; PEREIRA, 2009, p.13)

No entanto, foi também um trabalho de Durkheim que, segundo Rezende e Coelho (2010), sugeriu que o social poderia, ao mesmo tempo, ser uma condição externa – “fato social” – e interna do indivíduo. Discutindo ritos e crenças religiosas, ele chegou à definição do conceito de “efervescência”. “A ‘efervescência’ é um estado alterado da atividade psíquica individual, que somente se produz quando o sujeito está imerso em meio a uma coletividade, cuja marca é a intensidade” (Rezende; Coelho, 2010, p.47). É neste ponto que, para as autoras, essa possibilidade advinda da “efervescência”, ao mesmo tempo em que atesta a coerção do fato social sobre o indivíduo, sugere que o social pode estar também dentro dele, visto que a existência de um fenômeno coletivo poderia ser capaz de alterar o estado de consciência individual. Para Lanna (2015), em Durkheim é através da “efervescência coletiva que os homens fariam símbolos, totens, emblemas. Estes seriam rebatimentos, reflexos de uma morfologia, via ritual; rito e efervescência coletiva seriam meios para a construção da vida social” (Lanna, 2015, p.68).

Quintaneiro et al. (2002) acreditam que o método positivista de Durkheim para constituir uma sociologia assentada em bases empíricas sólidas possa gerar controvérsias que o identificariam com tendências conservadoras do pensamento político e social da época. Porém, ressaltam, Durkheim também foi capaz de jogar luz sobre o surgimento de novas crenças, ideais e representações característicos daquele período revolucionário e de grande intensidade da vida social. Na perspectiva desta pesquisa, porém, admito seguir mais inclinado a concordar com Hall (1999), quando aponta que alguns sociólogos pensaram a sociedade como “um

todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo” (Hall, 1999, p.17). É preciso ver a sociedade “constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma” (Hall, 1999, p.17), isso porque acredito que uma multiplicidade de identidades fragmentadas está se constituindo no âmbito microssocial e provocando desestabilização nas representações sociais, em um ciclo contínuo de propagação, oposição e criação.

Em um momento seguinte, a sociologia, segundo Hall (1999), volta-se para a crítica do “‘individualismo racional’ do sujeito cartesiano” (Hall, 1999, p.31), que estaria inserido em processos de grupo e normas coletivas que prevaleciam sobre quaisquer contratos individuais, estabelecendo que os indivíduos são formados subjetivamente através de relações sociais mais amplas, mas que ao mesmo tempo, inversamente, as estruturas e os processos sociais são sustentados pelos papéis que os indivíduos desempenham neles. “Essa ‘internalização do exterior no sujeito, e essa ‘externalização’ do interior, através da ação no mundo social, constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno (...)” (Hall, 1999, p.31).

Contudo, a integração do indivíduo na sociedade sempre fora uma preocupação de longa data da Sociologia, segundo Hall (1999), e os primeiros sinais de reorientação sobre as perspectivas analíticas pareciam mais próximos no início do século XX. Rezende & Coelho (2010) creditam a Marcel Mauss um avanço sobre essa reflexão do par indivíduo-sociedade a partir dos trabalhos de Durkheim. Com um estudo do ritual oral dos cultos funerários australianos, Mauss ([1926] 1980) analisa dados etnográficos que o levam a evidenciar a dimensão de linguagem dessa expressão, observando o ritual e a sincronização das demonstrações de pesar. Para Mauss, o que muda é “‘a etiologia’ do sentimento, o qual, ao invés de provir espontaneamente do íntimo de cada indivíduo, é gerado de ‘fora para dentro’” (Coelho, 2006, p.54). Porém, afirmam as autoras, a conclusão de Mauss não faz com que seja menos verdadeiro o sentimento experimentado pelo sujeito numa ocasião como essa.

(...) todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões

compreendidas, em suma, uma linguagem. Estes gritos são como frases e palavras. É preciso dizê-las, mas se é preciso dizê-las é porque todo o grupo as compreende. A pessoa, portanto, faz mais do que manifestar os seus sentimentos, ela os manifesta a outrem, visto que é mister manifestar-lhos. Ela os manifesta a si mesma exprimindo-os aos outros e por conta dos outros. (MAUSS, 1980, p.332)

Mauss, segundo Lanna (2015), promove uma transformação da sociologia de Durkheim “que resulta em um prolongamento, mas também em várias correções de curso e em um englobamento desta por uma antropologia” (Lanna, 2015, p.66). Mauss teria ido em direção contrária à tese de Durkheim, a qual atestava que uma experiência bem-feita poderia ter validade universal. E, gradativamente, ao atribuir cada vez menos importância à oposição entre sagrado e profano, abdica da noção de sagrado para explicar de forma generalizante os fenômenos, religiosos ou não. Tal noção é substituída por um conceito de relação: “a interação entendida como uma manifestação factual, comportamental da relação” (Lanna, 2015, p.69), conferindo, então, maior importância ao conceptual, passando a enfatizar os aspectos mental, interno, subjetivo, categórico e simbólico da vida social.

Por outro lado, para Dumont (1985), Mauss empenhou-se em resguardar a memória de Durkheim, mais interessado em manter viva a inspiração comum a ambos do que em insistir nas divergências de detalhes. Carregando a concepção de solidariedade no trabalho coletivo, Mauss era capaz de atribuir sentido ao gesto mais insignificante circulando no social, pois acreditava que muitas ideias e maneiras de fazer humanas dotadas de valor estavam por toda parte aguardando para serem registradas. “Com Mauss, a estreita cultura clássica em que havíamos sido criados explodia num humanismo mais amplo, mais real, abrangendo todos os povos, todas as classes, todas as atividades” (Dumont, 1985, p.182). Discípulo de Mauss, Dumont resgata uma máxima de seu mestre, para quem a explicação sociológica termina quando se compreendeu o que é que as pessoas creem e pensam, e quem são as pessoas que creem e pensam isso.

Rezende & Coelho (2010) afirmam que a tese de Mauss tornou-se um marco do estudo antropológico das emoções, que passou a enfatizar o elemento do contexto em que se manifestam os conceitos emotivos, buscando ir além das relativizações para analisar sob um ponto de vista pragmático as situações sociais específicas em que eles são expressos. E que a principal preocupação dessa

abordagem é mostrar como o próprio significado varia dentro de um mesmo grupo social, dependendo das circunstâncias em que se manifestam, e atentar para as consequências da expressão dos sentimentos nas relações sociais e de poder. Para as autoras, é a partir daquela perspectiva de Mauss que surge um modelo teórico para situar as emoções como objeto das ciências sociais e “da percepção ocidental moderna das emoções como provenientes do íntimo de cada um”, estabelecendo uma tensão de âmbito individual com a representação delas como algo “histórica, social e culturalmente configurado” (Rezende; Coelho, 2010, p.49).

No entanto, esse quadro responsável pela consolidação do modelo sociológico interativo de “reciprocidade estável entre ‘interior’ e ‘exterior’” (Hall, 1999, p.32) que vai dar forma disciplinar às ciências sociais, estava prestes a se confrontar com outro que começava a “emergir dos movimentos estéticos e intelectuais associado com o surgimento do Modernismo” (Hall, 1999, p.32). Porém, antes de chegar à modernidade tardia, nos termos de Hall (1999) marcada pelo início da segunda metade do século XX, acredito ser relevante incorporar a esta pesquisa o legado de Gabriel Tarde (1843-1904). Não como uma oposição a Durkheim (1858-1917), como é comum, ou a Mauss (1872-1950), mas como um método complementar para compreender a relação do par indivíduo-sociedade, “entre a interioridade abstrata de estruturas psicológicas e a exterioridade representativa das coletividades sociais” (Themudo, 2002, p.7), a fim de pensar as várias formas de organização e composição de transformação do social. Para Themudo (2002), buscando superar o pensamento sobre a interioridade da produção social, cujas bases estavam sustentadas pela ideia de um sujeito transcendental, Tarde aponta na direção de pensar a subjetividade produzida intrinsecamente com os processos coletivos, ao mesmo tempo em que se admite que tais processos são composições subjetivas complexas instáveis, cujas dinâmicas se movem entre esses dois campos.

Em vez de apreender o social em estados mais visíveis e gerais, marcados por uma consciência coletiva e independente de fatores individuais para se estabelecer, Tarde estava interessado em questionar as pequenas e infinitesimais estruturas que constituem e alteram o estudo do social, introduzindo o problema da subjetividade no interior dos estudos sociológicos através dessa dinâmica microssocial. Segundo Themudo (2002), o que há para Tarde, no lugar de coerção sobre comportamentos

subjetivos, são “subjetividades em relação, em sobreposição, agenciadas, relacionadas, de maneira específica” (Themudo, 2002, p.8).

O que interessará a Tarde, portanto, não é o universo das grandes representações, mas o mundo molecular das pequenas composições e transformações, e isto pelo simples fato desse processo molecular ser a condição de possibilidade de engendramento de dimensões molares do social. As transformações da linguagem, por exemplo, no decorrer da evolução das sociedades humanas nunca se dá através de grandes cortes, não surgem de um dia para o outro como que por decreto. Uma verdadeira genealogia da linguagem deve se apresentar como resultado de pequenas transformações infinitesimais, pequenas criações surgidas aqui e acolá, de intensidades bem diferentes, conjugadas e propagadas até conquistarem uma consistência social que lhes dê visibilidade (THEMUDO, 2002, p.9)

Para Vargas (2010), enquanto Durkheim se empenha para constituir o caráter autônomo da sociologia como ciência partindo de uma ruptura radical com a filosofia, Tarde vai extrair da filosofia a hipótese que orienta seu ponto de vista sociológico. Com Tarde ([1895] 2018), a caracterização do processo de subjetivação é dada pelo composto plural de crenças e desejos diferenciais carregados pelos indivíduos em constantes interações no tecido social, transmitindo uns aos outros um fluxo propagado através da imitação. Nesse sentido, a imitação é o processo elementar de construção do social caracterizada pela ação de um indivíduo sobre o outro, quando uma subjetividade se põe frente à outra e age impulsionando e até mesmo transformando forças que não se resumem, nem se esgotam neles. Ao mesmo tempo, as oposições e adaptações representam os processos de transformação do social.

A meu ver, os dois estados da alma, ou melhor, as duas forças da alma chamadas crença e desejo, de onde derivam a afirmação e a vontade, apresentam esse caráter eminente e distintivo. Pela universalidade de sua presença em todo fenômeno psicológico do homem ou do animal, pela homogeneidade de sua natureza de um extremo a outro de sua imensa escala, desde a menor inclinação a crer e a desejar até a certeza e a paixão, enfim, por sua mútua penetração e por outros traços de similitude não menos impressionantes, a crença e o desejo desempenham no eu, com relação às sensações, precisamente o papel exterior do espaço e do tempo com relação aos elementos materiais. Caberia examinar se essa analogia não encobriria uma identidade, se, em vez de serem simplesmente formas de nossa sensibilidade, como afirmou seu mais profundo analista, o espaço e o tempo não seriam eventualmente noções primitivas ou quase sensações

contínuas e originais pelas quais se traduziriam a nós, graças às nossas duas faculdades de crer e de desejar, fonte comum de todo julgamento e, portanto, de toda noção, os graus e os modos de crença, os graus e modos de desejo dos agentes psíquicos diferentes de nós (TARDE, 1895, p.66).

É por essa razão que, ressalta Themudo (2002), Tarde deixa como legado à sociologia a evidência de que, como ciência, ela deve ser constituída enquanto psicologia social, como uma sociologia das formações subjetivas. Para o autor, Tarde atesta que o mundo social e o sujeito individual não poderiam mais ser tomados como dois universos específicos e intransponíveis: “imitamos aquilo que nos afeta, que nos marca, que age sobre nosso corpo; e o que nos afeta são justamente fluxos de crença e desejo vindos de fora: de outro tempo, de outro clima, de um outro sabor e sentimento” (Themudo, 2002, p. 4).

Em um paralelo com a psicologia social, cabe admitir que tais fluxos estão implicados com a teoria das representações tal como em Moscovici (2015): são compartilhadas entre os indivíduos, penetram e são capazes de influenciar a mente de cada um, sem que tenham necessariamente sido elaboradas por eles. E conclui: elas são “re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (Moscovici, 2015, p.37). Da mesma forma que Tarde acredita que o indivíduo não pode ser tomado como uma entidade metafísica e abstrata, Moscovici explica que as representações não são criadas por um indivíduo isoladamente. “Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações” (Moscovici, 2015, p.41) – essas últimas são as oposições e adaptações de Tarde, como demonstrado acima. Como as interações humanas estão centradas em acontecimentos, psicologicamente representadas em cada uma das partes que interage, sejam pessoas ou grupos, “o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade” (Moscovici, 2015, p.40).

Para Hall (2016), a representação produz sentido através da linguagem que é compartilhada pelo mapa conceitual dos sujeitos em interações a cada contexto. Na representação são usados diferentes *signos* organizados em linguagens de diferentes tipos para referenciar objetos, pessoas, eventos e acontecimentos no mundo “real” (Hall, 2016, p. 53).

Os signos, por sua vez, só podem transportar sentidos se possuímos códigos que nos permitam traduzir nossos conceitos em linguagens – e vice-versa. Esses códigos, que são cruciais para o sentido e a representação, não existem na natureza, mas são o resultado de convenções sociais. Eles formam uma parte crucial da nossa cultura – nossos “mapas de sentido compartilhados” – que aprendemos e, inconscientemente, internalizamos quando dela nos tornamos membros. Essa abordagem construtivista para a linguagem então introduz o domínio simbólico da vida, em que palavras e coisas funcionam como signos, no coração da própria vida social (HALL, 2016, p.54)

A medida em que essas teorias podem encaminhar a investigação a que esta tese se propõe parte da sociologia de Mauss, seu profundo interesse pelos dados e seu comprometimento com a ideia de que o conhecimento de fato deveria mudar as teorias, uma vez que não haveria teoria *per se*, mas, sim, um esforço intelectual para transformar aqueles dados em fatos estabelecidos – constatação que é fruto do contato de suas ideias com a história, geografia, filosofia e psicologia. Além daquele modelo teórico citado anteriormente, que contribuiu para admitir as emoções como objeto de estudo das ciências sociais, interessa aqui, em particular, a tese em *Essai sur le don* [Ensaio sobre a dádiva] ([1925] 2008), que joga luz sobre o “fato social total”, quando a complexidade do todo que forma a sociedade – sendo esse todo marcado pela importância das diferenças e das separações – pode ser capturado em complexos menos extensos sobre os quais deslocamos atenção para compreensão – no caso de Mauss, condensado no *potlatch*²⁶ da sociedade formada por indígenas da costa noroeste da Melanésia.

Tal compreensão dos dados no “fato social total” não significa apenas capturar as inter-relações decompostas em elementos para análise. Tampouco, segundo Dumont (1985), trata-se somente da “compreensão do interior, essa faculdade extraordinária que promana da unidade da humanidade e pela qual podemos identificar-nos, em certas condições, com pessoas que vivem em outras

²⁶ “Potlatch: palavra de origem ameríndia que significa ‘presente’ ou ‘dádiva’. Entre algumas tribos índias da costa noroeste dos Estados Unidos, como os chinuques, é o nome dado a uma festividade de inverno com distribuição ou troca de presentes, envolvendo frequentemente a dissipação dos bens do anfitrião” (DUMONT, 1985, p. 191)

Ainda sobre o termo, Dumont (1985) explica: “Aí temos o fato típico cujo estudo científico bastaria para estabelecer uma lei ou, antes, como eu gostaria de dizer mais exatamente, um fato que obriga o observador, se o observador é Mauss, a transcender as categorias através das quais se aproxima daquele. Trata-se, no presente caso, de ideias do senso comum, ou econômicas, da dádiva e da troca. Elas são cotejadas com um *corpus* de dados e, desse confronto, resulta a categoria do potlatch como ‘prestação total do caráter agonístico’” (DUMONT, 1985, p.191-192)

sociedades, e pensar de acordo com as categorias delas” (Dumont, 1985, p.196). Em um esforço para reconhecer que categorias como religião, direito e moral, economia, entre outras, são fixadas pelo curso histórico das civilizações, o mesmo que produz a ciência, Mauss encoraja que se ultrapasse o senso comum onde tais categorias estão inseridas no pensamento sociológico. Compreender, portanto, na etapa experimental (Dumont, 1985) da sociologia, no legado de Mauss, consiste em abranger, sem limites, categorias propriamente científicas na antropologia, oriundas da “contradição entre as nossas categorias e as categorias dos outros, de um conflito entre a teoria e os dados” (Dumont, 1985, p.196).

Essa contradição atribui um valor particular à antropologia, pois nos leva a admitir que os processos da experiência e da conceituação não são separados, pois no interior dessa disciplina sociológica a experiência reage sobre os próprios conceitos para a construção dos conceitos científicos, através da identificação do observador com o observado, segundo Dumont (1985). Para Velho (1997), o antropólogo deve ser capaz de distinguir áreas e domínios com certo grau de especificidade na sociedade, a fim de evitar impor suas classificações a culturas com critérios e crenças que podem ser tanto completamente semelhantes aos dele, ou totalmente diferentes, a depender do contexto. E é esse aspecto que está presente em pesquisas como esta, que busca compreender a pluralidade de existências e situações sociais na expressão do amor entre as jovens – quem são, o que sentem e como elas expressam o que sentem. Pois se há uma disciplina capaz de capturar e dar conta dessa dimensão subjetiva das pessoas nos dias de hoje, sem dúvidas é a antropologia, mais especificamente seu método etnográfico, sobre o qual me debruço como inspiração para ir a campo.

Quanto a tese de Tarde, o esforço de aproximá-la desta pesquisa tem duas razões, sendo a primeira delas porque acredito que ambos, Mauss e Tarde, ainda que em paralelo, produziram esforços visando a afastar o objeto de estudo da sociologia do cientificismo positivista predominante até então. Mauss pelas razões que citei acima, combinando sujeito e objeto na experimentação que consolidou a antropologia social, cujo objeto de estudo se caracteriza pela relação entre o desempenho de papéis e os conjuntos de símbolos dos quais as pessoas farão uso nas suas interações e opções cotidianas, “num processo criativo ininterrupto havendo alguns mais eficazes e duradouros do que outros” (Velho, 1997, p.15).

Tarde porque acreditava que era preciso ir contra o positivismo do organismo social valorizando “o desejo, a história, os fluxos intensivos do social e seu movimento de metamorfose e bifurcação no tempo” (Themudo, 2002, p.86), sem que isso, no entanto, representasse um afastamento entre seu pensamento e a ciência.

A segunda razão é porque enxergo na teoria de Tarde a oportunidade de alcançar a subjetividade contida na expressão do sentimento a partir do discurso emocional que estaria tensionado entre a intimidade das jovens interlocutoras desta pesquisa e as dinâmicas microssociais com as quais estão envolvidas – não a única maneira, mas certamente uma das mais profícuas. Como Tarde, acredito que é preciso jogar luz sobre as menores unidades que agitam os processos internos do social dentro das coletividades humanas, tal como intenciono aqui junto a um grupo de jovens mulheres, a fim de encontrar, ver, conhecer e, em seguida, compreender a potencialidade da complexa teia de relações nos relacionamentos amorosos inseridos nas culturas juvenis. Pelo discurso emocional, formulado a partir de experiências em relacionamentos afetivos, pretendo trazer para análise os resultados entre o confronto das nossas categorias contemporâneas de expressão do amor na cultura juvenil brasileira e as categorias da juventude localizadas no interior de seus processos de imitação, oposição e adaptação. Entendo que as ideias de Mauss e Tarde estão, em alguma medida, alinhadas a ponto de me permitir contar com ambas, sem prejuízo de qualquer uma delas em detrimento da outra, para alcançar as linguagens da gramática do amor nesse contexto.

Mas a tese de Tarde também é oportuna por outra razão: fundamentada em um princípio da termodinâmica²⁷, sua concepção prevê que tanto o espírito quanto o social são regidos por dois axiomas, um que busca o equilíbrio, outro que busca a máxima potência das forças que o animam. Nesse sentido, as sociedades, da mesma forma que os indivíduos, são movidas para satisfazer, ao mesmo tempo, seus desejos de equilíbrio e de crescimento permanente da crença e do desejo. “Para Tarde, um máximo ideal representaria um máximo de adaptações possíveis de que um corpo é capaz; ou seja, um máximo de desenvolvimento de singularidades de invenções” (Themudo, 2002, p.91). Considerando que dentro desse corpo social as

²⁷ De acordo com Themudo (2002), Tarde não foi o único a realizar essa aproximação das leis de funcionamento da sociedade com as leis da termodinâmica, mas é reconhecido como o que conseguiu melhor perceber as contribuições da termodinâmica ao social (2002, p.90).

interações humanas são marcadas por imitação, oposição e invenções/adaptações, Tarde sugere jogar luz sobre a potência das oposições, que são os processos de transformação do social carregados pelos fluxos de crenças e desejos, que podem culminar com as adaptações ou invenções capazes de ressoar entre todos os micro acontecimentos do sistema. Dessa forma, compreende-se o social como sistema vivo e sensível, expandido pela ressonância de novas intensidades provocadas pelas séries imitativas, de oposição e de criação.

Logo, uma análise do social, para Tarde, deve orientar-se pelo estudo da ressonância entre as séries imitativas – responsáveis por estabelecer o equilíbrio – assim como de seus efeitos de repetição, oposição e adaptação. Enquanto a imitação propaga as forças de todo e qualquer sistema social, a invenção é produto das operações através das quais o sistema se renova. Isso quer dizer que do cruzamento diferencial entre séries provocado pelo atravessamento entre subjetividades afetivas, localizamos uma região de instabilidade, uma nova criação que deve encadear uma nova razão de série, potencializada pela diferença instaurada nas subjetividades e nas sociedades.

No âmbito desta tese, porém, isso não significa que a ênfase recaia somente sobre potenciais rupturas provocadas nas linguagens da expressão do amor nos relacionamentos amorosos, tanto porque as adaptações na sociedade, fruto das instabilidades, podem levar algum tempo – maior que o dos dados desta pesquisa – até que alcancem o tecido social partindo do microsocial, quanto porque é preciso relacionar com aquelas séries imitativas todas as circunstâncias em que os cruzamentos entre subjetividades ocorreram nos contextos social, político, econômico e geográfico aqui delimitado, incorrendo em uma investigação histórica. Na verdade, o que interessa é a dimensão da diferença que é introduzida nas subjetividades da juventude no entrecruzamento de suas crenças e desejos com as representações sociais do amor romântico. Em outras palavras, espero ser capaz de descrever ao menos partes da gênese da instabilidade constituída nos processos das relações românticas das jovens, assim como produzir categorias analíticas à luz da antropologia social que indiquem certas tensões geradas sobre a linguagem daquele relacionamento afetivo para esse grupo.

Partindo desse referencial teórico, discorro a seguir sobre o contexto em que o objeto de pesquisa está localizado e as configurações do cenário social para encaminhar as práticas de análise da pesquisa, cujos dados coletados estão situados nas duas primeiras décadas do século XXI, entre os anos de 2001 e 2021.

2.2. Estudos culturais e a micropolítica da emoção nos projetos individuais

A triangulação metodológica que visa a gerar conhecimento para esta pesquisa, conforme explicado no primeiro capítulo, faz uso, entre outras fontes de dados, de um conjunto de resultados e categorias analíticas oriundos das representações sociais sobre relacionamentos amorosos na juventude inseridos no discurso da mídia, dentro de um veículo jornalístico. O método da análise interpretativa de conteúdo (Pereira, em fase de elaboração), além de apontar as práticas de coleta, seleção e interpretação dos dados, requer que as categorias de análise decorrentes estejam circunscritas no social, portanto, que sejam compreendidas à luz das teias de significados e relações pelas quais se movem os indivíduos na sociedade.

Dado que a pesquisa está partindo do conteúdo selecionado sobre relacionamentos amorosos dentro da revista *Megazine*, sendo esta um produto da mídia com a capacidade de promover intervenções ativas na cultura, por meio do discurso e da representação, de forma material e simbólica, vou ao encontro das perspectivas teóricas dos estudos culturais para apoiar as práticas de análise e interpretação. Também é importante ressaltar que para o âmbito desta pesquisa outro aspecto relevante é o fato de que os estudos culturais contemplam interesse genuíno pela relação entre as configurações das tecnologias de comunicação e a cultura juvenil, visando à reflexão sobre as transformações que se desdobram nas sociedades.

É em decorrência de uma concepção ampliada do conceito de cultura, abrangendo relações entre esta, a história e a sociedade, enfatizando a atividade humana para produção ativa da cultura, que os meios de comunicação de massa recebem atenção da área de abrangência dos estudos culturais na década de 1970. Segundo Escosteguy (2001), os fundadores do campo dos estudos culturais –

Raymond Williams, E.P. Thompson e Richard Hoggart – orientam seus projetos com o intuito de abandonar o conceito de cultura como uma entidade homogênea, valorizando suas manifestações de formas distintas a cada formação social ou época da história. Além disso, eles admitem que a produção, distribuição e recepção das práticas culturais estão relacionadas a um grande número de intervenções ativas expressas através do discurso e da representação, ampliando a multiplicidade dos objetos a serem investigados, estando a cultura intrinsecamente ligada às relações de poder e às estratégias de mudanças sociais. Freire Filho (2007) sintetiza esses esforços como a tentativa de “situar o universo das ‘práticas significantes’ e da ‘vida cotidiana’ dentro de uma teorização neomarxista a respeito dos usos da cultura na reprodução e no questionamento social” (Freire Filho, 2007, p.20).

Sem dúvidas, um dos marcos dos estudos culturais de maior interesse para esta pesquisa são as rupturas teóricas provocadas pelos trabalhos em torno das diferenças de gênero e as estruturas de poder onde estão inseridas, abraçadas pelo movimento feminista, ainda na década de 1970. Escosteguy (2001) ressalta que, em seu período histórico de maior evidência, os estudos culturais incorporam, junto às subculturas pelas quais se interessam, as questões de gênero, que logo serviriam, inclusive, para delinear, no futuro, novos objetos de estudo, como as questões que envolvem etnia e raça.

Nas palavras de Hall (1999), o movimento feminista é responsável por um dos grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas que permitirá compreender a dimensão subjetiva e a pluralidade dos modos de vida vigentes a partir da segunda metade do século XX. Mais do que participar junto com outros movimentos da mesma época – revoltas estudantis, movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, lutas pelos direitos civis, movimentos pela paz, entre outros – do nascimento histórico da política de identidade, o feminismo, para Hall (1999), questionou a noção de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, incluiu questões relacionadas à formação das identidades sexuais e de gênero, contestou politicamente a subjetividade, a identidade e o processo de identificação dos papéis de homens e mulheres, mães e pais, filhos e filhas, entre outras contribuições.

Para Freire Filho (2007), é quando o conceito de cultura é associado a uma problemática de poder, produzindo questões que oscilam entre estruturas de dominação e resistência, que se constitui o protocolo analítico do campo de investigação dos estudos culturais,

(...) cujo objetivo principal é, em poucas palavras, esmiuçar (por meio de análises textuais e abordagens etnográficas) de que maneiras os recursos culturais funcionam tanto para forjar a aceitação do status quo e a dominação social quanto para habilitar e encorajar estratos subordinados a resistir à opressão e a contestar ideologias e estruturas de poder conservadoras (FREIRE FILHO, 2007, p.21)

No Brasil, a recepção das ideias associadas aos estudos culturais especificamente no campo da comunicação se dá em três fases distintas, segundo Escosteguy (2009). Na primeira delas, entre os anos 1960 e 1970, há pouca repercussão porque ainda prevalecia aqui uma ideia de que os fenômenos comunicacionais e seus respectivos produtos culturais atuavam como agentes mecânicos de reprodução social, excluindo a complexidade ativa da cultura midiática. Logo, a primeira tentativa de divulgação do trabalho de Raymond Williams, que se opunha àquele viés estruturalista e esquemático, tem baixa repercussão – o que é preciso compreender também reconhecendo a repressão e a censura aos meios de comunicação a partir de 1964 com a ditadura militar.

Entre o final dos anos 1980 e início da década seguinte, tomada como a segunda entre as três fases, os trabalhos de Raymond Williams e Richard Hoggart recebem atenção no campo da comunicação a partir da tese de Jesús Martín-Barbero e sua teoria das mediações. Para Escosteguy (2009), a grande contribuição de Martín-Barbero reside no fato de que suas ideias inserem os meios de comunicação na cultura de maneira articulada com as condições históricas estruturais, propondo como prática para tomar objetos de estudo a redescoberta do valor sociológico do cotidiano que poderia contribuir para uma perspectiva antropológica sobre a comunicação. “Ao situar os meios na cultura, reivindica a observação de dimensões do conflito social, de formação de novos sujeitos – calcada em diferenças regionais, de gênero, sexuais, de geração, de religião, entre outras – e de modos de resistência” (Escosteguy, 2009, p.5).

A segunda fase expande os estudos de recepção imersos na influência da perspectiva das mediações. Bem próximo do final da década de 1990, nesses estudos, as audiências, formadas pelos indivíduos que agem de forma ativa diante dos produtos culturais dos meios de comunicação, estão envolvidas em mediações sociais e culturais que relacionam a vida social com os variados significados da mídia, mas também dão importância ao valor da cultura das audiências na apropriação daqueles significados. Para Escosteguy (2009), a relação que se institui entre a cultura das audiências e a mídia passa pelas “posições ocupadas na estrutura social, apoiando-se com diferentes ênfases na posição de classe social, de gênero, de raça, de idade, de contexto (rural/urbano), de distintas identidades nacionais, regionais e étnicas, entre outras” (Escosteguy, 2009, p.5).

A ênfase desta pesquisa não está sobre estudos de recepção, tal como se desenvolveram até aquele período final da segunda fase, porém, acredito, está mais alinhada com outras perspectivas para os estudos culturais no país que levam à terceira fase, a que vivemos atualmente, como sugere Escosteguy (2009). Em sentido contrário aos estudos que produzem um enfoque fragmentado e esquemático do processo comunicativo e da comunicação, aqui interessa observá-los como um processo sociocultural com destaque para a ação de todos os sujeitos envolvidos na produção de sentido, tomando a comunicação como constitutiva de práticas sociais. Dessa forma, a presença da mídia nesta pesquisa, representada pela revista juvenil escolhida para análise como primeiro investimento metodológico, visa a resgatar a historicidade do objeto de estudo frente às questões que são caras à juventude hoje, indo ao encontro de “fluxos complexos de relação de poder, subjetividades construídas, fragmentárias e atividades locais e individualizadas” (Freire Filho, 2007, p.16)

É na busca pela superação de teorias que abordam os efeitos da mídia com ênfase sobre a suscetibilidade das emoções a aspectos do conteúdo ou do processo comunicativo, ou ainda, sobre a ação das emoções como uma variável capaz de provocar impactos em fenômenos e práticas comunicativas, interferindo na elaboração de mensagens e no processamento de notícias (Freire Filho, 2017, p.63), que as relações amorosas serão aqui investigadas, guiadas pela ótica dos estudos culturais, da antropologia das emoções e do método etnográfico. No cruzamento entre a análise da cultura, a expressão do sentimento e as relações de poder e de

estratégias de mudanças sociais, esta pesquisa visa a alcançar a unidade do discurso emocional das jovens interlocutoras permeado pelas representações sociais sobre relacionamentos amorosos, a partir de suas experiências individuais em relações afetivas românticas, para suscitar reflexões a respeito das linguagens da gramática do amor entre as jovens que vivem na cidade do Rio de Janeiro nesse início da segunda década do século XXI.

Nesse sentido, estou partindo da ideia de que o discurso emocional que se pretende alcançar está incutido no processo de individualização, marcado pela ambiguidade de fragmentação individual e totalização social, segundo Velho (1997, p.27). Ao admitir que o problema básico do que chamamos de cultura está relacionado com o que pode ser comunicado, Velho (1997) explica que há, em qualquer sociedade, uma contradição permanente entre “as particularizações de experiências restritas a certos segmentos, categorias, grupos e até indivíduos e a universalização de outras experiências que se expressam culturalmente através de conjuntos de símbolos homogeneizadores – paradigmas, temas etc.” (Velho, 1997, p.18). Nesse arranjo, os indivíduos em cada sociedade constituem projetos individuais como forma de enfatizar individualidade e ressaltar particularidade, ao mesmo tempo em que estão situados como agentes empíricos dentro de uma categoria mais ampla e significativa, a fim de lidar com a ambiguidade entre a fragmentação e a totalização.

Projeto, nas palavras de Velho (1997) não é um fenômeno puramente interno e subjetivo, visto que é formulado dentro de um “*campo de possibilidades*”, localizado histórica e culturalmente tanto a partir da própria noção de indivíduo quanto dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Principalmente, a característica mais marcante do projeto, na perspectiva de Velho (1997), é sua possibilidade de comunicação, pois o projeto é algo que pode ser comunicado através de uma linguagem e de um código que o potencializa quando é verbalizado. Além disso, um projeto só existe na medida em que expressa uma linguagem que visa o outro: “sua matéria-prima é cultural e, em alguma medida, tem de ‘fazer sentido’ num processo de interação com os contemporâneos, mesmo que seja rejeitado” (Velho, 1997, p.29). Da mesma forma, projetos individuais também estão sujeitos à ação de outros atores sociais e às mudanças sócio-históricas, marcando sua característica essencialmente dinâmica.

Essa experiência da originalidade da experiência individual constitui um dos pontos centrais da relação entre ciências sociais e ciências do comportamento individual. Por mais que seja possível explicar sociologicamente as variáveis que se articulam e atuam sobre biografias específicas, há sempre algo irreduzível, não devido necessariamente a uma essência individual mas sim a uma combinação única de fatores psicológicos, sociais, históricos, impossível de ser repetida *ipsis litteris*. Mas, mesmo que o ator viva sua experiência como única, ele de alguma forma reconhece-se nos outros através de semelhanças e coincidências. Em certas culturas e/ou subculturas toda a atenção será dada às diferenças, enquanto em outras o foco privilegiado será a semelhança. Uma serão mais individualistas do que outras, na medida em que a unidade significativa de experiência for o indivíduo particular e idiossincrático, com suas peculiaridades sublinhadas (VELHO, 1997, p.30)

É na questão do método para se identificar um projeto individual que a teoria de Velho (1997) vai ao encontro do objeto de estudo desta tese. Ainda que experiências socioculturais, códigos, vivências e interações dos indivíduos, ou ainda, ações e especulações sobre suas motivações, possam ser interpretadas, para Velho (1997) é a verbalização através do discurso que poderá fornecer as indicações precisas sobre os projetos individuais, esses mesmos que se equilibram entre a fragmentação e a totalização. Além disso, outro aspecto relevante do projeto é que ele é constituído das emoções do indivíduo que estão interligadas. Como as sociedades comportam simultaneamente sentimentos e emoções que são valorizados, tolerados, dentro de padrões de normalidade, enquanto outros são inconvenientes, impróprios ou balizados por sanções vigentes, haverá sentimentos e emoções com maior e com menor potencial de viabilização, o que, para Velho (1997), justifica admitir que a sociologia dos projetos é, em alguma medida, a sociologia das emoções.

Seja a partir da gênese das oposições e criações das séries imitativas que se movem na sociedade, nos termos de Tarde, seja no equilíbrio entre fragmentação e totalização, como para Velho (1997), o discurso emocional como unidade de análise nesta pesquisa é um projeto de individualização que deve ser compreendido, pois faz parte da tensão que a esta tese interessa para reconhecer as continuidades e/ou rupturas das linguagens que estão diretamente relacionadas com a expressão do sentimento na gramática do amor romântico no âmbito da cultura juvenil carioca. O que se pretende, a partir desse arcabouço teórico, é seguir em busca das dimensões micropolíticas do sentimento articuladas aos contextos culturais e

históricos mais amplos, que são constituídas pelas jovens interlocutoras ao tensionar normas morais com seus afetos e sentimentos. Pois se “a emoção seria algo que existe somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida” (Rezende; Coelho, 2010, p.78), sigo em busca da capacidade que a experiência emocional individual teria de dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais, na perspectiva contextualista da “micropolítica da emoção” (Rezende; Coelho, 2010, p.78). Entre sentir e expressar o amor romântico em relações conjugais, conto com o discurso emocional das jovens como um idioma que define e negocia as relações sociais entre elas e as outras pessoas.

Esse idioma está incutido nos sistemas de representação, tal como definiu Hall (2016). O primeiro deles é o que permite que interpretem o mundo de forma inteligível e é dado pelo sentido atribuído, em cada contexto, aos “conceitos e imagens formados em nossos pensamentos, que podem ‘representar’ ou ‘se colocar como’ o mundo” (Hall, 2016, p.34). Assim, é possível atribuir sentido ao mundo por meio da elaboração de um conjunto de correspondências, ou de equivalências, entre pessoas, objetos, acontecimentos, ideias abstratas etc. e o sistema de conceitos (mapa conceitual) dos indivíduos, segundo Hall (2016) O segundo sistema é aquele que permite a representação e a troca de sentidos e conceitos, traduzindo o mapa conceitual compartilhado pelas jovens – a linguagem. Uma linguagem comum, dessa forma, é o que possibilita a correlação entre os conceitos e ideias com as palavras, os sons, as imagens, os gestos etc. Portanto, o interesse da pesquisa é observar a atuação desses sistemas desdobrados nas linguagens da gramática comum do amor nas culturas juvenis, partindo da experiência de análise dos *signos* (Hall, 2016, p.37) da comunicação com jovens na mídia.

No próximo capítulo, discorro sobre o conceito e os desdobramentos das narrativas sobre o amor a partir da modernidade, passando pela representação social do amor através dessas narrativas nos meios de comunicação, no início do século passado, até chegar à mídia especializada no público jovem e começar a primeira parte da análise interpretativa de conteúdo, um dos métodos da triangulação metodológica da tese.

3. Narrativas românticas e as representações sociais na análise interpretativa de conteúdo

Amar é... A sentença, título de uma obra em formato de quadrinhos, publicada em jornais e revistas impressos, fez muito sucesso entre as décadas de 1970 e o final de 1990. No original *Love is...*, os desenhos criados pela neozelandesa Kim Grove²⁸, no final dos anos 1960, foram a maneira que ela encontrou de expressar em forma de arte o amor que sentia pelo namorado. No Brasil, as tirinhas começaram a ser publicadas no jornal O Globo, com destaque na capa da edição de 02 de julho de 1972, data da estreia naquele veículo:

Amar é... um infinito de atitudes, todas insatisfatórias para compor a definição perfeita desse verbo que é a razão de ser da vida, sua origem e sua vocação. Numa frase carinhosa, numa outra engraçada, ou numa patética – nós vamos encontrar sempre uma compreensão parcial do universo que se contém na pequena palavra. A partir deste domingo, salpicados também nas páginas diárias de O GLOBO, o leitor vai encontrar este casal simbólico tentando definir o que é amar. Intelectuais, artistas, gente de televisão e do rádio, políticos e jornalistas, líderes de empresas e elementos das camadas populares serão convidados a dar as suas definições para o que é amar... E é claro que O GLOBO vai ouvir suas esposas ou namoradas e também convocará com especial atenção os jovens, numa tentativa de saber o que eles estão pensando sobre o amor.

Jornal O Globo – Capa – Ano XLVII – Rio de Janeiro, domingo, 02 de julho de 1972 número 14162

Essa apresentação na estreia da tirinha é bem significativa pela descrição que é feita sobre amor e até relevante para o contexto desta pesquisa. Além de publicados em um jornal impresso²⁹, os quadrinhos de “Amar é...” viraram álbum de figurinhas colecionáveis na década de 1980 e são certamente lembrados até hoje por quem viveu a adolescência nos anos 1990. O casal de bonequinhos sem roupas tinha sempre uma lição sobre amar para completar a sentença do título. Amar é... “compartilhar bons momentos”, “dividir o mesmo banco de jardim”, “presentear um ao outro”, “usar apelidos afetuosos”, “perseguir alegremente um ideal”, entre alegrias e tristezas, altos e baixos de um relacionamento amoroso. Embora a

²⁸ Love is. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Love_Is... Acesso em:

²⁹ A primeira publicação no jornal *O Globo* data de 02 de julho de 1972, mas não há menção nas fontes hoje disponíveis para consulta do próprio jornal, nem em outras fontes, sobre quando foi a última publicação.

singularidade da arte possa explicar seu enorme sucesso – chegando em mais de sessenta países no auge de sua popularidade – as lições sobre amar nos desenhos de Kim Grove estão entre inúmeras histórias inseridas em um contexto de narrativas sobre o amor e relacionamentos amorosos com as quais as pessoas se deparam há bastante tempo no Ocidente, como mostram algumas de suas criações na imagem abaixo (figura 2).



Figura 2: Publicações da tirinha ‘Amar é’ nas edições do jornal O Globo, respectivamente, nos dias 02/07/1977 - 16/07/1977 – 27/08/1977 - 17/08/1985

Narrativas são constituídas pela “apresentação de um acontecimento ou uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem e, mais particularmente, da linguagem escrita” (Genette, 2011, p.265). Para a História, a narrativa é “o principal elemento dos modos de representar os atos humanos (...). Esse representar, mediado pela narrativa, é inerente ao ser humano e serve para conhecer o mundo e experimentar prazer” (Freitas, 2009, p.173). Na história, nos estudos literários, na filosofia, na psicologia e na antropologia, o conceito de narrativa e suas estruturas já foram amplamente explorados, segundo Cunha (2015). Fato é que a construção social da realidade opera também há séculos através das forças que movem as narrativas pelo tempo, independente da complexidade que cada uma daquelas disciplinas possa admitir no interior de suas definições para o termo. E especialmente as narrativas no formato textual, disponíveis em distintos suportes midiáticos, ao longo dos séculos, contribuíram para a propagação e a manutenção de linguagens que preconizam, para mulheres e homens, formas de ser e de se reconhecer nas dinâmicas da sociabilidade.

Histórias de amor, romances literários, doutrinas religiosas, entre outras, carregam em suas narrativas o que se projetava ser amar, mas não necessariamente o que se sentia a respeito. Adão e Eva, Tristão e Isolda, Romeu e Julieta – entre a religião e a literatura, entre a Idade Média e a Modernidade, nas sociedades ocidentais circularam histórias que ainda hoje sustentam enredos de romances em livros, filmes, novelas, séries etc. A narrativa está na história contada do modo mais simples para apresentar o mundo a quem vive nele. Ela pode incluir desde os mitos da criação do universo e da criação das mulheres e dos homens até a mais precisa descrição das coisas e as explicações mais inteligíveis sobre a sobrevivência da humanidade. “Através de narrativas submetemos o mundo a nossas hipóteses. (...) e segundo recortes singulares e costuras originais, narram-se histórias verossímeis sobre os acontecimentos que sucedem” (Lázaro, 1996, p.10).

Os relacionamentos amorosos contemporâneos carregam marcas das narrativas com as quais convivemos no Ocidente há séculos. Situar no tempo aquelas que insistem continuamente em se fazer presentes pode ser o ponto de partida para aproximar-se das experiências vividas, hoje, por mulheres e homens em busca dessa relação afetiva. Estabelecer um marco no passado é fundamental para identificar as dinâmicas que se colocam diante dos relacionamentos amorosos agora. E as narrativas construídas em torno das histórias de amor na literatura, na religião, na filosofia e na cultura continuam semeando ideias sobre a plenitude de uma relação amorosa para uma realização existencial individual, ao mesmo tempo em que incorporam atravessamentos com os quais as linguagens do amor romântico precisam se confrontar no presente.

A leitura dessas narrativas permite observar a história, ou as histórias, que contamos sobre nós mesmos. Não uma história que seja um contínuo entre o passado e o presente, uma sucessão motivada e necessária de acontecimentos. Antes, histórias, narrativas circunstanciais sobre o modo como o amor nos torna humanos. Elas se fecham, contém uma forma de futuro, falam de amor. A discussão com o passado pode ser uma oportunidade de observar que perguntas se formularam, como foram respondidas, como se recorta aquilo que é o acontecimento amoroso, o que em nós nos torna singularmente humanos? O passado interessa como um campo do possível (LÁZARO, 1996, p.12)

Decerto que não se pode admitir abraçar aquelas narrativas como forma prioritária de explicar o presente ou o que sentem os amantes que se engajam na

jornada romântica em nossos dias. Quando recorremos a elas, faz-se necessário observar que não apenas o que é dito importa, mas também para quem é dito, como se pretende que seja entendido, além de reconhecer as relações que envolvem o meio onde estavam inseridas quando foram concebidas. E ainda que a tradição cultural no Ocidente nos permita encontrar a repetição frequente de temas e motivos, “em cada caso, o lugar que o tema ocupa indica um novo valor que ele adquire” (Lázaro, 1996b, p.18).

O gênero literário romance, publicado em livros, mas também em jornais, revistas e publicações periódicas, é pioneiro em propagar o alcance dessas narrativas em formato de histórias que há muito circulam compartilhando significados sobre a experiência da relação amorosa no Ocidente. Os séculos XVIII e XIX e as transformações da era moderna, em especial a Revolução Industrial, aumentaram a reprodutibilidade desses produtos e a formação de uma massa de consumidores que se expandiu para além da Europa. Para Tucherman (2019), a literatura, nesse contexto, cumpre a função de nos fazer ver e viver imaginariamente outras vidas e nutre a imaginação, encaminhando nosso aprendizado sobre amar, sofrer, idealizar, odiar e sonhar.

Consideramos que a literatura funciona como uma pedagogia, para pensarmos no mundo e em nós mesmos, incluindo emoções e sentimentos no canal restrito da racionalidade. Sem dúvida, em relação ao amor, foi a literatura que nos forneceu as imagens e os tons dos afetos. Resumindo, a literatura e a leitura serão, agora, uma disponibilidade para vivermos, estetizarmos e inventarmos experiências passadas e novas experiências (TUCHERMAN, 2019, p.43)

Para Lázaro (1996b), a literatura romântica que se populariza entre os séculos XVIII e XIX, consumida pela sociedade burguesa na Europa, é responsável por introduzir no meio social um ideal de casamento em que os esposos se reconhecem como amantes e em que o amor erotizado passa a ter valor positivo e se estabelece como modelo do amor único. Amor e casamento são temas privilegiados dessa literatura em que, segundo o autor, são prescritos modelos e se dramatizam conflitos que atraem e engajam os amantes e os leitores em geral.

O amor pode ser lido nos romances como um código que estimula a autoconsciência dos indivíduos quanto aos procedimentos adequados para participar do universo de valores a que o “amor” se refere. Como código passível de

sistematização e publicação sob a forma de livro, cuja fonte é a conversação galante, atua de forma prescritiva e coloca em questão os problemas relativos à originalidade e singularidade do sujeito amoroso (LÁZARO, 1996b, p.165)

A literatura romântica se consolida e atribui à noção de amor mais importância e maior complexidade para amparar o indivíduo cujas relações com a sociedade estão se transformando e onde o princípio de utilidade impõe à vida econômica uma lógica que se opõe à lógica social vigente até então. Tal qual o capitalismo, que estimula as individualidades e a submissão da lógica social à lógica econômica. Ainda sobre esses aspectos, Giddens (1993) afirma que “a razão não abre espaço para a emoção, que simplesmente fica fora do seu domínio; mas na verdade a vida emocional passava a ser reordenada nas condições variáveis das atividades cotidianas” (Giddens, 1993, p.51).

Para Lázaro (1996b) há uma clara relação entre esses processos que pode ser compreendida pela explicação de um historiador inglês: “para MacFarlane (...) a aparente irracionalidade do amor romântico seria complementar à racionalidade do capitalismo” (Lázaro, 1996b, p.170). Nesse sentido também é que Campbell (2001), tratando do movimento romântico para além da literatura, aponta que o romantismo é precursor de um padrão inquieto e contínuo de consumo que caracteriza o indivíduo moderno. Como esse amor romântico era algo tão novo, a literatura cumpria a função de oferecer aos leitores a oportunidade de aprender a sentir e a expressá-lo, conduzindo-os à possibilidade de viver a procura do prazer como um bem em si mesmo – esse esquema convive com as relações sociais implantadas pelo capitalismo e delas se alimenta (Lázaro, 1996b).

Tratando especificamente das mulheres nesse contexto, Giddens (1993) acredita que o surgimento do amor romântico e seu consequente consumo em novelas e histórias românticas precisa ser compreendido em relação a vários conjuntos de influências que as afetaram a partir do final do século XVIII. Entre eles, o surgimento do que se convencionou chamar de lar, que teria deslocado o centro da família da autoridade patriarcal para a afeição maternal; a idealização do papel da mãe, com a institucionalização da maternidade; e uma mudança na relação entre pais e filhos, quando se atribui a elas a responsabilidade pelo cuidado com as crianças, agora vistas como vulneráveis e com demandas emocionais. Para o autor, as mulheres desempenharam um papel importante na difusão dessas histórias, tanto

como consumidoras, quanto como protagonistas dos romances modernos, ao mesmo tempo em que a elas foi permitido que se desenvolvessem novos domínios da intimidade.

(...) o romance moderno contrasta com as histórias românticas medievais, em que a heroína em geral é relativamente passiva. As mulheres das novelas românticas modernas são, em sua maioria, independentes e corajosas e têm sido consistentemente retratadas desse modo. O motivo da conquista nessas histórias não se parece com a versão masculina da conquista sexual: a heroína encontra e entenece o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente e distante dela, ou ainda abertamente hostil. A heroína então ativamente produz amor. O seu amor faz com que ela seja amada, dissolve a indiferença do outro e substitui o antagonismo por devoção (GIDDENS, 1993, p.57)

Já no início do século XX, o rádio começava a ganhar espaço, captando a atenção de ouvintes com transmissões ao vivo, músicas e, mais tarde, os programas de notícias e entretenimento. No Brasil, a primeira radionovela é transmitida pela Rádio Nacional em 1941 e seu sucesso a manteve no ar por dois anos. *Em busca da felicidade*³⁰, de autoria do cubano Leandro Blanco, teve a história adaptada para o português por Gilberto Martins para ser lançada como a primeira radionovela do país. Na história, o casal de protagonistas separa-se depois da descoberta de uma traição. A mulher então resolve mudar-se de cidade para começar uma nova vida e essa decisão afeta outros personagens que estavam de alguma forma entrelaçados com o enredo dos protagonistas. Mas são inúmeras as dificuldades, tragédias e problemas enfrentados por todos eles, justificando o título da trama e o tempo que a radionovela permaneceu no ar, já que estavam todos continuamente resistindo a percalços para encontrar a felicidade.

Os roteiros dessa primeira radionovela brasileira receberam da Unesco, em 2018, o certificado do Programa Memória do Mundo³¹, reconhecendo como patrimônio da humanidade esses documentos de grande valor nacional e internacional. Embora o tempo e alguns problemas de conservação tenham ocasionado a perda do suporte onde a gravação da radionovela era feita, a Empresa

³⁰ Em busca da Felicidade. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Em_Busca_da_Felicidade_\(radionovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Em_Busca_da_Felicidade_(radionovela))

³¹ Primeira radionovela brasileira ganha certificado da Unesco. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc/noticias/2018/10/primeira-radionovela-brasileira-ganha-certificado-de-programa-memoria>

Brasil de Comunicação mantém em seus arquivos seis dos nove volumes do conjunto de roteiros impressos da novela, além de gravações originais que conseguiram ser preservadas e depois reproduzidas em outros formatos de áudio. À época do reconhecimento concedido pela Unesco, a EBC compartilhou em seu *site* a informação junto com um áudio original³² da abertura da radionovela, disponível para qualquer pessoa com acesso à internet poder ouvir. Uma característica chama atenção nos cinquenta segundos da abertura, divididos entre uma trilha sonora e o anúncio do início da transmissão de cada novo capítulo. “Senhoras e senhoritas, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro apresenta ‘Em busca da felicidade’, emocionante novela de Leandro Blanco”.

‘Senhoras e senhoritas’ é claramente uma marcação do direcionamento do programa para o público feminino, evidenciando o papel da mulher como consumidora desse conteúdo nas camadas urbanas brasileiras. Essa é uma condição que já se podia observar em diversas circunstâncias entre as narrativas que circulavam à época, mais fortemente a partir do movimento do Romantismo no século XIX, aqui e no exterior. Ao mesmo tempo em que passam a ser representadas nesse gênero literário, consolidam seu lugar de consumidoras desses romances.

Fato é que mesmo com alguma mobilidade na hierarquia social, mesmo protagonizando outros papéis que não somente aquele da mulher romântica frágil, doce e cheia de virtudes para seu esposo, a primeira metade do século XX reservaria às mulheres o lugar de audiência majoritária daquelas mesmas narrativas do amor romântico, agora em novos formatos. O enredo dessa radionovela pode comprovar isso. Atualizada para a fase em que se consolidavam os núcleos urbanos da sociedade no país, com tramas que envolvem traição, desejos proibidos e tragédias no interior de relacionamentos amorosos, é possível notar o traço persistente desde o mito de Romeu e Julieta: o do valor da liberdade do indivíduo que para ser feliz no amor deve superar as tormentas imprevisíveis que a relação traz com o tempo. No caso daquela radionovela, a protagonista é uma das personagens que acredita fazer valer sua liberdade para encontrar a felicidade com o amor.

Isso não quer dizer que em toda parte as mulheres estivessem imóveis, somente sendo conduzidas ao papel passivo de leitoras e consumidoras. Na Europa,

³² Idem

algumas mudanças em consequência das rupturas de estruturas sociais na modernidade começavam a oferecer às mulheres mais mobilidade na hierarquia social e menos restrições para atuar na esfera pública, o que as permitiria assumir mais autonomia e liberdade para decisões em suas vidas, quando comparamos este a períodos anteriores. Lins (2013) menciona a fundação da *Blue Stockings Society*, em meados do século XVIII, na Inglaterra, como um marco dessa época: “organização de mulheres que defendiam a educação para o sexo feminino e se reuniam para discutir literatura” (Lins, 2013, p.115).

Desde o final do século XVIII, processos como mudanças na distribuição da responsabilidade sobre as práticas sexuais, nas relações entre sexo e classe social, a expansão da imprensa, a publicidade incipiente e o surgimento das celebridades (Dabhoiwala, 2013) abrem possibilidades para um emergente movimento feminista e para novas concepções da mulher no imaginário coletivo (ROCHA, 2016, p.93)³³.

Ainda que com certa liberdade decorrente da mobilidade no tecido social – limitada pelo contexto brasileiro, que é diferente do europeu – o conteúdo de radionovelas, folhetins, jornais e, mais tarde, das revistas femininas vai insistir em recomendar às mulheres regras e condutas de convivência do casal, mas que, em sua grande maioria, valem apenas para elas. Mesmo que certas heranças de um passado nem tão distante estivessem começando a ser superadas e conquistas como cidadãs se revelando, a liberdade para amar e ser livre no amor não se comprovava em todas as circunstâncias e espaços para as mulheres. Por aqui, as massas de consumidoras nas décadas seguintes às radionovelas ainda encontrariam a mulher atuando no papel de mantenedora da relação bem-sucedida, a partir da assimilação de condutas e códigos incutidos no interior da linguagem do amor romântico, que conduziriam a jornada em direção à realização plena do casal – e vale ressaltar, do casal heterossexual.

Também as fotonovelas produziram narrativas românticas e fizeram bastante sucesso em países do Ocidente. Criada na Itália, logo após a Segunda Guerra

³³ Decerto que as questões de gênero já são desde muito tempo sensíveis nos arranjos sociais onde as mulheres se movem nas sociedades ocidentais e que, por isso mesmo, precisam ser trazidas para contextualizar fatos históricos. Por ora, interessa apresentar esses fatos apenas dentro de uma reduzida linha do tempo que me permita explicar as condições que formarão uma massa de consumidoras da cultura de massa nos centros urbanos brasileiros. Mas retomarei as questões de gênero ao tratar das experiências emocionais individuais das interlocutoras da pesquisa.

Mundial (Miguel, 2014), a fotonovela surgia como alternativa aos altos custos para investir na produção e divulgação de obras cinematográficas. Algumas revistas decidiram publicar fotos de filmes e incluir legendas para apresentar uma forma resumida e ilustrada da história, criando o que ficou conhecido como cine-romance. Percebendo o sucesso das publicações, seus editores decidiram contar outras histórias, sem que precisassem ser o resumo dos filmes – surgia então a fotonovela. De 1949 em diante, as fotonovelas alcançam enorme sucesso e começam sua expansão para além da Itália, chegando à França, América Latina e África do Sul, segundo Miguel (2014). No Brasil, a primeira fotonovela é de 1951 e se chamava Encanto. Outra revista, que já publicava histórias desenhadas com apelo mais erótico e sensual, desde 1947, a revista Grande Hotel, decide entrar no mercado e inclui fotonovelas em suas edições. A maior parte das fotonovelas publicadas nas revistas locais tem histórias importadas dos países onde elas contavam com mais investimento para produção, como Itália e França.

Joanilho e Joanilho (2008) acreditam que a fotonovela foi capaz de compreender o espírito do tempo naquele contexto em que conquistavam sua audiência, simplificando a estrutura das tramas para ampliar as possibilidades de leitura por mais grupos abraçados pelo alcance da cultura de massa. Segundo Morin (2018), a fotonovela traz de volta a tradição dos folhetins e romances populares do século XIX, mas atualizada para novos tempos:

Diversamente da tendência burguesa (que vai em direção do psicologismo, os conflitos de sentimentos e de caracteres, dramas ou comédias triangulares do esposo, do amante e da mulher adúltera) a corrente popular permanece fiel aos temas melodramáticos (mistério do nascimento, substituição de crianças, padrastos e madrastas, identidades falsas, disfarces, sócias, gêmeos, rechaços extraordinários, falsas mortes, perseguição da inocência) herdeiros da mais antiga e universal tradição do imaginário (a tragédia grega, o drama elisabetano), mas adaptado ao quadro urbano moderno (MORIN, 2018, p.51).

Para Miguel (2014), os romances de folhetim do final do século XIX deixaram como herança para as fotonovelas não somente os aspectos estruturais, mas também as fiéis leitoras. As jovens solteiras, que se ocupavam de tarefas domésticas com suas mães ou atividades escolares e profissionais, encontravam naquelas publicações histórias de amor carregadas de receitas de como se comportar bem e de como ser uma mulher capaz de alcançar um casamento e cuidar dos filhos.

A revista *Capricho*, que volto a mencionar adiante, foi lançada em 1952 com uma fotonovela – formato que se manteve na publicação até 1982 – e uma grande campanha publicitária que incluiu inserções no rádio, nos jornais e até em outras revistas. Miguel (2014) ressalta um fato relevante dessa campanha que reforça a condição de consumidoras do público feminino: um grupo de mulheres foi selecionado para receber em casa a primeira edição, que foi entregue junto com uma carta de apresentação:

(...) Rica leitura para o lar, presente magnífico para a mãe, para a esposa e para a filha. (...) É que *Capricho* é a revista ideal para a mulher. Primorosamente impressa apresenta em cada número uma fotonovela completa, contos românticos, conselhos de beleza e modas, além de uma enorme variedade e temas de grande interesse feminino. (MIGUEL, 2014, p.2)

No Brasil, a partir da segunda metade do século XX, entram em cena as revistas impressas voltadas para o público feminino. Del Priore (2019) levantou a história dessas revistas no país e revelou como contribuíram para a manutenção daquele mesmo status junto às leitoras já a partir da década de 1950. “Em uma união feliz os cônjuges se complementam, porque cada um tem o seu papel naturalmente definido no casamento. E de acordo com esse papel natural chegamos a acreditar que cabe à mulher maior parcela na felicidade do casal” (Del Priore, 2019, p.291) – foi o conselho que encontrou na revista *O Cruzeiro*, de abril de 1960. Essa naturalização do papel feminino nos relacionamentos é produto das construções sociais que, no Brasil, são reforçadas principalmente desde o Romantismo e que passaram a ser incorporadas nos produtos da mídia surgidos nas décadas seguintes, sedimentando o método que valoriza o amor como meio de alcançar realização pessoal, ao mesmo tempo em que forma uma massa de consumidoras.

Mas essas revistas ultrapassaram a perspectiva das histórias de amor e romance de cunho pedagógico que publicavam no início e começaram a atuar também como uma espécie de consultório terapêutico, quando respondiam cartas enviadas pelas leitoras, fossem pedindo orientações para agradar ao marido, como agir em brigas de casal ou lidar com traições conjugais até o que fazer diante de um companheiro que dá mais atenção ao trabalho do que ao casamento. As respostas, em sua maioria, afirma Del Priore (2019), desqualificavam as insatisfações

femininas e reafirmavam a necessidade de a mulher se resignar em nome da felicidade do casal.

É interessante perceber como, a partir desse momento, essas revistas contribuem, de forma pedagógica, para as negociações entre o social e o individual nas dinâmicas das relações conjugais. Nelas, a elaboração de modelos, regras, maneiras de agir imputadas às mulheres dentro de uma relação está conectada com o social – as condições que definem o papel das mulheres na sociedade naquele momento. Mas também passam a absorver as histórias pessoais das leitoras – expostas nas páginas da publicação para receber os comentários terapêuticos indicando a solução para questões dos casais. Como na gramática dos sentimentos de Mauss (1980), nesse contexto, o amor no relacionamento de um casal está sujeito a códigos agindo coercitivamente sobre os indivíduos, mas também se encontra na singularidade do que o sentimento exprime em cada pessoa.

O conjunto formado pelo consumo dessas revistas e o alcance dos espaços dentro dos quais circulavam na sociedade brasileira da segunda metade do século XX contribui para a proliferação de outras e novas narrativas e experiências emocionais individuais que desafiam os limites dos romances ou dos códigos de conduta morais, filosóficos e religiosos que orientavam até então os relacionamentos dos casais. As incontáveis tramas sociais onde mulheres e homens estão inseridos jogando com o amor tornam-se enredo de mais histórias que continuamente se confrontam com a gramática comum do sentimento através da linguagem suportada pelas revistas, mas também por produtos em outros meios. Dessa maneira, elas continuaram prosperando nas lógicas do consumo, com crescimento da audiência e multiplicação de formatos no país. Na mesma década de 1950, enquanto os conselhos no *Jornal da Moças* orientavam mulheres casadas para que relevassem traições dos maridos, a fim de não conduzir o casal a uma separação conjugal (Del Priore, 2019), surgia aqui uma revista voltada para o público feminino adolescente, a *Capricho*.

Lançada em 1952, a primeira edição impressa da *Capricho* tinha como manchete de capa o destaque para a fotonovela encartada na publicação chamada ‘Volta para o amor’³⁴. A partir daí e ao longo das décadas seguintes, ela prosperou

³⁴ *Capricho*. São Paulo: Abril, ano 1, n.1, 1ª quinzena de junho de 1952

tornando-se a mais bem-sucedida em seu projeto editorial e de audiência à época. Em edições quinzenais, jovens adolescentes podiam entrar em contato com uma série de discursos e representações da juventude nas páginas da publicação, como nas entrevistas com especialistas sentimentais, nas matérias sobre temas de interesse das jovens, depoimentos pessoais, histórias de romances de celebridades, e, com frequência, entre os temas abordados estavam situações que envolviam o amor e os relacionamentos amorosos. A última edição impressa, lançada em junho de 2015, trazia como destaque na capa as histórias do romance de um casal de personalidades, um ator e uma cantora norte-americanos que fazem sucesso entre jovens – “Demi e Wilmer: ele é louco por ela; ela quase o perdeu. A verdadeira história desse romance”³⁵.

A adolescência pode ser entendida como o período da vida que é parte da transição da criança para a fase adulta, assim como também é vista como um rito de passagem (Rocha; Pereira, 2009) e, ainda, como um momento em que o ser humano mais prescinde de um assessoramento social, pois trata-se de um período fundamental de caracterização da identidade e da subjetividade (Freire Filho, 2006). Contudo, é na adolescência também quando ocorre o contato desse indivíduo em transformação com o aparato midiático que ambiciona “representar as necessidades e os interesses, os valores, as atitudes, os direitos e os deveres dos jovens” (Freire Filho, 2006, p.103).

Em um intervalo de mais de sessenta anos, tanto a primeira fotonovela quanto a história real de um romance contemporâneo provam como o discurso sobre relacionamentos amorosos se manteve presente em um dispositivo midiático comumente associado a uma espécie de guia de comportamento, nesse caso, comportamento de jovens mulheres, como as revistas femininas para jovens. A consolidação do discurso sobre relacionamentos amorosos, ao longo de décadas, tanto em revistas voltadas para o público feminino quanto em outros meios e veículos, leva as narrativas sobre o amor romântico a mais espaços e ao confronto com mais subjetividades negociadas entre a individualidade, o desejo e o enquadramento a códigos de expressão do sentimento.

³⁵ Capricho. São Paulo: Abril, edição 1211, junho de 2015

Do *Jornal das Moças*, lançado em 1914, à revista *Capricho* e daí por diante, um terreno fértil foi consolidado para a proliferação de veículos que desejavam alcançar o público feminino. No Brasil, na segunda metade do século XX, a sociedade encara transformações proporcionadas, entre outras razões, pelo desenvolvimento econômico – crescimento urbano, desenvolvimento industrial, aumento das oportunidades de formação profissional e escolar, incluindo a participação das mulheres. Em paralelo, a imprensa feminina, aqui e em outros países, apresenta “o microcosmo dos valores práticos fundamentais da cultura de massa: a afirmação da individualidade privada, o bem-estar, o amor, a felicidade” (Morin, 2018, p.139).

Em se tratando de revistas voltadas para o público jovem feminino no Brasil, na década de 1990 elas faziam bastante sucesso entre adolescentes, como comprovam os números de circulação apresentados em trabalho de Freire Filho (2006, p. 103)³⁶, quando analisara a construção do discurso sobre autenticidade na revista *Capricho* – que, embora não mais em formato impresso, até hoje é voltada para o público feminino desse grupo. A partir da seleção de alguns artigos e publicações da revista impressa, em suas matérias sobre comportamento e juventude, os conselhos de seus colunistas convidados, dicas, testes, depoimentos, entre outros conteúdos, o autor relaciona o discurso da publicação àquilo que vai se tornar, sob aspectos sociais e de interação entre grupos, o esperado de jovens adolescentes leitoras à época – como se tornar uma jovem autêntica!

Freire Filho (2006) considera que essas revistas são compostas por um

misto atraente de manual de etiqueta, literatura de autoajuda e catálogo de compras (...); (as revistas femininas juvenis) se apresentam como mapas cognitivos e anteparos emocionais que possibilitam às leitoras navegar, sem maiores sobressaltos, pelo mar das oportunidades e dos riscos associados à experiência da adolescência feminina e às demandas cambiantes da cultura do consumo contemporânea (fecundada pela busca contínua do capital por novos e expansíveis mercados). (FREIRE FILHO, 2006, p.104)

³⁶ “Segundo dados do Instituto de Verificação de Circulação (IVC) de setembro de 2005, *Capricho* é a líder no segmento jovem feminino, com tiragem de 185.000 exemplares e circulação líquida de 121.000 exemplares (37.000 assinaturas e 84.000 vendas avulsas). Seu público-alvo é constituído por 15% de homens e 85% de mulheres, na faixa de 10 a 19 anos – 13% pertencentes à classe A, 46% à classe B e 29% à classe C. A maior parte dos leitores se concentra na região Sudeste (58%) e Sul (23%)” (Freire Filho, 2006, p.103).

O processo discursivo e suas representações sobre relacionamentos amorosos orientados para a juventude ainda podem ser encontrados nos produtos da mídia agindo de forma direta sobre a subjetividade da jovem de camadas médias urbanas como as interlocutoras desta pesquisa. As revistas femininas juvenis, por exemplo, encontraram na fase da adolescência “um terreno ainda mais fértil para os discursos e a ação de expertos midiáticos e agentes de mercado” (Freire Filho, 2006, p. 104). Elas preconizam a pedagogia para amar no mesmo momento em que, para Morin (2018), a imprensa e o cinema sobrepõem-se à família e à escola, levando a juventude a provar de modo mais intenso a forma como “a cultura de massa ‘acultura’ as novas gerações à sociedade moderna” (Morin, 2018, p.152).

Nesse sentido, seria possível recorrer, ainda hoje, à análise do conteúdo e das representações sociais em algumas revistas dessa linha editorial que resistem nos veículos impressos mesmo diante da crescente substituição desses pelo formato digital na internet. No entanto, as ideias e pensamentos relativos às representações sociais do amor ultrapassaram as revistas impressas e agora estão multiplicados em grupos, páginas, canais e centenas de *sites* e *blogs* onde se tratam questões da juventude e dos relacionamentos amorosos, tanto na perspectiva de veículos especializados no tema, quanto também a partir das ideias das próprias jovens e das interações entre elas na internet. A popularização das tecnologias digitais para produção de *sites* e *blogs*, a adesão às mídias sociais com o suporte para conversas, diálogos e interações, a produção autônoma de histórias compartilhadas em imagens e vídeos, produzidas com *smartphones*, tudo isso fez com que aquelas narrativas que se materializavam nas revistas ultrapassassem o suporte físico, incluindo ainda mais grupos heterogêneos que participam da ancoragem e da objetivação das representações sobre o amor e os relacionamentos amorosos entre os jovens.

Ainda assim, para alcançar os objetivos a que a pesquisa se propõe a partir da triangulação metodológica, considere o investimento no método da análise interpretativa de conteúdo (Pereira, em fase de elaboração) de um produto da mídia especializada na comunicação com jovens para buscar compreender as representações sociais sobre o amor e os relacionamentos amorosos circulando entre eles e entre seus grupos. Visando à superação da impossibilidade de dar conta da análise daqueles mais variados formatos, incluindo impressos e online, dentro

do tempo desta pesquisa, mas também porque esse não é o foco analítico principal deste trabalho, fiz a escolha pela aplicação da análise interpretativa de conteúdo na revista *Megazine* – as justificativas e os aspectos de maior relevância dessa escolha foram apresentados no primeiro capítulo.

No âmbito das teorias, entre as razões por que optei pela coleta de dados da *Megazine* e o que justifica o período selecionado, entre 2005 e 2011, em primeiro lugar está a perspectiva do estudo das representações sociais, segundo Moscovici (2015), para quem é preciso explicar as representações buscando como as pessoas e os grupos as criaram no decurso da comunicação e da cooperação, recomenda-se que se observe como elas nasceram. E ainda que a gênese de algumas das representações sociais sobre o amor não esteja no conteúdo daquela revista, e mesmo diante de outras ideias e problemáticas com as quais essas jovens lidam hoje, para Rolnik (2016), é possível situar o passado no presente, às vezes reforçando as representações que já conhecemos, outras vezes colocando-as à prova, de maneira a “apreender o mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos (...) associada ao tempo, à história do sujeito e à linguagem” (Rolnik, 2016, p.12).

Segundo Rolnik (2016), essas circunstâncias demarcam a perspectiva de análise circunscrita na “micropolítica”: “questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva” (Rolnik, 2016, p.11). Nesse sentido, são fortes os indícios de que o aparato midiático dos meios de comunicação se tornam elementos indispensáveis para circunscrever tais questões e situar as interlocutoras no mapa de representações vigentes por onde se movem, permitindo localizar, observar e descrever as subjetividades resultantes da tensão entre suas histórias e discursos e as representações do amor nas culturas juvenis, estando a comunicação no entrecruzamento do individual com os âmbitos histórico, social, cultural, político etc.

Ora, não é absolutamente esta a política de criação de territórios que predomina hoje: o que nos guia nesta empreitada, em nossa subjetividade pós-fordista, é a identificação com as imagens de mundo veiculadas pela publicidade e pela cultura de massa. Independentemente de seu estilo ou público-alvo, tais mensagens

são invariavelmente portadoras da mensagem de que existem paraísos, que agora eles estão neste mundo e não num mundo além deste, que alguns privilegiados têm acesso a eles e, sobretudo, que podemos ser um destes VIP, bastando, para isso, investirmos toda nossa energia vital – de desejo, de afeto, de conhecimento, de intelecto, de erotismo, de imaginação, de ação etc. – para atualizar em nossas existências esses mundos virtuais de signos, através do consumo de objetos e serviços que os mesmos nos propõem (ROLNIK, 2016, p.20).

3.1. Análise interpretativa de conteúdo na *Megazine*

Esclarecidas as razões pelas quais a *Megazine* está inserida no contexto desta pesquisa e por que seu conteúdo será analisado como parte dos métodos de investigação, cabe ressaltar, mais uma vez, que não se trata de uma revista voltada exclusivamente para o público feminino, mas um veículo midiático que se tornou representativo do perfil de seus consumidores em determinado período, o público jovem de classes médias urbanas, especialmente cariocas. Portanto, o interesse maior como objeto recai sobre a perspectiva de revelar representações sociais dos relacionamentos amorosos a partir de categorias tipificadas na análise interpretativa de conteúdo, ainda que tais representações se apresentem renovadas, seja pela linguagem, seja pela promoção das subjetividades contemporâneas, nas pautas jornalísticas de uma publicação voltada para o público jovem. Também Bertoldo e Barbará (2006), Costa e Fernandes (2012), Falcke e Zordan (2010), Najjar Smeha e Vieira de Oliveira (2013) e Féres Carneiro e Jablonksi (2005), todos confirmaram a recorrência entre jovens, em pesquisas desenvolvidas junto a esse grupo, dos traços do amor romântico reforçados de forma mais estratégica, na lógica do consumo, através da mídia, desde o consultório terapêutico das primeiras revistas femininas até os veículos e canais online nos dias de hoje.

O *corpus* da revista selecionado para análise compreende as edições publicadas entre os anos de 2005 e 2011. Da primeira de 2005, no dia 04 de janeiro, até a última de 2011, em 30 de agosto, foram trezentas e trinta e cinco edições avaliadas para a análise desta pesquisa. A cada ano corresponde o seguinte número de edições: 52 em 2005; 50 em 2006; 51 em 2007; 49 em 2008; 49 em 2009; 50 em 2010; e 34 em 2011. A leitura do conteúdo de todas elas foi possível através do serviço pago de acesso ao acervo digital das Editoras Globo, conforme explicado

anteriormente. Trata-se de uma aplicação que pode ser aberta em navegadores na internet e que permite ao assinante filtrar as edições do jornal e seus cadernos, desde 1925, a partir de décadas, anos, meses e dias.

Embora a aplicação do acervo digital tenha um mecanismo de busca por palavras-chave, ele não permite filtrar os cadernos ou suplementos onde se deseja buscar os termos, o que faz com que os resultados possam estar em qualquer parte de uma edição do jornal. Por essa razão foi necessário abrir cada uma das edições da *Megazine* nesse intervalo de tempo e selecionar o conteúdo que seria apropriado na análise. Ao menos a navegação entre as páginas da revista digitalizada é rápida, simplificada e isso facilitou bastante a busca pelas pautas jornalísticas que abordavam relacionamentos amorosos. Daí em diante passei a ler a *Megazine* por completo em busca desse conteúdo e comecei a registrar em uma planilha as informações de título, tema, data, mês, ano e um resumo daquelas pautas selecionadas de acordo com os assuntos de interesse da pesquisa. Selecionei trinta e quatro matérias para análise no total. Elas estão distribuídas ao longo dos anos nessas quantidades: 9 em 2005; 5 em 2006; 3 em 2007; 2 em 2008; 5 em 2009; 4 em 2010; 6 em 2011.

Ao abrir e navegar em cada edição da *Megazine*, guiei-me primeiro pelos títulos e imagens – quando havia – de cada matéria jornalística, de maneira a identificar de forma direta palavras como amor, romance, namoro, namoradas, namorados, paixão e relacionamentos. De fato, a maior parte dos títulos, entre os conteúdos que interessam à pesquisa, inclui alguma dessas palavras, suas variações ou estão associadas em um subtítulo. Quando não, é preciso fazer um esforço para identificar o contexto em que alguns termos e expressões são usados para se referir aos temas que tratam de relacionamentos amorosos, como é o caso dessas duas matérias: *Ficar é do capeta?* (15 mai. 2007) e *Ele(a) não está mais a fim de você* (30 nov. 2010). Nesses casos é preciso que o pesquisador esteja minimamente familiarizado com os sentidos em que a palavra *ficar* e a expressão *estar a fim* são empregados para se referir a relacionamentos.

Nos primeiros anos, a *Megazine* seguia uma linha editorial mais próxima de um almanaque de vestibular para estudantes do ensino médio: datas de provas, testes para praticar a resolução de questões de cada disciplina nas provas,

procedimentos e valores para inscrições nos concursos, entrevistas com aprovados em outras edições dos vestibulares, rankings de profissões mais concorridas, contratação de estagiários, entre outras pautas similares. No entanto, a edição de 06 de junho de 2000, a primeira às vésperas da data em que se comemora o dia dos namorados no país, já dava sinais sobre o potencial de abordar questões comportamentais com seus jovens leitores, como se pode observar na imagem abaixo (figura 3).



Figura 3: Capa da edição da revista *Megazine* de 06 de junho de 2000
Fonte: Acervo O Globo

Apresentando as histórias de dois casais de estudantes que escolheram fazer o mesmo curso superior – Daniel e Ana Maria; Lucas e Carol – porque um influenciou o outro na escolha em alguma medida, a matéria ocupa uma página quase no final da revista, depois de todas as outras pautas sobre vestibular. O primeiro casal explica as vantagens e desvantagens de passar mais tempo juntos, já que se veem mais vezes na universidade, mas ressaltam que não tratam a situação como um problema e até têm suas estratégias para não desgastar o romance: eles não fazem muitas disciplinas juntos. Do segundo casal temos apenas o depoimento dela explicando como convenceu o namorado que era melhor trocar o curso de turismo pelo de jornalismo e que ela decidiu voltar para o primeiro período para que ficassem mais tempo juntos quando ele aceitou a sugestão. A matéria fecha com o depoimento da psicopedagoga ouvida pela reportagem, para quem não há problema quando o casal quer seguir juntos até nos estudos, mas que é preciso não

resumir tudo à condição de estar sempre junto do outro, pois isso poderia provocar, nas palavras dela, a perda de experiências culturais que a universidade oferece.

Embora não estejam incluídas para análise nesta pesquisa, vale ressaltar que as pautas sobre relacionamentos amorosos publicadas próximas da data que celebra o dia dos namorados – 12 de junho no Brasil – tiveram espaço na revista nos anos seguintes, entre 2001 e 2004. Em 2001, a edição da *Megazine*, publicada no mesmo dia da data comemorativa, foi dividida em três partes sob o título *O amor é lindo*. Na primeira, conta histórias de jovens que gravam músicas em fitas cassete ou em formato digital (mp3 e CD) para presentear namoradas e namorados ou pessoas por quem estivessem interessadas e conclui apontando como tal costume antigo ainda está presente no início dos anos 2000.

Na segunda parte, *Orgulho e ciúmes entre os lindos*, apresenta dois casais – heterossexuais – cuja beleza desperta muitos ciúmes entre seus pares. Tratados como pessoas que se destacam por serem bonitas entre os colegas da escola, os quatro personagens da matéria declaram já ter sentido ou ainda sentir ciúmes de seus pares porque a beleza física faz com que chamem mais atenção de outras pessoas a fim de ficar com eles também. E, por fim, a matéria lista locais com festas, restaurantes ou espaços públicos para quem está buscando sair para se divertir e encontrar pretendentes naquele dia.

Preciso dizer que te amo é o título da matéria publicada no dia 11 de junho de 2002 com histórias de jovens que já haviam feito algo tido como inusitado para declarar seu amor à parceira ou parceiro. Um deles escreveu “eu te amo” no asfalto, durante a madrugada e com a ajuda de amigos, na frente do prédio em que vivia a namorada, e colocou seus nomes em um coração ao lado da declaração. Tem também a jovem que foi até o aeroporto e tentou impedir que um avião decolasse porque precisava entregar uma carta de amor pedindo reconciliação com o namorado com quem havia brigado – e não conseguiu. Tiveram que esperar por um novo encontro, se entenderam e ficaram juntos novamente. Aparece também entre as histórias um casal que mentiu para os pais para que pudessem viajar juntos e a sós para comemorar um mês de relacionamento, porque acreditavam que os pais não permitiriam mesmo ambos estando com dezoito anos. Mas se arrependeram e

ligaram para avisar onde e com quem estavam assim que chegaram ao hotel fazenda na Região Serrana do Rio.

Em 2003, a capa da *Megazine* apresenta matéria intitulada *Meninas apaixonadas*, em referência às circunstâncias da data comemorativa para casais formados por duas mulheres e à história de duas personagens da novela *Mulheres apaixonadas* exibida à época. Das seis jovens entrevistadas e que contaram suas histórias, apenas uma concordou que a publicação citasse seu verdadeiro nome. Todas as demais pediram para que a jornalista usasse nomes fictícios. Em todos os casos, a influência e a opinião dos pais estão presentes nas situações e acontecimentos narrados, a maior parte deles se posicionando de forma contrária ou ignorando a sexualidade da filha para não encarar a verdade, como diz uma das entrevistadas. Aliás, a relação entre pais e filhas e as expectativas do casal para celebrar a data são os dois aspectos recorrentes no texto. Em um destaque sublinhado por uma caixa no meio das duas páginas que a matéria ocupa, há uma lista de artistas do gênero feminino da música e do cinema que são homossexuais assumidas, que apoiam a causa ou que já interpretaram papéis no cinema com personagens que se relacionam com outra mulher. Em 2009, a pauta volta a ser capa da *Megazine* com o título *Dia das Namoradas* – essa está incluída entre as que foram selecionadas para análise na pesquisa.

No ano seguinte, a *Megazine* apresenta relatos de jovens que não querem relacionamentos sérios, apenas sair com a outra pessoa a qualquer hora, sem compromissos ou cobranças. *Rolo ou namoro?* é o título da pauta de 08 de junho de 2004 que conta histórias de casais que decidiram não celebrar a data, nem trocar presentes porque não se assumem como namorados, mas como duas pessoas interessadas em ficar juntas – como se fossem namorados – quando sentirem vontade. Embora eles próprios tenham muitas dúvidas sobre quando o tal rolo muda de status para namoro, ou vice-versa, a definição de um dos casais aparece destacada na matéria em uma caixa com resumo das falas para explicar o que é rolo. Para ela, o rolo é coisa passageira que não envolve sentimento; para ele, só deixa de ser rolo quando o menino pede para namorar com a menina.

De 2005 em diante é o período englobado pela análise desta pesquisa, mas cabe destacar que é também o momento em que mais pautas sobre comportamento

aprecem na revista. Não apenas esse dado justifica o recorte do *corpus* para análise, como também o fato de que outros aspectos ligados aos relacionamentos começam a ganhar destaque na mídia e mais espaço na vida social, como o próprio relacionamento entre duas mulheres em uma novela brasileira, exibida em canal aberto, ao qual a capa de 2003 da *Megazine* já fazia alusão; a entrada em cena da tecnologia como intermediadora de contatos para relacionamentos através das páginas de blogs e sites de redes sociais, como o Orkut e, depois, o Facebook, em 2004 e 2007, respectivamente, no Brasil; a presença de debates ligados à sexualidade que ganham atenção com programas de televisão que formam, pela primeira vez, casais com pessoas do mesmo gênero, como o *Fica Comigo* e o *Beija Sapo*, ambos da MTV, entre 2003 e 2007, entre outros acontecimentos relevantes que acabam repercutindo nas pautas selecionadas para análise do conteúdo nesta pesquisa.

Embora essas pautas entre 2000 e 2004 citadas acima não estejam no *corpus* da pesquisa, localizá-las foi importante para definir e prosseguir com o recorte de tempo mais apropriado para análise. Ao concluir o levantamento e a seleção das matérias publicadas na revista, entre 2005 e 2011, que serão incorporadas para a análise interpretativa de conteúdo, está formado o conjunto de trinta e quatro textos, cujos elementos expressivos identificados, em recorrência, em partes da revista serviram como guia para localizar o material de interesse da pesquisa. A seguir, ele será descrito e tipificado em categorias de análise antes de seguir para a próxima etapa, quando ocorrerá a elaboração de ideias dentro da perspectiva teórico-conceitual das representações sociais.

3.1.1. A tipificação das categorias da análise interpretativa do conteúdo

Antes de prosseguir, cabe uma ressalva: a constituição de categorias de análise a partir do conteúdo nesta etapa não está baseada nas premissas dos precursores do método da análise de conteúdo, como em Bardin (1977). Bem-sucedido ao formular empiricamente as práticas para criar um conjunto de técnicas de análise que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, hoje suas ideias contribuem para o desenvolvimento de

pesquisas com dados qualitativos. Porém, a perspectiva adotada no método da análise interpretativa de conteúdo (Pereira, em fase de elaboração) é a do compromisso do pesquisador para tipificar o material a partir da relação e da coesão das ideias, dos pensamentos e dos elementos constitutivos do contexto da mensagem, a fim de admitir as próprias representações sociais como categorias analíticas na etapa seguinte.

Como resultado da tipificação dos dados coletados espera-se dimensionar um quadro com aspectos sociais, culturais e históricos da expressão do amor nos relacionamentos, através da comunicação mediada pela mídia, envolvendo as interações com jovens e entre eles, de maneira que seja possível, em seguida, discutir as representações sociais da relação amorosa com as quais se relaciona esse grupo. O objetivo desta etapa é investir esforços no método de observação, que é caro à teoria das representações sociais, assim como tentar descrever fenômenos e descobrir regularidades nas quais se possa fundamentar uma teoria baseada em observações adequadas para intercambiar com os resultados dos outros dois métodos na triangulação da pesquisa.

Partindo dessa perspectiva, dividi os trinta e quatro textos em dois tipos: a) *antes do relacionamento* – agrupa temas, questões e dúvidas dos jovens que estão ou não buscando relacionamentos, mas que podem demonstrar algum interesse nas oportunidades para estar com outras pessoas em uma relação afetiva; b) *durante o relacionamento* – são as pautas que tratam das circunstâncias, das consequências e dos arranjos forjados pelos jovens casais durante a relação. Entre os traços e aspectos que observava de forma mais recorrente no conteúdo, a divisão entre temas voltados para quem está e para quem não está em um relacionamento amoroso foi, sem dúvidas, o mais marcante que pude notar nas abordagens das matérias.

Parece óbvio reconhecer que pessoas comprometidas em relacionamentos e aquelas não comprometidas tendem a circular entre espaços diversos, afinal de contas, os mecanismos de “ancoragem” e “objetivação”, dos quais tratam Moscovici na teoria das representações sociais, tendem a explicar esse movimento – signos, objetos e linguagens distintos para cada grupo. No entanto, o caráter especializado do conteúdo da revista e a condição indispensável de incluir os jovens como protagonistas das pautas para se comunicar com eles – o que também pode

ser admitido como estratégia de negócio da linha editorial, sem dúvidas – abre espaço para tensionamentos decorrentes do confronto entre aquelas representações sociais e a realidade desses jovens quando atribuem significados à monogamia, fidelidade, casamento, sexo, sexualidade etc., marcadores típicos da linguagem da mídia identificados na análise como critério de segmentação do conteúdo editorial sobre o tema. Logo, encontrei a razão que me fez considerar relevante partir dessa oposição na tipificação dos dados.

A começar pela categoria *antes do relacionamento*, nesse quadro incluí treze publicações do conteúdo selecionado na *Megazine*. Em duas delas, a pauta é sobre comportamento de jovens solteiros em festas e se aproximam porque tratam de liberdade para não se comprometer com ninguém, já que estão mais interessados em se relacionar afetiva e sexualmente com outras pessoas apenas naquele instante. Em 28 de junho de 2005, a matéria de capa da revista é *Boca livre: o que leva os jovens a beijarem até cinco bocas por hora em shows e festas*, com depoimentos de adeptos da prática e suas explicações e intenções por trás do que denominam como pura diversão. Dois destaques nesse conteúdo: a repórter conta que de todas as meninas que deram depoimentos, apenas uma concordou que a reportagem citasse seu nome e publicasse sua foto, todas as demais pediram para não ter seus nomes revelados nem fotos publicadas porque sentiam que as mulheres são discriminadas quando assumem que saem com vários homens em uma mesma noite; já os rapazes, conta a jornalista, fizeram questão de posar para as fotos e se mostraram muito felizes com a reportagem que seria publicada porque isso lhes traria, nas palavras deles, visibilidade e fama de garanhão.

Seis anos mais tarde, em 01 de março de 2011, às vésperas do Carnaval, a *Megazine* publicou histórias de meninas que afirmavam não se importar com a imagem que fariam delas ao se permitirem beijar muitas pessoas nas festas de rua durante o feriado. Na capa, apresentada abaixo (figura 4), o título *Garotas no front: elas não se importam com o machismo e, no carnaval, partem para o ataque* leva para uma matéria com depoimentos de nove meninas que “não esperam os garotos tomarem iniciativa – elas vão cair na folia chegando junto para conquistar”. Comparada à primeira matéria, nessa foram publicadas fotos de todas as meninas e seus nomes verdadeiros, no entanto, o conteúdo se restringe a narrar as histórias

individuais e em momento algum propõe colocar em debate questões sobre o machismo, como cita no título.



Figura 4: Capa da edição da revista *Megazine* de 01 de março de 2011
Fonte: Acervo O Globo

Abordando questões relativas a sexo, há três publicações nessa mesma categoria. A primeira delas tem relação com um programa de televisão chamado *Papo Calcinha*, exibido no canal por assinatura Multishow, em 2010. Por conta do sucesso do programa, a *Megazine* convidou três jovens mulheres, alunas de comunicação social da UFRJ, para compartilhar opiniões, medos e dúvidas sobre sexo. *Homem fala mais sobre tamanho* é o título da matéria de 23 de novembro de 2010 que sobre sexo mesmo falou pouco, pois a ênfase ficou quase toda sobre a preocupação com a imagem que podem passar para os homens por quem se interessam enquanto estão investindo na paquera. Além disso, destacaram a diferença de que o homem pensa mais em prazer, enquanto a mulher quer sensações; confessaram medo de serem expostas nas conversas dos rapazes, como alguns de seus amigos fazem com as meninas com quem saem, mostrando fotos delas nuas e outras intimidades, pois isso poderia criar uma reputação ruim sobre elas; admitiram que sexo sem depilação, estando menstruada ou com risco de engravidar nenhuma delas está disposta a aceitar; e, por fim, terminam falando dos lugares mais inusitados onde já fizeram sexo.

Há ainda a matéria de 25 de outubro de 2005 que está na capa da revista com o título *T.E.E.N.: Pesquisa mostra que 25,6% dos jovens de 17 a 25 anos fazem parte da geração 'Transei e Esqueci o Nome'*. O lançamento de um livro do

americano Marty Beckerman chamado *Generation SLUT – sexually liberated urban teens* e uma pesquisa realizada com jovens cariocas, naquele ano, convergem na conclusão que leva ao título e ao conteúdo da pauta. Os jovens, principalmente os homens, falam sobre a facilidade de encontrar mulheres dispostas a fazer sexo no primeiro encontro em festas, shows, casas noturnas, casas de amigos etc. e sobre como não se importam em saber o nome da parceira porque o que interessa mesmo é o sexo. Entre as meninas, duas relataram casos de experiências como essas, sendo que ambas afirmaram que estavam sob efeito de álcool. Uma delas, inclusive, menciona que só dois dias depois conseguiu lembrar-se, com a ajuda de amigos, quem era o menino com quem havia transado na escada do condomínio. Seis jovens têm depoimentos transcritos para a reportagem, três meninas e três meninos. Porém, apenas dois dos rapazes permitem a divulgação de seus nomes verdadeiros e fotos. Todos os demais pediram à jornalista para que usasse nomes fictícios.

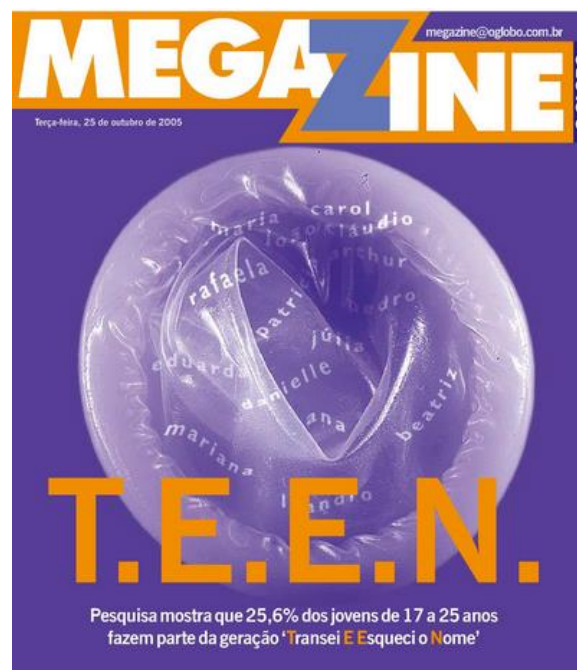


Figura 5: Capa da edição da revista *Megazine* de 25 de outubro de 2005
Fonte: Acervo O Globo

Virgem sim, e daí? é a capa da *Megazine* de 05 de maio de 2009, motivada pelas notícias de que uma jovem romena e outra americana estavam leiloando a virgindade na internet e por uma pesquisa do Ministério da Saúde de 2005 que apontava a média de idade com que os jovens brasileiros começavam a fazer sexo. Os entrevistados discorrem diferentes razões para manter a virgindade enquanto aguardam o momento mais oportuno e a pessoa certa, que vão desde encontrar

alguém mais experiente e fazer sexo apenas quando se sentir preparado ou quando tiver certeza de que tem sentimento envolvido entre os dois. São meninos e meninas entre 18 e 26 anos, mas nenhum deles relaciona a opção com outras crenças ou dogmas religiosos, diferente da matéria de capa *Ficar é do capeta?*, de 15 de maio de 2007, como mostra a imagem a seguir (figura 6).

Nessa publicação, duas jovens católicas foram convidadas pela *Megazine* para repercutir a fala do recém-empossado secretário-geral e porta-voz da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), dom Dimas Lara Barbosa, que afirmara que ficar era comportamento de garotas de programa. Tatiana tem 19 anos, estudou em colégio católico, está cursando graduação de comunicação social, é moradora de Botafogo, na Zona Sul do Rio, e não concorda com a afirmação do eclesiástico. Aline Barros tem 22 anos, é estudante de direito, líder do grupo jovem da paróquia que frequenta no bairro onde mora, em Deodoro, e concorda com a afirmação de dom Dimas Lara Barbosa. Além desse debate, elas são questionadas sobre outros temas como sexo antes do casamento, camisinha e aborto. A reportagem também ouviu um casal de jovens evangélicos, um judeu e um budista – todos se posicionaram contra aquela declaração do bispo.



Figura 6: Página interna da edição da revista *Megazine* de 15 de maio de 2007
Fonte: Acervo O Globo

Dois anos antes, em 2005, outra pauta tratava também de questões relativas a sexo, namoros e religião. O papa Bento XVI, visto como conservador puro e duro, havia assumido a posição há pouco tempo e a capa da *Megazine* de 26 de abril apresentava o título *Geração Benta: nos passos de Bento XVI, os jovens católicos que são contra a camisinha, o aborto e o sexo antes do casamento*. Dois grupos de jovens católicos foram ouvidos para a reportagem, um deles de frequentadores de paróquias na Zona Norte da cidade, o outro, de uma paróquia no Arpoador, Zona Sul. Enquanto o primeiro grupo concorda e admite ser preciso seguir rigorosamente as orientações da Igreja Católica, o segundo mostra-se mais flexível e admite sexo antes do casamento e uso de camisinha. O aborto é condenado em ambos os grupos e a homossexualidade é aceita desde que a pessoa concorde em manter a castidade, na opinião de um dos jovens. “Ficar está acabando, ficar não vem de Deus”, afirma um outro. E sobre castidade, uma jovem garante: “vamos ser sinceros. Ninguém segue isso à risca. Temos de preservar nosso corpo, claro. Mas não significa que você é puro, santo, porque não bebe, não fuma, não transa”.

Outras três publicações analisadas abordam questões relativas aos investimentos na paquera, na conquista de uma parceira ou parceiro. Em 30 de novembro de 2010, por conta do lançamento do livro *O guia do toco – como dar e levar sem perder o bom humor*, das jornalistas Letícia Rio Branco e Fabi Cimieri, a *Megazine* publicou uma matéria com depoimentos de jovens contando quando já deram e levaram toco, como se sentiram e como se saíram nas situações. Toco é o mesmo que levar fora, é ser dispensado quando se tenta conquistar outra pessoa.

O aspecto mais interessante nessa publicação são os nomes atribuídos aos comportamentos dos jovens em cada tipo de toco: “tocobina”, quando deixa de atender o telefone e não responde mais; “toco-bumerangue”, quando se dispensa alguém que não deu atenção quando você estava interessado; “toco *high school*”, quando um jovem mais velho dispensa alguém que ainda está estudando no ensino médio justamente por ser mais novo; “toco Mr.M” (em referência ao mágico de mesmo nome que fazia sucesso no início dos anos 2000), quando a pessoa marca com a outra, mas, como em truque de mágica, some, não aparece. No início do segundo capítulo apresentei casos semelhantes, em que jovens davam nomes para situações em que deixavam de responder pretendentes, namoradas e namorados. Parece o mesmo padrão de comportamento, a necessidade de nomear a ação e

expressar o que está sentindo para poder situar-se na relação e, conseqüentemente, decidir como agir.

Namoro nem pensar é o título da matéria de 28 de junho de 2011 sobre a atriz que criou uma websérie com episódios semanais no YouTube, em que vive situações de uma garota que só está interessada em sexo sem compromisso. A atriz conta que a ideia partiu dos conselhos que dava para as amigas solteiras que não queriam se envolver em relacionamentos, já que ela mesma está namorando há oito anos. Ela diz que se perguntou o que aconteceria se, como os homens, as mulheres adotassem o comportamento de não se envolver em relacionamentos sérios. Então juntou a experiência com as amigas e a motivação da dúvida para criar situações que considera bem humoradas e com dicas de respostas que podem ser praticadas.

Por conta de um grande evento de tecnologia no início de 2011, em São Paulo, a *Campus Party*, em 01 de fevereiro a *Megazine* publicou uma matéria intitulada *A festa do 'zero a zero'*. Nela aborda o comportamento de jovens do gênero masculino frequentadores do evento que são tidos como experts em tecnologia, chamados de *geeks*, mas que não sabem abordar as mulheres para conquistar uma paquera ou uma namorada. Os meninos que foram entrevistados garantem que o lugar não é apropriado para azaração, que estão ali interessados nos produtos e negócios da feira. Já as meninas dizem que os garotos são tímidos, até fazem contato através dos sites de redes sociais e dos aplicativos de conversa, mas que não conseguem ir além disso.

Para tentar resolver a questão, um dos jovens criou, durante o evento, o site *Campus Love*, que poderia conectar interessados e interessadas em formar casais. O desenvolvedor disse que se inspirou na primeira versão do Facebook, quando ainda era um site para avaliar garotas, mas disse que pretende evoluir a ideia para um espaço onde os meninos e meninas que adoram tecnologia possam compartilhar seus interesses comuns, como jogos e linguagens de programação, facilitando o encontro do casal pelas afinidades e habilidades técnicas. Só não explicou se será o suficiente para fazer as conversas avançarem para além do *match*.

A tecnologia também aparece relacionada com sexo virtual na matéria de capa de 26 de junho de 2007: *Os novos pecados capitais: preguiça virou correria; luxúria, sexo virtual; ira, bullying... Megazine lista versões contemporâneas para*

os antigos vícios da Humanidade. Na lista dos novos pecados, um jovem entrevistado, que preferiu não se identificar, diz que o sexo virtual é descomprometido, os nomes das pessoas não são reais e que é parte de um mundo de fantasia. Psiquiatra ouvido pela reportagem comenta que não é errado fazer sexo virtual, mas é preciso controle para não se tornar dependente.

As duas últimas publicações tipificadas nesse grupo são pautas decorrentes de filmes em cartaz no cinema e ambos tratam de triângulos amorosos. A primeira é de 13 de setembro de 2005, e entre os filmes que a matéria de capa *Dez razões para ir ao cinema* indica está *Cidade Baixa*. Ele é recomendado para os jovens pela *Megazine* porque, além de ser tecnicamente bem realizado e ter sido premiado em Cannes, conta a história de um triângulo amoroso de dois amigos com uma stripper. Diante da situação, os amigos colocam a amizade em xeque e a trama se desenrola em torno de sexo, violência e denúncia social.

O outro triângulo amoroso está no filme *Garota da vitrine*, na matéria *Quem vai ficar com Claire*, de 14 de março de 2006. A ocasião é a do lançamento do filme no Brasil naquela semana e a oportunidade que a *Megazine* teve de entrevistar um dos protagonistas, para quem o filme é um estudo sobre relacionamentos e solidão. A história é sobre a dúvida de Mirabelle (personagem vivida pela atriz Claire Danes), que se envolve com um jovem roqueiro e com um milionário de quarenta anos e precisa escolher entre os dois. A publicação explica que o filme é baseado no romance *A balconista*, de Steve Martin, que estava sendo relançado no país. Para o repórter que recomendou o filme, a história deixa de lado os típicos clichês da comédia romântica para investigar o que move os relacionamentos contemporâneos.

Quinze publicações selecionadas no conteúdo da revista foram tipificadas na categoria *durante o relacionamento*. O grupo com maior quantidade de pautas nesse conjunto é o que aborda temas envolvendo separação e ciúmes – são sete no total. No dia 04 de julho de 2006 está na capa da *Megazine* *Inseparáveis: sair sozinho à noite é proibido para casais de namorados ciumentosos*. Observando todos os depoimentos incluídos na matéria, a maior parte das mulheres diz não se importar que seus namorados saiam sozinhos porque confia neles; enquanto os homens afirmam não admitir que suas namoradas possam sair sozinhas porque sabem que

elas podem ser assediadas. Há também casais para quem sair sozinho com amigos ou para festas não é um problema, ambos concordam que é saudável e que respeita a individualidade do outro.



Figura 7: Capa da edição da revista *Megazine* de 04 de julho de 2006
Fonte: Acervo O Globo

Os ciúmes também aparecem na publicação de 29 de janeiro de 2008 que está na capa com o título *E tudo não acaba na quarta-feira: namoros que nasceram no carnaval e resistem até hoje*. Depois de narrar como quatro casais se conheceram em blocos de rua no carnaval do Rio e mantiveram a relação como namoro dali em diante, o desfecho fica em torno dos ciúmes que uma das entrevistadas sente ao saber que seu namorado é assediado por outras mulheres enquanto ele está tocando nos blocos em que é músico.

Outras quatro publicações tratam da possibilidade de separação do casal em circunstâncias típicas nas vidas de jovens. Em 09 de dezembro de 2008, a capa da revista apresenta *Nem a faculdade os separa: festas, azaração e horas de estudo. Nada disso atrapalha casamentos de universitários*. Jovens entre 19 e 24 anos contam por que decidiram se casar, como conciliam o relacionamento com o tempo dedicado aos estudos e afirmam não sentir falta das festas com colegas de faculdade que são típicas nessa época. Uma jovem de 21 anos que se casou aos 18 disse estar feliz com a escolha e admite que a decisão teve influência do fato de frequentar

igreja evangélica, onde a maior parte das amigas na mesma faixa etária já está casada também.

Já no dia 06 de junho de 2006 a pauta era a separação de jovens casais assim que ingressam na universidade. *Namoro antigo, vida nova* apresenta depoimentos de jovens que romperam com seus pares assim que começaram a graduação, seja porque estavam interessados em conhecer e ficar com outras pessoas nas festas com colegas da faculdade, seja porque seus parceiros e parceiras não os acompanhavam nas experiências com novos amigos. É uma reportagem especial em homenagem ao dia dos namorados, que aconteceria na semana seguinte, no entanto, há apenas um casal entre os personagens mostrados que continua junto mesmo depois de ambos entrarem na faculdade. Cinco meninas ouvidas afirmam que a razão pela qual terminaram seus namoros foram as cobranças e ciúmes dos rapazes. E dois jovens do primeiro período de economia declaram seguir firmes com suas namoradas da época da escola.

Experiências ou viagens mais longas para fora do país também aparecem como possíveis causas de separação do casal. Em uma edição inteiramente dedicada a orientações sobre como se preparar e sobre como são os programas de intercâmbio para jovens no exterior, uma das matérias que recebe mais destaque – página dupla, a segunda da revista, atrás apenas daquela que abre a edição e aborda aprendizado de idiomas – tem como título *Namoro resiste à distância?*. Dois jovens são entrevistados e um deles terminou o relacionamento com a namorada antes de viajar porque gostaria de se divertir e não ficar preso a uma foto de uma pessoa que está tão distante, nas palavras dele. O outro vai passar cinco meses fora do país, mas disse que vai contar com a internet para manter o namoro mesmo à distância. As três jovens que deram depoimentos afirmaram que o intercâmbio seria um período dedicado a aprender, que estavam mais interessadas em estudar e viver a experiência em outro país, por isso contavam em manter o contato com os namorados que ficariam aqui e até faziam planos para quando voltassem.

Em 2010, foi a maior quantidade de tempo juntos do casal que motivou matéria de capa *Até que as férias nos separem*, no dia 08 de junho. Entre regras de escolas e cursinhos preparatórios de vestibular sobre como os jovens casais devem se comportar naquele ambiente, a publicação pergunta para os namorados se mais

tempo juntos todos os dias compromete a relação. Quatro casais são entrevistados e todos apontam vantagens e desvantagens: apoiar um ao outro nos estudos e presenciar momentos em que a parceira ou o parceiro está de mau humor, com raiva ou triste, respectivamente. É como se à relação coubesse sempre a tranquilidade e a harmonia do casal, enquanto qualquer ruído ou outro sentimento seria tomado como um catalisador de razões para não estarem mais juntos.

E já em 2005 a tecnologia aparecia como protagonista de histórias de ciúmes e até de práticas para acompanhar mais de perto parceiras e parceiros, como mostra a próxima imagem (figura 8). *Orkut discute a relação: jovens brigam e até terminam namoros depois de vigiar seus pares pelo site* é a capa da *Megazine* de 15 de março para falar sobre pessoas que passaram a acompanhar os rastros deixados por namoradas e namorados no site de rede social. Tem quem passou a usar o site com a intenção de buscar fotos das ex-namoradas do atual parceiro para avaliar como elas são e se continuam se aproximando dele através de mensagens na rede social. Tem casal que usa foto dos dois juntos no perfil de cada um deles para afastar investidas de outras pessoas, além do caso de uma entrevistada que declarou que tem a senha do perfil do namorado para ver quem faz contato e deixa depoimentos no mural dele.

Aconteceu também de um jovem que se desentendeu com a namorada porque percebeu que ela respondia aos elogios que recebia de outros meninos publicamente na rede social e, ainda, o caso de um rapaz que descobriu que sua namorada era bissexual porque viu interações dela com outras meninas – os dois conversaram, ficou tudo bem e seguiram namorando. Há o caso de dois jovens que mantêm um relacionamento aberto – eles estão juntos, mas podem ficar com outras pessoas por quem se interessem – e confessam que costumam visitar o perfil um do outro para ver as novas conexões de seus parceiros na tentativa de descobrir se é alguém com quem ele ou ela ficaram em paralelo.



Figura 8: Capa da edição da revista *Megazine* de 15 de março de 2005
 Fonte: Acervo O Globo

Ainda com atravessamentos da tecnologia aparecem outras duas publicações: *Minha vida fake: adolescentes incorporam personagens e criam mundo paralelo em redes sociais, com festa praia, namoros e filhos virtuais*, de 27 de outubro de 2009, e *Amor nos tempos de internet*, de 26 de julho de 2011. A primeira revela práticas dos jovens usando os espaços de interação na internet para criar perfis com apresentação, imagem e personalidades diferentes da própria para bater papo, conhecer pessoas, participar de eventos online etc. Eles criam histórias diferentes para seus personagens fictícios, vão a lugares que não são reais, participam de eventos que só existem dentro das redes sociais e até começam a namorar.

Uma das entrevistadas conta que se apaixonou por um homem com quem começou a conversar, esticaram a conversa nas semanas seguintes até que decidiram assumir um romance, sem nunca terem se encontrado. A relação durou pouco mais de um ano até que ela descobriu que do outro lado estava uma outra menina se passando por menino. Ela afirma que se encantou pelo jeito de escrever, pelas afinidades, pelos gostos em comum e pela forma que ele tinha de demonstrar que estava gostando dela – tudo isso através dos serviços de bate papo na internet. A menina que se passou por um homem disse que não tinha intenção, mas que a conversa ficava cada vez melhor e ela resolveu dar vazão à experiência de se passar

por homem. Mas foi ela também quem decidiu revelar a verdade um ano depois e convidar a “namorada” para conversar. Depois de um período afastadas, elas se entenderam e decidiram ficar amigas.

A segunda matéria até se parece um pouco com a primeira na medida em que também se admite que é possível se apaixonar por alguém com quem você só conversa pela internet, descobre afinidades e se encanta com o tratamento e o carinho da pessoa mesmo antes de encontrá-la pessoalmente. Casal de autores e atores de uma peça de teatro que estreava no Rio conversa com a reportagem sobre a história da mulher em crise no casamento que se apaixonou por um fã com quem se correspondeu somente por e-mail e chat (serviços de conversa na internet). Os autores Clarice Falcão e Gregório Duvivier, que são namorados e têm 22 e 25 anos, respectivamente, admitem que antes do relacionamento já conversavam bastante pela internet e que isso contribuiu para que nutrissem sentimentos um pelo outro antes mesmo de começar o namoro.

Abordando diferenças nas relações há duas publicações nessa tipificação. Em 07 de dezembro de 2010, a capa da *Megazine* tem uma matéria sobre jovens que preferem mulheres com mais idade que eles: *Ele, 22. Ela, 33. E quando o homem é mais novo? Casais falam de vantagens e problemas de uma relação que foge do lugar-comum*. São apresentados quatro casais: Thais, de 19 anos e Lucas, de 17 anos; Eduarda, de 18 anos e Rian, de 16 anos; Daniela, de 33 anos e Gabriel, de 22 anos; e Anna Luiza, de 39 anos e Rafael, de 26 anos.

Thaís e Lucas se conheceram na igreja e ele se sente constrangido com o fato de ser ela a pessoa que dirige o carro. Eduarda e Rian já eram amigos desde a infância, mas há nove meses perceberam que gostavam de estar um com o outro e começaram a namorar. Daniela, que afirma já ter tido outros seis relacionamentos com mais novos, conta com Gabriel para fazer programas que homens da sua idade já deixaram de curtir – nas palavras dela – como festas à noite, trilhas, viagens, esportes etc. Gabriel, que garante que só namorou mulheres com mais idade que ele, tem em Daniela uma mulher que ele acredita ser mais madura, bem resolvida, menos ciumenta e que provoca menos estresse e brigas. Anna Luiza não acreditava muito que poderia dar certo, mas depois do primeiro encontro, em um mês já estava morando com Rafael, com quem está casada há um ano e tem um filho há três

meses. Ambos garantem que a razão da relação bem-sucedida do casal é o respeito pelas diferenças que marcam suas idades e seus momentos de vida pessoal e profissional.

Na publicação do dia 12 de abril de 2011 os jovens personagens que são capa da revista garantem que não querem namorar: *Ombro amigo: as histórias de meninos e meninas que, adeptos da amizade colorida, “quebram o galho” um do outro, mas não pensam em namoro*. A pauta aproveita a oportunidade do lançamento de dois filmes, *Sexo sem compromisso* e *Amigos com benefício*, e de uma mudança feita pelo Facebook na plataforma que permitiria associar o perfil de uma pessoa ao da outra para demonstrar a relação de amizade colorida entre elas. Jéssica e Pedro, que se conhecem desde o colégio e sempre tiveram muitas afinidades, decidiram fazer sexo um dia, em uma ocasião oportuna quando estavam sozinhos e sentiram desejo, e desde então se encontram para transar, mas sem comprometer a amizade ou configurar relacionamento.

Eleandro Diniz garante que tem três amigas coloridas e que é muito bom o sexo entre amigos: “primeiro nasce a amizade, depois a gente começa a colorir. Quando estamos voltando da balada, nos ligamos, vamos para casa um do outro, vemos um filme, e acaba rolando”. Cheyene Santana diz que tem várias amizades coloridas e que é possível se apaixonar ou saber que um deles se apaixonou por ela: “já aconteceu de ficar apaixonada, mas me saí bem. Sofro num dia e, no outro, vou à balada”.

Em junho de 2009, com a proximidade das comemorações do dia 12 de junho, a matéria de capa é *Dia das Namoradas: sem ligar para o preconceito, meninas assumem seu amor por meninas e aderem a rede social exclusiva para elas, que já formou muitos casais*, como mostra a próxima imagem (figura 9). A ênfase principal da publicação é o site chamado *Leskut* para meninas lésbicas que buscam parceiras, que destaca o mecanismo de moderação manual para impedir a entrada de homens, já que todos os cadastros precisam ser aprovados por um grupo de mulheres que trabalham como moderadoras. Uma das histórias é sobre um casal formado a partir de encontros presenciais marcados através da plataforma, os “leskontros”. Elas se conheceram online, depois de três “leskontros” começaram a namorar, estão noivas, mas enfrentam preconceito dentro de casa com suas famílias.



Figura 9: Capa da edição da revista *Megazine* de 12 de junho de 2009
Fonte: Acervo O Globo

Outra pauta sobre sexualidade é *A redenção de Júnior*, de 07 de fevereiro de 2006. Bruno Gagliasso, ator, é convidado a assistir e a comentar o lançamento do filme *Brokeback Mountain*, sobre o amor de dois caubóis americanos, lançado naquele ano. O ator é o entrevistado com destaque da matéria porque seu personagem homossexual, em uma novela cuja exibição terminara há pouco tempo, não teve a cena de beijo com o par romântico veiculada no último capítulo devido a um veto da emissora. Gagliasso admite que o assunto ainda é tabu e que entende a decisão da emissora, porém, observa que o mundo caminha para tornar-se menos conservador. Afirmo que gostou do filme, mas que certamente não vai agradar a todos, assim como seu personagem não agradou, mas que o importante é dar esse passo no sentido de gerar mudanças.

Por fim, outras duas matérias às vésperas do dia dos namorados: *Namoro no campus*, de 07 de junho de 2005, e *Casal modelo*, de 07 de junho de 2011. Na primeira, fotos de casais se beijando e de meninas e meninos ao lado de presentes ou mensagens, escritas à mão ou no celular, com declarações de amor. Na segunda, três casais em que ambos trabalham como modelo profissional de campanhas publicitárias contam como lidam com assédio em cima de seus pares na escola, na

faculdade e nos eventos sociais. Nas duas publicações, todos os casais são heterossexuais.

Entre as trinta e quatro publicações selecionadas para tipificação nesta etapa, seis delas não se encaixam em nenhuma das duas categorias em que as demais foram descritas acima. Mas serão mantidas aqui para análise porque, em alguma medida, passam pelas questões que envolvem as relações afetivas de jovens. Duas delas, embora publicadas com intervalo de dois anos, tratam de questões bem próximas.

No dia 10 de julho de 2007, a capa da *Megazine* tem o seguinte título: *Pitmúsica: jovens artistas da Zona Sul ofendem mulheres em suas letras, copiando estilo inaugurado por rappers e funkeiros*. A matéria é escrita por um repórter e é toda em tom de crítica dura – intercalando deboche e ironias – contra as letras de bandas cariocas que ofendem mulheres e têm versos sobre agressões físicas ou xingamentos. Uma psicóloga e uma psicanalista ouvidas pela reportagem concordam que essas letras parecem reações dos homens incomodados com os comportamentos cada vez mais independentes das mulheres. E alertam que esse tipo de letra pode estimular a violência contra a mulher.

Em 31 de março de 2009, pouco depois de tornar-se pública a denúncia de agressão sofrida pela cantora Rihanna de seu ex-namorado Chris Brown, a matéria na *Megazine* pergunta no título *Machismo ou fanatismo?*. A pauta discorre sobre a denúncia, os fatos apurados pela polícia americana até aquele momento, os depoimentos dos dois artistas, a repercussão do episódio sobre suas carreiras, mostra depoimentos do público americano apoiando Brown e condenando Rihanna por ser ciumenta e tem uma foto de Rihanna com ferimentos no rosto que seriam decorrentes do episódio. Além disso, inclui o depoimento de duas estudantes de colégios cariocas, cujas identidades ficaram em sigilo a pedido da direção, concordando que o cantor pode ter exagerado, mas que a culpa é de Rihanna que o teria provocado com ciúmes.

Uma terceira pauta que não está tipificada como as demais é a da matéria de capa do dia 31 de janeiro de 2006: *A culpa é do cérebro: saiba por que os adolescentes querem distância dos pais, se apaixonam a todo momento, são rebeldes, ficam deprimidos...* Em uma lista de perguntas e respostas sobre

comportamentos dos jovens, a neurocientista Suzana Herculano-Houzel, que havia lançado um livro chamado *O cérebro em transformação*, no final de 2005, explica tais comportamentos com base em pesquisas que atestariam que tudo que acontece com as pessoas entre 11 e 18 anos está relacionado a uma revolução química e neurológica. E uma das perguntas é “por que me apaixono tanto?”. Para a neurocientista, sexo, beijos e carícias são uma forma de compensar uma baixa no sistema de recompensas no cérebro no começo da adolescência decorrente de mudanças provocadas por hormônios. Além disso, há grande impulsividade e falta de discernimento de quem é ou poderia ser um bom parceiro ou parceira, logo, acontecem mais paixões, todas com bastante intensidade, quase nenhuma delas duradoura, garante a especialista.

Para concluir, as três últimas não são matérias, mas são também parte do conteúdo da revista porque tratam-se de opiniões dos leitores repercutindo outras pautas que atravessam as relações afetivas entre os jovens, em especial o sexo. Em três semanas consecutivas, as edições dos dias 11, 18 e 25 de janeiro de 2005 deram espaço para expor diferenças de opiniões a respeito da campanha de conscientização do Ministério da Saúde para uso de preservativo. Na seção da revista que publica mensagens enviadas pelos leitores, a primeira manifestação contrária à campanha, no dia 11 de janeiro, motiva outros leitores a se manifestar nas semanas seguintes e, assim, podemos identificar as posições de alguns jovens sobre o uso do preservativo nas relações sexuais – tema que também apareceu nas pautas sobre religiosidade principalmente.

Além disso, enquanto analisava essas manifestações, outra mensagem em particular chamou atenção. No mesmo dia 11 de janeiro, um jovem leitor comenta sua relação com a *Megazine*, corroborando com o valor que atribuí ao veículo na pesquisa como canal de expressão da cultura dos jovens. Na imagem a seguir (figura 10), a primeira mensagem à esquerda é o estopim para as respostas nas semanas seguintes sobre a campanha para uso de preservativos; ao lado dela, a mensagem sobre a relevância da *Megazine* para os jovens.

Camisinha	Polêmicas
<p>É muito triste a degradação da família nos dias atuais, as propagandas de uso da camisinha que não são 100% seguras, e sim 85%. O governo erra ao fazer a propaganda da camisinha pois acaba estimulando o ato sexual precoce em nossa sociedade! É lamentável tal atitude! Valoriza um prazer humano mais do que o próprio homem! Quantas não são as mulheres que abortam a cada dia neste país? E o governo continua a manter a campanha! Uma campanha que deveria incentivar o uso da camisinha numa relação, acaba incentivando a prática sexual! (...) Alex Gomes Cardoso tem 22 anos e estuda psicologia na Uerj</p>	<p>Parabéns à Megazine por ter se firmado, em 2004, não apenas como revista que fala sobre temas adolescentes, mas verdadeiramente como um espaço para os jovens dizerem o que pensam. Aquela polêmica sobre cocotas, Dibob, MC Fox, etc., que ocupou as páginas da revista durante semanas, mostrou que a Megazine é, além de tudo, um veículo fundamental para a juventude se expressar. Parabéns a vocês e ao leitor Rafael Lima, que, de forma bastante inteligente, promoveu um grande debate. Continuem assim este ano Alfredo Sampaio</p>

Figura 10: Seção de Cartas dos Leitores da revista *Megazine* de 11 de janeiro de 2005
Fonte: Acervo O Globo

Nas duas imagens a seguir (figuras 11 e 12), as respostas nos dias 18 e 25 de janeiro de 2005, respectivamente:

<p>Camisinha I</p> <p>Na minha opinião, foi um tanto inverossímil a afirmação do Alex Gomes Cardoso na edição de (11-01). Ele defendeu que as propagandas de uso de camisinha não são 100% seguras. Eu discordo. Ele se torna um tanto quanto incoerente quando afirma que o governo continua a manter a campanha mesmo acompanhando a realidade do Brasil, onde muitas mulheres abortam a cada dia. Se essa é a realidade mais um fator positivo para que a campanha seja mantida, não? (...) Eduardo Bina-to, 17 anos — RJ</p> <p>Ainda a camisinha</p> <p>Discordo do que o leitor Alex Cardoso disse em sua carta, publicada na Megazine do último dia 11. (...) Não creio que o governo esteja errando; ao contrário, é importante que ele cum-</p>	<p>pra o papel de informar a população sobre os riscos a que estão expostos aqueles que não usam o preservativo. (...) Ademais, o programa brasileiro de combate à Aids tem sido apontado como referência mundial. Infelizmente, a falta de informação (...) continua a nos apresentar casos de adolescentes grávidas e casos afins. Concordo que a sexualidade esteja sendo descoberta cada vez mais cedo, mas não creio isso à "degradação da família". (...) A meu ver, o maior mal reside na superexposição da sensualidade na mídia. São raríssimos os programas que não exibem corpos em trajes reduzidos (...) João de los Reyes, 20 anos, estudante de letras na Universidade Federal de Juiz de Fora</p> <p>Mais camisinha</p> <p>Muito me espantou a carta de Alex Gomes Cardoso. Ele de-</p>	<p>veria ter um pouco mais de noção sobre a realidade brasileira. As estatísticas mostram que os jovens começam suas relações sexuais cada vez mais cedo, e sem usar proteção alguma. (...) Então, uma coisa de cada vez: primeiro vamos incentivar o uso da camisinha porque ela é 99% eficiente quando usada corretamente (e não 85% como o Alex disse) e, além de prevenir a gravidez, previne doenças. Depois que o número de jovens que usam camisinha chegar a um nível considerável, pode-se pensar em incentivar o início de relações sexuais mais tardiamente. (...) Patrícia Azevedo, 19 anos, estudante de publicidade na UFF</p> <p>Britney</p> <p>O colunista Bruno Porto disse que as três músicas inéditas da</p>
--	--	---

Figura 11: Seção de Cartas dos Leitores da revista *Megazine* de 18 de janeiro de 2005
Fonte: Acervo O Globo

Camisinha	
Gostaríamos de expressar nossa indignação ao lermos o comentário de Alex Gomes Cardoso (11-01). E queremos deixar claro que: mesmo que a propaganda estimule o ato sexual, ela ensina como fazê-lo seguramente; a propaganda tem como um de seus objetivos instruir pessoas que não pos-	suem tal informação e que por isso constituem famílias sem estrutura; as propagandas estimulam os jovens a procurar informações sobre o assunto, e a camisinha e o único método contraceptivo que além de evitar a gravidez previne as DSTs. Julia G. e Mariana R., de 15 anos, estudantes de biotecnologia do Cefetec e edificações do Cefet — RJ

Figura 12: Seção de Cartas dos Leitores da revista *Megazine* de 25 de janeiro de 2005
Fonte: Acervo O Globo

Aqueles que se manifestam a favor da campanha e contrários à opinião do primeiro discorrem diferentes motivos para a necessidade de se falar sobre o uso de preservativos nas relações sexuais dos jovens e incluem outras perspectivas sobre o tema, como a questão do aborto, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, idade com que os jovens começam suas relações sexuais e até a sexualização do corpo da mulher na televisão. Interessante notar como o mesmo assunto sensibiliza cada um deles de maneiras diferentes, justamente para pensar como as representações sociais não são fruto de uma massa homogênea de imagens, ideias e pensamentos, mas de constantes atritos e tensionamentos de individualidades, cada qual atravessada por suas próprias motivações e conteúdo. A próxima seção trata de algumas dessas representações observadas nesta fase da pesquisa e suas implicações na cultura juvenil.

3.1.2. Representações sociais na análise interpretativa de conteúdo

Na teoria das representações sociais de Moscovici (2015), a compreensão é uma faculdade humana que se origina da comunicação social. Compreender é o objetivo do estudo das representações sociais a partir da observação “(a) das circunstâncias em que os grupos se comunicam, tomam decisões e procuram tanto revelar, como esconder algo; (b) das suas ações e suas crenças, isto é, das suas ideologias, ciências e representações”(Moscovici, 2015, p.43). Para Moscovici

(2015), interessa, nessa ocasião, estudar o ser humano enquanto ele faz perguntas e procura respostas ou pensa, não enquanto ele processa informações ou se comporta.

Em primeiro lugar, admite-se que as representações sociais têm como objetivo abstrair sentido do mundo para, em seguida, introduzir ordem e percepções que o reproduzam de forma significativa. A partir daí, faz-se necessário assumir que pessoas e grupos não são receptores passivos das ideias e informações que circulam nos meios sociais, mas, sim, “pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam” (Moscovici, 2015, p.45). Logo, o material descrito acima para análise está sendo tomado como uma das possíveis fontes de organização de discursos inseridos nas culturas juvenis para situar as representações sociais das relações amorosas.

Para Moscovici (2015), as palavras e ideias são estruturas dinâmicas que operam um conjunto de relações e de comportamentos que surgem e desaparecem, junto com as representações. Interessa, nesse sentido, observar e compreender os conceitos de nível macro associados às representações da relação afetiva que estão marcadas na linguagem da mídia, assim como as tensões de nível micro que motivam as perguntas, as buscas por respostas e pensamentos, que atiram e podem desestabilizar aquelas representações, na medida em que infinitas diferenças se colocam nas interações e relações dos jovens e entre eles.

A partir daquele material, pretendo discorrer a seguir sobre quatro representações sociais incutidas nas ideias e pensamentos recorrentes na revista, identificados na análise para esta pesquisa. A primeira delas é sobre a posição das mulheres nas relações amorosas, tanto as afetivas quanto as estritamente sexuais em alguns casos. Outra representação é a da relação heteronormativa que prevalece na quase totalidade dos discursos e imagens do conteúdo. Além dessas, aparecem também crenças e dogmas religiosos e monogamia.

É possível notar com bastante clareza – e frequência – traços da posição atribuída às mulheres nos relacionamentos a partir do conteúdo analisado: são elas que mantêm a aura romântica da relação porque se mostram mais sensíveis com os sentimentos descobertos nas trocas, nas conversas, nas afinidades que revelam e valorizam; são elas que fazem planos de relações duradouras e casamentos, assim

como prezam pela fidelidade e pela confiança no parceiro; e, principalmente, são elas que precisam zelar por uma imagem – leia-se: reputação – aceitável pelos homens. Quando se propõem comportamento menos moralista, são nomeadas “libertárias” (*Com espírito libertário (...) uma turma de meninas chega junto dos meninos no Carnaval*, 01. Mar 2011), ou precisam esconder seus nomes e rostos para não serem identificadas como as que fogem de um padrão, pois deixariam de corresponder às expectativas dos homens. Mulheres causam problemas para a amizade de dois homens se ambos se apaixonam por elas; ou são cobradas a se posicionar e escolher um dos lados quando se envolvem em um triângulo amoroso. E mesmo quando ousam falar abertamente sobre sexo – tema que circula mais à vontade entre os homens porque parece não comprometer a reputação deles – pesa sobre elas, mais uma vez, o comprometimento do imaginário idealista dos homens.

Quando se trata de ciúmes e separações são as mulheres que desconfiam, que apresentam e discorrem sobre as artimanhas para descobrir as traições, são elas que afugentam outras mulheres interessadas nos seus parceiros. Mulheres são compreensivas quando eles decidem sair com amigos e sem elas, mas os homens têm razão em sentir ciúmes se elas fazem o mesmo porque, nas palavras deles, o assédio em cima das mulheres é muito grande – parece que elas são seres incapazes de decidir e recusar investidas de terceiros e que apenas por serem mulheres vão sucumbir. Mulheres são as personagens em maior quantidade quando o assunto é virgindade, casamento, romantismo; homens figuram com mais frequência entre pautas de sexo e sexo casual.

Esse aparente quadro relacionado à presença das mulheres no conteúdo da revista voltada para o público jovem não dá conta de todas as nuances da representação social do papel atribuído às mulheres nos relacionamentos amorosos, mas indica sinais de repetição do discurso, da linguagem e das gramáticas sociais com as quais são frequentemente associadas. Os movimentos de oposição e adaptação, tais como indicam Tarde (1895), estão, sim, presentes, porém movem-se com maior resistência até que sejam capazes de superar a repetição e promover inovação. É possível perceber esses movimentos quando as mulheres são protagonistas de histórias de sexo casual; quando trocam de posição com os homens na paquera, abandonando o papel passivo de esperar que falem com elas; quando

não precisam se esconder no anonimato; e até quando tratam de virgindade para além da moral ocidental católica de sexo só depois do casamento.

No entanto, é possível notar também, como aqueles movimentos avançam e recuam continuamente ao longo do tempo. Em 2005, as mulheres entrevistadas para a reportagem sobre comportamentos de solteiros que beijam muitas pessoas em uma única noite pediram para não serem identificadas, nem aparecer nas fotos. Seis anos mais tarde, em 2011, um grupo de nove mulheres aparece em fotos, cada uma delas identificada com seus nomes, contando histórias de quando beijam mais de uma pessoa no mesmo dia, no mesmo evento durante as festas no Carnaval. Voltando um pouco no tempo, em 2007, outra jovem é contra o “ficar” e concorda com as afirmações do bispo que declarou que tal comportamento é típico de garotas de programa.

Sexo sem compromisso é descrito como comportamento de uma geração de jovens que não se lembra dos nomes dos parceiros com quem transa, em 2005. E em 2009 a virgindade é um atributo de jovens que querem sentimento, romantismo, momento certo, pessoa certa e não estão dispostos a sucumbir às pressões dos amigos e da sociedade para que tenham relações sexuais. Em 2010, as jovens da pauta sobre sexo estão preocupadas com o que os rapazes podem pensar delas; em 2011, pelo contrário, outras jovens entrevistadas não querem saber o que vão pensar delas quando estiverem tomando a iniciativa para beijar diferentes parceiros em uma mesma festa. E assim segue o movimento de repetição, oposição e, possivelmente, criação numa projeção futura, que corrobora com a agitação no interior dessa representação social.

Para Moscovici (2015), as representações sociais, nesse contexto, devem ser compreendidas nos âmbitos político, científico e humano nos quais estamos inseridos e estão aumentando em proporção direta com a heterogeneidade e a flutuação das ciências, das religiões e das ideologias, à medida em que também precisam mudar para serem capazes de penetrar a vida cotidiana e tornarem-se parte da realidade comum. Ele acredita que os meios de comunicação de massa têm papel relevante nesses processos porque “aceleraram essa tendência, multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades

concretas como indivíduos sociais” (Moscovici, 2015, p.48). Nas palavras do autor, empregar o termo social em vez de coletivo, ao referir-se às representações, elucida como esses são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar, que cria tanto a realidade quanto o senso comum.

Outra representação social que se pode notar a partir do material analisado é a da relação heteronormativa que está em quase todo o conteúdo analisado do período. Nas motivações que geram as pautas, nos personagens apresentados, nas situações vividas pelos casais, nas imagens que ilustram o conteúdo e nas circunstâncias cotidianas dos pares prevalecem os casais heterossexuais. No período do material coletado para análise, a primeira menção a relações homoafetivas aparece na publicação de 2006 que repercute o lançamento de um filme americano e o veto à cena de beijo de dois personagens homossexuais em uma novela na televisão aberta no país. Ainda assim, o conteúdo se restringe a ouvir a opinião de um ator e uma atriz, ambos declaradamente heterossexuais, que concordam que o mundo está caminhando para ser menos conservador.

Três anos mais tarde, em 2009, a matéria de capa é sobre um aplicativo exclusivo para mulheres homossexuais que está sendo usado por jovens para encontrar parceiras. Publicada no dia 09 de junho, a propósito do dia dos namorados, a reportagem conta a origem do aplicativo, conversa com as desenvolvedoras do serviço, apresenta duas usuárias e resume a história de um casal que se conheceu através de encontros presenciais promovidos na cidade por grupos de usuárias da plataforma. Nos depoimentos, esse casal é questionado sobre como seus pais convivem com a orientação sexual delas. Uma família aprova e a outra não concorda, nem aceita a relação da filha. O casal está em uma foto em que elas estão abraçadas, como se fossem se beijar; as duas usuárias estão sozinhas, uma delas já tem namorada, porém, a família não deu consentimento para que aparecesse com sua parceira. Dentro do conjunto de publicações analisadas no período essas são as duas únicas ocasiões em que a relação homoafetiva aparece nas pautas; e é apenas nessa segunda publicação que surgem fotos de homossexuais e casais homoafetivos.

Mas a prevalência da relação heteronormativa se nota também na ilustração de fotos e imagens de casais e relações afetivas e sexuais em todas as demais pautas coletadas para análise. Desde aquelas que celebram o dia dos namorados com fotos de casais que são modelos publicitários, casais nos campi das universidades, casais trocando presentes até aquelas reportagens que tratam de comportamentos dos jovens, como as festas, as viagens, os encontros com os amigos – em nenhuma dessas ocasiões aparecem pessoas ou menções às relações homoafetivas em uma coleção de mais de trezentas edições da revista ao longo de seis anos. Além disso, em duas ocasiões a palavra “homossexualismo” aparece para referir-se à orientação sexual: primeiro na matéria de 26 de abril de 2005 sobre jovens católicos e suas convicções alinhadas com o conservadorismo do novo Papa eleito, depois na publicação que entrevista os atores brasileiros sobre o filme americano com protagonistas homossexuais. No entanto, desde 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o sufixo -ismo que assimilava a homossexualidade à doença; e no Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina já havia adotado medida semelhante por pressão do Grupo Gay da Bahia que reuniu mais de dezesseis mil assinaturas em um abaixo-assinado³⁷.

Na teoria de Moscovici (2015), as representações sociais ocupam lugares em uma sociedade “vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada um com possibilidade de falar em nome do grupo e sob seu auspício” (MOSCOVICI, 2015, p.50), onde, no longo prazo, “a conversação (os discursos) cria nós de estabilidade e recorrência, uma base comum de significância entre seus praticantes” (Moscovici, 2015, p.51). Porém, é preciso reconhecer que, nesse caso da representação heteronormativa nas relações afetivas dos jovens, os movimentos de oposição que poderiam desestabilizar aquelas representações e promover outras novas precisariam ser ainda mais recorrentes na conversação – e possivelmente extrapolar o viés restrito da mídia – para lograr sucesso.

Embora não caiba a esta pesquisa a investigação das razões pelas quais a linha editorial da *Megazine* manteve-se tão fiel à heteronormatividade nas pautas sobre relacionamentos na cultura juvenil, pode-se especular motivos alinhados com a

³⁷ MAIA, Dhiego. Há 30 anos, OMS tirou da homossexualidade de catálogo de distúrbios. Folha de São Paulo: São Paulo, 16 mai. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/ha-30-anos-oms-tirou-homossexualidade-de-catalogo-de-disturbios.shtml>> Acesso em: 05 out. 2021

linha editorial do próprio jornal onde a revista está inserida, tipicamente um jornal impresso consumido pelas famílias de classe média cariocas, como comprovam os números de circulação e audiência apresentados no capítulo dos investimentos metodológicos. Isso por si só não é suficiente, claro, para buscar ou explicar razões, mas há grandes chances de que a linha editorial tivesse sido orientada nesse sentido para não implicar discordância e conseqüentemente redução de consumo da audiência por parte dos pais desses jovens, que são efetivamente os consumidores pagantes das edições do jornal nas bancas e por meio de assinaturas.

Considerando que no conjunto de dados analisados muitas pautas foram promovidas a partir de filmes, livros, novelas e outros produtos culturais que circulavam à época, pode-se argumentar também que no período havia poucos deles abordando relações homoafetivas – o que pediria uma investigação mais aprofundada – ou que poucos foram capazes de cativar a atenção dos editores e repórteres da *Megazine* a ponto de transformá-los em pautas com a mesma frequência com que fizeram com as questões das relações heterossexuais. Para além de mais essa especulação, atribuo a predominância da relação heteronormativa no conteúdo da revista a outro aspecto da teoria de Moscovici (2015), para quem tudo o que é feito ou dito nos universos consensuais das representações sociais “confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição” (Moscovici, 2015, p.54). Sem referenciais distintos daquela representação, o passado prevalece sobre o presente repetindo as mesmas situações, gestos e ideias no interior de relações familiarizadas por objetos, pessoas e acontecimentos que são percebidos em relação a estímulos prévios.

Por essa razão, caberá aos processos de ancoragem e objetivação, como na teoria de Moscovici (2015), promover as condições para a substituição ou a atualização de antigas representações sociais. Nomear, categorizar e viabilizar a familiaridade das relações homoafetivas – tornar familiar o não familiar – através de objetos, imagens e acontecimentos, seja na mídia, seja no cotidiano, ainda vai requerer, naqueles e nos anos seguintes, esforços de repetição e oposição que empurrem as mudanças para posições em que podem vir a ser aceitas, a depender da persistência dos diálogos e dos discursos que escapam dos padrões de referências. Refiro-me à nomeação das relações homoafetivas não no sentido de denotar apenas, mas como a libertação “de um anonimato perturbador, para dotá-lo

de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na matriz de identidade de nossa cultura” (Moscovici, 2015, p.66) Os reflexos de alguns esforços nesse sentido aparecem nos discursos das jovens interlocutoras que participaram desta pesquisa, como poderá ser visto no capítulo seguinte.

As outras duas representações que acionei no material estão diretamente relacionadas, já que a influência da cultura católica no Ocidente e a monogamia são parte de um mesmo projeto. No dia 26 de abril de 2005, a escolha de um novo papa tido como mais conservador motivou a pauta apresentando jovens cujas ideias e escolhas estão alinhadas com os dogmas da Igreja Católica em relação a sexo antes do casamento, uso de preservativos, aborto, homossexualidade e o próprio conservadorismo nos costumes. Dois anos mais tarde, em 2007, a pergunta na capa é *Ficar é do capeta?* – motivada pela declaração de um bispo contrário ao comportamento típico da juventude de escolher não se comprometer nas relações.

Embora apenas duas publicações abordem explicitamente as crenças e dogmas religiosos envolvendo relacionamentos amorosos, é possível notar os traços daquelas representações em outros aspectos no conteúdo da revista. Por exemplo, a virgindade, que aparece como tema de capa em 2009; o sexo virtual, que por ser descomprometido de qualquer outro envolvimento é classificado como novo pecado capital; as traições, que em outra capa, em 2005, figuram como a representação de um mal contra o outro no relacionamento, tal como são vistas desde a instituição do casamento pela cultura católica; além das inúmeras vezes em que as pautas abordam separações dos casais sempre como um inconveniente fator de rompimento da relação que, para a Igreja, se espera que seja eterna.

Essas representações, como aquela da posição da mulher na relação, convergem em um conjunto de imagens e símbolos transformados em ideias e pensamentos a partir dos dois processos através dos quais Moscovici explica a teoria das representações sociais: a ancoragem e a objetivação. Enquanto o primeiro visa a “ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar. (...) O objetivo do segundo é (...) transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (Moscovici, 2015, p.61). Isso não significa dizer que as relações

homoafetivas ou as de tipos diferentes das monogâmicas, por exemplo, não estivessem aqui antes e que, por isso, carecem de ser nomeadas e objetivadas agora. Acontece que, na perspectiva de Moscovici (2015), as representações são assentadas em uma posição específica dos sistemas de classificações e de relações, um ponto de vista baseado no consenso. E as diferenças que surgem entre indivíduos ou entre grupos heterogêneos de uma sociedade são vieses que devem ser tomados como partes dos sistemas de relações, não como déficit ou limitações sociais ou cognitivas. Pois que aparentemente a mídia, particularmente essa direcionada para jovens como a analisada nesta pesquisa, não foi capaz de incorporar as diferenças dessa maneira, tratando-as mais como acontecimentos pontuais do que como parte das complexas relações individuais e sociais. Além disso, com o alcance e o engajamento dessa audiência jovem, poderia ter contribuído para facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas e para formar opiniões, encaminhando, entre o médio e o longo prazos, a modificação das representações preexistentes para impulsionar a existência de outras entidades envolvidas nos relacionamentos amorosos contemporâneos.

4. Grupo de convivência: conversações mediadas na pesquisa de campo

Conforme relatado no primeiro capítulo, a adaptação do método dos grupos focais para um grupo de convivência através de uma plataforma de conversas na internet, nesse caso, o WhatsApp, foi uma decisão para dar continuidade à pesquisa, ciente de potenciais vantagens e certamente algumas limitações. Além das razões já explicadas anteriormente para seguir nesse caminho, duas outras circunstâncias aproximavam as orientações desse método com os interesses da pesquisa.

Em primeiro lugar, o argumento de Illouz (2011), para quem “a textualidade tornou-se um adjunto importante da experiência afetiva” (Illouz, 2011, p.51). Analisando a relação entre a psicologia e o feminismo na segunda metade do século XX, Illouz (2011) descreve certas práticas terapêuticas que passaram a valorizar a racionalização da afetividade das mulheres, a fim de que elas pudessem se firmar como um eu autônomo e autoconfiante. Dentro daquelas práticas, escrever um sentimento permitiria uma distância entre a consciência do que se sente e a experiência de sentir, inculcando nesse movimento um ato reflexivo que possibilita dar nome aos afetos e discuti-los. Pois que essa também é uma ideia relevante no contexto desta pesquisa, visto que, em um grupo de convivência, tal como proposto metodologicamente, as interlocutoras foram instigadas a transferir principalmente para a expressão textual suas afetividades, corroborando com a ideia de Illouz. Claro que no caso especificamente do WhatsApp há outros recursos para interagir e produzir um discurso, como áudio e até símbolos como os emojis, porém, por iniciativa delas próprias a maior parte das histórias narradas nas interações no grupo foram compartilhadas em formato de texto. Os comentários em formato de áudio foram transcritos na forma indireta, sem comprometimento para a pesquisa.

A segunda razão também tem relação com a questão textual e é de ordem mais prática. Como os grupos focais produzem enorme quantidade de dados através das falas de seus participantes, conseqüentemente se faz necessário esforço para transcrição das interações. Certamente que não se trata de um empecilho para os analistas desses dados, visto que é mesmo a unidade dos discursos que interessa para análise junto com as articulações dos seus membros no grupo focal. No entanto, é preciso admitir que há vantagens nesse formato de grupo de convivência, dado que a transcrição deixa de ser necessária – ou é parcialmente requerida no caso

dos arquivos de áudio – concedendo ao pesquisador mais tempo para dedicar-se à análise das conversas na interação entre as interlocutoras. Além disso, com as conversas acontecendo em formato de texto através do WhatsApp, são menores os riscos de perder qualquer parte das falas por ruídos, interrupções ou problemas no áudio das gravações das interações no grupo. Admitindo esses argumentos, o primeiro passo foi criar o grupo, inseri-las e começar a pesquisa.

Com os números de telefone de cada uma delas, criei o grupo no WhatsApp, nomeei ‘Painel Pesquisa Doutorado’ e fiz o primeiro contato com uma mensagem de boas-vindas e agradecimento às seis interlocutoras que concordaram em participar, citando seus nomes para que todas soubessem quem eram as outras pessoas que estavam ali também. Expliquei brevemente sobre o tema da pesquisa, já que uma apresentação mais detalhada já havia sido feita quando as convidei para o grupo, e esclareci como seria a moderação que me propunha a fazer das conversas. Descrevi a mecânica em que a cada semana levaria uma questão – pergunta, situação, fatos e notícias – mas não mencionei que poderiam estar baseadas em aspectos identificados na análise de material coletado naquela publicação voltada para os jovens, assim como não citei o nome da *Megazine*, nem o período dos dados coletados. Como um dos aspectos da análise é compreender a estabilidade e as tensões geradas pelas representações sociais tipificadas naquela análise do conteúdo da revista, julguei que seria mais pertinente não descrever a origem e o período dos dados coletados para perceber de que maneira aquelas representações repercutem entre elas nos dias de hoje.

Na mesma mensagem ainda, contei que a estimativa de duração do grupo era de um período de quatro a seis semanas e expliquei que as respostas delas poderiam ser dadas a qualquer momento, não deixando-as obrigadas a responder imediatamente assim que eu apresentasse as questões. Mas que o mais importante era que se comprometessem a responder a qualquer tempo, inclusive podendo usar os recursos que o WhatsApp oferece além do formato de texto, como áudio, links, fotos, imagens e emojis, caso julgassem mais apropriados para responder ou explicar. Além disso, resaltei que poderiam ficar à vontade para responder e comentar as respostas umas das outras – considerei importante fazer esse apontamento para que não pensassem que deveriam apenas responder minhas perguntas e o resultado não fosse um interrogatório individual feito dentro de um

grupo. Afinal de contas, diferente de um grupo focal presencial, talvez essa não seja uma característica explícita da dinâmica em um grupo em que as pessoas não estão se vendo, portanto, não sentem tacitamente as oportunidades de interagir com as demais através das respostas e aberturas que surgem quando se está falando de frente para o outro.

Por fim, ressaltei que seus nomes verdadeiros seriam substituídos por nomes fictícios na pesquisa e que nenhuma associação entre suas opiniões permitiria identificá-las. Ainda me coloquei à disposição para receber todas as dúvidas durante a pesquisa, inclusive podendo tratar em particular, fora do grupo, e expliquei que qualquer uma delas poderia sair da pesquisa a qualquer momento, independente de precisarem se justificar.

Para citar as respostas e mencionar as interlocutoras nesta etapa, atribuí a cada uma delas nomes fictícios diferentes dos seus, criados aleatoriamente em ordem alfabética, a partir da mais jovem. Assim, o grupo é formado por: Ana, de 19 anos; Beatriz, também de 19 anos; Carla, de 21 anos; Débora e Elena, ambas com 22 anos; e Flávia com 23 anos. Em comum, todas são moradoras da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana. Tal qual ocorre em certos grupos focais, não pedi que se apresentassem umas às outras, mas todas sabiam que ali estavam meninas com idades próximas às suas que também moram na cidade. No entanto, ao longo de algumas trocas, elas comentam naturalmente sobre si mesmas, o que fazem, estudam, trabalham, onde moram, até como forma de contextualizar algumas respostas.

Sendo a primeira vez que me propunha a fazer um trabalho de pesquisa nesse formato, muitas dúvidas surgiram principalmente em relação à condução das perguntas e acolhimento das respostas para conseguir reunir dados e informações capazes de auxiliar a interpretação dos resultados para a pesquisa. Ao mesmo tempo em que contava com a flexibilidade para que elas pudessem responder a qualquer tempo como uma vantagem, essa característica também foi comprometendo as interações entre elas ao longo das semanas, já que nem sempre estavam todas engajadas em participar no mesmo momento e depois não voltavam para dar continuidade às conversas iniciadas ou comentar sobre as histórias compartilhadas pelas outras. Por outro lado, e talvez justamente porque tinham mais tempo para

assimilar as perguntas, elaborar as respostas e ler o que as outras já poderiam ter respondido, os comentários que enviaram são bastante detalhados e as descrições das experiências que narram carregam muitas nuances sobre um mesmo tema. Precisar escrever – ou gravar respostas em áudio – não as fez serem evasivas, usar respostas curtas ou evitar responder, pelo contrário. Para W. Bauer & Gaskell (2015), é justamente essa a finalidade da pesquisa qualitativa: explorar o espectro de opiniões e as diversas representações sobre uma tema, maximizando as oportunidades para compreender as diferentes posições dos indivíduos de um determinado meio social.

Por essa razão mesmo é que estou privilegiando, na apresentação dos resultados desta fase, mostrar suas respostas com o texto completo enviado por elas, porque acredito que o mais valioso dessa experiência foi perceber que se sentiram à vontade para contar suas histórias e que notaram abertura e oportunidade para falar sem limitação de tempo, espaço ou interrupções. Além disso, que ficaram confortáveis umas com as outras no grupo e que mantiveram uma relação cordial ao longo dos quase dois meses juntas, chegando até mesmo a discutir questões individuais paralelas que surgiram em decorrência dos temas da pesquisa. W. Bauer & Gaskell (2015) descrevem características típicas do grupo focal que podem ser notadas como indicadores nessa experiência, entre elas o sentido de identidade compartilhada, sinergia que emerge da interação social e um determinado nível de envolvimento emocional que não é visto nas entrevistas, por exemplo. Considero que desenvolvemos esses aspectos de relacionamento do grupo focal, o que prova que um grupo de convivência pode ser bem-sucedido.

A diferença mais marcante para um grupo focal convencional é ponderar o momento certo do moderador entrar em cena para, nas palavras de W. Bauer & Gaskell (2015), agir como catalisador da interação social (comunicação) entre os participantes. Como não é possível perceber se a pessoa concluiu a fala, é preciso ser bem cuidadoso para não interromper seu pensamento, que pode ser continuado naquele mesmo momento ou dali a alguns instantes com uma nova resposta. Logo, para mim como moderador, ficava suspensa no ar a dúvida do momento mais oportuno para fazer uma pergunta em cima de uma resposta delas. Tinha receio de bloquear o fluxo do discurso e conseqüentemente provocar algum ruído nas falas, o que na moderação presencial em um grupo focal pode ser mais bem administrado.

Fiz algumas tentativas de interagir em tempo real, lançando novas perguntas ao mesmo tempo em que elas iam enviando as respostas, como em uma moderação de grupo presencial. Mas nem sempre a pessoa continuava ali depois de responder, era difícil saber se respostas de outras delas iam chegar ao mesmo tempo e demandariam atenção simultânea, assim como novas conversas poderiam entrar no grupo e certamente nem todas as interlocutoras voltariam ao histórico das interações para verificar se algum novo comentário foi feito em cima de suas respostas anteriores – por essas razões ficou caracterizada a dificuldade de responder ou lançar novas perguntas em seguida das suas respostas. Foi então que percebi que era melhor aguardar e responder ou fazer uma nova intervenção com mais tempo, dando espaço para me certificar de que, de fato, elas haviam concluído a fala.

Passei a usar um recurso do WhatsApp que permite uma citação direta à pessoa quando se faz um novo comentário em cima de uma resposta dela, para que seja notificada de que uma conversação foi direcionada a ela. Basta escolher a resposta sobre a qual se quer fazer um novo comentário e incluir o símbolo @ seguido do nome da pessoa conforme está salvo na agenda do celular. Dessa forma, quando ela entrar novamente no grupo, verá uma sinalização de que alguém mencionou sua resposta para enviar um novo comentário. Essa prática foi bem-sucedida e consegui que voltassem a responder novas perguntas e até interagissem com os comentários umas das outras.

Uma outra condição que é peculiar dessa tentativa de reproduzir as práticas dos grupos focais no WhatsApp também diz respeito à ausência de sinais explícitos de quando elas podem estar respondendo umas às outras e se o moderador deve entrar na conversa sem que isso signifique interromper as falas, desmotivar quem estava prestes a enviar uma resposta ou mudar abruptamente sobre o que se está falando. Nos grupos focais presenciais, o moderador geralmente faz uso de sua experiência com entrevistas em grupos para notar os espaços e momentos mais apropriados através dos gestos e das pausas na fala para intervir e continuar engajando as conversas. Porém, em um grupo onde não é possível ver as pessoas e seus gestos, essa dificuldade se impõe.

Não encontrei uma maneira única de lidar com essa condição, nem uma prática específica para oferecer como solução. Nessas ocasiões, quando as

conversas estavam rendendo mais trocas entre elas, coloquei-me mais como observador e usei da sensibilidade para notar uma abertura para falar sem comprometer a fluidez do processo. Fiz poucas intervenções e somente quando julgava relevante que desenvolvessem mais os comentários, termos ou referências que não estivessem tão claros, fosse para mim ou para as demais interlocutoras. E mesmo agora tendo certeza de que foi a melhor maneira de conduzir nessas circunstâncias, não acredito que seja uma regra agir de forma similar em outras ocasiões, porque há fatores que podem mudar esse quadro, a começar pelo fato de que as pessoas não terão sempre as mesmas atitudes que as interlocutoras desta pesquisa tiveram. Portanto, recomendo considerar caso a caso e avaliar situações em que o moderador precisará ser mais ativo para promover o engajamento das pessoas no grupo.

Ao começar a apresentar os resultados a seguir, em um primeiro momento discorro sobre os recursos de moderação e aspectos oriundos das representações sociais tal como descritas no capítulo anterior, a fim de destacar as respostas das jovens que participaram da experiência e analisar os temas centrais e periféricos disseminados no meio social em que estão inseridas. E já que esse método foi apropriado à pesquisa sem perder de vista a inspiração etnográfica, em seguida apresento uma análise dessa perspectiva aplicada às condições da prática com o grupo no WhatsApp.

4.1. As práticas e as conversações no grupo de convivência

Antes de começar essa seção, gostaria de explicar que as conversas serão reproduzidas da forma como cada uma delas escreveu, incluindo abreviações, reduções de palavras, palavras sem acentuação ou grafadas em minúsculas quando deveriam ser maiúsculas, além de símbolos e expressões usados com frequência na internet. Apenas fiz intervenções para ajustes nas palavras cujo sentido pudesse ficar comprometido ou incompreensível, fosse pela grafia, concordância, acentuação ou abreviação. Adotei essa prática como forma de valorizar os elementos textuais das conversas entre elas no grupo e também para caracterizar o espaço onde essas interações aconteceram.

No grupo estão as seis interlocutoras, apresentadas a seguir com seus nomes fictícios, em ordem alfabética: 1) Ana tem 19 anos, é estudante da graduação de Comunicação e Publicidade e mora em São Gonçalo com os pais e a irmã; 2) Beatriz também tem 19 anos, ainda não decidiu o que vai estudar no nível superior e mora em Jacarepaguá; 3) Carla tem 21 anos, concluiu o ensino médio técnico em 2021 e mora em Belford Roxo; 4) Débora tem 22 anos, é jornalista e mora com os pais na Ilha do Governador; 5) Elena tem 22 anos, é estudante de jornalismo e mora com os pais na Freguesia; 6) Flávia tem 23 anos, é professora de reforço escolar para crianças e jovens e mora em Santa Cruz.

Para deixá-las mais à vontade junto com pessoas que não conhecem, logo depois da apresentação e de falar sobre a mecânica de moderação do grupo, pedi que descrevessem o que veem e sentem quando pensam no amor em relacionamentos amorosos. Nenhuma delas quis responder imediatamente, todas disseram, quase que em uníssono, que preferiam responder em outro momento para elaborar melhor as respostas. Mas esse estímulo inicial foi suficiente para que começassem a interagir umas com as outras: uma diz que vai mandar “textão” (como é comum se referir a textos grandes nas interações nas mídias sociais e na internet em geral), outras duas confirmam que farão o mesmo, todas riem e uma delas diz que vai mandar um podcast (assim como textão é texto grande, podcast é como se referem de forma irônica a respostas longas em formato de áudio dentro do WhatsApp). Não passa muito tempo e logo as respostas começam a aparecer.

A primeira resposta é da Beatriz, de 19 anos:

Às vezes sinto que o amor, principalmente o romântico, é algo incompreensível, mas que sentimos de maneira involuntária. É estranho quando amamos alguém e queremos fazer de tudo pra que aquela pessoa se sinta bem e feliz. Você acredita expectativas no amor, temos tendência a fazer isso, e acredita que pode ser pra sempre, aí do nada ele vai embora e você se sente despedaçado. É algo tão poderoso que falar sobre me dá um frio na espinha. Cenas que descrevem o sentimento de amar envolvem sempre coisas românticas e fofas. Mas acho ir a um parque e andar de montanha russa descreveria bem a sensação, e também é um cenário perfeito para momentos inesquecíveis.

Tava pensando aqui e é muita doideira pensar sobre o amor, são vários tipos e as vezes não dá pra explicar. Loucura.

Sugeri a ela que continuasse para tentar descrever melhor por que é difícil explicar, então ela disse:

É que eu sinto muito quando sinto algo por alguém, inclusive pelos meus amigos. Sou uma pessoa que ama demais, então às vezes não sei explicar esse sentimento muito forte. Talvez seja pq me envolvo muito com as pessoas, talvez seja pq sou ciumenta... Não sei. As coisas são intensas, independente do tipo de amor. Então essa “intensidade” me atrapalha quando quero descrever o sentimento, isso pq nunca sei se aquilo é amor de fato ou só um gostar muito forte. Por exemplo, eu tenho uma amiga que eu amo demais então eu faço de tudo por ela, só que às vezes é demais. Às vezes não posso ajudar mas ajudo. E penso constantemente que o amor da outra pessoa não é da mesma intensidade. Acho q eu crio expectativas demais com as pessoas e quando elas não suprem a MINHA expectativa eu passo a pensar isso (to lendo aqui e parece q sou uma pessoa super escrota KKKK morro). Mas eu sei que ela me ama muito, eu acredito que as pessoas amam de formas diferentes. Mas de fato, às vezes sinto isso e é muito involuntário. Tanto que eu tento sempre parar de pensar isso.

A primeira resposta no grupo já atesta o argumento de Illouz (2011) descrito anteriormente: quando Beatriz descreve o que sente e logo depois volta para ler o que escreveu, consegue, ela mesma, refletir sobre seu sentimento de amar. Interessante é que nesse formato o ato reflexivo ocorre enquanto ainda está escrevendo, o que a leva, inclusive, a comentar sobre isso quando coloca uma impressão sobre si mesma entre parênteses – recurso que remete a um comentário sobre o comentário, uma fala à parte. Realmente escrever o sentimento permite esse afastamento entre o que percebe que sente e como expressa o que sente.

Débora, 22 anos, comentou em cima da segunda resposta da Beatriz para dizer que age de maneira parecida: “Tamo junta”. Ela não enviou sua resposta, mas sinalizou interagindo com outros comentários que estavam ali presentes no grupo naquele momento, mesma atitude da Ana, de 19 anos. Em seguida, chegou a resposta da Flávia, de 23 anos:

Acho que todo mundo que entra num relacionamento fala que o que veio antes desse não era amor (era cilada!). Mas acredito que seja pq, a cada nova relação, partes diferentes são encaixadas. Você experimenta as coisas de antes e sempre um pouco a mais. Eu luto constantemente contra o pensamento sabotador de que não mereço ser amada, muito menos me sentir amada do jeito que me sinto (e é bastante coisa).

Mas enfim... na minha concepção o amor não é o frio na barriga e ansiedade em ver a pessoa, ficar naquele frenesi se o cabelo tá bonito, se a roupa está ok. Eu vejo o amor como segurança, estabilidade. Justamente aquele momento do relacionamento que você não se importa se está com a melhor roupa, com a melhor maquiagem ou se o cabelo está impecável para ver ou estar com quem se gosta. Não precisa de momentos elaborados, saídas planejadas para estar junto da outra. Claro que ter isso é importante. Mas não é algo exclusivo. O amor e amar estão nos planos a longo prazo; em vocês estarem juntos nos dias maus, no momento da dor, da doença...

"Nossa, mas parece até que vc tá descrevendo um casamento" e talvez seja isso mesmo. O problema é que tanta gente só vê isso acontecer em casamentos que esquecem que deveriam praticar isso tudo antes dele. Óbvio que minha visão de amor romântico não é a mais correta (e nem sei se é a correta), mas é como vejo.

Um traço comum é possível perceber nas respostas da Beatriz e da Flávia: o amor com estabilidade, ambas pensam em uma relação duradoura. Beatriz, ainda que se decepcione, não deixou de acreditar que pode ser para sempre, enquanto Flávia planeja que seja dessa forma e inclusive usa a referência do casamento para fazer alusão a uma relação de longo prazo.

Débora, que se sente como Beatriz em relação à intensidade com que se dedica às relações e às expectativas que deposita sobre os outros nos relacionamentos, nomeou de “responsabilidade afetiva” o que parece ser a necessidade do casal de estar junto, de dedicar-se, cuidar, importar-se com o outro no relacionamento. Ainda que o amor que sentia por seu último namorado não tenha se esgotado, para ela era importante que estivessem de acordo em livrar-se da “responsabilidade afetiva” para deixar de configurar o que sentem pelo outro dentro de uma relação de casal:

Hoje, para mim, amor é liberdade e relacionamento, responsabilidade. Terminei ontem meu namoro de dois anos, aliás. E terminamos bem, como amigos. Amor é isso, sabe?! A gente viu que não tava dando certo só com amor, a gente não poderia deixar o relacionamento minar até o nosso sentimento acabar. O amor ainda existe um pelo outro, mas acabamos com a responsabilidade afetiva. A minha cena é justamente essa. Deixar ir em paz, sabendo que tudo deu certo, mesmo que tenha acabado.

Perguntei a ela se seria possível explicar melhor o que chama de responsabilidade afetiva:

Para mim, essa responsabilidade envolve a empatia pelo outro. Por exemplo, nesse caso, a responsabilidade afetiva foi tanta que decidimos terminar! A gente tem um carinho grande, que não nos permite passar da linha do desrespeito, do ódio, do interesse individual... toda relação (não só amorosa) precisa ter isso, na verdade. Como vínhamos nos desentendendo há algum tempo, a gente já tinha conversado diversas vezes e entendíamos os pontos que discordávamos... ontem, quando decidimos enfim, foi tranquilo. Mas, sempre eu que puxava a conversa, porque ele é mais reservado pros sentimentos.

Mais uma vez o argumento de Illouz (2011) se faz presente em outro caso, quando a interlocutora nomeia e reflete sobre o que sente. E pode ser que a resposta da Ana explique um pouco mais sobre a tal responsabilidade afetiva:

Quando eu penso em amor, eu sinto que é sobre se permitir, viver plenamente com uma pessoa, se permitir sentir e dividir a vida com ela. acho que uma cena que descreve isso é uma pessoa olhando pra outra com olhar de carinho, fazendo tudo pra estar juntas e demonstrar carinho em um lugar público (essa linguagem do amor de toque é bem importante pra mim). outra cena que me confirma que é amor é alguém ter motivos pra falar que está muito apaixonado por alguém. hoje em dia também vejo muito como alguém que você quer sempre ficar conversando, por mensagem, por chamada para se aproximar mais ou de qualquer outro jeito; fazendo as coisas juntos, postando na internet, demonstrando afeto publicamente. eu gosto de carinho e acho bem importante que a pessoa que eu me relacione goste também, pra gente estar na mesma sintonia, sabe? eu acho também que é um sinal de união e estar de mãos dadas, andar junto e fazer as coisas juntos demonstra que nenhum dos dois tem vergonha daquele relacionamento.

eu vejo muita gente fazendo piada, meme com "se assumir", que a pessoa não tem coragem de assumir o outro por pura sacanagem msm, por brincar com os sentimentos das pessoas. mas tem casos de casais lgbs que têm dificuldades (escondem o relacionamento) e não podem demonstrar assim. eu não conheço ninguém assim atualmente, mas conheço quem só esconda a pessoa q gosta mesmo pra ser discreto/a, ou pq não quer ninguém "em cima" do namorado. mas eu não ligo pra isso, acho q demonstrar amor também é ter orgulho de estar ao lado de alguém e mostrar pro mundo isso (na medida do possível).

Pode-se supor que esse envolvimento a que ela se refere de conversar bastante, realizar atividades juntos, sair de mãos dadas, demonstrar afeto publicamente etc. complementa a descrição da Beatriz para responsabilidade afetiva. Interessante notar que Ana fala sobre demonstrações de afeto não somente de um para o outro ou na frente de outras pessoas, mas na internet. Mas isso a faz

lembrar que nem todos os casais podem se apresentar juntos publicamente ou na internet, referindo-se aos relacionamentos de pessoas LGBTQIA+. Além dessa preocupação demonstrada com a situação descrita por ela, há outra sutil marca no seu texto usada por pessoas comprometidas com questões de gênero na atualidade: o uso da vogal de neutralidade “e” na palavra namorade.

No dia seguinte, pela manhã, Elena, de 22 anos, respondeu. Mais do que simplesmente enviar uma resposta, ela usou letra de música e até poemas de sua autoria para compartilhar no grupo suas impressões sobre amor e amar. Ela começa assim:

Ao pensar em amor tenho uma percepção ampla pois engloba muitas formas diferentes de amar. Há o amor que sentimos pelos nossos pais, nossos amigos, nossos familiares, nossos animais de estimação e dentre outros que cruzam a nossa vida e chegam para ficar. Bem como o nosso amor próprio (que para mim é fundamental para adentrar em um relacionamento). Mas acho que dentre vários amores aquele que mais mexe e te remexe é o amor que você deposita sonhos, expectativas e confiança - como também aquele que você mais se doa e se dispõe a viver com a pessoa. Amar é indeterminado e auto-interpretativo - cada um ama do seu modo e tem sua percepção própria sobre o que é amar. Para mim amar é afeição; é gostar de estar; é admirar; é o que fala a letra da Ana e Vitória:

Porque eu te amo

E não consigo me ver sem ser o teu amor por anos

Não é acaso, é só amor

Não existe engano

Que me carregue pra longe

Que te faça outros planos, meu bem

Teu cheiro só tu tem

Tua boca só tu tem

Me tem

Eu poderia não viver tuas primeiras rugas

Nem estar aqui pra adivinhar a tua memória em fuga

Mas eu não quero

Eu não quero

Eu poderia não lidar

Eu poderia nem ligar

Mas não, não, não

Eu não quero não

Poderia imaginar

Ou até acostumar

O meu querer

Noutro lugar

Tanta coisa em que aqui cabe um sim

Mas não

Para mim amor é querer estar e querer construir, mesmo sendo livre e tendo opção de múltiplas escolhas.

Os poemas foram enviados em forma de imagem, como se pode ver a seguir (figura 13):

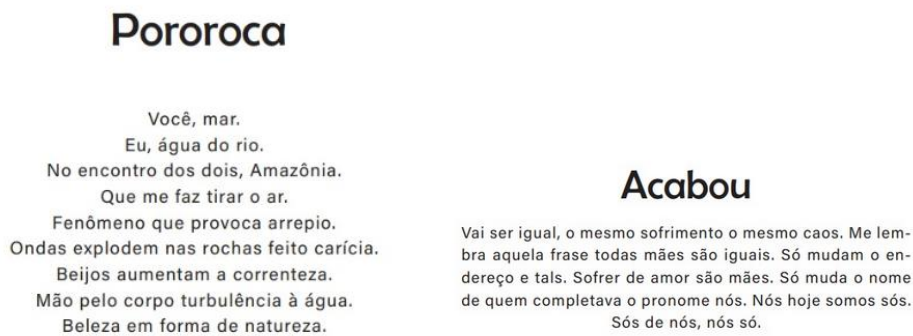


Figura 13: Poemas enviados em formato de imagem no grupo

Elena enxerga liberdade de escolha e o amor próprio como condições basilares do relacionamento amoroso. Ainda que haja outras chances, outros lugares, outras oportunidades na vida do indivíduo livre, se ele escolhe estar com uma pessoa é porque ama. Atribuiu ao amor o aspecto “auto interpretativo”, ou seja, cada pessoa sente de uma maneira diferente e ama de forma singular, como nenhuma outra. Se a singularidade de amar é mesmo uma condição da pessoa, Carla, de 21 anos, acredita que é bem difícil dimensionar o sentimento para alguém. Para ela, o amor é imensurável e não há problema algum em admitir que a outra pessoa não vai alcançar a medida do amor que recebe, já que as palavras e os gestos não dão conta de demonstrar de fato o que se sente.

Vale notar como ela ressalta que, além de o amor ser o que a pessoa quer que seja, exprimir o sentimento em dor ou em felicidade está relacionado com o que já se viveu:

Eu sinceramente não faço ideia do que é o amor. Digo no sentido de chegar e PÁH, falar “o amor é isso e isso e isso”. Penso que o amor é o que a pessoa quer que ele seja. Vide os livros, as músicas. Sempre uma definição diferente, que eu acho que reflete a personalidade de cada um. Se eu falo que amar é doloroso, é porque já sofri tanto, se eu falo que amar é a melhor coisa do mundo é porque eu sou sonhadora e etc. Pra mim o ato de amar, o amor, só tem uma definição: imensurável. Você nunca vai conseguir definir em palavras o que é e até em gestos às vezes a gente sente que falta. É tipo “você não consegue entender o quanto eu amo você!” E não é que a pessoa não consiga entender, é que é algo tão grandioso que a gente nunca vai conseguir exemplificar por inteiro, acho que é assim que posso dizer. Como

descrever em uma cena o sentimento de amar alguém... acho que é dar o melhor de si, o que você pode dar por aquela pessoa. É se doar, cuidar, proteger.

Concluída essa primeira etapa, segui em direção à tentativa de fazer com que elas trouxessem representações do amor romântico em produtos culturais. Então perguntei se algum filme, música, livro, arte ou história havia marcado suas vidas até aqui de forma significativa, se havia uma referência que se tornou muito importante para elas. Elena foi a primeira a responder – não de imediato, a resposta chegou no final daquele dia:

Sobre os filmes de romance não me identifico mas sou simpatizante! Ao dizer simpatia estou me referindo às reações de afeição que o filme proporciona por meio da sua narrativa. Tendo em vista que as produções de filmes românticos são feitas e realizadas para impactar e provocar uma sensação de “bem-estar” além de ativar associações, que temos, emocionais e afetivas. Logo não me identifico com filmes de romances mas tenho simpatia por eles porque me provoca sensações boas. Sem falar que, na minha opinião, muitas narrativas de filmes românticos são floreadas e reforça que o amor da sua vida é outrem e nunca a própria persona. Agora sobre uma história sobre amor e que mexe comigo é sobre a lenda do amor de Oxum e Oxóssi (ela enviou o link³⁸)

Pensando em uma história de amor é esta que vem na minha cabeça pois interpretando para os dias atuais mesmo sendo seres independentes somos dependentes de outras pessoas. Lógico que ao dizer “dependentes” não significa estar subordinado ou sujeito a alguém mas sim de precisar. Precisamos da interação humana para viver e para as circunstâncias funcionarem assim como precisamos do verde para produção de oxigênio e conseqüentemente respirarmos. Para que o relacionamento amoroso aconteça, se firme e amadureça, o casal precisa fazer com que funcione; precisa reconhecer; precisar perdoar; precisa ouvir e conversar; precisa abdicar do orgulho e afins. Necessita de ambos e de trocas para que dê certo.

Novamente, ela fala de amor próprio e reforça isso com a crítica de que os romances transferem para outra pessoa o amor que qualquer pessoa deveria antes sentir por si mesma. E então atribui ao relacionamento amoroso praticamente uma condição da natureza, ao mesmo tempo em que admite que o projeto bem-sucedido de casal acontece permeado de ímpetos humanos, como perdoar, abdicar, ouvir e

³⁸ Lenda dos Orixás. Página Filhas de Oxum, Facebook. 09 mai. 2017 Disponível em: <<https://m.facebook.com/FilhasOxum/photos/a.311440389193859/463661040638459/?type=3>>

conversar. A Flávia parece dar continuidade à ideia da Elena para explicar mais detalhadamente essas condições de sucesso da relação amorosa:

Até pouquíssimo tempo eu não tinha um referencial. Até que comecei a assistir a série *This Is Us* e me simpatizei de forma INFINITA com a Beth e o Randall. Eles são, definitivamente o meu modelo de casal ✨ perfeito ✨.

É casal sólido, que faz com que o relacionamento seja leve e fluido. Até mesmo diante das dificuldades, a atitude que eles tomam é a de procurar uma solução juntos. O diálogo reina. E não é só um lado que cede. Não é como se cada um se diminuísse para se encaixar na vida do outro, mas sim se adaptarem. Acredito que eles sejam a perfeita combinação de razão e emoção. Além de apoiarem o outro na decisão que precisar tomar.

Obviamente não é um casal que não briga e é tudo sol, flores, purpurina e borboletas. É um casal normal, que tem seus momentos bons e maus, mas que consegue lidar com as adversidades do dia-a-dia.

Elena se interessa pela série e pergunta onde poderia assistir. Flávia responde, e Débora comenta a resposta dizendo que é uma de suas séries favoritas. O interesse da Elena pela série a partir da descrição da relação do casal de protagonistas parece confirmar o que ela quis dizer com aquela resposta.

Débora é a próxima a entrar na conversa:

Olha, sobre filme... acho que um dos meus favoritos é “Um dia”, com a – belíssima – Anne Hathaway. Isso porque, para mim, é a forma menos espetacularizada de mostrar o que é amor. Entre altos e baixos, as pessoas continuam se desconstruindo e, muitas vezes, se amando. E sobre música, escutei uma que lançou ontem de uma das minhas artistas favoritas. Vou deixar aqui para vocês:³⁹

Mas acho que essa minha percepção tem muito a ver por estar passando por um processo de término, onde encaro o amor real e mais frio!

Beatriz responde:

³⁹ Ela enviou o link da música na plataforma Spotify, o que nos permitiu ouvir. A música se chama *I love you but I love me more*; a artista que canta é Marina (Marina Lambrini Diamandis, conhecida pelo nome artístico Marina, é uma cantora, compositora e produtora musical galesa de ascendência grega. Ela se tornou famosa após conquistar o segundo lugar no *Sound of 2010*, da BBC). Fonte: Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marina_\(cantora\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marina_(cantora)) Acesso em: 25/01/2022

A história do filme questão de tempo, eu me identifico não pq vivi algo parecido mas algo na confusão do protagonista me fez gostar muito e me enxergar. É meu filme favorito de romance. não teria como viver algo parecido pq é uma loucura só, mas eu realmente amo esse filme. É uma identificação diferente e o final do filme traz uma reflexão bizarra sobre o quão o tempo é precioso. O tempo de agora. o presente é o seu passado e o seu futuro, então faça história no presente.

O filme citado pela Débora é de 2011⁴⁰ e o que foi citado pela Beatriz é de 2013⁴¹. Em comum, o fato de que nas duas histórias o tempo é um dos protagonistas. No primeiro, uma mulher e um homem se conhecem, começam um relacionamento, mas eles não podem seguir juntos por diferentes razões e desejos individuais que os levam a trajetórias de vida distintas. No entanto, fazem da data em que se conheceram uma razão para se encontrar todos os anos, no mesmo dia, em 15 de julho. Ainda que ambos cruzem com outras pessoas, precisem encarar adversidades sozinhos ou até sintam falta um do outro, o filme mostra os encontros anuais naquela data ao longo de vinte anos, ressaltando o amor que resiste ao tempo e a felicidade que sentem a cada reencontro, quando podem, mais uma vez, expressar o que sentem um pelo outro.

Já o filme de 2013 conta a história de um jovem que herdou um dom concedido a todos os homens da sua família que é o poder de voltar no tempo, bastando para isso fechar os olhos e se concentrar na ocasião para onde gostaria de retornar. Quando ele se apaixona por uma mulher, começa a voltar no tempo várias vezes para fazer novamente o que não fez tão bem, o que não a agradou ou que gerou algum atrito. Ele acredita que pode sempre fazer melhor qualquer coisa para deixar sua amada mais apaixonada por ele, até que precisa encarar os efeitos de tantas mudanças em tão curto espaço de tempo.

No primeiro filme, a realidade, os “altos e baixos” da relação, como descreve a Débora; no segundo, a tentativa de corrigir talvez os “baixos” não é muito bem-sucedida e faz com que os protagonistas precisem encarar as consequências de não lidar com essa circunstância. Débora e Beatriz refletem sobre a necessidade de

⁴⁰ Um dia (*One Day*, 2011). Sinopse. Adoro Cinema. São Paulo: 19 ago. 2011 Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-178903/>> Acesso em: 01 out. 2021

⁴¹ Questão de Tempo (*About Time*, 2013). Sinopse. Adoro Cinema. São Paulo: 20 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-201760/>> Acesso em: 01 out.2021

encarar os fatos bons e ruins do relacionamento, e é possível notar um traço comum com as falas da Elena e da Flávia.

Dois dias depois, os comentários da Ana sobre filmes e séries com histórias românticas incluem casais que ela valoriza porque contam um para o outro o que sentem, casais que começaram a relação a partir da amizade, outro que acredita que o relacionamento é coisa do destino, tem também casais que se dedicam a uma atividade ou propósito como parceiros e inclui ainda as lições que ela apreendeu de desenhos da Disney:

um dos meus filmes favoritos é Letra e Música, que é uma comédia romântica "clichê" de duas pessoas escrevendo uma música juntos

eu me apego muito a esse filme não só por ter música e eu gostar muito, mas pq o casal principal protagoniza várias cenas de humor, mas tbm momentos sérios que eles abrem o coração e fazem gestos um pelo outro. eu acho q o que mais gosto desse casal é que no final ele não desiste dela, e faz um grande gesto pra ganhar o coração dela de volta.

eu também gosto muito de friends, e os casais da série são muito meus amores kkkk a monica e o chandler são aquele casal que eram amigos e viraram namorados, têm a vida a dois mais confortável do mundo e é muito bom de ver. eu gosto deles por causa disso, prezo muito a amizade e uma relação estável e bonita igual a deles

e eu AMO o ross e a rachel por causa da intensidade daquilo tudo, aquele clichê que eles ficarem juntos é coisa do destino, é isso basicamente kkkk muito do que o ross faz por ela derrete meu coração todinho. o jeito como eles são diferentes em gostos, mas se atraem em personalidade também é bem legal.

eu gosto muito daquele filme Dirty Dancing também por causa da química do casal, e como eles trabalham e evoluem numa coisa q gostam (a dança) juntos. eu também acho incrível quando casais tem áreas parecidas de trabalho e são incríveis nisso.

por último mas não menos importante, eu amo o filme Enrolados kkkkk a dinâmica desse casal é muito boa, ele leva ela pra lugares incríveis e ela mostra pra ele que o amor é incrível também. não sei dizer o que gosto mais neles, mas amo. e falando de desenhos também, eu aprendi uma lição ótima de amor no filme Frozen, que mostra que até num filme da Disney, uma mocinha pode se apaixonar por alguém muito rápido e ele ser uma completa ilusão. então eu gosto muito do relacionamento da Anna e do Kristoff nesse filme, também pq ele não desiste dela, e tá ali pela amizade dela desde sempre, até eles se apaixonarem. e que ela

precisou passar por uma decepção pra descobrir que quem amava do lado dela!! ai acho isso lindo.

enfim é isso, desculpa pelo textão gente kkkkk 🙄❤

No mesmo dia, dez minutos depois, chega a resposta da Carla. Ela se refere a si mesma como “Otaku”, um termo japonês para designar pessoas que gostam de animes e mangás, animações e histórias em quadrinhos típicas do Japão e que começaram a fazer mais sucesso no Ocidente há alguns anos. Ela descreve o enredo de um anime que tem proximidade com uma história pessoal, quando a amizade é novamente posta como o cerne da relação amorosa:

Sou completamente Otaku, então tinha que falar de anime kkkk.

Eu não gosto de filmes de romance e nada no geral, porque acho que as pessoas acabam tendo uma ideia errada do que deve ser um relacionamento, mas quando vi o anime “Toradora!” me identifiquei tanto com as histórias que amei ele.

A narrativa é bem clichê, mas com umas quebras de expectativa do final. Um casal de amigos que pensa estar apaixonado por outras pessoas quando na verdade descobrem que estão apaixonados um pelo outro, então passam por momentos de negação até chegarem no amadurecimento e entendimento dos sentimentos.

100% eu porque eu me apaixonei pelo meu melhor amigo enquanto eu tava achando que gostava de outro 🙄

A conversa segue dentro desse universo de referenciais do amor romântico, até que começaram a falar sobre casais reais que as inspiram, casais que admiram. A mesma Flávia que encontrou na ficção um casal que combina perfeitamente emoção e razão começou dizendo que não projeta ideal de relacionamento em nenhum casal:

deus me livre de depositar minha fé e esperança de um relacionamento perfeito e saudável em outro casal da vida real que não seja o meu.

talvez eu seja insensível ou dura demais com notícias de casais que se separaram ou que um traiu o outro, pq isso não me surpreende.

tenho um total de zero empatia com aquelas pessoas que "MEU DEUS, MINHA FÉ NO AMOR ACABOU" quando algum casal

da vida real termina, pq as pessoas colocam suas perspectivas e inspirações em pessoas erradas.

Honestamente, ou eu tô muito cega ou eu realmente tô alcançando o nirvana com o meu relacionamento atual pq não existe nenhum outro casal da vida real (falo no sentido romântico) que tenha a sintonia, cumplicidade, empatia, companheirismo que tenho com o meu namorado.

O destaque em letras maiúsculas que ela deu à frase, que inclusive colocou entre aspas, é porque é comum encontrar manifestações das pessoas dessa forma na internet quando sabem que um determinado casal que admiravam terminou o relacionamento. Geralmente isso acontece quando casais que viveram juntos muito tempo se separam, como já ocorreu com atores, jornalistas, artistas da música ou personalidades da internet.

Elena interagiu em seguida mencionando três casais:

Lembro agora de dois casais que eu admiro e fico feliz ao vê-los juntos, são eles: taciele alcolela com o fernando Ferraz e da giovanna ewbank com o bruno gagliasso. São dois casais que eu admiro a história construída por eles.

No caso da Gioh e do Bruno, admiro a superação de ambas as partes para poderem estar juntos novamente com muito amor, força, mais aprendizados e três filhos lindos.

Fugindo da linha de casais que postam e mostram mais sua vida particular, um outro casal que eu admiro é o Barack Obama com a Michele Obama.

Ela discorre em um texto mais extenso, como se estivesse resumindo um livro sobre a relação do ex-presidente norte americano e sua esposa, sobre as histórias de como Obama e Michele se conheceram, enfrentaram dificuldades na relação e conseguiram superar adversidades para continuar juntos. E finaliza frisando que a história do casal a faz lembrar do casamento de seus pais:

Acho muito genuíno uma frase dela sobre o seu casamento “se tivesse desistido teria perdido também toda a beleza da relação”. Esta frase dita por ela espelha muito no casamento dos meus pais pois em circunstâncias da vida eles poderiam ter desistido de estarem juntos, seja por tempos turbulentos ou por trabalho, mas ambos permanecem até hoje juntos pela beleza da relação.

A Beatriz menciona um casal de atrizes, onde mais uma vez aparece a questão do diálogo do casal como fator de sucesso do relacionamento:

hmm, casal acho fofo a marcella rica e a vitória strada! Acho elas um casal incrível, já conversei com a marcella e ela é uma pessoa super paciente, e do bem. Pelo o que vejo, o relacionamento delas é bem sólido por causa do diálogo que tem muito bem definido entre elas. Além disso elas falam super sobre se abrir para a família, tabus, sexualidade, essas coisas... acredito que influencia de forma positiva muitas mulheres e casais que se sentem acuadas para se aceitarem.

Elena responde Beatriz:

elasss são maravilhosas socorrooo, chorei com o pedido de casamento

A Débora traz novamente casais da ficção, e logo é seguida pelas outras:

Eu gosto muito do Jim e da Pam, de The Office! Acho a história deles muito fofo e, enquanto assistia a série, eu só ficava pensando “será que algum dia eu vou ter isso?”.

Ana também está assistindo à série mencionada pela Débora:

nossa sim!! eu tô assistindo essa série ultimamente (sem spoiler gente pfv) e tô apaixonada demais pelo desenvolvimento desse casal e pela leveza que eles tem sendo amigos e almas gêmeas. eu tô inclusive tendo dificuldade pra lembrar algum casal de famosos que eu gosto pq acho q tô apegada demais nos casais fictícios kkkkkkk

Carla volta a um casal que inclusive já havia sido citado pela Ana. Para ela, um casal real, com um relacionamento autêntico tem problemas, mas está disposto a superá-los juntos. E contrapõe esse tipo de relacionamento com aquele que parece ser perfeito e sem problemas:

Acho um casal maravilhoso o Chandler e a Monica de Friends, porque é um casal real.

Não é aquele casal flores, que faz com que você se pergunte porque sua relação não é assim. É aquele casal com muitas falhas mas que passam por cima disso tudo porque se amam e se respeitam.

Me faz pensar que um relacionamento é isso aí. Você fica junto com uma pessoa e ela vem com todas as falhas e cabe à você decidir respeitar e entender que nem sempre as coisas serão como queremos. Porque nem tudo sempre vai ser perfeito.

E em seguida Flávia começa uma brincadeira revelando o destino do casal da série citada pela Débora – o tal spoiler. Todas entram na brincadeira e começam a rir e trocar figurinhas⁴² porque a informação da Flávia não é verdadeira.

Por fim, Ana volta à conversa:

sobre casais famosos kkkk até agora eu não lembrei de algum q eu já gostasse bastante, percebi q tô vidrada nos casais fictícios ultimamente. mas eu gosto bastante de casais q já trabalharam juntos, por exemplo, atuando como um casal, e depois viraram um casal mesmo (Mila Kunis e Ashton Kutcher). eu também achei muito fofinho quando eu soube que o meu rapper favorito (Kendrick Lamar) namora com a mesma mulher desde que eles eram colegas de ensino médio. então por mais que eu não acompanhe muito o relacionamento desses dois casais, acho lindo kkkk

e eu tenho visto também que a Rihanna e o A\$AP Rocky (outro rapper) tão juntos ultimamente e tô achando muito adorável também. ela parece ser uma mulher de personalidade bem forte, e já passou por muita coisa até estar na posição de muito poder q ela tá agora, e ela já teve um histórico de relacionamentos ruins também. e agora que eu vejo eles dois juntos, num relacionamento que parece saudável e ele suuuuper apaixonado por ela, tô achando a coisa mais linda do mundo (ela envia uma foto da Rihanna com o namorado)

Depois desse primeiro momento, passei a levar questões relacionadas com as categorias analíticas tipificadas na análise interpretativa de conteúdo, começando com religião. Perguntei primeiro se são adeptas ou como se declaram em relação à religião, ou seja, se seguem alguma doutrina, se frequentam espaços religiosos etc. E fiz uso de algumas falas destacadas em uma das publicações da *Megazine* em que os jovens manifestavam opiniões sobre dogmas religiosos e seus comportamentos à época da reportagem (abril de 2005). Copiei as declarações da edição digitalizada, salvei como imagem e enviei no grupo como forma de complementar a questão a ser discutida.

⁴² Figurinhas são imagens em tamanho reduzido contendo textos, fotos ou outros elementos visuais que são usadas como respostas nas interações no WhatsApp. Elas podem ser criadas e editadas pelos próprios usuários recorrendo a situações, sentimentos, personalidades, piadas, ironias, acontecimentos cotidianos, mensagens que circulam na internet etc. As figurinhas muitas vezes substituem a forma textual de uma resposta dentro do aplicativo e se tornaram muito populares. O site institucional do WhatsApp tem uma publicação explicando sobre a criação das figurinhas nesse link: https://faq.WhatsApp.com/general/how-to-create-stickers-for-WhatsApp/?lang=pt_br

Dado que a análise interpretativa de conteúdo ressaltou aspectos das relações que considero conectados com alguns dogmas da Igreja Católica no Ocidente, decidi começar por esse tema para buscar compreender até onde essa influência religiosa poderia alcançar as experiências das interlocutoras.

As declarações da publicação foram essas mostradas na imagem a seguir (figura 14):



Figura 14: Trechos destacados de reportagem publicada na revista *Megazine* em abril de 2005.
Fonte: Acervo O Globo

Ana é a primeira a responder e com um longo depoimento:

então, eu fui criada na religião cristã, que é a dos meus pais, mas com o tempo fui me desapegando dela e decidi me afastar. por mais que eu considere ter uma espiritualidade, sinto que hoje em dia tá bem distanciada dos "padrões cristãos" que meus pais e alguns amigos cristãos seguem

em relação a castidade, acho que essa foi um dos pilares cristãos que me desapeguei mais fácil, pq nunca vi sentido nisso. porém, pra quem vê e segue, acho que a pessoa deve ter esse compromisso na espiritualidade dela e se relacionar com pessoas que tenham esse compromisso também. isso vai evitar dela "cair em tentação", quando ela tem amizades e parceiros que respeitam ela e/ou não desestimulam ela no compromisso dela. acho que as companhias e a própria espiritualidade dela e da pessoa são o que vai fortalecer ela nesse voto

agora eu não concordo mesmo pq acho q sexo é uma coisa natural, e as pessoas sentem diferentes níveis de atração mas a grande maioria vai sentir alguma atração, não importa se faça esse voto ou não. e eu acho que a gente não deve se limitar em "até que nível" a gente vai conhecer um par romântico (ex.: se eu quero conhecer e beijar essa pessoa, ok. se eu quero ir além disso com ela, ok. se eu quero fazer isso tudo com ela, passar dias junto, ok)

mesmo que **eu** ache que um namoro deve ser com alguém q vc tenha perspectiva de casar e construir uma vida juntos, eu não

acho que todo namoro deve ser impedido de ter sexo só porque deve ser depois do casamento. ou que o casal tenha que se apressar pra casar só pra fazer sexo. por mais que eu queira estar namorando uma pessoa que eu tenha perspectiva de casar, eu não quero ter a pressão de ter que casar logo até que os dois queiram, e não quero tbm q nada seja impedido pelo fato de não estarmos casados ainda kkkkk penso isso até sobre morar juntos

eu acho que é isso, eu vejo sexo como uma forma de amar também, entre as pessoas que gostam, então eu não vejo pq limitar isso numa relação. mas se duas pessoas se comprometem a não fazer isso por um compromisso religioso, é totalmente compreensível! desde que isso não seja imposto na minha vida, nem que ninguém me constranja por isso, tá bom kkkkk

Em seguida, vem o depoimento da Beatriz:

Sou do mundo, da vida, do cosmos, do universo, sla kkkkkkkkk n tenho religião e não gosto de me taxar de algo. Acho q acredito na espiritualidade e em energia. E é isso.

Isso é uma questão que foi construída na minha cabeça desde que eu era mais nova. Minha mãe é evangélica e a família toda dela tbm, então eu ia na igreja pq ela ia. A partir disso, esse tipo de “doutrina” foi sendo ensinada a mim e eu nem sabia pra onde ir e nem como absorver aqui. Eu era uma criança.

Quando passei a me conhecer mais, comecei a me questionar e pensar se tudo aquilo era certo ou até mesmo... justo? Pq além dessa questão de fornicação, muitas outras eram as doutrinas ensinadas na igreja. Eu fui ensinada a obedecer aquilo sem questionar, então no momento em q eu questionei meu mundo virou de cabeça pra baixo.

A verdade era que eu ainda não aceitava a forma como eu pensava de verdade por conta dos muros que aquelas doutrinas construíram em mim. Quando eu passei a me aceitar, larguei tudo e fui viver feliz, livre e muuuuuito leve. Gozando dos prazeres da vida.

Então, acho essa parada de castidade meio limitada e arcaica. E as vezes essas doutrinas podem obrigar pessoas a serem quem elas não são e acreditarem no que de fato não acreditam. Algumas só seguem por medo. E ok, tudo bem. Mas eu não concordo. Pra mim, viver com medo de uma justiça que vc sequer conhece não é viver.

Flávia também tem um depoimento:

Então, vamos lá. Eu nasci, cresci, fui criada dentro da igreja evangélica. Hoje em dia ainda frequento, apesar de ser claramente a vergonha da religião (risos).

Eu já tive meus momentos mais crentezinha. Mas sempre tive na minha mente de que no momento que eu me sentisse pronta para ter relações sexuais, isso iria acontecer. E realmente aconteceu.

Quando namorei em 2016, perdi a virgindade com esse cara, mas logo depois, paramos com as relações por conta da igreja e pior: paramos com os beijos também, pq a igreja pregava (e impunha) a "corte", que é o relacionamento sem beijos. E eu, por ser ✨ otária ✨ (só assim mesmo para definir) acatei a decisão dele.

De alguma forma, eu achava que, por ele ter tomado essa decisão, era algo bom, que ele havia mudado o pensamento/comportamento (pq já tinha passado pela crise do chifre - enfim, a corna virtual, pq era só troca de mensagens). De um ano e nove meses de relacionamento, um ano e três foi assim.

Tudo bem que o relacionamento já estava desgastado e eu só tava tomando coragem pra terminar - apesar de toda vez que eu cogitava fazer isso, vinha alguém da liderança, parecendo que tava lendo a minha mente, falava alguma coisa que me fazia continuar nesse relacionamento falido. Por fim, ele terminou comigo no meio de uma crise de ansiedade minha e eu fiquei mais puta pela falta de consideração dele, do que pelo término em si.

Mas voltando ao lance da castidade... Por ter vivenciado isso, posso falar com propriedade que muitas pessoas não vivem aquilo que de fato querem, apenas o que foi imposto.

Eu mesma, durante um tempo, me sentia pressionada a escolher coisas que não queria e viver de uma forma que me livraria da condenação das pessoas. Muitos vivem sob medo de serem expostos e rejeitados pelas escolhas que fogem do meio "gospel".

Acho que a castidade só funciona para quem está realmente conectado a isso, com um parceiro que também tem o mesmo pensamento, para que não "caia em tentação" (aliás, acho que é por isso que crente casa rápido 😊)

Já havia indicado no início da última seção como as respostas delas têm, em sua maioria, uma preocupação com a descrição detalhada dos fatos e opiniões, uma espécie de esclarecimento, quase como se estivessem ensinando sobre aquilo que falam. E, sem dúvidas, essa foi uma característica bastante favorável à pesquisa,

mas que também demonstra a preocupação de cada uma delas com as outras no grupo. A última resposta nessa ocasião foi da Elena e é possível notar esses traços:

Eu sou batizada na igreja católica, já participei do EAC (encontro de adolescente com cristo), e sou candomblecista. Sobre a declaração acredito que condiz muito mais com a crença da pessoa, da virtude e sobre a significação para a mesma. Sendo assim a castidade é uma virtude moral particular que os católicos pregam.

Hoje, tenho esta perspectiva principalmente pela minha religião. No candomblé quando a pessoa inicia e faz o seu santo ela fica de preceito. Normalmente o resguardo é de três meses ou pode chegar a 1 ano, variando de casa para casa, e durante este tempo você não pode fazer muita coisa como por exemplo: consumir álcool, ir à praia e cachoeira, transar, beijar, ir à festa, restrição de horário e cor forte, fumar entre outros. Ainda neste período, a pessoa que inicia na religião não pode se aborrecer, entrar em briga ou em confusões - seguindo a tradição e o que é recomendado pelo pai ou mãe de santo.

Este período é necessário que siga as “restrições” e seja respeitado pois é uma época que o iniciado vive em “comunhão” com seu orixá para assim todos os dias desenvolver o axé dentro de si. É tempo de respeito ao orixá, ao axé posto em nossos oris e ao trabalho feito para o bem pessoal interior. Logo, o resguardo também é uma virtude moral como também espiritual pois aqueles que iniciam no candomblé tornam-se um altar para o santo de cabeça.

No dia seguinte, Débora, Flávia e Elena, respectivamente, ainda comentam sobre as conversas do dia anterior:

creci em uma família misturada, entre umbanda e a igreja católica, e hoje me identifico mais com a umbanda, mas não sou praticante. Sei lá, acho que não me encontrei de verdade, nesse âmbito. Nunca pensei em fazer voto de castidade, perdi a virgindade com meu primeiro namorado, aos 16, e acredito que foi uma decisão acertada, porque foi o que me fez correr atrás de informações sobre meu corpo e o sexo em si. Lembro como se fosse ontem, quando contei pra minha mãe ela achou um absurdo! Ela casou virgem, mas eu não poderia seguir esses passos porque nunca me identifiquei. Meu pai, achou normal, por incrível que pareça hahahaha.

Hoje, depois de muitos anos desde esse episódio, falamos abertamente de sexo. Acho que esse fato me ajudou muito a entender a mulher que eu estava me tornando. Acredito que o sexo não seja apenas por prazer, aprendi N coisas sobre mim.

Sobre camisinha: Sim! Sempre! Acho que a gente pensa muito na questão de filho, né?! E deixamos de lado a questão de

doenças transmissíveis, que são possíveis mesmo em pessoas que "confiamos". Pra mim, isso não tem discussão.

E Flávia complementa – sendo a primeira vez em que ela e Elena mencionam relações com mulheres:

Camisinha sempre foi uma aliada e mesmo quando o meu ex pedia para não colocar, eu não deixava. O que não impediu muito de algumas poucas vezes eu não falar para ele colocar e a situação rolar sem, com ele se aproveitando do meu momento de "não avisar".

mas seguimos aqui: sem doenças e sem filhos - o alívio vem também no fato de não termos transado tanto assim (sim, o ex que propôs o namoro sem beijo por conta da igreja).

Em outros relacionamentos, principalmente pq nunca ficava com alguém fixo por muito tempo, nem oral eu fazia sem camisinha (com homens, no caso) - na verdade, eu até evitava o oral. Inclusive, não obtive tanto sucesso assim em relacionamentos com mulheres, pq era sempre um lance casual e os métodos de proteção não são tão práticos (como cortar uma camisinha e "cobrir" a vulva para o sexo oral).

Hoje em dia, dei uma "relaxada" nisso pq estou com o meu parceiro há um ano e pouco e fazemos exames de IST regularmente, pq somos doadores de sangue. E a parte contraceptiva fica por conta do DIU, nas vezes que não usamos a camisinha.

Elena finaliza:

Camisinha sempre, principalmente quando no Brasil mais de 80 mil crianças são registradas sem o nome do pai! Sem falar que previne de infecções sexualmente transmissíveis. Mas o uso do preservativo não é uma realidade adequada por muitos brasileiros, recentemente uma matéria do valor mostrou os dados do IBGE sobre o uso de preservativos pelos brasileiros (ela enviou o link da publicação)⁴³ Acho importante que campanhas, sobre a importância do uso, sejam veiculadas não somente em período de carnaval pois mesmo muitos tendo a consciência que o preservativo previne DSTs a maioria dos brasileiros não usam na prática.

Nas minhas experiências percebi que na prática com mulheres muitas não usam a camisinha feminina podendo assim contrair

⁴³ ROSAS, R.; CARNEIRO, L. Menos de 23% dos brasileiros usam preservativo em todas as relações sexuais, mostra IBGE. *Valor Econômico*. São Paulo, 07 mai. 2021 <https://www.google.com.br/amp/s/valor.globo.com/google/amp/brasil/noticia/2021/05/07/menos-de-23percent-dos-brasileiros-usam-preservativos-em-todas-as-relacoes-sexuais-mostra-ibge.ghtml>

DSTs. E sempre quando transava com homens preferia que ele usasse a minha camisinha que comprava.

Desde a primeira declaração acerca dos temas que atravessam a religião, ilustrados com algumas daquelas imagens enviadas junto com as perguntas no grupo, o que se destaca é que todas elas buscam manter certa independência de suas vidas afetivas em relação a doutrinas ou dogmas religiosos. Quase todas cresceram em famílias praticantes de alguma religião, no entanto, fazem questão de marcar a autonomia de suas decisões em relação aos preceitos das instituições religiosas hoje em dia. Cada uma delas justifica essa separação a partir de uma perspectiva: Ana não dá muitos detalhes do porquê se desvencilhou da doutrina seguida pelos pais, mas acredita que a espiritualidade ultrapassa dogmas e que uma relação amorosa não pode ser impedida de expandir até onde o desejo alcançar apenas porque é uma regra da religião; Beatriz também acredita em espiritualidade e rompeu com a religião da mãe quando questionou padrões de comportamento impostos pela igreja evangélica; Flávia ressalta que nunca cogitou que a religião pudesse impedir que ela comesse a ter relações sexuais, ainda frequenta a igreja, mas ri de si mesma porque acredita que tem atitudes mais descoladas do que se espera das mulheres que seguem a doutrina; para Débora, que diz não ter se encontrado em uma religião ainda, não estar condicionada a um dogma religioso a fez descobrir-se e descobrir seu corpo e o sexo; Elena enquadra preceitos religiosos na ordem moral e sente-se à vontade com o ritual do candomblé em que há necessidade de evitar relações afetivas e sexuais por um período, pois é parte do desenvolvimento espiritual na doutrina.

Outra publicação da *Megazine* que envolvia igreja e comportamentos dos jovens foi aquela em que o “ficar” foi condenado pelo bispo como atitude típica de garotas de programa. Em 2007, quando a declaração ganhou a capa da revista, a abordagem do conteúdo foi dicotômica: uma jovem a favor, outra contra. Então, fiz uso de uma técnica de grupos focais, segundo W. Bauer & Gaskell (2015), a associação livre, para levar a questão a elas. Expliquei que há algum tempo havia um debate sobre o comportamento dos jovens que escolhiam ficar e que isso era visto por alguns como uma atitude comum, enquanto, para outros, com desconfiança ou associada a pessoas promíscuas. Então, perguntei o que pensam sobre esse comportamento e se costumam ficar. Essa foi a conversa que mais

motivou a participação delas, foi a mais extensa entre todas no período do grupo e também a ocasião em que elas mais interagiram nas respostas umas das outras – e me mantive apenas observando porque não havia necessidade de qualquer intervenção. Por essa razão vou reproduzir integralmente suas respostas e apresentá-las em formato que se aproxima da estrutura dos comentários sobre as respostas no WhatsApp, inspirado também na forma de transcrever conversas do método da análise da conversação e da fala (Myers, 2015), mostrando as interações sobre as falas. O uso do (/) é para indicar quando os comentários se sobrepõem à resposta, ou respostas, anterior. Era por volta de meio-dia quando enviei a questão e em poucos minutos as respostas começaram a chegar. A primeira veio da Débora:

Débora: antes de namorar, eu sempre “fico” HAHHAHAHAHA
 fico por meses, uma preparação pro namoro. pra mim, ficar é sinônimo de não ter compromisso, mas responsabilidade emocional. eu continuo sendo sincera sobre meus sentimentos, mas tb deixo o outro livre pra conhecer outras pessoas. inclusive, saudades! agora, só mediante a comprovante de vacinação
 kkkkkkkkk

Ana: eu acho que ficar é uma coisa que pra mim eu sempre vi como natural, mesmo que eu visse o estigma da igreja que meus pais reforçaram pra mim q isso era uma coisa ruim, eu acabei naturalizando isso bastante nas minhas relações. desde o término do meu último namoro eu só tenho ficado com as pessoas mesmo, pq não me sinto capaz ainda de me envolver além disso. maaas a situação com ficantes pode ser complicada, quando vc começa a tratar eles com um nível parecido de namoro, sabe? eu acho que fica uma linha mt tênue entre ficar e namorar quando tem muito apego e nenhum dos dois quer assumir um compromisso. por mais q eu esteja passando por uma situação parecida com essa, eu continuo ficando com essa pessoa e outras, simplesmente por querer ficar e pq eu gosto muito delas

Débora: /nossa, essa linha tênue que se resume a tensão sexual e carinho... eu amo kkkkkkkkkkk

Ana: /exatamente kkkkkk eu amo e odeio, pq sofro por isso depois

Carla: Eu nunca consegui só “ficar” com a pessoa. E acho que isso até me atrapalha porque acabo me afobando e já quero entrar num relacionamento. Todas as pessoas que eu já beijei eu tive algum envolvimento previamente. O conceito de beijar alguém e essa pessoa beijar outras eu não consigo, não evolui o bastante
 kkkkk

Ana: /me identifiquei um pouco!! o outro fenômeno que acontece comigo é que na minha cabeça tá super ok eu falar e ficar com várias pessoas, afinal sou solteira. mas se eu pensar q meus ficantes, q tbm são solteiros, podem estar ficando com outras pessoas eu passo mal kkkkk eu sei q é totalmente hipócrita e egoísta, mas n consigo evitar!! pelo menos eu n jogo esse ciúme na cara de ninguém, nem cobro nada. guardo pra mim. desculpa pra quem n acredita em astrologia, mas pra mim isso é claramente meu sol em libra se encantando por todo mundo ao mesmo tempo, e a vênus em escorpião querendo ser intensa e ciumenta com todos também kkkk

Carla: /Nossa não consigo kkkkkkkkkkkkk. E é assim mesmo: a gente paga de solteirona, vê a pessoa fazendo o mesmo e é um saco. Finjo classe

Ana: /exato!!!

Carla: /O meu sol em libra me leva para lugares completamente inóspitos. Cada dia uma paixonite diferente

Ana: /te entendo demais.

Débora: /gente, sou ariana. o que eu tenho de fogo no rabo e apego é sacanagem. que terror viver na minha cabeça kkkkkkkkkkk

Ana: /minha lua é em áries, então minhas emoções são parecidas com isso aí kkkkk não é nada fácil, eu entendo

Flávia: /CARAAAA, já fui muito assim. Mas também já estive do outro lado: sendo a pessoa 100% desapegada. Eu ficava com um carinho ano retrasado que era um saco de problemas e que me irritava real o jeito dele, mas temos o mesmo círculo social, então não era fácil deixar de vê-lo, então sempre ficávamos. Teve um dia que brigamos por conta da irresponsabilidade dele comigo (ele sempre desmarcava em cima da hora e eu moro onde judas perdeu as botas) e ele JUROU que eu tava cobrando coisa de relacionamento com ele e quis "terminar" comigo. Aí não bastando ele ter estragado o rolé de sabado tarde, estragou o da noite (que eu estava com uns amigos), dando chilique no meio da feira de São Cristóvão, dizendo que eu era uma pessoa incrível e não queria me deixar mal. Só que eu já tava puta e só chorei de raiva no ombro da Carla (*nome substituído*) pq ele estragou toda a minha vibe do rolé. Depois ele teve a PACHORRA de falar pra todo mundo que eu tava apaixonada e tudo mais, sendo que eu tava bem piranha no Tinder e em **todo** rolé de amigos, eu sempre ficava com alguéns da rodinha

Ana: e sim, concordando com a Débora (*nome substituído*) eu também sempre fico com alguém antes de namorar kkkk antigamente eu tinha pra mim q só queria/deveria ficar com

alguém q eu fosse namorar, e era isso q acontecia depois. mas hj em dia eu já tô com vários ficantes mesmo, sem intenção de namoro ainda. mesmo assim eu acho que "ficar" é uma coisa de alguém mais constante, q vc fica sempre, não só uns pegas e tchau

Débora: /concordo!!!! acaba que ficante é algo mais rotineiro, né? a gente fica, muitas vezes, amiga da pessoa, tem o "tbt" kkkkkkkk

Ana: / pois é kkkk nesse meu caso eu já era amiga da pessoa. isso q tá complicando mais minha vida, é um apego mt grande, q eu não sei impor limites

Débora: /nossa, eu imagino!!!!!! eu tô passando por um caso de apego seríssimo só que não conheci ainda a pessoa, o que deixa tudo mais DOIDO

Ana: /meu deuuussss boa sorte nisso

Ana: mas tbm acontece uma coisa comigo que se eu tô começando a me envolver minimamente com um ficante, ou meu coração já começa a pensar mais neles, eu paro de dar bola ou ver graça nos outros kkkkk não é nada estranho, e isso pode ser algo q vá caminhar pra um namoro depois, mas as vezes quando esse sentimento passa eu fico de boa e lembro que to solteira e posso falar e ficar com quantas pessoas eu quiser

Flávia: ficar era algo muito "absurdo" pra mim, não por conta da igreja, mas por baixa autoestima mesmo. Mas sempre tive na cabeça que era só aquilo ali e acabou. Tanto que até hj eu só acho que namorei a primeira vez por grande pressão da minha mãe e da mãe do meu ex. Até pq ele foi a primeira pessoa que fiquei consecutivas vezes. Tanto que depois que terminei, passei a ficar com várias pessoas e sempre vi tudo como uma "preparação" para o namoro. Porque através da ficada que eu vejo se o relacionamento vai pra frente ou não. Se eu me estresso muito ou se não temos muita compatibilidade de ideias, não dura mais do que três meses ficando. tanto que quando comecei a ficar com o meu namorado e com um mês tomei um "chá" + 100% de compatibilidade de ideias para o presente e para o futuro + estilo de vida igual = a Flávia se desesperando por estar cogitando se apaixonar

Ana: /o chá é infalível HAHAHDS dps disso não tem mais jeito.

Flávia: /se ele falasse que me ama naquele momento, eu nem ia sair correndo e só ia aceitar a situação

Ana: /mas realmente o que sustenta a relação é essa compatibilidade. então quando combina os dois, fudeu

Débora: /demais! eu tô conhecendo uma pessoa agora que somos parecidos em várias coisas, temos uma troca muito linda... mas, por conta da pandemia, ainda não nos vimos. sério, é terrível porque eu literalmente sinto estar me apaixonando mas a gente nem FICOU

Ana: /cara, eu tô nessa situação complicada com essa pessoa q eh minha melhor amiga, q falei. é um menino q já tinha me dado o chá + tem essa compatibilidade de ideias, voltou pra minha vida depois de um afastamento bem doido q a gente teve. meu coração tá dividido com isso aí. e com todos os outros ficantes que eu arrumei e não sei se quero mais kkkkk fico querendo e não querendo, em cima do muro. no final vou sofrer por todos e ficar sem ninguém, já tô até vendo 😊👍

Ana: e a pergunta sobre camisinha ali que eu esqueci de responder: pra mim é essencial e indispensável. eu acho q tive uma educação sexual q foi até boa, e minhas amigas me instruíram bastante sobre o uso da camisinha, tanto q quando comecei minha vida sexual nem cogitava a possibilidade de fazer sem. quando eu conheci amigas diferentes do meu círculo, muitas vezes mais velhas, e descobri q elas transavam muito mais SEM camisinha do que com, eu fiquei desesperada kkkkkk. eu até acho que dá pra fazer sem, mas quando vc combina outros métodos contraceptivos, tipo anticoncepcionais, coito interrompido (é, eu sei q esse é meio falho kkk), etc. e acho que só daria pra ter segurança mesmo se eu colocasse um diu e me relacionasse com um parceiro só, q eu soubesse q não tem dst. mas eu não fico me pagando pra ver nem arriscando minha sorte nisso kkk e sinceramente, eu não vi tanta diferença de sensação no sexo com ou sem camisinha, então acho bem tranquilo usar sempre também. o que a camisinha salva em relação a ter bebês e ists é doideira kkkk basicamente é a melhor forma de ter um sexo seguro mesmo

Flávia: /coito interrompido + fé + caldo de cana

Ana: /infalível sempre

Flávia: /amiga, eu tenho o diu e ainda sou paranóica kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Ana: /eu usando camisinha, tomando anti ainda fico paranóica kkkk entendo

Ana: /cara mas essas amigas minhas viviam basicamente só de coito interrompido e dia d. é muito viver no sufoco, deus me livre. e nem se cuida pra dst!! tudo isso pq geralmente quer satisfazer a vontade do homem e até as delas tbm, de quem gosta

Flávia: /só tomei dia d duas vezes na vida. 1 pq fui 100% irresponsável mesmo e fui motivada pelo ódio ao meu ex. 2 pq a camisinha rasgou mesmo

Ana: /meu deuss

Carla: /Meu Deus camisinha SEMPRE! Se eu pudesse usar três, quatro métodos contraceptivos ao mesmo tempo eu usava. Inclusive sumi do grupo justamente porque: eu ainda não tomo anticoncepcional, no meio da transa a camisinha estourou (eu tava no meu período fértil). Tomei o contraceptivo de emergência e mesmo assim a menstruação não tava descendo. Entrei em desespero e só a Flávia (*nome substituído*) pra me acalmar. Só que graças à Deus desceu hoje e segunda feira já tô no ginecologista pra começar com o ac.

Carla: /Tenho mais medo de ter filho/pegar dst do que de morrer

Flávia: /EU. inclusive já tenho contatos de emergência para o cytotec. se eu aparecer grávida agora, não penso duas vezes antes de querer abortar. fico no Serasa mas não tenho a criança

Ana: /nossaaa graças a deus

Ana: /ano passado eu tive um susto de achar q tava grávida e esse amigo nosso q orientou eu e meu melhor amigo. depois disso eu entendi q era pra começar a tomar anti kkkk e já tô com ele há meses. e aí agora eu descobri tbm q não dá pra tomar dia d se vc já toma anticoncepcional. então tem q ser bem responsável mesmo

Flávia: /mas aí é que tá: se vc já toma o AC, pq tomar o dia D?

Ana: /pois é, eu cogitei isso quando n usei camisinha uma vez, mas foi por pouquíssimo tempo, então n aconteceu nada pq tinha a proteção ali né. foi só desespero mesmo kkkk

Flávia: /o desespero já me fez gastar rios de dinheiro na farmácia com teste de gravidez

Ana: /nossa eu tbm. tento nunca me desesperar mas quando aconteceu comprei 2 testes, um pouco caros ainda kkkk. no segundo teste negativo a menstruação desceu horas depois 🙏🙏

Flávia: /faz isso não. o Caro é só uma embalagem bonita para aquela fitinha que vende no baratinho

Carla: /O meu namorado comprando CLEARBLUE pra fazer teste. Olhei bem pra cara dele e perguntei: “é sério? CLEARBLUE?”

Flávia: /PORRA, ELE JA QUERIA SABER AS SEMANAS

Carla: /KKKKKKKKKKKKKKKK

Flávia: /obrigada por tudo, teste de 8/10 reais 🙏

Ana: /eu comprei esse, mas não o de semanas, deus me livre kkkk
aquele é mt caro

Carla: /Porra uma vez ele comprou DOIS. Não entendi nada

Flávia: /pra fazer um na hr e outro na hr de acordar

Ana: /tem um da clearblue mais barato q esse mas q eu achei
mais confiável. ainda assim, era 20 conto 😞💎

Ana: /esse bonzão eu compraria só se eu tivesse tentando
engravidar mesmo. que é o completo oposto de agora

Carla: /100% instagramável fala tu

Ana: /KKKKKKKKKKKK

Flávia: /eu compraria só pra fazer aquela gracinha de mostrar pro
pai, tirar foto etc

Ana: /verdade

Flávia: /fora isso, vai no baratinho mesmo

Flávia: /pq por exemplo, aquele que parece um termômetro
digital, mas que só aparece os disquinhos, que a gente vê em
filme ou novela, é a mesma coisa que o baratinho. Ele só tem
uma capinha diferente, mas por dentro é igual

Ana: /meu deus..... eu fui tapeada

Flávia: /sim, exatamente. deu dinheiro pra indústria farmacêutica

Elena entrou em seguida e perguntou se poderia enviar um áudio com suas opiniões. Confirmei que sim, e logo a resposta chegou em três áudios com duração média de três minutos cada. Ela se restringiu a comentar o comportamento de ficar, afirmando que precisa ficar com as pessoas antes de firmar um relacionamento. Nas palavras dela, ficar está intrínseco nas suas escolhas, é algo que ela faz com muito mais frequência do que namorar. Então ela comenta que só teve dois namoros, o primeiro com uma menina com quem esteve em um relacionamento por seis meses, mas que não deu certo por discussões sobre ciúmes e porque ela ainda não sabia lidar com certas questões por ser pré-adolescente. No segundo, ficou um ano e sete meses com um menino e se separaram quando ela percebeu que estava abrindo mão

de fazer o que mais gostava para ficar com ele e só fazer os programas que ele queria.

Ela usa essas duas ocasiões como exemplos para reforçar porque ainda prefere ficar com as pessoas mais do que namorar e logo começa a descrever a preocupação que tem quando está buscando pessoas para ficar. Elena narra algumas histórias de quando conheceu pessoas no Tinder e saiu sozinha para encontrar, diz que ficou com medo estando sozinha no transporte público ou em bairros mais afastados de onde mora, em Jacarepaguá. Volta a dizer que mesmo assim não abre mão de ficar – e faz isso até mais do que uma única vez para primeiro conversar, no encontro seguinte beijar ou transar e gradativamente ir conhecendo mais a pessoa – antes de resolver entrar em um próximo relacionamento.

Essas conversas que começaram com as opiniões sobre ficar duraram pouco mais de uma hora, naquele mesmo dia. A resposta da Elena foi a última nessa interação e depois disso ninguém mais respondeu. Não é possível saber se a Elena leu todos os comentários e ainda assim não quis comentar nenhum outro dos temas citados, ou se fez isso de fato porque não leu tudo que as outras meninas disseram e, por isso, concentrou-se na pergunta principal. Assim como também não fica claro se as outras interlocutoras ouviram os três áudios enviados pela Elena nessa ocasião e preferiram não comentar ou se, não ouvindo, não encontraram motivos para levar a conversa adiante. Essa é uma circunstância peculiar no uso do WhatsApp para a prática metodológica como proposta aqui, já que é mais difícil garantir que as respostas enviadas em formato de áudio serão ouvidas e farão parte da dinâmica de interação das pessoas no grupo.

Um único comentário chegou depois dos áudios, mas não era sobre o conteúdo das conversas, e sim uma constatação da Flávia sobre a participação da Elena. Ela diz:

mds o eleninhacast. João tá fazendo a festa agora. só não ouvi pq tô no trabalho. mas sou 100% fofoqueira e vou ouvir tudo risos.

O que ela chama de *eleninhacast* é uma contração do nome da Elena com a palavra podcast para indicar que os áudios são de longa duração.

Essa ocasião é aquela em que fica mais explícita a oportunidade de relacionar o tema central da conversa com os temas periféricos que aparecem nas associações

de ideias feitas por elas. Em primeiro lugar, é nítido que a perspectiva delas não é a mesma daquela na ocasião da declaração do bispo que motivou o confronto de opiniões na pauta na revista. Elas entendem que ficar com outras pessoas antes de um relacionamento é parte do processo de conhecer, de se identificar ou não, de encontrar afinidades, enfim, de testar a compatibilidade, como a Ana descreve. E não precisa ser um comportamento condenável ou inadmissível, pelo contrário, é tão aceitável que elas conseguem descrever diferentes formas de ficar, quando ficar, lugares para ficar etc.

Um tema periférico que aparece também nessas conversas é o valor da liberdade enquanto se está apenas ficando com outras pessoas. Mesmo que aconteça de sentir ciúmes em algumas ocasiões, elas valorizam e prezam pelas chances de conhecer e ficar com mais pessoas enquanto ainda estão apenas ficando com alguém. Não é como na moral monogâmica dos relacionamentos em que é requerida fidelidade. O sexo também aparece como um tema periférico, primeiro quando algumas delas comentam o tal *chá*, depois quando falam sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.

Esse *chá* que elas citam é na verdade uma ocasião em que têm uma experiência sexual muito boa, acima da média, com um parceiro ou parceira. *Dar um chá* é deixar a outra pessoa muito satisfeita com o sexo e fazer com que isso se torne um hábito, aquilo que a pessoa vai querer e desejar mais vezes. Flávia e Ana comentam que quando *recebem um chá* de alguém, isso é capaz de mudar suas intenções com a pessoa e consideram levar o caso para um relacionamento mais sério. E possivelmente porque o *chá* levou ao sexo, logo vieram os temas camisinha, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. Debatem experiências pessoais com sexo com e sem camisinha, uso de DIU e debocham do coito interrompido e dos testes de gravidez. Essa associação de ideias deixa bem claro que ficar também é se relacionar sexualmente com outras pessoas, não é só o flerte ou a corte – indo ainda mais longe.

Por fim, uma declaração em específico chama atenção: Carla chama o teste de gravidez mais caro de *instagramável*. E as outras meninas entendem sem muito esforço, inclusive concordando e achando engraçado. Nesse contexto, para elas, a gravidez aparece como uma representação social da mulher que vai tornar-se mãe,

uma ocasião especial que tem a participação dos pais, tem fotos e, nos dias de hoje, pode ser compartilhada nas mídias sociais na internet – afinal, o termo *instagramável* vem de Instagram, uma mídia social de compartilhamento de fotos e vídeos dos usuários. Compartilhar a foto do teste de gravidez ao lado da família, de amigos, parentes e de outras pessoas queridas é um marco que teria valor simbólico para elas e para quem as conhece – uma representação que ainda perdura sobre as mulheres.

Na próxima vez em que voltamos a nos falar, na semana seguinte, começamos a conversar sobre como elas próprias se veem nos relacionamentos, a partir da ideia de que a mulher teria uma posição, determinada função e principalmente uma imagem a zelar, seja enquanto está comprometida ou mesmo quando está solteira. E essa imagem passa particularmente pela forma como as mulheres são vistas em relação ao sexo, à liberdade sexual e às escolhas que envolvem sexo casual. Novamente, junto com as perguntas, mostrei a elas partes de reportagens publicadas na *Megazine* dentro desse contexto, explicando as pautas onde aqueles conteúdos estavam inseridos. Escolhi as declarações dos adolescentes que foram colocadas em destaque nas publicações – mostradas abaixo (figura 15) –, então salvei em formato de imagem e enviei no grupo, com o intuito de que elas desenvolvessem ideias e assuntos também a partir dali.

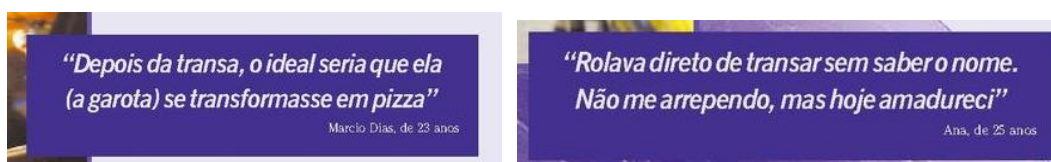


Figura 15: Trechos destacados de reportagem publicada na revista *Megazine* em outubro de 2005.
Fonte: Acervo O Globo

Essa foi a primeira vez em que elas não responderam até o dia seguinte e fiquei sem saber se perguntava ou mandava outra mensagem. Optei por não perguntar e esperar até que se manifestassem. Então, seis dias depois da pergunta, Elena apareceu e disse que responderia ainda naquele dia mais tarde. Algumas horas depois, a Flávia apareceu e disse o mesmo. Agradei, disse para que ficassem à vontade. Mais tarde Elena enviou respostas em formato de áudio – foram nove no total, todos eles com tempo de duração entre 1 a 2 minutos. Logo em seguida chegaram as respostas da Ana.

Elena é entre todas do grupo a que mais elabora a fala, recorre a um estilo mais formal, mais polido, fala devagar, parece se preparar previamente para enviar as respostas, diria até que é um discurso bastante psicologizado pelo fato de sempre refletir em cima das questões como alguém que encontrou nas experiências uma prescrição psicológica para lidar com futuras relações. Ela explica, por texto, que preferiu gravar áudios e enviar para ela mesma antes de enviar no grupo, para ouvir e avaliar suas palavras antes de compartilhar com todas.

Nos nove arquivos de áudio ela, que é estudante de jornalismo, fala pausadamente sobre algumas experiências pessoais intercaladas com opiniões marcadas por dados, estatísticas, comportamentos e fatos sobre uso de camisinha por jovens no país, número de adolescentes grávidas, direitos das mulheres e o movimento feminista. Ela analisa cada detalhe das frases dos jovens entrevistados e chega a criticar a maneira como aquelas declarações destacadas poderiam prejudicar o conteúdo da reportagem. Para ela, como mulher, faltou ouvir outras meninas, pois parece que as opiniões foram recortadas para estarem alinhadas com os objetivos das pautas de mostrar uma mulher idealizada pelo romantismo. Nas palavras dela, o movimento literário romântico é citado como responsável por um modelo que ainda reflete nesse tipo de pauta que idealiza a mulher no papel de uma pessoa passiva, submissa e frágil. Ela acredita que esse comportamento não deve ser atribuído às mulheres do século XXI.

Em seguida, começa a falar de questões relacionadas a sexo casual e à necessidade de incluir temas sobre saúde nessas pautas voltadas para jovens. Ela acha que esses conteúdos não são esclarecedores, não abordam as dúvidas dos jovens, não os ajudam a entender a complexidade do tema. Chama atenção dela uma imagem que acompanha essas declarações sobre sexo casual em que a mulher aparece cabisbaixa, enquanto o homem está encarando de frente. Ela vê isso como reflexo da ideia de que a mulher que faz sexo casual não é bem vista e que deve se envergonhar dessa atitude. É essa a imagem a que ela se refere:

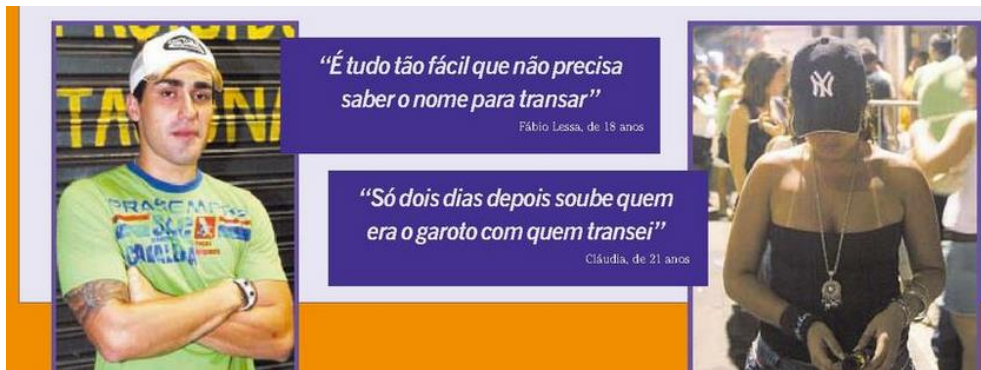


Figura 16: Trechos destacados de reportagem publicada na revista *Megazine* em outubro de 2005.
Fonte: Acervo O Globo

Ela aprofunda a crítica em um dos áudios quando menciona que muito do que se fala dos jovens na mídia, especialmente das mulheres, vem de um discurso que é predominantemente construído por homens que detêm atenção na sociedade. Por fim, faz questão de ressaltar que não consumiria conteúdo de um veículo ou canal que não mostra opiniões divergentes, porque parece que tudo ali foi construído apenas para firmar um ponto de vista que já estava consolidado, sem interesse de mostrar diferenças.

Ana e Flávia se concentram na imagem destacada por Elena (figura 16) e enviam seus comentários. Começando com Ana:

deus me livre essa situação pra mim, eu prezo muito ter o mínimo de conhecimento da pessoa, de preferência já ser amigo pq aí eu sei que dá pra confiar e não ter muitas surpresas com ela (mesmo assim tendo cuidado). tipo, eu n acho q sexo precisa ser sempre romântico mas também não acho que precisa ser sempre assim, totalmente insensível. quando eu era menor eu achava q era aquela coisa de fanfic, que eu ia conhecer uma pessoa numa festa e transar com ela direto, mas hj em dia eu realmente não prefiro fazer isso.

Logo em seguida, a Flávia:

deus me dibre de ter um comportamento assim. nada contra (talvez tudo), mas é algo muito nocivo. Não sei se é pq, na minha cabeça, as pessoas precisam ter alguma ligação/sentimento para o sexo rolar. Não que eu só tivesse transado com pessoas que algum envolvimento emocional, mas ao menos foram com pessoas com quem conversei por um tempinho, sabe? não que eu precise de alguma conversa filosófica ou algo do tipo depois de transar, mas acho tão esquisito esse lance de acabou "foder" e tchau. Já fiz isso uma vez e foi horrível para mim. Gosto de ter uma conexão/amizade com a pessoa.

Ana e Flávia mencionam outra vez a amizade como um fator relevante na relação, dessa vez na escolha de um parceiro sexual. Além disso, nas falas delas aparece uma tensão interessante de se observar: o sexo pode ser casual, mas ainda assim é preciso estabelecer alguma conexão com o parceiro ou parceira, sentir afeição ou garantir que haja o mínimo de uma relação confiável. Talvez seja essa a razão que explica o que todas elas falaram antes sobre ficar, ou seja, estabelecer um contato íntimo, intelectual ou de afinidades suficiente para fazer sexo numa etapa seguinte – sem que necessariamente essa seja uma regra.

Em seguida, a conversa começou a seguir em direção a ciúmes, separações e monogamia. Primeiro perguntei como lidavam com ciúmes, se sentem ciúmes, se costumam sair com amigos sem seus pares quando estão namorando e se concordam que isso também seja feito pela pessoa.

Flávia começou:

Nossa, era absolutamente impossível disso acontecer. Na época, eu não tinha muitos amigos (ok que isso não mudou), mas ele era ciumento em relação a tudo o que eu fazia: faculdade, amigos da igreja (que eram amigos dele tbm), amigos pessoais mesmo... Eu acabei tendo que me afastar do meu melhor amigo pq meu ex simplesmente mudava de comportamento. Mas não era algo evidente. Era algo sutil: uma resposta curta aqui, não me respondia, do nada começava a falar de umas amigas que eu não gostava (pq ficavam falando mal de mim 😊). Mas eu tentava ao máximo não encanar com isso. Acabei limitando muito o meu círculo social a basicamente pessoas que ele "aprovava" (no caso, não fazia jogo psicológico).

Não que tenha sido algo repentino, até pq quando comecei a namorar, eu briguei com esse amigo, pq tínhamos ficado antes e ele não soube separar as emoções. Eu só queria algo casual, e ele estava pronto para o romance.

Teve um dia que fui para a casa de uma amiga (que é amiga dele tbm), decidi dormir lá e ele veio me "pedir" para ir a um barzinho com uns amigos. Eu disse que não havia problema, pq não iria voltar para a casa dele naquele dia, só no dia seguinte. Só que depois, uns amigos dele vieram me perguntar a mesma coisa. Entendi nada, só respondi que sim. Terminamos umas semanas depois e fiquei sabendo, por um dos amigos, que ele saía espalhando que eu era louca, controladora, não o deixava fazer nada e que ainda brigaria com ele no dia seguinte 😊😊

Elena, mais uma vez, preferiu enviar respostas por áudio. Dessa vez foram dois áudios com duração mais longa, cada um deles com aproximadamente cinco minutos.

Ela decidiu contar a história de um namoro dela, em que ambos moravam em bairros bem distantes, ela na zona oeste e ele em Itaipu, Niterói. Por causa da distância, eles intercalavam os finais de semana na casa de um, depois na casa do outro. Começaram no início de 2018, e no final do ano ela sentiu que ele estava cansado disso. Diz que preferiu continuar indo mais pra casa dele do que ele pra casa dela e que abriu mão de estar com pais e com amigos mais frequentemente. Com amigos falava por mensagens, eles apoiavam. Mas os pais não gostaram muito, inclusive porque ela passou um mês inteiro nas férias da faculdade na casa dele.

No ano seguinte ela também começou a cansar dessa dinâmica e decidiu voltar a sair mais com amigos e sair sozinha porque começou a ficar entediada na casa dele. Começou a notar que ele estava dando pouca atenção, passou a sentir que ir para a casa dele era como uma obrigação e percebeu que ele só dava atenção quando queria sexo. Daí viu que ele começou a sair com os amigos sem convidá-la ou a convidava para programas dos amigos dele em que ela não ficava muito à vontade.

Entre outros problemas, como ciúmes das roupas dela, ciúmes do que os amigos dele diziam sobre ela, suspeitas de que ele a teria traído, entre outras situações, ainda assim eles continuaram por mais aproximadamente dez meses até o final do relacionamento. Ela não fala sobre o que os fez manter a relação por mais tempo depois que os problemas começaram a aparecer e finaliza explicando que houve algumas conversas mais sérias entre eles que ajudaram a superar as ocasiões de ciúmes e continuar namorando e saindo juntos.

A Carla também respondeu:

Eu nunca me importei nem 1% pra onde namorados meus iam. Tenho pra mim que se o cara for fazer merda ele vai fazer qualquer situação (como meu ex que me traiu embaixo do meu nariz rs). E eu também nunca nem deixei a pessoa achar que eu devo ou não ir no lugar. A regra é clara: você vai pra onde você quiser e eu vou pra onde eu quiser e ninguém enche o saco um do outro.

Então, dei alguns dias para esperar mais respostas, mas não aconteceu. Acrescentei um elemento novo ao tema e perguntei sobre o uso da internet para acompanhar/ver as pessoas com quem se relacionavam, onde estavam, com quem etc.

Débora começa:

Eu já fiz, mas não acho nada saudável!!!! As vezes dá vontade de fazer de novo, mas tem que ter mta força de vontade pra não cair nas armadilhas da nossa mente. Acho q isso acaba sendo uma abertura pra uma paranoia meio desnecessária...

Flávia é a próxima a responder:

Já fui neurótica a esse ponto. Adiantou de nada excluir e bloquear todo mundo se fui corna da mesma forma. Hoje em dia sou 100% de boa. Não vou gastar minha saúde mental por isso. Já tenho problemas e paranoias demais. Isso significa que eu tapo o meu olho e vejo nada do que ele faz? não. Se aparecer na minha timeline que ele comentou em alguma publicação ou tweet, vou olhar e só. Se não aparecer, show também.

Tenho sempre em mente que se custa a minha paz, tá custando caro demais. Então, se algum dia surgirem paranoias que não são resolvidas com conversas (pq sou sensível e sei quando tem algo errado), sei que vou ter que abrir mão do relacionamento para não sofrer.

Perguntei para Débora o que a fez buscar informações das interações do parceiro na internet:

Insegurança! Como eu estava com medo de perder a pessoa, achava que isso poderia diminuir esse sentimento ruim. Não resolvia, claro hahahaha

Caráter não é medido em rede social. Eles podem ter 500 contatos e a gente não saber de nenhum! eu concordo muito com ela sobre ser sensível, aliás. Acho q essas coisas chegam na gente mais cedo ou mais tarde!

Carla também participa da conversa:

Já fiz no meu relacionamento atual por causa de traumas do relacionamento passado. Não caçava curtidas e nem comentários, mas ficava vendo as publicações e tentando decifrar o que elas queriam dizer sobre mim ou nosso relacionamento. Por vezes eram coisas totalmente banais que até mesmo eu compartilharia, mas eu sentia um incômodo sem explicação. Cheguei até a deixar de seguir ele no Facebook pra não ver as publicações dele. Com

o tempo eu fui percebendo que eu não precisava caçar nada porque não tinha nada a ser encontrado.

Flávia tem uma outra história a respeito:

Um dia, achei muito suspeito não ter conversas no Messenger, nem mesmo aquele "você agora estão conectados" que quem acabou de adicionar alguém tem no chat. E isso me deixou com a pulga atrás da orelha. Pq se não tem, é pq apaga. E pq apaga????

Tentei deixar pra lá, mas teve um dia que ele tava perto de mim, recebeu uma mensagem normal no WhatsApp e depois, quando fui mexer no celular, essa conversa sumiu. Aí ativou o modo "fê nas malucas", clonei o WhatsApp dele e vi toda a lixarada. E antes disso, ainda confrontei com as fotos da pasta de arquivos enviados. Tinha nude ali e eu nunca nem tinha recebido uma nude dele.

Sobre os ciúmes ocasionados pela possibilidade de ver o que os parceiros e parceiras estão fazendo ou com quem estão conversando na internet, o fato é que, embora admitam que não é uma atitude saudável, sabem que podem recorrer aos artifícios de monitoramento e vigilância das mídias sociais para confirmar desconfianças, descobrir algo ou extravasar a insegurança apenas.

Elena disse, em áudio, que em uma ocasião emprestou um celular que estava sem uso para o namorado e quando ele devolveu ainda não tinha apagado as credenciais de acesso aos perfis nas mídias sociais e aplicativos de conversa. Então, desconfiada de que pudesse estar sendo traída porque ele já havia dado alguns sinais que a fizeram ficar com dúvidas sobre a fidelidade dele, abriu o celular, entrou nos perfis com a senha dele e viu as trocas de mensagens com outras meninas. Ela afirma que nunca ligou muito para ver o que ou com quem seus namorados ou namoradas falam nas redes sociais, mas que nesse caso em particular estava bastante desconfiada e teve a chance de checar e foi lá e fez.

Falando ainda sobre esse relacionamento, ela começa a chorar porque diz que esse namorado a fez muito mal pelas desconfianças de traição que sentia. Ela disse que passou a ter um comportamento de vigiar, entrar mesmo nos perfis pessoais dele com a senha pessoal dele. Relata que foi uma fase muito ruim, chegando até a sofrer de anorexia. Ao ver mensagens enviadas por meninas para o namorado no modo privado, começou a questioná-lo e isso a levou para ciúmes doentios que culminaram com o fim do relacionamento. Eles nunca conversaram sobre as

traições dele que ela descobriu, preferiram não falar, mas estava instaurado o mal-estar e isso foi arruinando a relação.

Para ela, essa experiência deixou um trauma porque hoje em dia vasculha os perfis nas mídias sociais das pessoas por quem se interessa, as mensagens que troca publicamente, com quem, com qual frequência etc. E afirma que não gostaria de repetir esse comportamento, mas que é possível que aconteça.

A respeito de traumas por conta dessas atitudes, a Carla também explica o que a marcou:

Eu acho que comecei a ter essa neurose porque meu antigo namorado fazia assim: quando eu não fazia o que ele gostava, ele falava a nossa vida toda nas redes sociais em forma de piadas, frases, etc. E ele fazia de uma forma que eu era culpada, então as pessoas ficavam consolando ele (uma penca de mulher), falando que ia ficar tudo bem e eu me sentia um lixo.

Aí nesse relacionamento novo eu ficava caçando esses detalhes, pra ver se ele falava algo que só eu conseguia entender, se ele falava sobre mim ou sobre a gente. Hoje eu vejo que nunca teve nada demais e que minhas neuroses eram reflexos dos traumas que passei.

Pouco antes disso, a Flávia havia mencionado uma sensibilidade para descobrir situações de traições e confirmar desconfiâncias, e a Débora confirmou que de fato essa sensibilidade existe e que sente também. Então pedi a elas que explicassem melhor como isso acontecia. A Débora respondeu:

é um fator único que só quem é mulher sabe. eu tenho as minhas psicoses naturais. então, de cara, já acho que pode ser isso. Mas depois de conversar e eu ainda achar que tem algo incompleto, sei que tem alguma coisa errada.

Por exemplo, no meu relacionamento atual, meu namorado tem contato com todas as exs. Já conheci a maioria, me tornei muito amiga de uma, mas tem outra que não me desce de jeito nenhum. Por que não engulo a existência dela? Pq ela me bloqueou de todas as redes sociais quando a gente ainda nem tinha oficializado o romance.

Quando estávamos com uns 2 meses de relacionamento, ele encontrou com essa ex, ela tava fazendo uma espécie de open house, para ele e mais dois amigos e ele foi. Ele me pediu para ir? não. Perguntou o que eu achava? não também. Eu falei alguma coisa? só depois. Pq não falei antes? pq não me senti no direito e achei que era o modo surtada sendo ativado. E de fato

era. Tanto que quando conversei com ele, que ainda estava na casa dessa menina, ele entendeu o meu ponto de vista e saiu de lá.

Ele parou de falar com ela? não, mas também não mantém tanta amizade pq ele viu que não faz sentido a forma como ela age, e entendeu o meu lado. Só por ele ter me entendido e decidido mudar de atitude pq viu que não me fazia bem, fez com que qualquer possível paranoia sumisse.

Diferentemente do meu ex, que falava que tinha nada a ver e continuava sendo muito amigo de todo mundo que falava mal de mim. O que os olhos não veem, a pomba gira me conta! HAHHAHAHHAHA Eu acho que a gente sempre sabe quando tem algo de errado, né? Pra mim é uma coisa meio natural, sempre estou atenta aos sinais. Hoje, escolho confiar. A traição, por mais que doa, diz mais sobre o outro do que da gente.

Elena: / Socorro muito isso tbmm kkkkkk o que os olhos não veem as entidades me contam

Débora: / eu amooooo kkkkkkkk

Elena: / Literalmente só reforça o “to certa na minha tese”

Flávia: / ISSO É BEM REAL. pq nos dois dias antes de terminar o meu namoro de vez (~~pq fui otária por voltar~~), sonhei duas vezes que coisas minhas de estimado valor eram retiradas/quebradas. No sonho, era o meu RioCard universitário e meu óculos. Eu ficava chateada, mas sabia que não seria o fim do mundo, só um grande transtorno. No terceiro sonho, tive a visão de uma conhecida no quarto dele. Ela tava fazendo nada, tava só deitada, muito despojada, como se estivesse conseguindo liberdade para fazer isso.

Justamente nessa semana, uma ex dele surgiu do submundo da internet e fiquei desconfortável. Ele havia me dito e eu só disse para ele abrir o olho. No dia que terminamos, acordei depois de ter o terceiro sonho e pedi para ver o celular dele. Mas pedi muito de boa. Só que a forma como ele reagiu a isso me deixou muito puta da vida pq liguei a volta da ex com o sonho: uma pessoa próxima conseguindo liberdade/brecha para fazer o que quiser na vida dele. tive uma crise de ansiedade, saí da casa dele sem falar nada, depois ele contou para os "líderes espirituais" que iria terminar. Fiz um barraco na porta da igreja pq não tava sendo gente o suficiente para conversar comigo. O sonho foi meio certo. O lance da liberdade foi bem certo, mas ele tbm namorou, uns 4 meses depois, a menina do meu sonho (que não era a ex dele). sei que ele teve nada com essa menina na época que namorávamos pq ela morria de medo de mim

Carla: / Sou médium pra muitas coisas menos pra macho. Sempre me ferro 😞😞 Tenho pra mim que meus mentores querem que eu aprenda na prática

Elena: / Já tive essas sensibilidades com sonhos, também, e muitas das vezes coincidiam de alguma maneira com a realidade. Mas em relação a mediunidade vinha do nada dar recado e só ficava sabendo quando minha mãe me contava.

Não é nenhuma novidade que, por ciúmes, desconfiança ou qualquer outra razão, homens e mulheres possam ir aos lugares por onde circulam seus parceiros ou parceiras, seguir ou acompanhar com quem a pessoa se encontra na rua, com os amigos, no trabalho etc. e conseqüentemente chamar o outro para uma conversa esclarecedora expondo o que sente nessas situações. Nessas declarações das interlocutoras, no entanto, dois aspectos se destacam. O primeiro, e mais uma vez, é a questão derivada da aliança entre a psicologia e o feminismo, segundo Illouz (2011), que recai sobre a mulher para falar o que sente, expressar seus sentimentos ao parceiro ou parceira, em nome do bem maior que seria a relação – herança da segunda metade do século XX, nessa concepção da autora, e que ainda mostra traços presentes nos dias de hoje. O segundo aspecto é a presença das tecnologias como intermediárias nas situações de desconfiança e ciúmes na relação: as interlocutoras as tomam naturalmente para aplicar formas de buscar, procurar, conectar partes de rastros na internet para chegar a conclusões a respeito de suas dúvidas ou inseguranças. Visto por outro ângulo, é preciso então considerar que toda ação e qualquer interação na internet pode servir de base para motivar desconfianças ou confirmar dúvidas sobre o comportamento dos seus pares, o que vai requerer vigilância de si mesmo de ambas as partes. As maneiras de se portar, as respostas e reações do que é feito, dito ou mostrado na internet vão tornar-se parte das dinâmicas de fidelidade dos relacionamentos amorosos monogâmicos contemporâneos dos jovens.

Aliás, a monogamia é também outro aspecto que fica bastante em evidência nessas conversas – se elas entendem que há motivos para terminar o relacionamento depois de monitorar e vigiar seus pares é porque prezam pela fidelidade na relação. Por fim, é interessante perceber, nesse momento, a ideia da tal sensibilidade feminina associada tanto com uma característica inerente da mulher, quanto com um desígnio religioso inexplicável.

E finalmente a última questão para o grupo: casamento. Perguntei a elas como definem o casamento e se esperam se casar um dia. Ana faz de imediato uma associação com o oposto do casamento, o divórcio; Beatriz refletiu sobre o sentido

do casamento e não tem dúvidas de que é apenas uma instituição da sociedade e não quer associar amor nesse contexto; Flávia está descobrindo outras formas de manter um relacionamento por mais tempo sem a necessidade de casar, mas afirma que quer casar, sim, com cerimônia e festa. A primeira resposta é da Ana:

eu acho casamento uma instituição maneira quando se sabe "usar". eu pretendo me casar com muitas certezas, pq eu tenho medo de divórcio, msm sabendo q é normal, acontece... eu só não quero ter kkkkk (mas ninguém quer, ne?)

enfim, não quero correr esse risco kkkk então quero me casar, com alguém q eu tenha ctz q é o amor da minha vida, que quer construir os mesmos planos q eu (em relação à família, crescimento pessoal etc.). e eu super quero casar pra marcar essa etapa de amadurecimento do amor e da relação e realmente da união de duas pessoas, pra formar uma família, e se deus quiser pra vida toda.

também pq mais do que querer a cerimônia, a festa e tudo kkk eu quero estar junto da pessoa a esse nível. e pra mim eu quero ter muita certeza msm do que to fazendo, muita confiança na pessoa e muito amor, pra motivar a estruturação da relação toda. eu tenho medo tbm não só de divórcios, como de um casamento virar uma prisão, em que ambas as pessoas se desgastaram demais e hoje estão unidos por N motivos, pq o amor se perdeu e o orgulho e as dificuldades dos dois já são tão grandes pra tenta reencontrar esse amor e reconciliação de novo...

então eu espero sempre amar muito e tentar de tudo pela pessoa q eu me casar, pra gente nunca esquecer a base do nosso casamento, q é o quanto a gente se gosta e o quanto queremos as mesmas coisas e conquistamos juntos várias paradas.

Beatriz desacreditou do senso comum sobre casamento:

Hm, pra mim casamento é só uma instituição é uma coisa criada, literalmente. Não gosto da ideia de definir o amor assim e nem faz sentido pra mim alguém assinar algo falando q a partir daquele momento eu pertencço a uma outra pessoa. Mas essa ideia n se desenvolveu em mim agr... Antes eu só achava natural, e até é. Só que pensando bem, de uma forma crítica, eu acho dessa forma. Na verdade eu nunca tive uma ideia, só não pensava sobre pq é natural/comum, a gnt não questiona muito as coisas q são comuns pq elas, teoricamente, só são. ai quando passei a pensar sobre eu passei a achar isso. Antes eu só seguia o senso comum de que é algo maravilhoso que acontece quando duas pessoas se amam.

E a Flávia foi a última a responder, dessa vez em formato de áudio. Ela relata uma experiência pessoal relacionada ao casamento dos pais. Em determinado

momento, os pais começaram a se desentender e ela disse que sempre se colocava ao lado do pai, que fazia questão de defendê-lo em todas as situações porque eles tinham uma relação muito boa. Até que o pai saiu de casa com a separação e, morando com a mãe, passou a perguntar a opinião dela sobre as razões que fizeram com que se separassem. Depois de ouvir a mãe, ela afirma que mudou completamente com o pai, que percebeu o quanto ele estava errado na maneira como tratou sua mãe e isso a fez decidir que jamais se casaria, pois não queria viver situações semelhantes. Quando começou a namorar, toda vez que um parceiro começava a dar sinais de tornar a relação mais séria, ela se esquivava e terminava o relacionamento, porque entendia que a relação mais séria poderia se assemelhar com o casamento, que para ela, àquela altura, era sinal de fracasso.

Pelo fato de ter crescido em uma igreja protestante e de viver, junto com a mãe, seguindo os dogmas e preceitos da religião, ouviu certa vez do pastor que namoros não podem passar de dois anos, que depois desse tempo é preciso encaminhar logo o casamento. Então, com um dos namorados com quem estava há dois anos, que também frequentava a igreja, preferiu terminar a relação, já que não queria se casar. “Casamento não é pra mim”, disse ela.

Hoje em dia ela faz terapia e garante que isso a está ajudando a mudar essa ideia. Descobriu que há outras formas de manter um relacionamento por mais tempo sem precisar firmar um casamento, que o casal pode descobrir muitas outras razões e afinidades para continuar juntos sem a necessidade de casar (formalizar a união). Pensa, sim, em casamento com um evento para reunir amigos e família. Mas que pelo fato de as famílias dela e do atual namorado serem da igreja teria que fazer duas festas, uma para as famílias e outra só para os amigos, já que muitos amigos não são crentes e não ficariam à vontade numa festa com as pessoas da igreja. Por fim, ela reafirma que quer casar, quer ter uma casa para morar junto com o marido e sente que não bastaria se fossem apenas morar juntos. Precisa formalizar a união, quer a marca desse evento na sua vida, quer marcar essa mudança de solteira para casada porque, nas palavras dela, acredita que é importante distinguir o antes e o depois.

Apenas as três responderam. Como em outras ocasiões, aguardei um tempo para que pudessem se manifestar, mas não aconteceu. Também não julguei

pertinente perguntar novamente porque já estava encaminhando a pesquisa no grupo para a etapa final. Acredito que isso tenha acontecido porque o engajamento e a motivação iniciais delas para participar da experiência começou a se esgotar. E esse foi o sinalizador de que realmente era hora de concluir.

Como disse antes, ainda que a flexibilidade para responder a qualquer tempo pudesse ser vista como uma vantagem, elas estavam participando da pesquisa ao mesmo tempo em que continuavam fazendo todas as suas demais atividades, como estudos e trabalho. Logo, é preciso levar em consideração essas circunstâncias para a moderação do grupo e os impactos que elas podem trazer. Até aqui, e mesmo porque foi a primeira vez com a aplicação das práticas desse método, considero muito satisfatórios os resultados. E tenho a certeza de que elas podem ser aperfeiçoadas para potencializar os resultados em experiências futuras.

Até aquele momento, consegui concluir a prática com o grupo lançando mão de todas as questões que haviam sido previstas e, mesmo que no final houvesse menos participação, considero como satisfatória a escolha do método para a pesquisa. A diminuição da participação e as respostas menos frequentes também devem ser entendidas como mensagens do campo e das interlocutoras quando se cultiva uma relação cotidiana com aqueles sobre quem se vai escrever. Afinal de contas, é quando o pesquisador, o etnógrafo principalmente, é capaz de mover-se para um lugar, observar e participar do que está sendo observado que ele se torna capaz de compreender os objetos e processos culturais que giram em torno da pesquisa.

4.2. Inspiração etnográfica – o diário de campo do pesquisador e a relação com as interlocutoras

Concluída a etapa anterior com a apresentação dos resultados do método do grupo de convivência, pretendo relatar agora as impressões sobre a experiência de mover o campo de observação da pesquisa para o espaço configurado pelo aplicativo de conversas com a moderação do pesquisador. Como descrito no primeiro capítulo, a realização dessa experiência está ancorada tanto nas práticas dos grupos focais, quanto na inspiração etnográfica do deslocamento do etnógrafo ao campo para observar e participar das relações com os interlocutores.

Como um diário de campo vou relatar observações dessa experiência desde que considere a possibilidade de encaminhar a pesquisa nesse sentido.

Depois de assegurar a viabilidade da prática para ir a campo com a experiência de interações individualizadas com um grupo de jovens e planejar as dinâmicas de perguntas, coleta e armazenamento das respostas, a primeira providência era selecionar as interlocutoras dispostas a participar. Como nessas circunstâncias o campo não está especificamente delimitado, nem visível, mas é preciso orientar a participação dos indivíduos que serão observados, nesse caso, como um grupo, organizei um curto roteiro para entrar em contato com algumas jovens conhecidas que havia selecionado e as que foram indicadas por elas. Naquela ocasião, tendo o WhatsApp como mediador das nossas interações, a ação implementada foram as conversas individuais com um grupo de jovens que receberiam simultaneamente as mesmas perguntas periodicamente. As primeiras impressões tanto nos contatos, quanto na prática em campo já exigiram reavaliações.

Em primeiro lugar porque quando falava por telefone com uma jovem e explicava a forma como a pesquisa seria conduzida e o tema, sentia a desconfiança e a insegurança transmitidas pelas maneiras como reagiam, me fazendo receber mais recusas do que consentimentos. Ao esclarecer que precisaria enviar perguntas sobre relacionamentos amorosos e ouvir experiências sobre suas relações, disse que falaríamos sobre namoro, paquera, casamento, vida a dois, família, ciúmes e possivelmente sexo. A minha percepção ao ouvir as respostas é que parte delas entendia que seria inquirida a abrir sua intimidade, o que as levava a declinar – mesmo com a garantia de que as respostas seriam anonimizadas. Bott (1976), passou por experiência semelhante enquanto estudava famílias e garante que “é difícil interessar as pessoas em um estudo que se intromete em seus assuntos privados, principalmente quando entrevistas se estendem por um longo período de tempo” (Bott, 1976, p.31)

Depois de algumas tentativas e recusas, refiz o roteiro para explicar de outra forma e não citei aquelas palavras – namoro, paquera, sexo etc. Disse que a pesquisa objetivava compreender como as jovens cariocas sentem e expressam o amor em seus relacionamentos afetivos e que elas poderiam me passar seus pontos de vista a

partir de suas experiências românticas. A mudança na abordagem surtiu efeito e dali em diante as recusas começaram a diminuir – mas foram necessários mais de vinte contatos até ter um grupo com dez jovens. Formado o primeiro grupo, comecei a enviar as perguntas e coletar as respostas, porém, outra vez algumas impressões me apontavam que aquele formato de conversas separadas não estava alcançando o potencial esperado para a pesquisa.

Outra razão por que a experiência poderia não ser bem-sucedida notei pelos sinais enviados pelas interlocutoras depois das duas primeiras semanas entregando as primeiras perguntas pelo WhatsApp. Ainda que todas tivessem assinado voluntariamente o termo de consentimento de participação e que tivessem se mostrado interessadas em colaborar durante algumas semanas, parte delas começou a deixar de responder ou atrasar muito para enviar resposta e algumas passaram a comentar sem desenvolver bem a história ou opinião que compartilhavam. Em alguns casos, mesmo quando eu tentava estimular para que voltassem nas respostas para esclarecer melhor as ideias, não voltavam. E ainda houve situações em que passaram a ignorar as perguntas e não respondiam mais. Não se tratava apenas de um empecilho operacional, mas, outra vez, tal como Bott (1976, p.32), notei dificuldades de ordem conceitual: as variações do envolvimento de uma interlocutora para outra – além de suas personalidades e relações sociais com pessoas e grupos – tornavam-se tão díspares que provocavam dúvidas sobre como analisar, combinar ou comparar demasiados interesses e envoltimentos afetivos.

Como a prerrogativa da prática era combinar essas participações individuais para formar um conjunto de histórias que pudesse apoiar a constituição de um *corpus* para análise, aqueles sinais indicavam que, persistindo nas semanas seguintes, possivelmente chegaria ao final do período com ainda menos contribuições, comprometendo as possibilidades de interpretação das ideias envolvidas nas questões para as quais foram convidadas a opinar. Formalizei a finalização da experiência com elas, agradei as contribuições e expliquei que precisaria fazer ajustes no formato antes de prosseguir e que, conseqüentemente, suas respostas naquele período não estariam na pesquisa.

O próximo investimento foi o grupo de convivência tal como já descrito. Mas, dessa vez, carregava comigo as impressões da primeira experiência que me

permitiriam encaminhar melhor certas práticas e decisões. Aquele momento das entrevistas individuais foi importante, não pelos resultados, mas pelo engajamento com as interlocutoras, que me indicou o quanto a dinâmica das relações em grupo poderia ser muito mais rica para o propósito da pesquisa – e isso inclui todas as razões já descritas no primeiro capítulo. Finalizada aquela etapa, formei o grupo de convivência para recomençar essa fase de campo da pesquisa.

Embora em circunstâncias, lugares e datas diferentes, além dos objetivos empenhados na pesquisa, senti-me muito próximo do problema de Bott (1976), razão pela qual a autora está presente com mais frequência nesta seção. Enquanto realizava uma pesquisa com famílias inglesas na década de 1950, sobre a qual aplicou práticas antropológicas e de estudo de caso, a pesquisadora lamentou não poder investir mais na observação naquela ocasião. Bott decidiu por entrevistas roteirizadas que eram aplicadas às famílias uma vez por semana em visitas aos lares, quando interrogava aos casais sobre seus hábitos, divisão de tarefas, compromissos, relações com a vizinhança, com parentes e amigos etc. A decisão foi em decorrência da constatação de que, além da impossibilidade de estar com esposas e maridos por mais tempo ao longo do dia e em diferentes lugares na estrutura urbana da cidade de Londres, enfrentaria dificuldades para que eles concordassem em serem acompanhados também fora de casa, pois precisariam lidar com a situação de estar com um pesquisador que deveria ser apresentado a colegas de trabalho, parentes, amigos etc. Para a pesquisadora, essa presença secundária a ser explicada a terceiros poderia motivar o desligamento dos interlocutores da pesquisa e também gerar ruídos na relação deles com aquelas pessoas, que poderiam criar hipóteses ou ideias equivocadas sobre as razões por que permitiram ter suas vidas escrutinadas em uma pesquisa.

Bott afirma que o momento das entrevistas na residência do casal era, sim, proveitoso, inclusive com chances para observar esposa, marido e filhos em suas relações familiares em casa. Porém, para a pesquisa de campo antropológica ela atesta que a observação para além desse espaço teria sido de grande valor, pois gostaria de alcançar uma perspectiva total e mais ampla das rotinas das famílias em situações como enquanto marido e esposa se preparavam para ir ao trabalho, quando levavam os filhos à escola, quando preparavam as refeições, ou ainda quando estavam com amigos e vizinhos. Não é pelas mesmas razões que a observação nesta

pesquisa foi restringida, mas, em certa medida, tal como Bott (1976), precisei tomar uma decisão para encaminhar o andamento da fase de campo, levando as práticas dos grupos focais para os grupos no WhatsApp, em substituição aos investimentos etnográficos de observação das interlocutoras em seus espaços sociais de interação, o que me permitiria produzir observações dentro desse ambiente a partir de outras dinâmicas da sociabilidade e da comunicação. E são algumas dessas observações que descrevo a seguir.

É contraditório, mas é fato que as interlocutoras desta pesquisa estão literalmente em um grupo, mas não formam um grupo, assim como observa-se que elas se fazem presentes no grupo, ao mesmo tempo em que estão simultaneamente em outros diferentes lugares. Embora reunidas pelo aspecto técnico de um grupo de conversas suportado por tecnologia digital, refiro-me ao fato de que elas não formam um grupo tal como um grupo social: colegas, amigos, parentes, conhecidos etc. Elas não se viam, não estavam juntas, não agiam dentro de determinados contextos sociais onde seria possível observá-las em interações com espaços e pessoas. O que atravessa a todas elas – e que interessa à pesquisa – é a categoria juventude, tomada como marcador para reunião dessas jovens com fins de produção de sentido e interpretação de hipóteses.

Além disso, ainda que reunidas no aplicativo de conversas, elas estão dispersas em outros tantos espaços por onde circulam enquanto o grupo acontece. Isso significa que haveria, talvez, uma atenção parcial às interações nesse ambiente forjado, uma vez que elas são geradas em decorrência da moderação da pesquisa e ocorrem em disputa com outras tarefas, responsabilidades e demandas sociais. Refiro-me ao fato de que há uma condição particular dessa prática que é a opção de escolher o que, quando e como responder aos estímulos das questões provocados pelos temas da pesquisa. Todas as jovens interlocutoras que participaram da experiência também estavam se deslocando, ao longo do dia, entre estudos, trabalhos, tarefas domésticas, compromissos sociais, entre outros, e precisavam fazer escolhas para responder a tudo isso, incluindo, nesse período, a atenção às conversas no grupo de WhatsApp da pesquisa. Portanto, não poderia afirmar que seria possível observar as relações entre elas e delas com outras pessoas e grupos sob a ótica da pesquisa antropológica por completo.

Conseqüentemente, ao pesquisador cabe a atenção de observar outras reações, movimentos, gestos e interações que estão além das respostas às perguntas em si. Por exemplo, a ausência de participação nas conversas pode indicar falta de tempo e priorização de tarefas, assim como pode ser sinal de discordância de outras opiniões e desinteresse em contrapor ideias diferentes. Também pode acontecer por falta de experiências prévias em relação a determinados comportamentos, como a interlocutora que não se manifestou quando as demais mencionaram que já haviam feito uso de testes de gravidez. Ou ainda, outra razão técnica que impediria qualquer uma delas de estar no grupo e participar das conversas momentaneamente, como falta de acesso à internet, já que a experiência ocorria através de um aplicativo conectado à rede.

Nenhuma regra caberia nesses casos para reverter a ausência das interlocutoras, mas observava esses sinais para escolher entre elas quais poderiam se engajar melhor nas entrevistas individuais que faria na etapa seguinte. Tanto a observação desses aspectos quanto o interesse em aprofundar alguns temas citados por elas nas conversas me serviram como guia para a decisão de quem convidar para seguir na pesquisa. No entanto, não julgo que se deva admitir em definitivo ser esse o único fator para uma decisão como a minha, afinal de contas, responder mais e com mais frequência não qualifica nenhuma delas acima das demais. Inclusive porque as que falaram menos poderiam se sentir mais à vontade em conversas individuais e os resultados serem tão interessantes quanto com as outras. Minha decisão se deu porque, nessa experiência em particular, notava que as mais engajadas no grupo eram as que tinham mais interesse em narrar com detalhes histórias e experiências em relacionamentos afetivos, enquanto as outras estavam sendo mais econômicas com as palavras – o que por si só já é também um sinal, dado que estava interessado em tomar os fatos descritos para desenvolver algumas questões nas entrevistas em profundidade.

A propósito, outro aspecto a se observar nessa experiência de campo foi a elaboração das respostas, principalmente aquelas em formato de texto. Como já disse antes, a possibilidade de responder a qualquer tempo no grupo pode ser vista como uma vantagem pelas interlocutoras, já que não compromete a responsabilidade assumida com o pesquisador e oferece a chance de escolher momentos mais oportunos para enviar os comentários sem precisar dividir atenção

com outras tarefas. Por outro lado, essa janela de tempo cria condições para que elaborem discursos mais articulados, escolhendo mais cautelosamente as palavras, medindo a coerência do que dizem, talvez até mais enquadrados ao que imagina que esperam delas. Diferente de um grupo focal com os participantes frente uns aos outros, quando a emoção, os gestos com as mãos, o corpo ou as expressões faciais e o tom de voz podem tanto complementar a fala quanto revelar o que não é dito e até comprometer uma pessoa diante das outras, no grupo de convivência as interlocutoras desta pesquisa entregaram opiniões e narraram certas experiências com um discurso com partes bem encaixadas, organizadas e coerentes, tal como se tivessem mesmo formatado o alinhamento das palavras e dos sentidos produzidos pela fala através das palavras escritas.

Isso não significa que esperava respostas aleatórias, frases incoerentes, orações desconexas ou expressões sem sentido. Mas é preciso levar em conta que, enquanto aplicativo de conversas instantâneas, o WhatsApp é um recurso geralmente usado para bate-papo de frases curtas, respostas diretas e objetivas e que nenhuma delas – todas me asseguraram que não – havia até então participado de uma pesquisa no mesmo formato. O que me leva a duas considerações: a primeira é que a motivação para participar e o comprometimento com as respostas atestam que a prática de campo tal como operada nesta pesquisa usando o WhatsApp pode se estabelecer como técnica eficiente e de valor em outras circunstâncias semelhantes, ainda que certos aperfeiçoamentos venham a ser necessários em experiências futuras; é preciso guardar certa atenção com o discurso dos participantes no grupo de convivência, pois eles podem estar permeados por intenções que não são visíveis durante as conversas, como limitar a expressão do que sentem para apresentar uma imagem positiva de si mesmos, elaborar falas mais rebuscadas ou recorrer a termos e assuntos mais complexos para demarcar relações de poder e hierarquia, assimilar padrões e refutar outros no discurso para se sentir acolhido e aceito pelo grupo, recorrer à generalizações ou à terceira pessoa no discurso para não revelar experiências pessoais, entre outros.

Uma das interlocutoras afirma, por escrito, antes de enviar comentários para determinada questão, que gravou suas respostas em áudio, as enviou para si mesma e ouviu antes de colocar no grupo para avaliar a coerência do que havia dito. Logo, percebe-se claramente que ela estava medindo o que poderia e o que não poderia

ser mostrado de si mesma para as outras no grupo, fosse através das palavras, da entonação no tom de voz ou na revelação das emoções no ritmo da fala. Não há evidências de que as demais interlocutoras tenham ou não feito o mesmo quando enviaram seus comentários por escrito, mas é fato que essa possibilidade existe, inclusive ela é facilitada pelos próprios recursos de edição de texto das mensagens tanto no WhatsApp quanto em outros aplicativos de conversas e interações na internet. Ou seja, é inegável o valor do que entregam à pesquisa com suas contribuições, mas é relevante considerar outros investimentos metodológicos para compreender melhor a subjetivação das ideias compartilhadas no grupo através daqueles discursos. Naquela pesquisa de Bott (1976) já citada aqui, ela optou por promover grupos de discussão para incrementar as informações coletadas com as entrevistas e observações nas casas das famílias. No caso desta pesquisa, decidi investir na entrevista em profundidade assim que a experiência com o grupo de convivência terminasse, contando com a participação de algumas das interlocutoras dessa etapa.

Notei também outra situação: certa ansiedade, um pouco de insegurança e dúvidas sobre se o que diziam estava ou não entre os interesses da pesquisa. Com Bott (1976), essa impressão ocorria porque, segundo ela, os casais não a viam fazer anotações, a pesquisadora não tinha um bloco de notas, caderno ou qualquer forma de registro que sinalizasse a eles se o que diziam parecia interessar ou estar no escopo da pesquisa. É uma situação similar, em outro contexto e, claro, com outro objetivo da prática. Porém, da mesma maneira, as interlocutoras não me viam coletando, separando ou emitindo imediatamente sinais de receptividade sobre o que descreviam. Fazia perguntas em cima das respostas delas, estimulava que respondessem umas às outras, interagia em alguns comentários, mas, ainda assim, algumas vezes me perguntaram se era isso mesmo que esperava depois de terem enviado um comentário.

Na ocasião em que a conversa foi mais extensa – quando começamos falando sobre ficar – assim que elas se deram conta de que estavam conversando há pelo menos uma hora e não havia nenhuma intervenção minha, uma delas comentou em tom de brincadeira que gostaria de saber o que eu estaria achando de tudo que elas disseram. As outras que estavam ali naquele momento também acharam engraçado e concordaram que estavam curiosas para saber como aquela conversa toda ia para

na pesquisa. E uma delas disse que não via a hora da pesquisa estar publicada para ver se o que disse teria sido aproveitado e para saber como ela ia ser vista por conta dos comentários pelas pessoas que leriam a pesquisa. Além disso, uma delas geralmente enviava as respostas e terminava perguntando “respondi tudo?”.

Tal como em outras situações que foram emergindo ao longo das semanas no grupo de convivência, não assumi uma determinação exata do que fazer ou como conduzir a demanda delas. Nesse caso especificamente, costumava enviar um comentário reforçando para que se sentissem à vontade para continuar falando, que não se preocupassem em encontrar respostas certas, tampouco que se limitassem a dizer qualquer coisa por receio do que pensariam as pessoas que leriam a pesquisa. Explicava de forma recorrente que suas opiniões não seriam associadas a seus nomes verdadeiros, pois uma das premissas do método era manter anônimas as identidades das interlocutoras. Diferente do que aconteceu na pesquisa de Bott (1976), em nenhuma ocasião elas perguntavam minhas impressões pessoais sobre as questões que levava para o grupo, não perguntavam sobre minhas relações afetivas, nem o que eu achava do que elas respondiam. Por outro lado, poderia dizer que, sim, elas criaram sobre mim certa expectativa a respeito de algumas de suas interações quando enviavam determinadas respostas.

Na verdade, essa expectativa tem relação com duas características inerentes das conversas na internet e no WhatsApp em particular. A primeira é a apropriação e o uso que fazem dos memes⁴⁴ da internet como respostas, sem nenhuma informação complementar de sentido. Elas reconhecem nos memes formas de expressar o que pensam e absorvem o sentido compartilhado de uma imagem, vídeo ou animação para interagir nos comentários, transferindo para aquele símbolo, que é a resposta em si, a expressão do que sentem, que pode incluir desde surpresa, encantamento, raiva, ódio, perplexidade, carinho, desconfiança, desacordo etc.

⁴⁴ “De modo bem objetivo, compreendemos atualmente os memes como uma linguagem ou um gênero comunicativo próprio do ambiente digital, e que costuma ser materializado na forma de uma imagem legendada, um vídeo viral, um bordão engraçado, ou uma animação extravagante. Além disso, grande parte da riqueza dos memes está expressa em sua característica intertextual. Eles frequentemente trazem referências à cultura pop, uma novela, uma série de tevê, um reality, ou o último acontecimento político do noticiário. Próprios do universo das comunidades online, os memes são geralmente lidos como conteúdos efêmeros, vulgarmente encarados como “besteirol” ou “cultura inútil”, fruto de sua interpenetração com a linguagem do humor. Mas precisam, sim, que os levemos a sério!”. **O que são memes.** Museu de Memes. Disponível em: <<https://museudememes.com.br/o-que-sao-memes>> Acesso em: 30 nov. 2021

Outro tipo de resposta que se assemelha a esse descrito acima é aquela que é feita através de *stickers*, ou figurinhas, como é mais comum chamar na língua portuguesa. As figurinhas têm sentido bem parecido com os memes, e, na verdade, muitas delas surgem daqueles. A diferença é que figurinhas são um recurso próprio do WhatsApp para interagir em conversas, ou seja, estão sendo naturalizadas como forma de enviar respostas sem que seja necessário escrever qualquer coisa junto. Inclusive algumas figurinhas contêm uma expressão, palavra ou termo que dá a entender o que a pessoa que a enviou quer dizer. Com outras, a pessoa que recebe uma figurinha como resposta precisa fazer algum esforço para compreender a mensagem.

Nesta pesquisa não foi difícil interpretar o sentido dos memes ou das figurinhas que as interlocutoras usaram em algumas ocasiões – não era tão frequente, posso dizer que foram poucas vezes. Acredito que o fato de atuar com educação no ensino superior e com pesquisa relacionada a temas da internet facilitou minha relação com elas para compreender os memes e figurinhas como respostas e expressão do que sentiam. No entanto, essa é mais uma observação decorrente da prática do método e sobre a qual é preciso jogar luz para que os sentidos do que as interlocutoras pensam e sentem incutidos nas respostas escapem a equívocos e até a vieses interpretativos. Nesta ocasião, as figurinhas e memes usadas por elas não serviram para produzir respostas completas às perguntas propostas pela moderação no grupo, apenas refletiam expressões do que sentiam dentro das interações umas com as outras. Por essa razão também é que tais símbolos não comprometeram a interpretação das questões da pesquisa.



Figura 17: Comentários no grupo usando memes e figurinhas do Whatsapp.
Fonte: Whatsapp

Quando elas fazem uso dessas figurinhas e memes, carregados de sentidos que poderiam não ser tão facilmente compreendidos por todas as pessoas, nas interações entre elas e também quando respondem para mim, noto que elas assumem que sou capaz de traduzir aqueles sentidos sem que precisem denotar o que estão pensando ou sentindo. É como se me vissem próximo, tão imerso quanto elas nessa linguagem, participante dessa dinâmica de conversações e capaz de dar conta da interpretação de suas expressões linguísticas e emocionais através desses símbolos, o que me leva a duas considerações a respeito desse fato. A primeira delas é relativa à minha presença no grupo e à forma como sou identificado como alguém próximo. Já que a intenção do grupo de convivência é ultrapassar o interrogatório de entrevistas em grupo e incluir as manifestações subjetivas incutidas nas interações entre as interlocutoras, é notória a aproximação dessa prática com a da observação participante, que estimula o contato direto e pessoal com o universo investigado, tão cara à antropologia nas pesquisas qualitativas. Tal como Polivanov (2014), assumo, mais uma vez, que minha posição profissional no ensino superior e o reconhecimento por parte das interlocutoras, como estudantes e recém-formadas, do tipo de relação que estabeleço com esses grupos contribuiu para que me aceitassem como alguém próximo às suas vivências e linguagens, ainda que soubessem dos meus interesses restritos como pesquisador nesse grupo onde estamos juntos.

Polivanov (2014) assumiu a perspectiva da observação participante nos ambientes online como uma pesquisadora “envolvida” (Polivanov, 2014, p.109), dado que percebeu como positiva sua posição de *insider* (Polivanov, 2014, p.109) tanto nas festas de música eletrônica que já frequentava por interesses pessoais, quanto por seu uso dos sites de redes sociais com os quais trabalhara na pesquisa, creditando a esse fato o quanto seus interlocutores se sentiram mais à vontade para discorrer sobre seus modos de construção da identidade na internet. Nesta pesquisa, estou certo de que minhas credenciais profissionais contribuíram de forma positiva tanto para que as interlocutoras se sentissem à vontade para falar nas interações durante a experiência no grupo de convivência, quanto naquele momento em que precisei abordar as jovens para convidar a participar. E, claro, para que pudessem recorrer a recursos como as figurinhas e os memes para expressar suas ideias com menos ruídos e sem receios de não serem compreendidas. Acredito que essas

circunstâncias permitiram a elas interagir e narrar suas histórias sentindo-se mais à vontade para recorrer às variações da linguagem escrita que é peculiar dessa plataforma de conversas que é o WhatsApp.

A segunda consideração está relacionada com o comentário de uma das interlocutoras descrito acima, quando afirmou que estava ansiosa por ler as conclusões da pesquisa a partir de suas respostas. Velho (2013) acredita que em uma sociedade complexa contemporânea como a brasileira a antropologia deve preocupar-se em “perceber a mudança social não somente ao nível das grandes transformações históricas mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas” (Velho, 2013, p.79). E tal movimento ocorre quando o trabalho do antropólogo que estuda sua própria sociedade é exposto inclusive a representantes dos universos que foram investigados e que podem discordar das interpretações do investigador.

Para Velho (2013), estudos como este, que visam a apreender momentos de descontinuidade, focados em situações de drama social, “podem registrar os contornos de diferentes grupos, ideologias, interesses, subculturas etc., permitindo remapeamento da sociedade” (Velho, 2013, p.78). Ele aponta que todas as pessoas, especialistas ou leigos, acadêmicos ou não, profissionais das ciências sociais ou não estão constantemente refletindo sobre o que lhes é familiar nas sociedades onde vivem. E poder acolher dessas pessoas os múltiplos aspectos, esquemas e preocupações diferentes permitirá ao antropólogo e às ciências sociais compreender a realidade bem mais complexa do que aquela “representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados” (Velho, 2013, p.78). Pois é dessa forma que vejo o reflexo daquele comentário da interlocutora sobre esta pesquisa. Admitindo que minha interpretação enquanto pesquisador concorre com tantas outras em esferas políticas, artísticas, de gênero, étnicas etc., pretendo, como expliquei a elas desde o início da experiência no grupo, compartilhar as considerações sobre suas contribuições a partir das hipóteses que motivaram esta tese e acolher suas visões ou interpretações distintas daquelas encerradas nesta pesquisa.

Por fim, concluo com uma observação centrada sobre aspecto mais operacional da prática no grupo. Como já descrito antes nesta seção, a observação

de alguns sinais deixados pelas interlocutoras nos rastros das conversas e que são inerentes às formas de comunicação no aplicativo devem receber especial atenção do pesquisador, a fim de reter a atenção e o engajamento no grupo, tal como interessa à pesquisa. Refiro-me ao fato de que uma das interlocutoras usou, algumas vezes, fontes externas de informação ou referências para incrementar ou adicionar valor aos seus comentários, tais como links de sites, vídeos e músicas, conteúdos sobre os quais não podemos assegurar que as demais interlocutoras serão capazes de acessar e absorver como informação complementar para as conversas. Seja por impedimentos técnicos – acesso à internet, por exemplo – que as impediria de ver esse conteúdo, seja por desinteresse em acessar ou porque não querem sair de dentro do aplicativo para um link externo naquela ocasião das conversas, cabe ao pesquisador observar a repercussão sobre esses conteúdos para identificar se obtiveram ou não a atenção das demais pessoas no grupo.

A interlocutora que recorreu a esses recursos é a mesma que fez uso com mais frequência das respostas em formato de áudio – e que pareciam não ser ouvidas pelas outras na maior parte das vezes. Suas contribuições não têm o valor reduzido para a pesquisa por essa razão, porém, ficam limitadas a uma perspectiva individual, sem a possibilidade de serem confrontadas nas ideias e opiniões das demais. Em determinadas ocasiões, depois de ouvir os áudios, eu respondia com um comentário e chegava a contar, por escrito, o que ela havia respondido, na tentativa de chamar atenção de todas para algum aspecto mais relevante na fala daquela interlocutora. Mas deixei de fazer isso por duas razões: não gostaria de incutir nas falas dela qualquer ruído decorrente da maneira como eu apresentaria suas opiniões, com consequentes cortes ou mudanças no sentido para entregar textos curtos e sucintos; e também porque admiti que aquela era uma consequência das interações nesse tipo de grupo. Talvez se todas se conhecessem desde antes da pesquisa e se já tivessem tido mais oportunidades e por mais tempo para atribuir valor às opiniões umas das outras, poderia ser que decidissem dedicar tempo a ouvir os áudios ou acessar os conteúdos externos. Porém, não era o caso desta pesquisa e segui adiante sem perder essa perspectiva na interpretação de suas histórias e experiências no grupo. Para registro, destaco que todas as minhas interações ao colocar questões da pesquisa ou comentários com outras perguntas ocorreram somente na forma textual.

5. Entrevista Narrativa

Conforme apresentado no primeiro capítulo, recorri à triangulação de métodos na pesquisa em virtude da necessidade de combinar múltiplas experiências e diferentes interpretações que permitissem aproximação das dinâmicas de repetição, oposição e inovação na circulação dos códigos incutidos nas representações sociais e nas linguagens da expressão do amor nos relacionamentos amorosos entre jovens cariocas. Depois de produzir a análise interpretativa de conteúdo sobre produto da mídia e de consolidar as impressões decorrentes do grupo de convivência, neste capítulo apresento as entrevistas narrativas, nos termos de Jovchelovitch e W. Bauer (2015), aplicadas com três das interlocutoras do mesmo grupo na etapa anterior. Neste momento, concentro-me sobre as narrativas das jovens e o enredo que conecta suas histórias como as unidades de análise para produzir as interpretações de sentido que interessam à pesquisa, alinhando a prática do método às questões que atravessam a hipótese da tese. E no capítulo seguinte discorro sobre as relações entre os três métodos para encaminhar as considerações finais.

A escolha pela entrevista narrativa deve-se ao fato de que este método alinha-se com o interesse de buscar das comunidades, grupos sociais e subculturas as palavras e sentidos específicos de suas experiências e modos de vida, segundo Jovchelovitch e W. Bauer (2015). “O léxico do grupo social constitui sua perspectiva de mundo, e assume-se que as narrativas preservam perspectivas particulares de uma forma mais autêntica” (Jovchelovitch; W. Bauer, 2015, p.91). Essa característica tem enorme valor para situar a expressão do amor nos relacionamentos amorosos nas culturas juvenis porque nos permite aproximação do contexto de fato em que as interlocutoras expressam a emoção pelo discurso. Além disso, aqueles autores acreditam que a entrevista narrativa é particularmente útil, entre outros, em projetos que combinam histórias de vida e contextos sócio-históricos, como é o caso desta pesquisa. “Histórias pessoais expressam contextos sociais e históricos mais amplos, e as narrativas produzidas pelos indivíduos são também constitutivas de fenômenos sócio-históricos específicos, nos quais as biografias se enraízam” (Jovchelovitch; W. Bauer, 2015, p.104).

Weller & Zardo (2019) atribuem às narrativas a capacidade de apoiar a pesquisa social na compreensão da relação entre indivíduo e estrutura e o esquema conceitual que é elaborado de maneira expressiva quando esse indivíduo relata suas experiências e trajetórias. Para as autoras, a entrevista narrativa pode elucidar como determinadas ações são projetadas, executadas e retrospectivamente acessadas pelos indivíduos, assim como permitir que se alcance os motivos que os levaram àquelas ações. “O ato de rememorar e a narração da experiência vivenciada de forma sequencial permitem acessar as perspectivas particulares de sujeitos de forma natural” (Weller; Zardo, 2019, p. 133). Portanto, a análise das narrativas evidenciará a relação entre experiência e linguagem, aproximando a pesquisa das experiências sociais mais significativas das interlocutoras, a fim de compreender os contextos em que estão envolvidas e os movimentos que produzem mudanças e motivam ações por parte delas.

Para Jovchelovitch & W. Bauer (2015), a entrevista narrativa deve encorajar e estimular a produção de uma história sobre algum acontecimento importante da vida ou do contexto social do informante – embora os autores assumam o termo informante para nomear os entrevistados nesse método, continuarei a referir-me a elas nesta tese como interlocutoras, sem qualquer prejuízo para a prática ou seus resultados. A narração da história mostrará o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico de quem fala. E ao pesquisador caberá reconstruir os acontecimentos sociais (pequenas histórias dentro de uma história maior) da forma o mais direta possível, porém, sem abrir mão de “captar não apenas como o desenrolar dos acontecimentos é descrito, mas também a rede de relações e sentidos que dá à narrativa sua estrutura como um todo” (Jovchelovitch; W. Bauer, 2015, p.108). Para ser capaz de alcançar esse resultado é preciso capturar o enredo.

O enredo permite ultrapassar os acontecimentos isolados e independentes para dar sentido às narrativas, que conectam os acontecimentos de maneira estruturada em uma história. Enquanto a dimensão cronológica da história está marcada pela sequência de episódios narrados, o enredo designa a parte não cronológica, aquela que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos. Logo, para apropriar a produção de sentido tocante aos relacionamentos conjugais das jovens interlocutoras, a entrevista narrativa demandou delas a narração de vivências afetivas em seus contextos, almejando

produzir análise bidimensional dos acontecimentos, situações, começos, finais, crises e conclusões morais em suas trajetórias.

Admitindo que as narrativas são constituídas a partir dos discursos das interlocutoras nesta pesquisa e partindo da abordagem da emoção enquanto prática discursiva, na perspectiva de Abu-Lughod & Lutz (1990), é o discurso emocional das culturas juvenis que emerge daquelas vivências afetivas que encaminhará a observação e a compreensão da expressão do sentimento entre essas jovens. Nesse sentido, o discurso emocional tem caráter de ação social que tem efeitos sobre o mundo e exprime a influência dos temas e valores culturais sobre quem fala. O foco no discurso permite observar a emoção sendo tocada pela cultura ao mesmo tempo em que exerce influência sobre atividades sociais, afeta um campo social e até serve de idioma para a comunicação, tanto para comunicar o que se sente, quanto para agir sobre questões diversas de conflitos sociais, papéis de gênero, entre outros.

O estudo da emoção como discurso permite explorar o modo como a fala fornece os meios pelos quais concepções locais da emoção exercem seus efeitos e obtêm seu significado. (...) Ao invés de encará-los como veículos expressivos, devemos compreender os discursos emocionais como atos pragmáticos e desempenhos comunicativos. O interesse mais geral das ciências sociais em como a linguagem implementa a realidade social coincide com o interesse em como as emoções são fatos socioculturais. Se as emoções são fenômenos sociais, o discurso é essencial para a compreensão do modo como elas são constituídas (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p.11)⁴⁵

Com a compreensão preliminar e a familiaridade com o tema da pesquisa, condições indispensáveis para o método da entrevista narrativa e que foram desenvolvidas nas duas etapas metodológicas anteriores, prossegui para o início das entrevistas. Jovchelovicht e W. Bauer (2015) sugerem que o pesquisador deve ter elaborado previamente um roteiro com questões exmanentes, ou seja, aquelas que refletem seu interesse, suas formulações e linguagem. E deve preparar-se para captar as questões imanentes, que são os tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pelas interlocutoras. Para eles, a tarefa crucial a

⁴⁵ *The study of emotional discourse allows us to explore how speech provides the means by which local views of emotion have their effects and take their significance. (...) Rather than seeing them as expressive vehicles, we must understand emotional idiom as pragmatic acts and communicative performances. The more general interest in the social sciences in how language implements social reality coincides with the interest in how emotions are sociocultural facts. If emotions are social phenomena, discourse is crucial to understanding how they are constituted.*

seguir é “traduzir questões exmanentes em questões imanentes, ancorando questões exmanentes na narração, e fazendo uso exclusivo da própria linguagem do entrevistado” (Jovchelovitch; W. Bauer, 2015, p.97).

Para isso, o planejamento das entrevistas previa três encontros com cada uma das interlocutoras, em dias diferentes e duração variando entre trinta minutos a uma hora. Convidei e expliquei a todas sobre essa dinâmica e orientei sobre o formato de entrevista narrativa. Informei que esses encontros aconteceriam através de ligação telefônica e seriam gravados. Por fim, descrevi o que era esperado em cada um dos encontros – que narrassem uma história sobre seus relacionamentos amorosos em momentos distintos das suas vidas. Sugeri que começassem com acontecimentos de quando tiveram a primeira experiência em uma relação amorosa, em seguida que falassem sobre uma experiência ocorrida algum tempo depois daquela primeira e que, por fim, narrassem alguma história do momento atual. Dessa maneira, seria capaz de observar os discursos emocionais incutidos nas relações sociais, ao mesmo tempo em que organizaria os elementos cronológicos e não cronológicos da narração, tal como indicam Jovchelovicht e W. Bauer (2015) para a análise das entrevistas narrativas.

A seguir estão os resultados dessas entrevistas, apresentados em ordem alfabética dos nomes das interlocutoras usados na pesquisa. Ao final do terceiro encontro, pedi a elas que se apresentassem, descrevendo-se fisicamente e falando um pouco de suas características mais marcantes. A apresentação de si mesmas nessa ocasião marca o início das seções seguintes com as entrevistas narrativas individuais.

5.1. Ana, 19 anos

Meu nome é Ana, eu tenho dezenove anos, eu já fui magrinha, sou ex magra, então estou com corpo mais legal. Tenho a pele branca, assim, não é tão branquela eu sou meio amarelada. Eu tenho um cabelo castanho cacheado grande, deixei crescer, eu uso óculos que é um traço bem importante sobre mim, então todo mundo me conhece pela pessoa que usa óculos e eu também sou um pouco nerdzinha. Eu sou nerd da música, estou sempre ligada nisso. Eu gosto muito de música pop e rap também. Eu gosto muito de mexer no Twitter também. Eu me vejo como uma pessoa bem criativa, bem engraçada, bem amorosa também. Não sei se todo mundo me vê assim também, mas eu procuro sempre

fazer as pessoas se divertirem e me divertir e ter pessoas que eu gosto também pra conversar com elas (Ana, 19 anos).

Ana começa a primeira história voltando à escola no ano de 2008, quando tinha entre seis e sete anos. Ela conta que aprendeu naquela fase com os colegas que meninas deveriam gostar dos meninos, e vice-versa. Disse que insistiu com suas colegas que não precisava ser assim, que tentou resistir – nas palavras dela – porque estava mais interessada nas brincadeiras. No entanto, acabou sendo convencida ao ouvir as colegas falando com frequência sobre gostar de meninos e se sentiu forçada a escolher um deles para gostar. Então aproximou-se de dois meninos com quem conversava com mais frequência, identificava mais afinidades e usou esses critérios para investir em uma amizade com maior proximidade. Pouco tempo depois, um deles começou a se afastar e o outro tornou-se seu melhor amigo. Dali em diante e com a companhia cada vez mais frequente um do outro, sentiu, pela primeira vez, que a relação poderia ser mais que amizade.

No final daquele ano na escola, eles fizeram a brincadeira de amigo oculto entre os estudantes, e Ana tirou o tal amigo. Ela conta que na hora de entregar o presente decidiu fazer um gesto para demonstrar a ele que estava interessada em outro tipo de relação. Em um filme que assistira alguns dias antes, a personagem de uma princesa sinalizava a um rapaz que gostaria de namorá-lo dando um abraço e levantando um dos pés para trás: “ela dá um abraço na pessoa e levanta o pezinho”. Ana conta que fez o mesmo ao entregar o presente na brincadeira para o amigo na esperança de que ele reconheceria aqueles sinais, mas ele não entendeu os gestos. Diz que se sentiu muito estranha porque ele não correspondeu, deixou de dar atenção a ele depois disso e os dois pararam de ser amigos. Ana não lembrava o nome do filme nessa ocasião, mas semanas mais tarde entrou em contato comigo, explicou que o filme era *O Diário da Princesa*⁴⁶ e me enviou dois links para assistir às cenas no YouTube. No primeiro link a princesa explica o gesto e menciona que o nome dele é “pop”; no segundo, está a cena em que ela abraça o rapaz por quem está interessada e realiza o gesto.

⁴⁶ O Diário da Princesa (*The Princess Diaries*), 2000. “Baseia-se no romance de mesmo nome lançado em 2000 de Meg Cabot. Estrelado pela novata Anne Hathaway (sua estreia no cinema) como Mía Thermopolis, uma adolescente que descobre que é a herdeira do trono do Reino fictício de Genovia, governado por sua avó, a rainha viúva Clarisse Rinaldi, como retratado pela atriz e cantora Julie Andrews”. Fonte: Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Di%C3%A1rio_da_Princesa_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Di%C3%A1rio_da_Princesa_(filme))

Perguntei a ela o que a fez sentir que a relação entre eles poderia ir além da amizade, como era o relacionamento entre eles no dia a dia e o que poderia tê-la feito decidir tomar aquela atitude. Ana conta que na escola as conversas das meninas sobre gostar de meninos eram insistentes e que ela até se sentia incomodada porque queria brincar e não falar disso, mas as colegas voltavam sempre ao mesmo tema. Disse que então começou a perceber alguns sinais nos filmes e nas histórias em quadrinhos das quais era muito fã.

Nos filmes notava como as mulheres se envolviam com os homens, os abraços, beijos e carinhos – mas ressalta que nunca assistiu a nenhum filme inapropriado para menores porque seus pais não permitiam e usavam como justificativa o fato de serem evangélicos. Ela explica que os filmes eram comédias, animações, filmes que são exibidos à tarde nos canais abertos da televisão. E nos gibis começou a prestar mais atenção na relação da Mônica com o Cebolinha, no seu gibi preferido que era o da Turma da Mônica. Gostava de ver como eles se entendiam ao final das histórias depois de se desentenderem e brigar, daí foi notando que havia ali um sentimento entre uma menina e um menino. Aquilo a fez imaginar que mesmo não estando interessada nos garotos naquela época – o que ela associa às diferenças que motivavam as brigas entre aqueles dois personagens do gibi – no final brotava algo de positivo entre eles, algo que ela achava bom, a fazia sentir-se feliz.

Sobre os motivos que a levaram a cogitar uma mudança no status da relação, disse que foi a amizade e a atenção que ele tinha com ela:

Ele era a pessoa que me fazia rir muito, eu sempre gostei disso, a pessoa foi engraçada e eu gosto que façam graça pra mim. Então eu percebi que até quando a gente parava de se falar, tipo parava porque a gente estava copiando a matéria na sala de aula, eu olhava pra ele e tinha muita vontade de rir. Ele é muito, muito engraçado!

Mas que eu também percebi que eu gostava muito como as pessoas lembravam detalhes sobre mim. Detalhes muito pequenininhos. E que isso acaba me fazendo ter consideração. E aí eu sempre ficava achando que tipo assim a pessoa estaria apaixonada mesmo de verdade. É até hoje, continuo assim, eu continuo achando isso. Muita coisa! (Ana, 19 anos).

Por fim, ela me conta que chegou a falar, anos mais tarde, com aquele amigo de quem esperava reciprocidade ao decodificar os gestos, disse que lhe contou que

naquela época estava gostando dele de outra forma, mas novamente não foi correspondida. Ela diz que ele desconversou e preferiu não falar mais sobre o caso, depois começaram a se relacionar cada vez menos na escola até que deixaram de se ver. Ana afirma que gostaria de lembrar o sobrenome dele para conseguir pesquisar na internet e encontrá-lo para saber como está hoje, mas não consegue lembrar. E falando em lembrar, terminamos com ela lamentando que gostaria de lembrar de mais histórias, mais situações daquela época, mas que não consegue porque já se passaram dez anos. Da maneira como fala, parece que, para ela, é cada vez mais rápida a velocidade com que as memórias vão sendo substituídas e consequentemente as mais antigas não seriam nem alcançadas. Isso fica evidente em outros momentos nos encontros seguintes também.

Na segunda entrevista, a próxima história da Ana começa com ela baixando a voz, quase sussurrando, falando baixinho, até que pede um momento e vai conferir se a porta do local onde se encontra estava mesmo fechada – não falamos sobre, mas parece que ela estava no quarto em casa. É possível ouvir quando ela fala com alguém que estava à porta, ou ali próximo, e avisa que vai fechar. Ela diz: “pai, pai, tem uma pessoa chamando lá fora. Meu pai já está indo, diz ela gritando para alguém que parecia chamar de fora da casa. Pai, pai, vou fechar a porta!”. Bate a porta e volta. E então começa a contar, com a voz ainda bem baixa.

Fala que foi por volta dos treze anos de idade que muita coisa começou a mudar, inclusive que começou a perceber melhor algumas questões relacionadas à sexualidade, “em todos os aspectos da palavra”, diz ela, e que se identificou com a homossexualidade. Então ela explica, ainda falando bem baixinho, que naquela idade, mais ou menos, sentiu-se atraída por uma menina. Ana diz que se sentiu levemente atraída por uma menina e que essa menina era do tipo padrão. Pergunto o que quer dizer padrão. Alguém abre a porta e ela para de falar. Faz-se silêncio por instantes. Mas o silêncio é rompido em segundos, assim que a pessoa fecha a porta, e ela volta para dizer “padrão naquele sentido assim a menina toda bonitinha, certinha, perfeitinha, esse tipo de coisa, é meio que isso, não era tão padrão assim de loira nem morena, mas era bonitinha e tal”.

Na mesma época, a irmã mais velha estava assumindo a homossexualidade, e Ana achou que seria uma boa ideia compartilhar com a irmã por mensagem um

comentário a respeito daquela tal menina por quem estava atraída. Ela disse que escreveu para a irmã: “não tem como achar uma menina bonita e ser hétero, né?”. E a irmã: “hum, sei, tá..”. Para ela, a irmã já estava desconfiando há algum tempo que a mais nova também poderia se assumir homossexual.

Até hoje assim eu acho que eu estou mais..., não sei, acho que eu parei de me identificar com isso e aí isso voltou assim mais recentemente no ano passado, então, não sei eu, estou tentando me deixar assim muito aberta, tranquila em relação a isso. E nessa época assim que a gente começou foi engraçado, eu falo assim eu perdi meu BV (boca virgem) de dar selinho com menina, depois perdi o BVL (boca virgem de língua) com menino, mas comecei a namorar uma menina. E a gente nem era, nem era amiga, assim a gente foi conversando, passamos um dia juntas, mas não aconteceu nada. E foi um namoro assim escondido. É que aqui em casa meus pais não aceitam, basicamente já não aceitavam minha irmã – baixando a voz mais um pouco. Já até falei com eles, acho que eles suspeitavam, falei com eles, mas eles ignoraram, então nessa época era escondido, sim. Eu consegui ver ela poucas vezes e tal mas é até interessante falar sobre isso porque não era namoro, foi como se fosse um pré namoro, sabe? A gente gostava uma da outra, a gente se encontrava, a gente falava que estava namorando. Porque assim, ela morava tipo longe de mim. Então, a gente conseguiu se encontrar poucas vezes. Só que eu não senti nada do que era de verdade no namoro, sabe? De ser um relacionamento, de se conhecer pessoas, ficar junto, não tinha brigas, era tudo muito bonito, mais perfeito, muito bonito, justamente porque não era um namoro, sabe? Hoje em dia ela continua bi (bissexual), mas aí ela está namorando uma menina, começou no mesmo tempo que eu comecei a namorar com meu ex-namorado, ela começou a namorar, ela continua com essa garota até hoje e o meu já terminou né? Aí eu fico vendo isso (Ana, 19 anos).

Ana começou a se aproximar dessa menina nas conversas que tinham sobre uma banda de música pop em interações no Twitter. Ambas tinham a mesma idade, treze anos, e ela explica que as duas faziam parte de uma comunidade de fãs que acompanhavam a suspeita de um romance entre dois rapazes da banda, fãs que trocavam ideias sobre o possível relacionamento dos dois e criavam histórias fictícias em cima da possibilidade de eles virem a se assumir como casal – “debatendo as teorias sobre o caso”, disse ela. Até que um dia decidiram se encontrar e marcaram no Centro da cidade, porque Ana morava em São Gonçalo e a menina, em Jacarepaguá. O pai da Ana a levou até o ponto de encontro, assim como a garota foi com a mãe. Esses encontros aconteceram algumas vezes, Ana sempre estava acompanhada do pai ou da mãe, tanto que seus pais ficaram amigos

dos pais da menina. E a mãe da menina sabia da relação que as duas estavam começando, mas os pais da Ana, não. Assim como o pai da menina também não sabia porque era homofóbico e mãe e filha preferiam não contar. Mas Ana disse que ficava muito feliz com o apoio e o carinho da mãe da namorada. Conforme o tempo foi passando e seus pais confiavam mais na sua amiga e nos pais dela, os pais de Ana passaram a permitir que ela fosse aos encontros sozinha. E foi só a partir daí que elas começaram a se beijar.

Essa relação durou um ano e terminou porque, nas palavras dela, sua vida mudou muito quando entrou no Ensino Médio. Diz ela que sua vida foi *resetada* em duas ocasiões: primeiro aos onze anos, depois aos quatorze quando estava nessa mudança. A escola nova era de tempo integral e isso foi comprometendo o tempo em que podiam se encontrar. Terminaram a relação em acordo sobre a necessidade de parar, ambas sentiram que aquilo era necessário. E o relacionamento com a menina fez com que ela assumisse, na escola nova, sua orientação sexual, inclusive com símbolos do movimento LGBTQIA+ nas roupas, no discurso e até respondendo seriamente para os colegas que a perguntavam sobre namorados que ela na verdade tinha namorada. Ana vê essas como atitudes que herdou da confiança que aquele relacionamento gerou.

Enquanto diminui o ritmo da fala para refletir em cima das lembranças daquele período, Ana afirma que hoje se sente muito mais insegura do que antes para ter outra relação homoafetiva. Pergunto por quê. Ela explica que a opinião da família tem um peso enorme e que isso a desestimula; não descreve, mas comenta o que seriam situações pelas quais passou envolvendo preconceito e discriminação por conta do seu romance com uma menina; e, por fim, diz que não quer passar, nem fazer nenhuma outra pessoa passar pelas dificuldades decorrentes da necessidade de esconder uma relação, já que ela mesma não vai poder assumir.

Então ela corta a história para começar a falar do relacionamento com um menino que conheceu na escola que foi sua próxima relação, com quem, segundo ela, foi um namoro mesmo. No entanto, um “boy tóxico”. Nas palavras dela, uma pessoa que não demonstrava reciprocidade na medida do quanto ela gostava dele, nem parecia se importar muito em estar ao lado dela ou contar isso para as outras pessoas, inclusive fazendo comentários depreciativos sobre ela com os amigos. Foi

uma experiência ruim para um primeiro namoro, diz ela, mas ao mesmo tempo mais realista em relação ao romance com a menina. E isso de certa forma deixou marcas que ela afirma que não foram boas. Diz que não precisava ser “um conto de fadas”, mas para um primeiro namoro não foi bom. E então perguntei por que ficaram juntos até cinco meses. Ela explicou:

Acho que eu achava que gostava muito dele, eu não tinha, não sabia muito controlar os sentimentos assim tipo. Pensava: eu gosto dele, quero ele de volta. Ok, você gosta dele, mas ele não quer mais você, larga. E eu era tipo assim de querer ir atrás e tal não sei o que. Eu achava que estava apaixonada. Eu era muito bobinha, apaixonada naquela época. Então tudo eu me jogava assim cem por cento, sabe? Aí foi isso que me prejudicou (Ana, 19 anos).

Esse relacionamento deixou duas marcas mais fortes na Ana. A primeira está relacionada com um hábito que eles tinham de compartilhar um com o outro músicas que gostavam, usando as letras para dizer, expressar o que sentiam. Ela explica que era comum que eles escolhessem músicas dos seus artistas preferidos para apresentar um ao outro, ao mesmo tempo em que contavam com as letras para expressar o sentimento envolvido na relação. Ana diz que eles tinham um gosto musical muito parecido e que costumavam fazer recomendações muito certas do que o outro poderia curtir. Porém, alguns artistas que ele a apresentou ela não consegue mais ouvir nada ou prefere ignorar. Isso porque, quando a relação foi se encaminhando para o final, ele começou a debochar das últimas tentativas que ela fez de dizer o que sentia com as músicas. Ele já havia deixado de corresponder e passou a ignorar as mensagens dela com as letras. E em uma das últimas *playlists* que ele compartilhou com ela com indicações de música é onde aparecem aqueles tais artistas. Ana disse que levou o hábito para outros relacionamentos, mas que agora está muito mais seletiva com as músicas que escolhe compartilhar, que pensa bem antes de enviar, avalia se deve ou não deixar essa marca na relação e quais poderiam ser as músicas mais apropriadas para cada momento do relacionamento.

A segunda marca, nas palavras dela, foi ter perdido a inocência por ter vivido certa desilusão. Ela explica que se entregou demais e quer fazer diferente nas próximas vezes, quer também buscar rapazes mais jovens porque esse tinha quatro anos a mais que ela e sentiu que os dois estavam em momentos bem distintos de vida. Para ela passou a ser importante que a diferença de idade entre eles seja menor.

Ana termina revelando que foi com esse namorado sua primeira relação sexual e que por isso também olha hoje para aquele relacionamento um pouco desiludida. Ela sente pelo fato de a primeira vez ter sido com essa pessoa que deixou uma marca negativa com esse relacionamento.

Na última entrevista, Ana começa ressaltando uma forte oposição em relação àquele relacionamento anterior, contando sobre o namorado com quem começou a se relacionar tempo depois. Ela descreve uma relação de muito carinho, companheirismo, com muitas afinidades entre os dois e que os levou a ficar quase dois anos juntos. Como o último, também o conheceu na escola e eram vistos por amigos e familiares como “um casal bem fofinho”.

Então ela vai direto para os últimos sete meses juntos, que foi o período, segundo ela, que levou até que conseguissem tomar uma decisão de terminar, mesmo com ela já dando sinais e fazendo algumas tentativas. Ela aponta que o motivo que a fez decidir romper o relacionamento foi o fato de que eles foram se acomodando na relação. Ela explica o que entende como essa acomodação: enquanto ela gostava de falar sobre ela, sobre os dois na relação e sobre o que sentia por ele, ele falava pouco, quase a desafiava a descobrir as coisas das quais ele gostava. E isso foi tornando o relacionamento mais difícil, embora ela fale com tom de voz bem carinhoso sobre o período em que estiveram juntos.

Conta que gostou muito dele, que ela foi sua primeira namorada, que os dois terminaram, mas continuaram conversando como amigos e que ele até chegou a fazer uma investida para tentar se reaproximar em uma ocasião quando a convidou e foram juntos ao cinema. Mas ela disse que já estava decidida que não queria mais. Ana destaca que uma das situações mais marcantes do período em que estiveram juntos foi quando ele sugeriu que eles usassem alianças de compromisso. Porém, os pais dela não permitiram, disseram que era cedo demais e que a preocupação maior dela deveria ser naquele momento a escola. Ela ainda discorre bem vagamente sobre a boa relação que tinha com a família dele e como seus amigos e os dele tornaram-se todos muito próximos.

Daí em diante, como esse foi o último relacionamento que ela reconhece como tal, Ana começa a descrever encontros, paqueras e ocasiões em que conheceu e ficou com outros meninos. Pouco mais de um mês depois daquele rompimento,

ela já estava conversando com outro menino que conheceu na internet. Pergunto como e onde na internet? E ela explica:

Eu adotei também o método de que quando você quer muito, toda rede social é um Tinder. Eu conheci muita gente no Twitter, conheci muita gente no Instagram, nessas coisas assim. Então todo mundo sabe disso. Tem também o WhatsApp, que é o lugar de trocar nudes, que mesmo não sendo pra isso, enfim. E eu fui vendo que assim funcionava melhor pra mim do que o Tinder, porque no Tinder você só passa ali pela pessoa. Agora no Twitter, no Instagram, se você já segue, já conhece aquela pessoa, já vê os gostos dela, sabe? Você pode ver se vocês são seguidores mútuos. E aí a gente vê de onde a pessoa é, eu vi que ele era de São Gonçalo, tipo, olha os gostos, comenta o que curte, comenta o que estuda, comenta o que gosta, sabe? Daí você vê aquilo todo dia na sua TL (timeline), sabe, vocês vão compartilhando seus gostos e começa a conversar um pouquinho sobre as coisas, entendendo, aí começa a se marcar nos tweets, sabe? É a coisa que eu faço todo dia com meus amigos, eu gosto muito (marcar as pessoas em publicações que ela imagina que a pessoa também vai se interessar). E aí foi tipo assim, fui vendo que era tipo interessante. Às vezes a gente posta foto nossa, então eu boto a minha foto, aí a pessoa bota foto dela também. E aí foi jogando a conversa na DM, sabe? Até que a gente vai falar no WhatsApp porque é mais fácil conversar lá (Ana, 19 anos).

O primeiro menino com quem ela começou a conversar já era um conhecido, porém sem muita intimidade. Moravam próximos e ambos sabiam da existência um do outro, já que circulavam no mesmo bairro, mas não haviam estabelecido qualquer tipo de relação ainda além daquela de vizinhos que se veem com certa regularidade. Quando começou a conversar com ele, descobriram que tinham muitas afinidades, passaram a se falar muito pelo Facebook, descobriram que gostavam de música com a mesma intensidade, assim como compartilhavam preferências por alguns artistas, e animaram-se com o fato de que, estando na mesma cidade, isso facilitaria que pudessem se encontrar em algum momento, mesmo que já estivéssemos nos primeiros meses de pandemia. Ela explica que mesmo com pouco contato com ele antes disso, a conversa fluía muito bem entre na internet, porém, o primeiro encontro pessoal, depois do que parecia ser o alinhamento de interesses para um relacionamento, foi uma decepção.

Ana ressentida que jogou muitas expectativas sobre uma provável relação com ele, mas que não foi correspondida quando conversaram frente a frente. No entanto, eles continuaram conversando pela internet, se encontravam algumas vezes, se

beijavam, ficavam juntos, mas nenhum dos dois se manifestava sobre mudar o status dessa relação ou falar a respeito. Para ela, eles passaram a ter uma amizade colorida. E é como amigo colorido que ela se refere a ele todas as outras vezes durante essa entrevista.

Em seguida, através do Twitter ela conheceu outro rapaz, que também morava perto e com quem ela descreve ter tido uma relação com conexão muito boa. Ela conta que eles falavam sobre todos os tipos de assuntos, que tinham razões para passar muito tempo conversando, que ele era um pouco mais velho, fazia faculdade de História e que até a convidou para assistir a uma apresentação dele em uma aula. Ela retribuiu e o convidou para assistir a uma apresentação dela na faculdade. Eles também gostavam de mostrar músicas um para o outro e de apresentar novos artistas.

E foram seguindo assim até que ela sentiu que precisava contar para ele que tinha um amigo colorido, assim como precisava contar para o colorido que estava se relacionando com outro menino. Ela conversou com cada um deles e o resultado foi que ambos não gostaram de saber da existência do outro. E os dois ficaram bem chateados com ela. O colorido ficou triste porque disse que a relação deles estava pronta para ir para uma nova etapa; e o menino do Twitter não imaginou que ela pudesse ter uma amizade colorida com outro rapaz. No final, os dois se afastaram dela e pararam de conversar por um tempo.

Ana diz que ainda insistiu com eles, mandou mensagens para os dois, mas só o amigo colorido concordou em conversar; o menino do Twitter não respondeu mais. Ela encontrou mais algumas vezes o amigo colorido, mas sentia que a conversa não estava boa, a relação não estava tão interessante como antes e novamente foram se afastando, até que ele alegou problemas de saúde para dar um tempo e não se falaram mais por um período dali em diante. Enquanto isso, o menino do Twitter respondeu, algum tempo depois, as mensagens dela, mas não demonstrou nenhum interesse em reatar – ela acha que ele apenas queria explicar melhor por que parou de responder e deixar a relação de forma mais amigável.

A relação mais recente é com um menino que ela diz ser seu amigo da escola, que puxou conversa com ela no WhatsApp (porque tinha seu número de celular). Logo a conversa foi sendo esticada por dias e começaram a interagir também

através do Twitter. Eles costumavam assistir a filmes e séries juntos, cada uma na sua casa – nesse caso porque o isolamento social devido à pandemia era cada vez mais necessário. Os dois se conectavam através de um aplicativo de conversas ou de reuniões online no notebook, ligavam as câmeras e iniciavam o filme ao mesmo tempo. A câmera e o microfone ficavam ativados durante todo o filme para que pudessem ver as reações um do outro e comentar cenas ou qualquer coisa aleatória. Ana conta que faziam isso com muita frequência e que sentia que a sintonia entre eles era grande, eles inclusive gostavam de apresentar séries e histórias novas um para o outro. Para ela, a relação estava se fortalecendo com esses encontros.

As conversas fluíam bem, ela imaginou que ele estaria interessado nela, mas não era bem isso. Ana disse que foi propor a ele que começassem a se encontrar para ficar, mudando o status da relação de amizade para namoro. Porém, ele assumiu que nunca quis isso com ela. Então ela se sentiu bastante decepcionada e eles decidiram se afastar. Ela explica que eles se bloquearam nas mídias sociais e no WhatsApp para impedir que vissem as atividades e conteúdos compartilhados pelo outro e também não sentissem vontade de conversar.

Passado um tempo, há mais ou menos um mês, eles voltaram a se falar e até já se encontraram. Decidiram desbloquear um ao outro nas mídias sociais e voltaram a conversar. Já tiveram dois encontros, se beijaram e a relação segue nesse ritmo, sem definição de namoro, sem qualquer definição. Ana disse que quer sair mais vezes com ele, quer continuar conversando e afirmou que está muito surpresa de maneira positiva com ele porque não o via há alguns anos, desde que deixaram a escola. No dia dessa entrevista, uma sexta-feira, Ana contou que teria um evento para ir amanhã em que ele também estaria. Não nega a possibilidade de ficar com ele mais uma vez – ficar trocando beijinhos e curtindo o encontro. Mas afirmou que não está a fim de mudar o status dessa nova relação.

5.2. Débora, 22 anos

Meu nome é Débora. Tenho 22 anos. Eu tenho os cabelos todos cacheadinhos e douradinhos. Eu sou branquinha. Tenho os olhos de cor castanho. Sou uma pessoa muito determinada e ambiciosa. Eu acho que são duas palavras que me descrevem. Quando eu quero um negócio, eu vou atrás e faço e meto a cara, mesmo que eu vá quebrar ela. Eu vou lá e tento só para provar que pelo menos

eu fiz. Eu acho que eu sou super amiga. Eu sempre estou disponível a escutar os outros. Sou uma pessoa muito focada no meu trabalho, estou vivendo meu sonho, porque realmente eu sempre sonhei em ser jornalista. Então agora estou formada, estou trabalhando na área que eu quero, então estou vivendo meu sonho e é isso. Acho que sou muito criativa, muito faladeira e muito curiosa. Também acho que essa curiosidade me atija a vontade de conhecer o mundo. Eu quero muito! (Débora, 22 anos)

Aos treze anos, Débora tinha uma melhor amiga na escola com quem a relação de amizade havia começado na pré-escola, a Bia. Entre outros amigos dessa amiga, conheceu uma menina de quem se aproximou mais e então formaram um trio: Débora, Bia e a tal menina. Ela conta que a relação era ótima entre elas, que tinham muitas afinidades e passavam bastante tempo juntas no colégio, mesmo a tal menina sendo quase dois anos mais velha e estando à frente delas nos anos escolares. Débora conta que começou a sentir diferente a relação de amizade dela com a menina, que comparava sua relação com a Bia e se perguntava por que era diferente com a menina, por que nunca havia sentido o mesmo pela Bia. Ela explica que sentia vontade de abraçar mais, andar de mãos dadas, estar mais com ela, mas não sabia explicar por que se sentia assim – “era uma coisa de dar frio na barriga, tremer os dentes, sabe?”. Até o momento em que Débora diz ter conseguido distinguir que não era só amizade. Elas se aproximaram cada vez mais, conversando, passando tempo juntas, descobrindo afinidades até uma ocasião em que conversavam, então trocaram beijos e começaram a namorar.

Débora explica:

Quando tinha treze anos que eu comecei a me descobrir sexualmente né? Sexualmente o que a gente diz é tipo, ah, será que eu gosto de menina? Será que eu gosto de menino? Como é que é isso e tal? E aí eu me apaixonei por uma amiga minha e tipo foi um momento mega conturbado da minha vida porque gostava muito, só que, enfim, né? Os meus pais não aceitavam e era complicado. E aí eu acho que foi o meu primeiro contato assim com um amor de verdade, sabe? De eu querer estar com a pessoa, de eu fazer de tudo pra estar com a pessoa, enfrentar qualquer tipo de barreira pra estar com a pessoa no final das contas, sabe? E de ter esse amor romântico. Já tinha perdido meu BV (boca virgem), perdido meu BVL (boca virgem de língua) na época, só que tinha feito com um menino. E aí quando a gente ficou eu me apaixonei e assim tipo essa paixão durou até os meus quinze anos, e foi tipo muito complicado, né? Porque por mais que eu gostasse muito dela, tem as questões do tema de idade, eu estava com os meus pais, eles não aceitavam e daí a gente tinha

que viver isso tudo e enfim, foi, foi um momento conturbado da minha vida. Foi muito importante porque eu descobri que eu não gostava só de meninos, eu não gostava só de meninas, mas também foi muito complicado porque foi tudo muito rápido no fim das contas, porque eu precisei com treze anos manejar isso tudo, me manter bem, manter saudável no meio da confusão gigante, né? É a lembrança mais forte que eu tenho (Débora, 22 anos).

Débora diz que contou para a família sobre a namorada, mas que eles não aceitavam de forma alguma e isso as obrigou a fazer tudo escondido. Para encontrar com a menina fora da escola, dizia que ia para um lugar, mas ia para outro. Não podiam se falar tanto pelo celular com receio de que seus pais estivessem monitorando, então ficavam cada vez mais juntas no colégio. O relacionamento delas, mesmo com todos os impeditivos, durou aproximadamente dois anos.

Perguntei a ela onde buscava apoio para lidar com as questões, as dúvidas dessa fase, já que não podia contar com o acolhimento da família. A primeira pessoa a quem recorria para desabafar era a melhor amiga, Bia. Disse que contava para ela tudo que estava sentindo, as dificuldades, as angústias, as questões com a família. Mas também tinha outra fonte de suporte.

Então na época foi a mesma época que estourou o Tumblr, né? E aí acabava que era comunidade que a gente conversava com outras pessoas e tal. E eu fiz muitas amizades assim online e acabou que eu procurava informação sozinha, né? E essas informações acabavam chegando até mim também porque eu estava ali né? Era todo mundo adolescente, todo mundo passando mais ou menos pela mesma coisa. Muita gente eu conheci, muita gente que a pessoa falava que estava passando a mesma coisa, gente que morava perto de mim, mas quem me ajudava mais ainda era a Bia (Débora, 22 anos).

Por não aceitarem aquela relação e porque Débora ainda os enfrentava para continuar com a menina, seus pais a trocaram de escola. Elas ainda resistiram por um período, mas aos poucos foram deixando de falar com a mesma frequência porque passavam menos tempo juntas, até que concordaram em dar fim à relação. Débora conta que foi um final amistoso, que conversaram e se entenderam e que por isso são amigas ainda hoje. Usa a palavra pureza para se referir àquele relacionamento, disse que, olhando para trás, vê duas meninas tentando lidar com os sentimentos, que achavam que tudo seria fácil e tranquilo, mas que enfrentaram muitas dificuldades, porém, garante que a experiência a mostrou uma força interna

que ela não conhecia. Ela e a ex-namorada costumam frequentar hoje em dia os mesmos eventos, bares e festas de amigos em comum porque moram no mesmo bairro, na Ilha do Governador. Débora, inclusive, já conheceu a namorada atual da menina.

Pouco tempo depois que terminaram, Débora diz que começou a se interessar por um menino na escola nova. Eles ficaram juntos por um tempo, ela o apresentou à família e isso foi o suficiente para enterrar definitivamente a questão do seu relacionamento anterior. Diz que não se fala em casa sobre o que aconteceu, que seus pais parecem fingir que aquela fase não existiu. Ela garante que não se fechou para estar com meninas, mas diz que hoje prefere ficar com os garotos. E que isso é bom também porque gera menos atrito em casa.

Na segunda entrevista, ela descreve em mais detalhes sobre esse namoro com o menino. Ela o encontrou no Facebook depois que perguntou ao primo, que estudava com o garoto, qual era o nome dele. Começou a amizade na mídia social e puxou conversa ao perceber que ele também gostava de música – percebeu isso vendo as publicações no perfil dele. Conversaram muito através do Facebook, passavam horas trocando impressões sobre músicas e sobre um gosto em particular: Beatles. Mas até aí eles ainda não tinham conversado pessoalmente no colégio, apenas trocavam olhares.

Até que um dia na escola ele teve coragem de chegar até ela e convidá-la para ir passear em um lugar que os estudantes apelidaram de “corredor vermelho”, porque era lá que aconteciam os beijos entre os casais, um lugar mais afastado, longe dos olhares de muitas pessoas. Dali em diante o relacionamento começou a ganhar forma e eles passaram a se encontrar também nos finais de semana, intercalando um na casa dele, outro na casa dela, pois moravam bem distantes um do outro. Ele morava em São João de Meriti, ela, na Ilha do Governador, onde era o colégio.

Para Débora, essa foi a relação perfeita que uma adolescente poderia ter. Além de gostarem um do outro e demonstrar o que sentiam, ela garante que a participação das famílias fez toda diferença no relacionamento. Ele era sempre muito bem recebido na casa dela e o mesmo acontecia quando ela passava o final de semana com a família dele. Faziam programas juntos com as famílias, sentiam-

se à vontade com os parentes um do outro, suas famílias ficaram amigas e eles aproveitavam bastante esses momentos que duravam mais do que as horas na escola. Ela diz que sente até saudade daquelas ocasiões, do quanto era boa aquela fase tão tranquila. Foi a partir daí que seus pais voltaram a se aproximar dela depois das brigas que tiveram por conta do namoro com a menina. E mais uma vez ela explica que eles não falam mais do assunto, é como se nunca tivesse mesmo acontecido.

Porém, pouco mais de um ano depois, depois descobriram uma diferença que começou a separá-los: ele estava entrando na fase de estudos para o vestibular e precisava dedicar muito tempo para se preparar porque sonhava com uma vaga em Medicina; ela queria se divertir com os amigos, ir às festas, mas ele não conseguia acompanhá-la porque precisava estudar. Débora conta que ele não se importava que ela saísse com os amigos, que entendia e não demonstrava ciúmes. Ela encontrava os amigos nas festas, mas não sentia interesse de ficar com outras pessoas porque gostava muito dele. Mas até que chegou o momento em que eles perceberam que estavam se afastando e foram aos poucos assimilando o rompimento do namoro e a separação. Débora garante que levou bastante tempo até conseguir admitir que queria mesmo separar e que mesmo depois de afastados ainda pensava nele. Ficaram juntos dois anos. Ela conta com orgulho que ele foi aprovado para Medicina e que, ainda que com menos frequência, costumam se falar, que ela acompanha a vida dele pelas mídias sociais e que a relação atual de amizade entre eles é boa.

E aí assim foi uma fase bem, bem legal assim, foi um namoro bem de adolescente de filmes, sabe? Então foi bem legal ter essa experiência, às vezes dá até saudade assim da inocência, sabe? Estar mais com a família era legal, era uma experiência muito boa. A gente não tinha muito problema, não brigava, a gente nunca brigou eu acho. Foi uma relação super tranquila assim bem de adolescente mesmo, porque eu gostava muito dele. Mas essa coisa mais leve foi bem legal, foi uma experiência bem inocente. Até hoje assim eu tenho contato com algumas pessoas da família dele, são maravilhosos. E a minha família também gostava dele, ele era gente boa, super tímido, mas super gente boa também. E aí a gente acabou é meio que se desconstruindo por conta da fase mesmo, né? A gente estava em fases diferentes na época (Débora, 22 anos).

Na terceira entrevista, Débora começa lembrando que quando passou a contribuir como interlocutora na pesquisa tinha acabado de terminar um outro relacionamento (ela menciona isso na primeira vez em que interage no grupo de convivência). Ela explica que era um jovem com quem estava junto há mais de um ano e que eles começaram a se desentender durante a pandemia e por causa da pandemia. Naquele momento, Débora estava concluindo a graduação, escrevendo o trabalho final e preferiu “empurrar com a barriga”, diz ela, a relação porque não queria permitir que ele ou as discussões com ele comprometessem sua dedicação a essa fase final na faculdade. Eles conversaram e se separaram no dia da sua defesa de trabalho de conclusão de curso. Disse ela:

Eu falei, cara, esse não é o momento pra eu me preocupar com o homem uma hora dessa. Eu não vou deixar um homem atrapalhar o meu momento de brilhar, né. Aí eu fui empurrando com a barriga assim até onde dava e ia sentindo, a gente brigava... E aí eu continuei empurrando com a barriga até junho desse ano. Aí ele parou de falar comigo do nada, fiquei sem saber o que estava acontecendo e eu falei: cara, quer saber? É hora de tirar o esparadrapo. Um ciclo estava fechando na minha vida, então vou fechar esse também, isso só depende de mim, eu não queria mais estar no lugar que eu estava (Débora, 22 anos).

No início de 2021, um amigo a convidou para entrar em um grupo de conversas no WhatsApp onde as pessoas discutem o programa de televisão Big Brother Brasil. Nas palavras dela, um grupo de fofoca, para o qual ela não poderia recusar o convite. No grupo, as falas e as participações de um menino chamaram sua atenção, então, ela foi conferir a foto dele de perfil e o achou interessante. Com o nome do menino, buscou seu perfil no Instagram, assistiu a alguns vídeos compartilhados por ele, mas não foi além disso porque assumiu pelo que viu que o garoto era gay. Porém, ele começou a seguir o perfil dela, ela retribuiu e logo passou a interagir com comentários nas publicações dele. Os dois foram descobrindo gostos musicais similares, parecia que uma amizade estava surgindo ali, até que ele disse, no contexto de uma conversa sobre ir a um show no Circo Voador, que a levaria e que beijaria sua boca. Foi então que ela se deu conta de que ele estava interessado nela e sua maneira de olhar para ele mudou. O show não aconteceu porque ainda estávamos seguindo as medidas de isolamento da pandemia no primeiro trimestre de 2021, mas eles intensificaram a conversa pela internet e passaram a demonstrar o interesse afetivo um pelo outro.

Já namorando, meses mais tarde, ela contou para ele que imaginou primeiro que ele fosse gay e por isso não investiu antes na aproximação. Ele perguntou por quê, mas ela disse que não soube explicar, que foram impressões que ela tirou quando viu fotos no perfil dele. Ele riu e disse que também não falou antes com ela sobre seu interesse porque ainda tinha a informação de que ela estava namorando. Embora tenha sido a partir do grupo a primeira vez que se falaram, ambos já haviam se visto pelo bairro, porque, segundo ela, na Ilha do Governador todos se conhecem. Ela disse que já tinha visto pelo bairro fotos e anúncios de shows da banda em que ele toca, então minimamente sabia da sua existência, mas até então não havia interesse. Esse interesse só apareceu depois que o viu respondendo comentários naquele grupo sobre o BBB.

Débora explica que a conversa seguiu pela internet, mas que levou ainda alguns meses até que se encontrassem por conta da pandemia e porque ainda não tinham tomado vacina. Eles acertaram que assim que tomassem a primeira dose iriam marcar o encontro. Porém, a ansiedade e o desejo de se verem foi maior e, mesmo antes da dose inicial, se encontraram no bairro, em lugar aberto e longe de aglomerações. E foi então que se beijaram pela primeira vez. Daí em diante a única condição para que voltassem a se encontrar era que fosse em lugares abertos, já que ambos estavam isolados em casa sem contatos com outras pessoas nas ruas. Depois da primeira dose, aumentaram a frequência dos encontros e passaram para além dos beijos. Para Débora esse namoro foi uma surpresa em muitos sentidos:

Conhecer alguém durante uma pandemia global, se interessar por essa pessoa se você não tem nem libido porque tem pessoas morrendo todos os dias. É muito complicado! Só que estou mais feliz, como sou doida, assim, sou única era pra ser total (Débora, 22 anos).

Por fim, ela conta que entrou nessa relação achando que seria a mais experiente, mais coerente, que estaria sempre como aquela que vai na frente, já que é dois anos mais velha que ele. Mas se surpreendeu porque acha ele muito maduro para a idade que tem. Diz que compreensão e liberdade são as duas palavras que definem seu relacionamento, porque eles conversam bastante, apoiam um ao outro e também porque respeitam os momentos de individualidade. Ninguém impede o outro de sair com amigos, não tem ciúmes por essa razão, eles saem juntos com os amigos dele e dela e frequentam os lugares que os amigos convidam. Ela diz,

inclusive, que acha que ele a aproxima mais das amigas porque dá esse espaço para elas ficarem juntas. Débora e Henrique estão juntos há pouco mais de seis meses.

5.3. Flávia, 23 anos

Meu nome é Flávia, tenho 23 anos, sou professora, tenho 1.58m, cabelos cacheados, mais ou menos na altura do ombro, e vai sempre se manter na altura do ombro, porque eu gosto de cortar o meu cabelo. Eu sou gorda, aquele famoso "fofinha". Tenho coxão, tenho peitão e, por conta disso, também tenho um pouquinho de barriga. Tenho uma pele bronzeada, o famoso cachorro caramelo, porque hoje em dia fica muito nessa coisa de ser ou não pardo. Se fosse para falar, eu sou da cor de um papel pardo. Mentalmente, sou uma pessoa extremamente complicada. Eu tenho alguns problemas psicológicos. Tenho depressão, tenho ansiedade, tenho transtorno Borderline, tenho uma suspeita de autismo, mas isso é algo que eu estou preferindo ignorar um pouco. Ao mesmo tempo, eu me considero uma pessoa extremamente sadia hoje em dia, porque eu já fui muito pior do que sou, tanto que eu considero uma pessoa muito mais estável mentalmente. Eu gosto de conversar, apesar de ser um pouquinho introvertida para situações novas. Eu encaro a vida como se fosse um grande teatro ou algo do tipo, em que eu encarno personagens para poder viver aquele momento, até mesmo porque eu sou professora, eu lido com diversos alunos e diversas salas de aula, então não tem como ser a mesma professora em todas as salas de aula. Essa coisa da sala de aula eu levo para a vida real, então se tem ambientes novos, eu analiso como é esse ambiente novo e incorporo a energia daquele ambiente para poder agir de acordo. Apesar de ter muitos amigos, eu me considero uma pessoa muito mais sociável virtualmente, até porque eu converso com a maioria de modo virtual, então, pessoalmente, já é um pouquinho mais complicado, por vergonha e por trauma também, porque já lidei com muita coisa durante a minha vida, de bullying e tudo o mais, então eu sempre vou presumir que as pessoas estão pensando mal de mim, por isso eu prefiro o contato virtual ao presencial. É isso (Flávia, 23 anos).

Na primeira entrevista, Flávia conta uma história que aconteceu quando estava com nove anos de idade. Na igreja que frequentava, as meninas e meninos da mesma idade costumavam brincar uns com os outros apontando quem deveria namorar quem. Segundo ela, piadinhas de criança sobre namorado e namorada de forma insistente para irritar os amigos. Mas ela disse que não se interessava muito por isso, que não gostava de falar sobre, nem sentia interesse em ninguém ali. Para ela, hoje, tanto ela quanto as outras crianças não tinham noção do que era namorar ou gostar de alguém, eles faziam essas brincadeiras que irritavam porque queriam

chamar atenção uns dos outros, não porque sentiam realmente algo por outra pessoa. Mas a insistência dos amigos era muito grande e eles já tinham escolhido um par para ela, diziam que ela deveria gostar de um tal menino. Ela confessa que cedeu e considerou, por que não? E então decidiu que poderia gostar dele, sim.

Passou a ficar mais próxima do menino, aceitava menos contrariada as brincadeiras dos amigos na igreja até que, quase um ano mais tarde, decidiu que escreveria uma carta para contar que estava gostando dele e a entregaria em um próximo encontro. Ela conta que escreveu uma carta “enorme, enorme, enorme”, que passou bom tempo escrevendo com atenção com a intenção de “externar todo meu sentimento a ele”, mas também porque ia ganhando mais tempo para planejar como entregaria. Porém, assim que concluiu, desistiu de entregar. Conta que ainda guardou a carta consigo por um tempo, mas estava mesmo decidida a não entregar. Pergunto por quê? Ela explica:

Depois que eu escrevi tudo no papel o sentimento sumiu. Porque eu estava disposta a pegar aquele papel, entregar para ele. Mas simplesmente o sentimento sumiu. Eu não sei, eu só acho que precisava ser extravasado, acho que era só isso que estava precisando ser feito. Não que fosse pra se concretizar nem nada. É igual quando por exemplo uma pessoa fica muito triste, mas ela não expressa a sua tristeza e acaba remoendo aquilo durante muito tempo dentro de si, acho esta é basicamente isso. Pelo fato de não ter externalizado, eu fiquei remoendo, sentindo aquilo durante muito tempo. Eu simplesmente coloquei pra fora, vi que já não era mais pra ser aquilo (Flávia, 23 anos).

Ainda hoje ela encontra com ele na igreja que frequenta, conversam normalmente, mas nunca contou, nem pretende contar para ele, nem para ninguém, sobre a carta que escreveu há doze anos. Disse que vai negar sempre porque não vai dar aos amigos o gostinho de saberem que aquelas brincadeiras acabaram motivando esse interesse no menino.

A história seguinte da Flávia guarda certa proximidade com a primeira. Ela conta que, com treze anos, na escola costumava se enturmar melhor com os estudantes de turmas acima da dela, que tinham um pouco mais de idade. Fez amizades com alguns meninos e meninas que já tinham entre quinze e dezesseis anos e passou a estar com eles tanto no colégio quanto em programas e atividades fora dali. E como as meninas mais velhas já tinham beijado e algumas até já haviam tido relações sexuais, disse que esses assuntos eram muito comuns entre elas.

Falavam dos beijos dos meninos, de paqueras, dos garotos por quem se interessavam e saíam e de vez em quando sobre sexo. Mas Flávia nunca tinha sequer beijado um menino ainda. No entanto, ela disse que não poderia demonstrar isso porque corria o risco de não ser mais aceita no grupo. Então, segundo ela, tentava agir com naturalidade, respondia, comentava, opinava, mas não tinha nenhuma experiência para compartilhar. Até que as meninas começaram a desconfiar e decidiram provocar uma situação.

Em uma ocasião na escola, esses amigos lhe contaram que um dos meninos do grupo gostaria de conversar a sós com ela e que a esperaria na frente de uma padaria próxima dali. E fizeram o mesmo com o menino, dizendo que era ela que aguardava por ele no mesmo local. Flávia disse que desconfiou, mas foi assim mesmo. Chegando lá, um ficou esperando que o outro explicasse a razão do convite, mas logo se deram conta da armadilha. Ela diz que nessa hora o jovem comenta que os amigos armaram a situação para que eles ficassem e, então, pergunta para ela: por que não? Flávia diz que pensou: por que não? E então os dois foram caminhando até um lugar mais afastado, onde geralmente os meninos e meninas marcavam para ficar juntos e namorar. Conforme ele ia seguindo naquele sentido, em direção ao local, ela garante que foi se dando conta do que estava indo fazer, já que esse era o lugar onde os jovens costumavam se encontrar para namorar. Logo ela se deu conta que estava indo beijar o garoto e seguiu adiante.

Pararam no lugar onde os jovens se encontravam, se entreolharam e um deu ao outro uma bala. Estavam com fones de música e não retiraram do ouvido, nem desligaram o som, se olharam mais um pouco e se beijaram. Ela diz que não foi um beijo nem muito longo, nem muito curto, foi médio. Não poderia ser selinho porque senão não valeria para o grupo como um atestado de que eles ficaram. O beijo cessou, os dois se olharam mais uma vez e ele perguntou: vamos? Ela respondeu que sim. Trocaram um beijo selinho e então seguiram de volta à escola, um ao lado do outro, com seus fones de ouvido, sem dizer nenhuma palavra.

No dia seguinte, ao chegar à escola, os amigos já a esperavam na porta para saber como tinha sido a experiência. Ela disse que relatou exatamente da mesma forma que acabara de me contar. Perguntei se ela e o menino se falaram mais, se se aproximaram depois disso. E a resposta foi não. Disse inclusive que, pelo contrário,

foi deixando de falar com ele cada vez mais porque não tinham assunto, ele parecia tímido demais e não puxava conversa. Em seguida, ela começa a refletir sobre como são hoje em dia as circunstâncias em que ela beija alguém. Disse que só consegue fazer isso se tem alguma conversa, por menor que seja. Podem conversar dez minutos e se beijar, como podem conversar durante alguns dias e beijar depois. Mas não abre mão de uma conversa porque não quer que o beijo provoque uma situação desconfortável para nenhum dos dois em outras ocasiões. A conversa é imprescindível para fazer daquele momento uma expressão de desejo, porém, sem anular as chances de continuar se relacionando com a pessoa como amiga ou como uma conhecida outras vezes.

Eu sempre fui muito assim. Vai beijar? Beleza, vai beijar, pode ser que nunca mais eu vá beijar a pessoa de novo, ok. Mas se faz parte de um mesmo grupo social do meu, eu não quero me sentir acanhada a ponto de parar de frequentar determinados grupos ou determinados lugares ou ficar retraída em determinados momentos só porque a pessoa está ali. Então o conversar não é conversar só na hora, é poder conversar antes e conversar depois. É uma afinidade, né. Sempre fui muito assim. Só que assim, essa coisa de falar, ai beijei a festa inteira, beijei tanto, fui pra festa, beijei tanto. Eu não via graça nenhuma, eu ficava dizendo como é que vocês fazem isso. Para com a boca! Não é que nunca tivesse experimentado isso na vida. Experimentei duas vezes no máximo. Mas tem que rolar pelo menos uma conversinha, saber o nome, saber o que a pessoa gostava. Esse modo de funcionamento da micareta, por que tem muito, né? Que você sai no meio da micareta beijando todo mundo um atrás do outro, isso já aconteceu duas vezes comigo e mesmo assim ia ficando caraca! por que eu fiz isso? Qual o intuito? (Flávia, 23 anos).

E então seguimos para a terceira entrevista. Flávia começa definindo o atual relacionamento – fala com a voz mais baixa, ela está na casa do namorado:

Hoje eu tenho um relacionamento completamente estável há quase dois anos. Brigas e desentendimentos são muito menores do que qualquer outro relacionamento anterior. Porque assim quando você é adolescente você passa a questionar muitas e muitas coisas, tem aquela coisa dos sentimentos e tudo mais, ciúme é também uma coisa muito presente porque você também não tem aquela segurança e tudo mais, a auto segurança, né? Mas hoje em dia é algo completamente tranquilo. A questão da confiança, do respeito mútuo. E da maturidade, da questão dos planos. Porque assim uma coisa que influencia muito no relacionamento é você ter um parceiro que não só te apoie, mas que você apoie ele também e que os dois tenham basicamente a mesma ideia de futuro de relacionamento e tudo mais. Não por ser algo imposto ou porque você vai ter que diminuir a sua

expectativa pra poder encaixar na vida do outro. Não. Isso nunca foi necessário acontecer. Porque sempre deixamos claras nossas ideias de relacionamento, tanto de presente quanto de futuro. E nunca tivemos problema algum com isso porque são basicamente as mesmas ideias. Tanto que eu gosto de brincar dizendo que a gente divide o mesmo o neurônio. Porque temos jeitos muito parecidos, tanto que no nosso começo de relacionamento foi com basicamente noventa por cento das pessoas dizendo que parecíamos irmãos (Flávia, 23 anos).

O relacionamento partiu de conversas em um grupo no Facebook que tinha sido criado para que as pessoas reclamassem do bairro de Bangu. Nem ele, nem ela moram lá, mas ambos estavam sempre nesse grupo comentando as publicações, até que se notaram e começaram a flertar. Ele a adicionou como amiga no Facebook, depois visitou seu perfil no Instagram e passou a curtir e comentar fotos antigas. Para Flávia, comentar e curtir fotos antigas é sinal de que a pessoa está interessada em saber mais de você, é um indicador que ela acredita que vem se tornando comum quando uma pessoa quer dizer isso para a outra. Essas interações começaram quase já no final de 2018 e só no final de 2019 eles finalmente marcaram de se encontrar. Ela comenta que estava indo mais devagar porque, quando começou a falar com ele, tinha acabado de terminar um relacionamento sério. Define relacionamento sério: “relacionamento sério é aquela coisa que você tem que apresentar pra mãe. Aquela coisa de estar ficando com alguém por uns três meses eu não conto muito, não, porque o período de experiência no Spotify também é de três meses”.

Flávia é extremamente detalhista nas histórias que conta, ela lembra e cita data, dia da semana e até hora de um fato ou de uma situação. Daí por diante ela começa a narrar de forma encurtada alguns episódios a partir do primeiro encontro, que aconteceu no cinema no início de fevereiro de 2020. Disse que ficou insegura porque ele demorou muito para beijá-la durante o filme; ela começou a pensar mil coisas, inclusive que ele tinha a achado feia. Mas o beijo aconteceu e o namoro estava começando.

Quando já estavam se vendo mais vezes, houve uma ocasião em que ele inventou uma desculpa para ficar mais perto do trabalho dela, em Ipanema, e depois poder encontrá-la. Segundo ela, ele inventou de ir à praia só para ficar a esperando terminar o turno de trabalho e depois ir ficar com ela. Conta também que certa vez começaram a usar filtros no Instagram que brincavam com situações de

relacionamentos, como, por exemplo, qual o signo da pessoa com quem você vai casar, qual o ano que será seu casamento, entre outros. E os dois curtiam fazer essas brincadeiras e compartilhar um com o outro. Ela afirma que na brincadeira do signo da pessoa com quem ele casaria o resultado foi o signo dela, e vice-versa. Falou também do primeiro aniversário dele que passaram juntos, no início de março. Foi nessa ocasião que percebeu que havia se apaixonado.

Depois de refletir e resolver algumas dúvidas internas sobre sua segurança para estar em uma relação, decidiu marcar com ele no shopping para dizer que estava apaixonada. Foi no dia 16 de março de 2020, a pandemia já havia sido declarada, eles iam ao Barra Shopping, mas tudo já estava começando a fechar, então, decidiram ir a um shopping perto da casa dele. Sentados na praça de alimentação, lado a lado, enquanto tomava coragem para se declarar, ouviu quando ele sussurrou “eu te amo”. Conta que se sentiu perdida, meio desorientada, sem saber como reagir. Preferiu não responder e fez como se não tivesse entendido. Até que na hora de embarcar no ônibus para voltar para casa, ele repetiu “eu te amo”. E perguntou: você ouviu quando disse isso agora pouco na praça de alimentação?

Embarcaram cada um em um ônibus, ela disse que não conseguiu responder de outra forma, apenas respondeu que ouviu, sim. No caminho para casa resolveu escrever uma mensagem para ele e enviou pelo WhatsApp, falando sobre tudo que estava sentindo, que gostava muito dele também, mas que não conseguiu reagir naquele momento. A partir daí a pandemia só se agravava e eles não puderam mais se ver, só se falavam pela internet e mensagens no celular. Flávia diz que foi a fase do webnamoro. Começaram a assistir filmes juntos, cada um na sua casa, mas usando um aplicativo que permitia que se vissem e se falassem enquanto o filme era exibido. Escolhiam um filme em alguma plataforma de streaming e então davam início ao mesmo tempo para que pudessem acompanhar e comentar simultaneamente.

Numa dessas vezes, no dia 25 de março de 2020 – detalha ela – decidiram assistir a um filme juntos, mas ela disse que tinha algo para entregar a ele depois do filme. A sessão terminou e ele perguntou o que afinal ela entregaria. Ela havia escrito um texto – enorme, nas palavras dela – para dizer o quanto estava apaixonada e que gostaria de ficar com ele. Enviou o texto pelo WhatsApp e ficou

aguardando que ele terminasse de ler. Minutos depois, ele ligou via chamada de vídeo para ela, que atendeu e o viu chorando emocionado. “É isso mesmo?”, perguntou ele. “Sim”, respondeu ela, completamente apaixonada por aquele rapaz sensível e emocionado.

Mantiveram as conversas por telefone e na internet até que decidiram se encontrar em julho e então formalizaram o relacionamento entre eles e com as famílias. Em novembro de 2021 ele a pediu em casamento e agora estão noivos, planejando uma celebração para o final de 2022.

6. Conclusões da Pesquisa

Noguera (2020) fez-se a pergunta ‘por que amamos?’ e compilou uma dezena de histórias reais e imaginárias, sobre o amor para tentar responder à questão. Em cada capítulo, orienta-se por um fato, conto, fábula ou mito – oriundos do Ocidente, do Oriente, das mitologias grega, iorubá e tupi, assim como de biografias de personalidades – para demonstrar como o amor romântico deve guiar os amantes para que se empenhem na construção e fortalecimento dos relacionamentos amorosos. Combinando uma investigação genealógica com uma pesquisa ampla e múltipla do tema, a obra cumpre a função de confrontar as relações do amor com construções sociais, ideologias e até conexões ancestrais. Mas também acaba assumindo um caráter pedagógico ao indicar em cada história uma moral, um modelo, uma inspiração para sobreviver às fases entre a paixão e o amor e levar o casal à realização pessoal através de um relacionamento amoroso. Ao concluir seu trabalho, o autor constata que “(...) em termos filosóficos, a resposta à pergunta ‘por que amamos?’ é bem simples: nós amamos porque estamos vivos. A vida impõe a vontade de amar. O que nos cabe é encontrar uma boa história para essa aventura” (Noguera, 2020, p.197).

Em histórias como essas, para Lázaro (1996), o que sabemos sobre o amor “vem marcado pelas leituras que nos impuseram o platonismo, o cristianismo, o romantismo e a própria modernidade” (Lázaro, 1996, p.7), salientando um paradoxo entre o amor como uma construção natural e universal da cultura. Para o autor, é possível atribuir à cultura de massa, mais recentemente, a responsabilidade por reforçar esse caráter ambíguo, que traz de volta continuamente o amor em narrativas e pregações míticas, filosóficas, religiosas e políticas onde sua condição é reforçada como “parte integrante e alienável da natureza humana” (Lázaro, 1996, p.2).

Histórias de amor, sobre o amor e como amar perduram há séculos e constituíram-se em narrativas que se multiplicaram em livros, folhetins, filmes, novelas e séries de televisão, entre outros. Da filosofia de Platão, passando pela lírica provençal na Idade Média, até o Romantismo no Renascimento, essas narrativas, além de perpetuar a transmissão da moral romântica para relacionamentos amorosos bem-sucedidos, também vêm cumprindo o papel de

“hierarquizar as experiências e dar-lhes sentido sob a forma de uma ordem que se expressa através do procedimento de afirmação de valores” (Lázaro, 1996, p.7).

Romeu e Julieta, o casal cuja história é provavelmente a maior expressão do amor romântico no Ocidente, criado pelo dramaturgo inglês William Shakespeare, no século XVI, inspira até hoje filmes, séries, novelas e distintas formas artísticas de materialização do amor romântico, pairando sob o imaginário popular como símbolo máximo dos percalços e da plenitude do amor de um casal. Para Nogueira (2020), a história dos jovens de Verona deixou como legado símbolos de uma relação conjugal que estão vigentes até hoje, entre eles, o amor monogâmico com a crença de que uma única pessoa será suficiente para nossa experiência amorosa, satisfazendo desejos sexuais, afetivos e econômicos.

O amor romântico em Romeu e Julieta é um marco para além de uma narrativa da ordem dos relacionamentos amorosos. Para Rezende & Coelho (2010), a tragédia shakespeariana, tomada como mito, faz emergir uma noção de amor em que o sentimento é envolvido por uma ideologia individualista: “um sentimento proveniente do íntimo do sujeito o faz voltar-se contra o social, a ele impondo sua vontade” (Rezende; Coelho, 2010, p.55). Segundo Lázaro (1996b), é também na obra de Shakespeare onde se pode “observar a emergência do indivíduo definido por sua opção amorosa e a reorganização dos espaços sociais para criar o lugar de legitimação da intensidade amorosa” (Lázaro, 1996b, p.19). Tucherman (2019) não tem dúvidas de que “o amor será essa operação que produz vínculos entre mim e o outro e entre mim e eu mesmo, o que vai se verificar a partir do surgimento de práticas de si (...), nas quais a vida existe a partir do sentimento” (Tucherman, 2019, p.41).

Entre o final do século XVIII e o início do XIX, a relação entre o par indivíduo-sociedade e o lugar da emoção nas ciências sociais atravessa os projetos teóricos de Simmel (2006b), Durkheim ([1895] 2011) e Mauss ([1926] 1980). O primeiro orienta sua proposta admitindo que a sociedade é constituída das interações entre os indivíduos, entendendo que essas interações são maneiras de “relacionar sua condição com a do outro” (Rezende; Coelho, 2010 p.44). Enquanto em seu texto programático de definição do objeto da sociologia separa o psicológico do sociológico a partir da concepção de “forma” e “motivação”, quando empenha-

se na análise de sentimentos em uma discussão sobre estabilidade e coesão da vida social, Simmel evoca uma dimensão afetiva ao fenômeno, de maneira que se pode perceber “uma concepção da relação forma-motivação mais nuançada” (Rezende; Coelho, 2010, p.44). Em outra discussão, abordando o amor a partir do egoísmo, Simmel reuniu fragmentos de textos organizados na obra *Filosofia do Amor*, em que discorre sobre o amor como sentimento em que o sujeito se submete ao objeto amado e faz transcender o que que motivou a relação, segundo Oltramari (2009). Entre escritos póstumos, encontramos reflexões sobre seu conceito mais geral do amor:

Parece-me da mais alta importância reconhecer o amor como uma função imanente, diria eu formativa da vida psíquica, também ela se atualizando seguramente a partir de uma incitação do mundo, mas nada determinando de saída quanto aos portadores dessa incitação. Este sentimento está mais completamente ligado à unidade que engloba a vida do que muitos outros, talvez a maioria dos outros (SIMMEL, [escritos póstumos] (2006), p.126)

Assim, penso poder chamar de amor absoluto aquele em que a desconexão de tudo o que depende da espécie e a exclusão a priori de toda substitutibilidade do indivíduo não são senão duas expressões do mesmo comportamento. O puro conceito do amor, o movimento que leva um sujeito ao outro, destacado de tudo o que é vida da espécie e que permanece, enquanto sentimento absolutamente individual, inteiramente dentro do sujeito, encontra aqui uma realização como é raro se ver, sem nenhuma regressão. (SIMMEL, [escritos póstumos] (2006), p.145)

Além do traço fundamental que o relaciona com o projeto de Simmel – a exclusão do psicológico do escopo da sociologia – Durkheim deixa como herança para o estudo da emoção nas ciências sociais uma indicação de que os fenômenos relacionados ao par indivíduo-sociedade não são sustentados por uma oposição exclusivamente, mas, sim, que seria possível encontrar o social agindo também dentro do indivíduo, o que suaviza sua formulação programática do fato social como o que existe unicamente “*fora* da consciência individual” (Rezende; Coelho, 2010, p.48). Dando continuidade ao trabalho de Durkheim, Mauss corrobora com o “fato social”, mas atesta que a natureza ritualizada e coletiva da expressão dos sentimentos não anularia a espontaneidade de quem vivencia e expressa o que sente. Segundo Rezende & Coelho (2010), esse, então, torna-se o ponto de partida de um modelo teórico para se pensar as emoções como objeto das ciências sociais.

Contudo, além do modelo teórico partindo de Mauss, a maneira particular como esta tese se propõe somar-se a outras descrições possíveis sobre a expressão do amor entre os jovens passa pela perspectiva de Freire Costa (1998), para quem as versões idealista e realista a respeito do amor no Ocidente opõem a “prescrição do que deve ser” e a “descrição do que é”, respectivamente. Para o autor, ainda que não exista diferença intrínseca entre o modo real e o modo ideal das coisas, “falar de amor dos pontos de vista idealista ou realista quer dizer valorizar aspectos distintos da experiência amorosa ou, o que dá no mesmo, lançar mão de diferentes estratégias argumentativas para dizer o que somos ou devemos ser em matéria de amor” (Freire Costa, 1998, p.132). Partindo dessa premissa, para revelar a tensão entre a repetição e a invenção dos fenômenos sociais sobre as linguagens da gramática comum do amor nos relacionamentos conjugais, recorri à vivacidade das teorias das representações sociais, de Moscovici (2015) e das singularidades, de Tarde ([1895] 2018), a fim de revelar outras possíveis linguagens entre o “universo consensual” (Moscovici, 2015) e o discurso emocional nas culturas juvenis.

Para Tarde, as grandes estruturas sociais mantêm-se apoiadas sobre as diferenças subjetivas em constante agitação, onde os processos de repetição e invenção podem, a qualquer tempo, alcançar amplitude e introduzir mudanças nas macro organizações. Por essa razão, afirma Themudo (2002), na teoria das singularidades de Tarde a sociologia não deve ser apartada da psicologia, “pois esta última não independe da vontade dos indivíduos que a constituem, nem estes podem ser tomados por entidades autônomas, definidos fora do campo de relações sociais a que pertencem” (Themudo, 2002, p.46).

No lugar da oposição, a transversalidade entre a sociologia e a psicologia conformaria a compreensão dos fenômenos sociais admitindo que os indivíduos tanto se constituem pelos fluxos exteriores que passam por eles, assim como o social está permeado pelas individualidades que se atualizam e se propagam de forma singular. O indivíduo, enquanto acelera, propaga, impulsiona e transforma forças que não se esgotam em si mesmo, caracteriza sua subjetivação através de um composto plural de crenças e desejos (forças) diferenciais em constante cruzamento entre os fluxos de um indivíduo a outro. “É por este motivo que uma verdadeira sociologia só pode ser construída enquanto uma psicologia social, enquanto uma sociologia das formações subjetivas” (Themudo, 2002, p.10).

No mundo social e no universo das subjetividades, uma invenção será sempre entendida como uma nova singularidade produzida em um sistema específico (economia, indústria, arte, novas maneiras de sentir e desejar o mundo), e uma imitação se apresenta enquanto o procedimento específico de prolongamento dessas novas singularidades, conferindo-lhes uma consistência cultural e uma existência no nível das grandes representações sociais (THEMUDO, 2002, p.49)

Moscovici (2015), na teoria das representações sociais, quando substitui o termo coletivo por social se opunha ao conceito das representações coletivas enquanto artificios explanatórios, irreduzíveis a qualquer análise posterior. “Desse modo, sabia-se que as representações sociais existiam nas sociedades, mas ninguém se importava com sua estrutura ou dinâmica interna” (Moscovici, 2015, p.45). Se para Tarde ([1895] 2018) era preciso jogar luz sobre as diferenças infinitesimais nos processos de imitação e repetição nos fluxos que engendram a subjetividade, para Moscovici, era preciso “penetrar o interior para descobrir os mecanismos internos e a vitalidade das representações sociais o mais detalhadamente possível” (Moscovici, 2015, p.45). E é nesse sentido que o discurso emocional das jovens interlocutoras desta pesquisa contribui para revelar potenciais linguagens da expressão do amor dentro das culturas juvenis. Trata-se de tomar o estudo das emoções, admitidas como fatos socioculturais, como discurso para compreender de que forma a linguagem implementa a realidade social, nos termos de Abu-Lughod e Lutz (1990), e ao mesmo tempo confrontar os nós de estabilidade e recorrência que a conversação, através dos discursos, recorre para sustentar a vida social a partir de um complexo de ambiguidades e convenções, tal como na prerrogativa de Moscovici (2015).

Do surgimento de uma concepção de amor com o mito de Romeu e Julieta, passando pela visão idealista de Elizabeth Badinter apontada por Freire Costa (1998), para quem “o sofrimento causado pela frustração de expectativas amorosas onipotentes vem imunizando os sujeitos contra o amor romântico” (Freire Costa, 1998, p.134), até a conclusão de Han (2017) de que “a total ausência de negatividade transforma o amor, hoje, num objeto de consumo e o reduz ao cálculo hedonista” (Han, 2017, p.40), as linguagens da expressão do sentimento são tensionadas constantemente pela agitação dos fluxos de crenças e desejos que atravessam os jovens. Para Han (2018), é o regime neoliberal o responsável pela entrada em cena da “emocionalidade” que está associada ao sentimento de liberdade

vivenciado pelo indivíduo nos dias de hoje. Assim que a objetividade, a universalidade e a estabilidade que caracterizam a racionalidade se impõem como uma restrição, a economia neoliberal acelera a comunicação para favorecer a transformação emotiva, uma vez que a racionalidade é mais lenta que a emotividade. “O capitalismo da emoção faz uso da liberdade. A emoção é celebrada como expressão da subjetividade livre. A técnica neoliberal de poder explora essa subjetividade livre” (Han, 2018, p.65).

Partindo das perspectivas de Bauman e Giddens, Rezende & Coelho (2010) ressaltam a liberdade da escolha individual e a satisfação pessoal nas relações amorosas como características indissociáveis nas experiências emotivas nas sociedades ocidentais modernas. Bauman (2004) acredita que, como um investimento financeiro, em um relacionamento amoroso cada uma das partes entra com tempo e esforço suficientes para lhes trazer a gratificação e a segurança de não estar só. Mas a necessidade de monitorar continuamente esse investimento, a fim de não incorrer em prejuízos – sofrimento, frustração, decepções, sacrifícios, falta de liberdade – faz com que o relacionamento amoroso se torne uma questão de cálculos e decisão.

É sob essas perspectivas que encontramos as jovens mulheres impulsionando seu composto de crenças e desejos nos fluxos contínuos de subjetivação dos indivíduos que se entrecruzam na cidade, nem sempre em condições de igualdade com o outro, porém, negociando relações afetivas com a herança moderna da expressão do amor nos relacionamentos conjugais. Entre crenças, desejo individual e a atribuição de sentidos em torno das suas experiências, as condições em que as representações do amor romântico encontram as interlocutoras desta pesquisa devem ser observadas dentro da capacidade que temos de “apreender o mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos (...) associada ao tempo, à história do sujeito e à linguagem” (Rolnik, 2016, p.12), demarcando o horizonte analítico circunscrito na “micropolítica”, na definição de Rolnik (2016). Essa perspectiva é, segundo a autora, condição indispensável para que os indivíduos possam construir seus territórios de existência superando a presença do outro como objeto de projeção de imagens preestabelecidas para admiti-la como presença viva em seus modos de subjetivação. Esses são moldados,

segundo Rolnik (2016), pelas políticas de subjetivação que se alternam em função dos regimes macrosociais políticos, econômicos, culturais, tecnológicos etc.

Também a dimensão micropolítica se revela no discurso emocional a partir da perspectiva contextualista da antropologia das emoções de Abu-Lughod e Lutz (1990). A micropolítica da emoção, segundo Rezende & Coelho (2010), é uma proposta teórica baseada na concepção de discurso como uma fala que mantém com a realidade uma relação de formação em vez de referência. Nesse sentido, a emoção está condicionada ao contexto da relação constituída entre os interlocutores e é a partir dessa relação que se orienta. Interessa, dessa forma, a dimensão micropolítica da expressão do sentimento revelado pela fala referenciada nas interações das interlocutoras com outros sujeitos, articulando o nível micro das experiências pessoais afetivas e sentimentais com contextos históricos e culturais mais amplos.

6.1. Linguagens da expressão do amor na gramática comum das culturas juvenis cariocas

A cidade do Rio de Janeiro é especialmente conhecida como um dos destinos turísticos mais visitados do país. Para além do que se observa nos cartões postais, é também uma cidade com problemas de infraestrutura, transporte, segurança, moradia, trabalho, como outras metrópoles brasileiras. Junto com mais dezoito municípios, uma mancha geográfica forma a região metropolitana do Rio de Janeiro, onde vivem cerca de 75% da população do estado, dando forma à segunda maior região metropolitana do Brasil, atrás apenas de São Paulo⁴⁷.

No início da década de 2010, logo que a cidade foi confirmada como sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 2016 e o Brasil confirmado como sede da Copa do Mundo da Fifa de 2014, o estado, mais particularmente a cidade, passou a receber montantes de investimentos para construção de estádios, ginásios e uma série de equipamentos esportivos para as competições. Também recebeu investimentos para expansão dos transportes, aperfeiçoamento e construção de vias expressas, revitalização de áreas degradadas, entre outros. Houve também o lançamento de

⁴⁷ Plataforma IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) de Pesquisa em Rede – Projeto Governança Metropolitana no Brasil. Caracterização da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 2012.

projetos de segurança que serviram como arranjos paliativos para problemas estruturais que não foram priorizados, como as unidades de polícia pacificadora (UPP), que, anos mais tarde, atestariam a incapacidade do estado de elaborar e colocar em prática um plano de políticas públicas de fato comprometido com o bem-estar das pessoas.

Depois dos grandes eventos, os moradores da região metropolitana e da cidade do Rio em particular ainda nutriram expectativas de mudanças positivas obtidas com o legado dos grandes investimentos daquele período. No entanto, logo a corrupção enraizada nos governos revelaria o descaso dos governantes com a população e os desvios milionários de dinheiro público que impactariam investimentos futuros em áreas essenciais como a saúde e a educação, levando a cidade a conviver novamente com problemas graves nos transportes, na segurança, na geração de empregos etc. Nesse cenário, na cidade do Rio de Janeiro, os jovens entre 14 e 29 anos representam cerca de 24% da população do município. Proporção bem próxima quando considerado o total de jovens na mesma faixa etária em relação à população do estado, em torno 25%⁴⁸. Em relação ao país, dados da FGV Social⁴⁹ apontam que Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul têm a menor proporção de jovens na população – eles são 22,1%,

Esse é parte do contexto das jovens interlocutoras da pesquisa, que vivem e transitam entre bairros da cidade do Rio de Janeiro e cidades da Região Metropolitana. Mais do que uma categoria etária ou fase da vida, transitória por natureza, a juventude é tomada nesta pesquisa como uma construção cultural que reúne uma série de representações desdobradas sobre o discurso do jovem. Rezende (1990) afirma que definir e caracterizar o jovem pode ser uma tarefa quase impossível, uma vez que a noção de jovem está atrelada a determinado contexto sociocultural localizado no tempo e no espaço. No entanto, é preciso ir além da relativização do contexto sociocultural porque nas sociedades complexas modernas, especialmente no meio urbano, há uma pluralidade de formas de ser jovem, promovendo não somente uma, mas várias juventudes, segundo a autora.

⁴⁸ Perfil sociodemográfico dos jovens na cidade do Rio de Janeiro. DataRio – Instituto Pereira Passos, 2015. Disponível em: <https://www.data.rio/documents/PCRJ::perfil-sociodemogr%C3%A1fico-dos-jovens-na-cidade-do-rio-de-janeiro-dezembro-2015/about> Acesso em: 30 nov. 2021

⁴⁹ NERI, M.; HECKSHER, M. *Jovens: Percepções e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro, 2021 - FGV Social – 50 páginas - Parte integrante do Projeto Atlas das Juventudes.

Em particular, esses indivíduos de camadas médias urbanas, que vivem nesse meio tão heterogêneo, desafiam a pesquisa com uma diversidade de identidades jovens, tal como Rezende (1990) revelou através de um conjunto deles em segmentos médios cariocas. Inspirado nas considerações de Rezende (1990), esta pesquisa visa a captar fragmentos capazes de nos permitir aproximação das juventudes com as quais se identificam as interlocutoras, também de segmentos médios da cidade do Rio, através do discurso emocional e das representações nas culturas juvenis.

A pesquisa apontou quatro categorias analíticas decorrentes das representações sociais, tipificadas na análise interpretativa de conteúdo: a posição feminina condicionada moralmente nas relações conjugais afetivas, a preponderância das relações heterossexuais e das prerrogativas heteronormativas nos relacionamentos, além de argumentos discursivos baseados em crenças e dogmas religiosos, entre eles principalmente a monogamia. Tanto quanto as questões demográficas e sociais que atravessam a juventude carioca, essas categorias analíticas indicam como se projetam sobre os jovens certas representações objetivadas e ancoradas ao longo do tempo, que insistem em circular entre os discursos das interlocutoras da pesquisa. No entanto, essas representações não devem ser tomadas como modelos prontos a que recorrem para projetarem em si mesmas uma cópia sobre modos de agir nas relações sociais. Nessas circunstâncias, defendo que o universo consensual de Moscovici não é um modelo de ideias e pensamentos replicados, mas a própria sociedade onde prevalecerá o ser humano como medida de todas as coisas, carregando complexos de convenções e ambiguidades. Como Tarde ([1895] 2018), acredito que não é preciso negar a existência de identidades sociais dominantes, sustentadas pelas grandes representações sociais, no entanto, “o que não pode ser permitido é que se ignore o próprio processo social ativado na criação de tal identidade e de imposição a toda uma coletividade através da expansão dos fluxos imitativos” (Themudo, 2002, p.72).

Vejam os esse quadro: quando duas delas narram histórias em que se viram empurradas pelos seus grupos sociais para gostar de meninos e assumir o caráter afetivo de uma relação com eles, seus discursos falam sobre uma forma de existir no mundo em que a mulher não deve fugir da obrigatoriedade de encontrar um parceiro, tal como as narrativas românticas propagam há séculos. Mas falam

também sobre como são demandadas a externalizar a expressão do sentimento amoroso frente à prescrição normativa da relação homem-mulher e das normas morais que recaem significativamente mais forte sobre as mulheres. No grupo de colegas de escola da Ana (19 anos), ela ainda queria brincar, enquanto as meninas insistiam para que formasse par com um menino. Na igreja frequentada pela Flávia (23 anos), as crianças não tinham noção do que era uma relação amorosa – nas palavras dela –, mas estavam engajadas também em formar pares de meninas com meninos, ainda que fosse uma brincadeira para chamar atenção. Ambas acabaram sucumbindo e investindo na aproximação com garotos, o que pode ser visto como reflexo daquele tal processo de imitação do qual fala Tarde, o que, por outro lado, não anula a espontaneidade do que sentiram, tal como revelaria o projeto teórico de Mauss (1980).

A imitação a que se refere Tarde ([1895] 2018) não é a repetição de uma representação replicada pelo indivíduo que o transformaria em uma cópia perfeita do modelo imitado. Na verdade, a imitação é, para Tarde, a ação de um indivíduo sobre o outro, é aquilo que age sobre ele e o afeta a partir das duas grandes forças do espírito, crença e desejo, projetando para o social ininterruptamente novas séries imitativas com os traços e ritmos os mais distintos. Assim, todos os indivíduos são atravessados ao mesmo tempo por inúmeras e infinitas séries imitativas que se entrecruzam pelos fluxos de subjetividade próprios e daqueles com quem agem. Resulta desse processo a diferença que faz emergir a singularidade, a diferença que constitui cada sujeito.

Para Tarde (2018), essa diferenciação é a potência interna que pode promover a substituição de ideias antigas por outras mais novas e é sobre essa criação subjetiva (novas necessidades e novas satisfações) que a sociologia deve jogar luz para compreender os laços sociais e seguir os traços das oposições que promoverão rupturas sobre as representações e os fenômenos sociais. “A imitação dá consistência, institucionaliza os símbolos e ritos sociais, cria uma memória, enquanto a invenção é a potência renovadora (impessoal), espírito errante, nômade, que vem sempre abrir uma nova variação no enredo da vida social e desejanter” (Themudo, 2002, p.24). Logo, quando Ana (19 anos) e Flávia (23 anos) *imitam*, estão se unindo a outros indivíduos em uma tendência comum, ao mesmo tempo em que essa imitação promove diferenciações sobre si mesmas, sobre suas crenças

e desejos, que conseqüentemente vão agir sobre outros sujeitos, dos quais receberão novamente outras séries imitativas que as afetarão, sucessivamente constituindo seus núcleos singularizados de subjetivação frente aos grupos por onde circulam. Quando são capazes de carregar tal singularidade através das falas em seus discursos, permitem-nos aproximação da linguagem a que recorrem para expressar o amor nos relacionamentos conjugais. É também essa singularidade a confirmação de que a expressão do sentimento, mesmo guiada por uma gramática comum, como previu Mauss (1980), pode ser espontânea, sincera e genuína, comunicando aos outros e a si mesmas aquilo que sentem.

É a partir da imitação também que os indivíduos tensionam simultaneamente suas subjetividades e as ideias refletidas no social, como é o caso da amizade situada em torno de uma relação afetiva ou sexual. Tanto no grupo de convivência quanto nas entrevistas, a amizade é marca indissociável de um relacionamento para as interlocutoras em seus contextos. Por outro lado, é possível perceber em suas falas como esse sentimento estabelece “uma linha muito tênue”, nas palavras de Ana (19 anos), quando emerge o desejo pelo outro nesse tipo de relação. E dessa tensão entre amizade, amor, desejo, “de onde derivam a afirmação e a vontade” (Tarde, 2018, p.66), decorrem as singularidades que encaminharão os modos de exprimir o sentimento – nessas ocasiões, mais uma vez, intermediando a comunicação consigo mesmas e com os outros pela emergência da emoção espontânea e genuína. São casos típicos dessas condições a amizade colorida de Ana (19 anos) e a responsabilidade afetiva de Débora (22 anos), por exemplo.

Rezende (2002) identificou certa tensão nesse sentido quando em sua pesquisa sobre amizade descobriu que, entre os mais jovens, acontecia um processo de deslocamento para um plano menos visível da dimensão de gênero entre homens e mulheres quando se tornavam amigos. Para que a relação de amizade fosse bem-sucedida, era preciso sobrepor as afinidades compartilhadas pelos amigos à diferença de gênero. E o contrário acontecia quando a relação se aproximava de um impulso mais sexual ou envolvendo amor, já que nesses casos “a atração gerada pela diferença de gênero seria a mola dessa relação” (Rezende, 2002, p.122). As perspectivas de análise de Rezende (2002) e a desta pesquisa atravessadas pelo amor são, sem dúvidas, bem distintas. Porém, têm em comum o aspecto da tensão na relação de amizade descrita pela autora, que nesta pesquisa é comprovada pelas

experiências narradas pelas interlocutoras variando entre “confusão de emoções”, como disse Flávia (23 anos), e o potencial transformador das afinidades, como descoberto por Débora (22 anos) em sua primeira relação homoafetiva.

Ana discorre sobre a ocasião em que, durante a pandemia, a relação com um conhecido, vizinho de bairro, foi se fortalecendo como amizade à medida em que passaram a compartilhar afinidades em séries, filmes, músicas e assuntos gerais, sempre em conversas online, nas mídias sociais ou nos aplicativos de bate-papo. Eles dividiram tempo assistindo aos programas de TV favoritos juntos – mesmo que cada um em sua casa, porém conectados por um aplicativo de chamadas de vídeo online – participando de fóruns e debates na internet sobre temas de interesse de ambos, enfim, conversando com uma frequência relativamente mais alta em relação a momentos no passado. Talvez a pandemia possa ter provocado essa maior aproximação também, já que havia necessidade de isolamento social e as pessoas passaram a se comunicar com mais frequência pela internet.

Mas foi o estreitamento da relação nesse período que a fez perceber atração e desejo pelo amigo. E certa de que toda aquela cumplicidade das conversas e momentos compartilhados seriam suficientes para mudar o status da relação de amizade para um envolvimento amoroso, investiu na conquista e declarou seus sentimentos. Porém, não foi correspondida, o amigo não tinha sentido o mesmo que ela. Nesse caso, aquele deslocamento da diferença de gênero citado por Rezende (2002) não se deu de forma simétrica na amizade de Ana. Ou ainda, poderíamos entender que, nessa ocasião, tal como aponta Illouz (2011), Ana enxergou no pretendente, enquanto interagiam pela internet, uma versão mais autêntica e sincera que não correspondeu com aquela da vida real. Para Illouz (2011), “o romance cibernético anula o corpo, e por isso, supostamente, faculta uma expressão mais plena do eu autêntico” (Illouz, 2011, p.108). É possível que a tecnologia tenha anulado as chances de Ana notar a sentimentalidade não recíproca da relação.

Ainda que decepcionada, preferiu manter as conversas com ele e seguiu intensificando as proximidades por afinidades. Até que, a partir de um segundo encontro presencial, assumiram o desejo, beijaram-se e passaram a se encontrar mais vezes, mas ambos fizeram questão de não nomear a relação como namoro. Na

entrevista, ela confessa que dali em diante passou a chamá-lo para si mesma de amigo colorido – e é assim que se refere a ele todas as vezes.

No grupo de convivência, Ana (19 anos) conta para as outras meninas como estava com dificuldades para se equilibrar na linha tênue que separava a continuidade dos encontros casuais e o impulso de dar à relação um caráter mais comprometido. Em contrapartida, acreditava que havia vantagens nesse formato, porque permanecia solteira e isso não a impediria de conhecer outras pessoas. O mais interessante é notar como não enquadrar e não nomear o que estão vivendo juntos torna-se uma condição para que a relação continue bem-sucedida. Se a atribuição do caráter de namoro para a relação não ocorreu porque o termo poderia significar sobrepor-se ao desejo de uma das partes, a relação inominada foi admitida como correspondendo mais satisfatoriamente às expectativas de ambos, pelo menos naquele momento.

Débora (22 anos) tem duas histórias interessantes que dizem respeito a nomear o que se sente pelo outro: na primeira revelou-se uma chance para conhecer melhor a si mesma e sua sexualidade no início da adolescência, na segunda nomeou o que sentia justamente para manter uma amizade fruto de relacionamento amoroso. Na primeira entrevista, descreve os momentos em que começou a comparar sua amizade com uma amiga de longa data com a amizade com amiga com quem passara a se relacionar há menos tempo. As três estavam sempre juntas, ela, sua melhor amiga e a nova amiga – estudavam na mesma escola e se encontravam também pelo bairro onde moravam. Contudo, diz que passou a sentir pela nova amiga desejos que ainda não havia sentido com aquela de longa data. E questionava-se o porquê de aquilo estar acontecendo. Até que as afinidades, os interesses e as conversas frequentes fortalecendo o sentimento de amizade revelaram o impulso amoroso e o desejo.

Desse momento em diante passaram a se relacionar como namoradas e ficaram juntas por dois anos, mesmo provocando o afastamento de sua família que era contra a relação com a menina. Não sabia o nome do que estava sentindo, nem como deveria agir, mas tinha certeza de que não era amizade. Descobriu visitando e interagindo em comunidades na internet e fóruns de conversas online que havia outras meninas que sentiam o mesmo e passavam por situações semelhantes com

as famílias – nos espaços online os jovens trocavam impressões e apoio para essas situações. Débora (22 anos) narra algumas das dificuldades por que passaram para que pudessem se encontrar, culminando com a separação em definitivo quando seus pais a trocaram de colégio para que não pudesse mais encontrar a namorada.

Em momento algum da entrevista Débora (22 anos) nomeia o que sentiu e a relação que viveu naquela ocasião. Afirma que foi importante para encontrar confiança em si mesma naquela fase inicial da adolescência, quando, para ela, os jovens têm muitas dúvidas, assim como para mostrar-lhe que poderia gostar de meninas e meninos. No entanto, hoje em dia não pensa em ter outro relacionamento com mulher porque não quer viver as mesmas dificuldades daquela época, principalmente no que diz respeito à contrariedade dos pais. É uma resposta parecida com a de Ana (19 anos), que também encontrou na amizade com uma menina, no início da adolescência, o sentimento de amor de um relacionamento, mas hoje não se sente segura para relações com mulheres principalmente porque precisaria lidar com os impedimentos da família.

Se, naquele momento, Débora (22 anos) não foi capaz de nomear um sentimento – o que, ainda assim, não a impediu de vivenciar e expressar o que sentia pela amiga – em uma de suas relações mais recentes caracterizou o que chama de “responsabilidade afetiva” como uma estratégia para separar o sentimento de amizade e as más impressões causadas por ambos na relação que se encaminhava para o fim. Disse que a tal responsabilidade afetiva era importante para que o desinteresse demonstrado em atitudes mais frequentes um para com o outro e as brigas do casal nessa fase final do relacionamento não maculassem a amizade. Débora (22 anos) estava disposta a inverter novamente o sinal da diferença de gênero na relação com um homem, dessa vez não apenas por questões de afinidade com um amigo, mas por entender que aquele relacionamento havia cativado nela uma grande amizade. E ela parece gostar de nomear seus ímpetos envolvidos nas relações afetivas, tanto que, ainda no grupo de convivência, chamou de “responsabilidade emocional” a capacidade de equilibrar-se naquela linha tênue que ela também citara quando explicou como se via entre continuar solteira e querer assumir um compromisso de namoro. Débora (22 anos) explica que a responsabilidade emocional é importante quando está *ficando* com alguém porque

quer se sentir à vontade para dizer o que sente, porém, sem comprometer a liberdade do outro.

Aliás, o comportamento de *ficar* das interlocutoras suscita outra dessas tensões que permeiam as relações de amizade e amorosa. Ainda que admitam sentir-se livres e queiram deixar o outro livre também para conhecer outras pessoas, ainda que afirmem viver sob a responsabilidade afetiva nessas circunstâncias e mesmo tentando não cobrar ou criar expectativas da relação quando ela ainda está nessa fase de *ficar*, a verdade é que todas elas assumem que sentem ciúmes quando imaginam que seus parceiros ou parceiras de *ficar* possam estar com outra pessoa. Na verdade, isso prova que *ficar* não é esse relacionamento completamente desprendido de ambas as partes, assim como não é aquela única ocasião em que duas pessoas se encontram para beijar e se relacionar sexualmente, ou não. Parece que há nitidamente inúmeros tensionamentos singulares produzidos pelas subjetivações de cada uma delas a partir dos contextos das relações.

Nesse grupo de jovens nenhuma delas admitiu ou revelou histórias em que o *ficar* com alguém seria um encontro ocasional ou meramente de caráter sexual – o que não significa que essa motivação não ocorra com outras jovens, mas é preciso ressaltar que me refiro às interlocutoras desta pesquisa em seus contextos. A propósito, a atitude delas contraria o que o tal bispo afirmara em 2007 quando se referiu ao comportamento como sendo típico de garotas de programa, já que diferente das profissionais do sexo que geralmente encontram o cliente uma única vez, elas encontram com o *ficante* mais de uma vez, em alguns casos por meses. Também nenhuma delas revelou comportamento semelhante aos jovens que foram apresentados naquelas reportagens sobre beijar muitas pessoas em festas ou sexo casual como sinônimos de *ficar* com alguém. O que se verificou realmente nas histórias dessas jovens é que o *ficar* é como um estágio antes de decidir se o namoro vale a pena. É como uma experimentação, um investimento, naquela medida descrita por Bauman (2004), já citada anteriormente: avaliam-se os riscos e o retorno; não vislumbrando possíveis resultados positivos, abandona-se aquele em busca de novo investimento mais rentável.

E ainda assim cada uma delas assumiu o comportamento de *ficar* – ou não assumiu – de maneiras diferentes. Ana (19 anos) tem dezenove anos e disse que

está naturalizado nela, que sempre enxergou o ficar como uma espécie de estágio antes de qualquer relação; Elena (22 anos) só quer ficar por enquanto porque os últimos relacionamentos a decepcionaram, disse que se interessa mais por sentir e medir até onde conseguiria ir em uma relação de namoro avaliando certos parâmetros enquanto fica com a pessoa; Débora (22 anos) assume o caráter de teste do ficar e pratica; enquanto Carla (21 anos) não está bem certa de que consiga incorporar esse comportamento porque até para beijar alguém precisa ter estabelecido o mínimo de relação com a pessoa; e Flávia (23 anos) já tentou ser descompromissada como imaginou que a relação de ficar pede, mas teve uma experiência ruim e não quer mais saber disso. Ou seja, aquelas que se engajam com o comportamento de ficar, quando o fazem não estão interessadas apenas em uma ocasião, não se opõem a ter relações sexuais nos encontros e querem ter e dar liberdade ao outro, mas sentem ciúmes.

Nesse sentido, elas estão não somente gerando mais tensões sobre a expressão do amor a partir desses relacionamentos, como estão dramatizando as dimensões do sentimento comprometido pelo casal nessa e em uma relação futura, à medida em que diversificam, em cada contexto, os arranjos do ficar. Provavelmente essa é uma das circunstâncias em que a emoção está mais nuançada em uma relação afetiva porque não é um namoro, mas também não há completa ausência de comprometimento dos pares. Além disso, todas essas diferenças nas motivações das jovens interlocutoras entre as relações de amizade e amorosa estão constantemente promovendo invenções, que devem ser admitidas, para Tarde (2018), no âmbito da microsociologia dos fluxos de crença e desejo, afastando as subjetividades da definição de reflexo das grandes representações sociais, a fim de aproximá-las do campo dos devires, segundo Themudo (2002).

A invenção seria um “operador prático da vida subjetiva, potência de resolver os *problemas* que atingem o indivíduo, novas questões que exigem novas respostas, desde novas máquinas para aumentar a produção até novas formas de amar e desejar o Outro” (Themudo, 2002, p.74). Dessa forma, uma nova operação das subjetividades se dá pelo empirismo, onde Tarde foi buscar a ideia, influenciado por Hume, de que o hábito supera qualquer sistema geral de regras universais e daí emerge a adaptação.

O conceito de adaptação representará o movimento pelo qual o encontro entre tendências diferentes engendra uma nova composição. Uma adaptação é sempre um agenciamento singular entre dois fluxos diferentes. É sempre um movimento de repetição imitativa permeado por uma variação interna que caracteriza os fenômenos de adaptação. (...) Desta nova conexão surge uma nova diferença, uma nova singularidade, uma nova verdade, um novo modo de ação, uma nova composição do desejo que, propagado imitativamente, é responsável pela diversificação e expansão das sociedades (THEMUDO, 2002, p.73)

No âmbito desta pesquisa, as diferenças no discurso emocional das culturas juvenis, revelado através das narrativas individuais das jovens interlocutoras, importam porque jogar luz sobre as contradições das particularizações e universalizações das experiências, nos termos de Velho (1997), tem possibilitado refletir sobre o conceito de cultura a partir daquilo que pode ser comunicado. E, conseqüentemente, observar de que maneira as experiências são compartilhadas, como a realidade é negociada, o que é tido como comportamento desviante e como e se códigos particulares da expressão do amor se propagam com potencial de universalização. Quando Débora (22 anos) encontra em fóruns de debate na internet o apoio de que precisava para nomear e entender o que sentia, visto que na família não poderia contar com suporte para expressar seu sentimento por outra menina, esse discurso revela o caráter heteronormativo da sociedade e em geral perpetuado culturalmente em seus círculos sociais. Como Débora (22 anos), outras meninas tiveram seus projetos individuais (Velho, 1997) reduzidos a potencial menor de comunicação porque o repertório limitado de problemas e preocupações centrais ou dominantes da sociedade não incluía suas subjetividades. Logo, aqueles espaços de fórum online, sim, ofereciam a ela possibilidades de verbalizar suas crenças e desejos e expressar sua individualização no universo totalizante da cultura.

Situação semelhante à de Ana (19 anos), quando explica que depois de transformar a relação de amizade em uma relação afetiva com aquela menina que conhecera na internet, precisou manter a expressão do seu afeto restrita às conversas online e às poucas ocasiões em que tinha autorização dos pais para encontrar com a parceira. Nota-se claramente a impossibilidade de comunicação de seu projeto individual na família e nos seus círculos sociais, principalmente porque os dogmas religiosos dos pais são contrários ao seu desejo – ela inclusive precisava baixar a

voz dentro de casa enquanto falava sobre o assunto durante a entrevista porque é algo sobre o qual se evita falar naquele espaço.

A oportunidade de revelar sua emoção nas conversas mediadas pela internet com outras pessoas com quem se identificava transformou-se no suporte necessário para a concretude de uma relação homoafetiva naquele contexto. Mas não apenas as restrições dogmáticas da família reduziam o potencial de comunicação de seu *projeto individual*, também as mediações culturais reforçando símbolos e significados daquelas mesmas representações sociais da relação heteronormativa circundavam as aspirações afetivas de Ana (19 anos), o que a fez descobrir pequenas brechas nos circuitos mais granularizados dos fóruns de debate na internet que escapavam às pautas massivas que operam simbolicamente na cultura. Também a capa da *Megazine*, em 2009, com a reportagem sobre o aplicativo para meninas homossexuais é um exemplo desses processos: é preciso ocupar – em alguns casos se poderia dizer escapar a – outros espaços onde seja possível atribuir sentido ao desejo, uma vez que a opressão heteronormativa estrutural se sobrepõe com muito mais força.

Para Velho (1997), ainda que a liberdade individual possa ser valorizada, o processo de individualização – observado nos modos de subjetivação das interlocutoras enquanto agem com e são afetadas pelos sujeitos – está permeado por normas e padrões. Recorri, portanto, à verbalização da emoção através do discurso para alcançar maior aproximação sobre os *projetos individuais* (Velho, 1997) das interlocutoras na tentativa de vislumbrar o *campo de possibilidades* (1997) por onde se movem. E então revelar os temas, prioridades e paradigmas culturais existentes, histórica e culturalmente, no repertório de preocupações e problemas centrais ou dominantes que se põem diante das linguagens na gramática comum do amor nas culturas juvenis, a fim de reconhecer potenciais articulações de reforço, alteração ou dramatização da expressão do sentimento nas relações conjugais. As considerações apresentadas até aqui comprovam o caráter de dramatização observado nos atravessamentos da amizade nas relações amorosas; ou atestam o reforço da demanda por expressividade afetiva moralizada para as mulheres em relações românticas heteronormativas nas histórias narradas por Ana (19 anos) e Flávia (23 anos). Também o casamento e a monogamia se encontram no patamar de ideais que reforçam a expressão do amor nas relações.

Ana (19 anos) pretende casar desde que tenha “muitas certezas” porque tem medo do divórcio e acredita que é possível que a relação seja para sempre. Flávia (23 anos), depois de superar a introjeção da marca negativa que a separação dos pais deixou a respeito do que seria um casamento, já está planejando a festa do seu, porque ficou noiva em novembro de 2021. Carla (21 anos) está convicta de que o casamento não é mais que uma instituição coercitiva com a qual ela não quer associar o amor. Aliás, no grupo de convivência ela explica como chegou a tal conclusão. Disse que não pensava sobre o sentido do casamento porque via como algo naturalizado nas relações afetivas: “antes eu só seguia o senso comum de que é algo maravilhoso que acontece quando duas pessoas se amam”; “a gente não questiona muito as coisas que são comuns”. Carla (21 anos) ressignificou o sentido de casamento ao confrontar tal representação para si mesma. Moscovici (2015) acredita que quanto menos conscientes somos das representações, mais influentes elas se tornam sobre nós. Ela segue cotidianamente movendo-se entre distintas outras subjetividades sobre as quais age e pelas quais é atravessada, com a capacidade de promover uma adaptação no fluxo de séries imitativas da linguagem do casamento na gramática comum do amor, à medida em que o senso comum venha a ser questionado como ela fez consigo mesma.

Por outro lado, Ana (19 anos) e Flávia (23 anos) sentem o amor no casamento como a realização da relação bem-sucedida do casal, um marco para separar um antes e depois do relacionamento conjugal. Para além da ideia de uma instituição, o casamento é também sinônimo de admissibilidade de um dogma religioso para expressão do sentimento amoroso, assim como carrega consigo as prerrogativas da monogamia. Independente de professar ou não uma religião, as interlocutoras que almejam casar-se mantêm em seus discursos a narrativa do casamento como transmutação da relação: Ana (19 anos) vai casar com a expectativa e o sonho de que dure para sempre, diferente das relações que possa ter encontrado antes; Flávia (23 anos) quer marcar uma nova fase na vida do casal e conta com a celebração para reforçar o alinhamento dos planos que continuarão fazendo juntos.

Porém, é preciso que seja um casal real – não querem idealização do amor romântico de filmes e histórias que jogam sobre o outro a razão da realização pessoal com o amor. Durante a experiência no grupo, todas comentam sobre esse aspecto, ao qual atribuem ser a chave para que a relação seja bem-sucedida. Usaram

casais da ficção – justamente onde as relações amorosas foram mais idealizadas – para exemplificar o casal real que tem altos e baixos, que prefere o diálogo à separação, que encara os problemas e segue adiante apoiando um ao outro. Leveza, amigos, almas gêmeas – algumas das palavras que usaram para descrever a relação do casal real – e a definição da Carla ajudam a compreender o sentido dessa ideia:

Acho um casal maravilhoso o Chandler e a Monica de Friends, porque é um casal real. Não é aquele casal flores, que faz com que você se pergunte por que sua relação não é assim. É aquele casal com muitas falhas, mas que passam por cima disso tudo porque se amam e se respeitam. Me faz pensar que um relacionamento é isso aí. Você fica junto com uma pessoa e ela vem com todas as falhas e cabe a você decidir respeitar e entender que nem sempre as coisas serão como queremos. Porque nem tudo sempre vai ser perfeito (Carla, 21 anos).

Outra definição de uma delas carrega duas marcas para a atribuição de sentido a casal real: o diálogo como fator de sucesso da relação e o exemplo de um casal homoafetivo. A escolha de Beatriz pelo casal formado por duas atrizes é simbólica dentro desse contexto:

Casal que acho que fofo é a Marcella Rica e a Vitória Strada! Acho elas um casal incrível, já conversei com a Marcella e ela é uma pessoa super paciente, e do bem. Pelo o que vejo, o relacionamento delas é bem sólido por causa do diálogo que tem muito bem definido entre elas. Além disso, elas falam super sobre se abrir para a família, tabus, sexualidade, essas coisas... acredito que influencia de forma positiva muitas mulheres e casais que se sentem acuadas para se aceitarem (Beatriz, 19 anos).

Mas o casamento carrega outra ideia incutida na representação do casal que se ama: a monogamia. Quando falam em ciúmes, confirmam a perpetuação do casal em que ambos devem ser suficientes para satisfazer os desejos um do outro em todos os âmbitos da vida a dois. Em uma conversa no grupo, elas chegam a confirmar uma sensibilidade feminina distinta para perceber qualquer ruído – leia-se: traições – da parte dos parceiros. Em outra ocasião, tal como mostrado também em uma das reportagens da *Megazine*, em 2005, são capazes de vasculhar e seguir pistas deixadas pelo outro para descobrir trocas de mensagens, encontros ou qualquer coisa que corrompa a lealdade do casal. E durante as entrevistas, todas confirmaram que usam habilidades de monitoramento nas mídias sociais para averiguar dúvidas e desconfianças – buscam rastros de ações, de interações, de envolvimento, que são decorrentes das maneiras de agir nesses sites. Interessante

notar que a tal sensibilidade feminina, confirmada por todas elas como real e atuante, encontra nessas práticas de vigilância o amparo para confirmar ou refutar as suspeitas. Assim como as mesmas práticas podem provocar a emergência de ciúmes – é uma relação bidirecional entre o sensível e o material.

Tratando-se dos casamentos, elas querem superar o amor idealista para viver o amor realista; quando se trata da afetividade da relação, não abrem mão da fidelidade como expressão do sentimento. Observo essa como mais uma das tensões provenientes do encontro entre o *universo consensual* com os *projetos individuais* das jovens. Ao mesmo tempo em que expressar amor na relação conjugal passa também pelo casamento com fidelidade, reforçando a micropolítica da emoção, a totalização social dessa ideia fragmenta-se na individualização dos projetos das interlocutoras, que desejam comprometer-se em relações menos idealizadas e mais reais.

Outra observação interessante nas entrevistas aparece nas histórias narradas por Ana (19 anos) e Débora (22 anos) quando contam de suas experiências homoafetivas, que no caso de ambas foi o primeiro relacionamento. Há um traço semelhante nos dois casos: elas afirmam que viveram o amor, se doaram, se entregaram de verdade para sentir o que era amar, ainda que enfrentando as adversidades dessa escolha. Ana (19 anos) superou a contrariedade dos pais em relação à irmã homossexual e permitiu-se sentir a reciprocidade afetiva da namorada, impondo seu desejo sobre a ordem familiar. Débora (22 anos) recorreu ao apoio mais distante de seus círculos sociais para definir o que sentia e assumir o relacionamento que durou quase dois anos, mesmo com a família afastando-se dela. Em comum, além disso, nenhuma delas hoje deseja uma relação com mulheres – pelo menos por ora. E a razão disso passa pela família e pelas dificuldades de sustentar a pressão externa com discriminação e preconceito.

Como herança daquela relação, que hoje ela nomeia como um *pré-namoro*, mesmo que à época se tratassem como namoradas, Ana (19 anos) garante que passou a sentir-se mais segura para lidar com a sexualidade, para assumir em seu repertório o discurso LGBTQIA+, para vestir-se com as cores do arco-íris, como ela afirma. Porém, em determinada parte da entrevista, quando pergunto como se sente em relação à sua sexualidade agora, para se referir à relação homoafetiva usa

isso: “não sei, acho que eu parei de me identificar com *isso* e aí *isso* voltou assim mais recentemente no ano passado, então, não sei, eu estou tentando me deixar assim muito aberta, tranquila em relação a *isso*”. A caracterização da relação homoafetiva pelo pronome demonstrativo soa como movimento de afastamento de algo relativamente indesejado.

Para Débora (22 anos), aquela primeira relação homoafetiva exigiu muito esforço para enfrentar quem se colocava contra elas, exigiu que buscasse apoio para ter certeza de que seu sentimento pela namorada era legítimo e que não havia nada condenável na relação delas. Viveu quase dois anos mais longe da família, mas garante que foi uma fase muito intensa, porque precisava lidar simultaneamente com seus conflitos como jovem adolescente e como uma jovem se relacionando afetivamente com outra menina. Porém, ainda que se sinta bem resolvida com sua sexualidade hoje em dia, prefere relacionamentos com homens porque não quer passar pelas pressões e cobranças que viveu enquanto estava naquela relação.

Pelos discursos enquanto narram as histórias, parece que naquela ocasião o amor emerge de um sentimento legítimo que não faz distinção de gênero, que a emoção se sobrepõe a qualquer política ou hierarquia social. Até que o afeto se depara com os arranjos estruturantes da heteronormatividade. Ana (19 anos) pode ter sentido esse confronto duas vezes: na primeira sucumbiu à coerção dos colegas de escola para gostar de um menino, mesmo não tendo ideia do porquê deveria gostar de um garoto, nem estando interessada em eleger um par romântico – situação semelhante, aliás, vivida por Flávia (23 anos) na igreja. Mais tarde, foi a experiência da irmã mais velha e os preceitos religiosos dos pais que a fizeram perceber que a relação possível e aceita era entre homem e mulher. Débora (22 anos) também teve seu afeto confrontado com os ideais dos pais, para quem uma relação afetiva se enquadrava apenas no modelo heterossexual. E hoje ambas rejeitam, em certa medida, uma relação homoafetiva depois que tiveram seus sentimentos atravessados pelos arranjos totalizantes da cultura heteronormativa em seus contextos sociais.

É possível que nesta pesquisa esse último seja o quadro mais notório do complexo de forças intercambiantes movendo-se através das subjetividades promovidas pelos *projetos individuais* e pelos significados e sentidos atribuídos à

expressão do sentimento carregado de representações sociais hesitantes e heterogêneas. Sem nenhuma pretensão de julgar os estágios da emoção agindo sobre as pessoas desde a infância até adolescência e daí por diante, parece que Ana (19 anos) e Débora (22 anos), depois de sentir e poder expressar o amor na afetividade da relação com o outro, tiveram que enquadrar a emoção ao padrão normativo da expressão do sentimento em seus contextos. Sem dúvidas, uma violência contra elas, também contra o sentimento de amar. Tenho a esperança de que a oposição que sentiram pela opressão desse sistema simbólico – comunicado não só pelos grupos por onde circulam, mas também pela cultura em seus meios sociais – irá potencializar as diferenças delas e de cada uma das outras pessoas com quem ainda vão encontrar em suas trajetórias de vida, tornando ainda mais singular suas existências.

O quadro analítico constituído até aqui indica a caracterização de certas linguagens da expressão do amor na gramática comum do sentimento nos contextos das experiências das jovens interlocutoras. Duas delas bastante reconhecíveis nos relacionamentos: a amizade e a fidelidade. Outras que emergiram da pesquisa: a expressividade sentimental, a desromantização da relação e a afetividade mediada. As linguagens são admitidas aqui, nos termos de Hall (2016), como a capacidade dos indivíduos de expressarem “um pensamento complexo sobre coisas para outras pessoas, ou de se comunicar a respeito delas pela linguagem de modo que outros seres humanos são capazes de entender” (Hall, 2016, p.34).

A amizade, sentimento e relação ao mesmo tempo, apresentou-se continuamente nos discursos emocionais que narram as experiências das jovens como o sentimento preexistente ao envolvimento conjugal mais comprometido. As afinidades e as paixões compartilhadas quando o sentimento da amizade envolve as duas pessoas são como o propulsor do relacionamento amoroso para essas jovens. Portanto, há aqui uma relação particular entre duas gramáticas emotivas cujos tensionamentos podem ser atestados pelas experiências emocionais individuais reveladas na pesquisa. Ainda assim, a amizade não é um conceito fixo nessas situações, mas, tal como apontou Rezende (2002), um objeto de negociação nas relações situadas socialmente a partir de idade e gênero especificamente no contexto das interlocutoras da pesquisa. Observo que a amizade, para todas elas, permeia um sistema classificatório (Hall, 2016) muito similar, organizando os

conceitos de amizade e relacionamento afetivo/sexual ou conjugal de maneira sequencial, dispostos a partir das relações complexas que estabelecem com seus pares.

No caso das interlocutoras da pesquisa, observo ainda a amizade permeando as potenciais relações afetivas e sexuais como as relações de amizade próxima, identificada por Rezende (2002) em sua pesquisa. Os discursos das jovens provaram que, para elas, nessas ocasiões, também é recorrente a noção de que entre amigos é estabelecida uma identificação em decorrência de uma série de afinidades. Some-se a isso outra ideia, a de que na amizade é preciso revelar a camada mais profunda de verdade do ser, como também foi constatado na pesquisa de Rezende (2002) – ação posta em movimento pelos sucessivos encontros intencionais que gradativamente promoviam as ideias de “abertura e intimidade” (Rezende, 2002, p.109) para os casais que as interlocutoras formavam. O resultado dessa combinação, nas histórias dessas jovens, são elementos sentimentais cambiantes entre a amizade e o amor, atestados pela amizade colorida e o *ficar*.

Já a fidelidade segue como herança que se perpetua há séculos em sociedades ocidentais, principalmente aquelas permeadas por uma cultura fortemente influenciada por dogmas do cristianismo, agindo como um dos preceitos da relação conjugal, mas também é um dos conceitos fundamentais dos laços de amizade, segundo Koury (2014). A corrosão da fidelidade desfaz os laços dos relacionamentos amorosos, destituindo o sentimento do seu lugar quase sagrado na relação. Para Simmel (2004), a experiência reiterada de proximidade entre os parceiros é que leva a admissibilidade de que a fidelidade deve repercutir sentimento correspondente no outro. Assim, a fidelidade assume caráter de sentimento direcionado para a continuidade da relação, exigindo das interlocutoras a organização de códigos emocionais no interior da relação – é o caso de Ana (19 anos), cujo medo de ser traída condiciona o casamento à ocasião em que sentir-se completamente certa da escolha, e de Flávia (23 anos), que vai marcar com o casamento a separação de um antes e depois da relação, elevando seu relacionamento ao mesmo nível simbólico das relações ocidentais baseadas na monogamia.

Vale ressaltar que a fidelidade é também um marcador social do comportamento feminino, submetido ao julgamento moral com maior frequência do que se faz com os homens – traço cultural da ordem machista e heteronormativa de sociedades ocidentais. Aliás, uma distinção já apontada por Sennett (2014), para quem o risco moral mais significativo já recaía sobre as mulheres alguns séculos atrás. Atualmente, a fidelidade é perpassada também pelas tecnologias que permitem rastrear os passos das parceiras e parceiros, que, inclusive, podem ser usados como provas cabais do rompimento da confiança que se exige aqui. Uma prova dessas duas ideias associadas à fidelidade são as reportagens analisadas na *Megazine* que destacam personagens femininas como protagonistas em ocasiões em que as tecnologias digitais são usadas por elas para vigiar e monitorar seus parceiros. São sempre as mulheres que aparecem como as mais “habilidosas” para detectar traições a partir das interações de seus pares enquanto esses usam as mídias sociais para se relacionar com outras pessoas. Inclusive esse traço pode ser percebido também nas interlocutoras, que se assumem dispostas a verificar frequentemente – ou já fizeram isso em algum momento e desistiram mais recentemente – com quem seus namorados conversam na internet.

Denominei de expressividade sentimental a linguagem que inclui a nomeação e o apelo ao recurso textual para exprimir o que se sente. Uma das histórias mais emblemáticas nas entrevistas é a de Flávia (23 anos) e a ocasião em que escreveu uma carta para contar ao garoto o que sentia por ele – e tudo se esvaiu assim que deparou-se com o sentimento materializado. Ela recorreu ao mesmo recurso, anos mais tarde, porém, com resultado diferente: cativou o namorado que agora é seu noivo. Também Débora (22 anos) faz uso dessa linguagem quando nomeia o que sente para com o outro na relação: “responsabilidade afetiva” e “responsabilidade emocional”. E, claro, as próprias reflexões delas no grupo enquanto produziam suas respostas para interagir – Carla (21 anos), inclusive, em uma ocasião praticou o ato reflexivo assim que materializou em palavras seus sentimentos.

A expressividade sentimental propõe ao sujeito confrontar suas emoções com a mediação das palavras de forma escrita – uma das linguagens que emergiram na pesquisa. Talvez uma herança do entrelaçamento da textualidade com a experiência afetiva, como apontado por Illouz (2011), quando historiciza o desenvolvimento dos tratamentos terapêuticos com mulheres desde a segunda metade do século XX.

“‘Escrever’ um sentimento ‘tranca-o’ no espaço, no sentido de que cria uma distância entre a experiência do sentimento e a consciência que a pessoa tem dele” (Illouz, 2011, p.51).

Outra linguagem observada é a desromantização da relação, percebida como marco reflexivo do casal para que o relacionamento possa ser bem-sucedido e duradouro. As interlocutoras da pesquisa querem viver o romance do casal real – aquele da ficção e dos casais de celebridades. Esse aspecto – talvez contraditório – do espelhamento de uma relação ideal sobre relacionamentos não reais é, sem dúvidas, um convite a outra pesquisa. Assim como a projeção desse ideal sobre casais de atrizes, atores e celebridades encaminha oportunidades para pesquisar a tensão entre a realidade e a autenticidade daquilo que se consome sobre esses tais casais-modelo emoldurados pela recursividade midiática, em suas histórias também envoltas pelas seculares narrativas românticas ocidentais projetadas, em boa parte, para conquistar maiores índices de alcance da audiência.

Por fim, gostaria de destacar um comportamento citado pelas interlocutoras e que possivelmente tenha sido potencializado diante das restrições de contato pessoal em decorrência da pandemia. Desde que a internet se tornou mediadora de relações conjugais – Illouz (2011) aponta o ano de criação do primeiro *site* de relacionamento nos Estados Unidos, em 1995, como um marco desse momento – as pessoas abraçaram as chances de encontrar parceiras e parceiros potencialmente compatíveis através dos mecanismos de cruzamento de seus perfis com os de outros perfis constituídos pelo “uso intensivo de categorias e pressupostos psicológicos sobre como compreender a si mesmo e como arquitetar a sociabilidade através da compatibilidade afetiva” (Illouz, 2011, p.111). E essas práticas se estenderam ao longo das décadas, como pôde ser comprovado pelo conteúdo de reportagens citadas na análise da *Megazine* e pelas histórias das interlocutoras que já usaram das interações nos *sites* de redes sociais para conquistar seus pares. Contudo, nos dias de hoje, a compatibilidade parece não mais ser definida somente por aqueles mecanismos dos *sites* que produzem os cruzamentos dos perfis, mas pela percepção criada por elas mesmas a partir do que o outro mostra, diz, compartilha, responde – em palavras, imagens, vídeos, músicas etc. Os distintivos simbólicos dos perfis das pessoas na internet são reunidos como pistas para que elas projetem em si mesmas uma ideia de quem são e o que sentem seus pretendentes. Afastadas

das sociabilidades juvenis por conta da pandemia, essa prática ganhou ainda mais atenção como uma espécie de levantamento prévio do perfil do outro antes de investir nas conversas mais comprometidas com seus interesses sexuais e afetivos. Acontece que há outro efeito decorrente dessa prática: a ausência prolongada do corpo na expressividade dos afetos.

Ao mesmo tempo em que intensificaram a frequência e precisaram estender o tempo com que conversavam estritamente online com pretendentes nos serviços de bate-papo e sites de redes sociais na internet, também as formas de estar presente e exprimir o que sentem nas ocasiões em que poderiam estar juntos tiveram que ser adaptadas. Para Ana (19 anos), as conversas online e os momentos compartilhados assistindo a filmes durante a pandemia ajudaram a concretizar com um menino a relação de amizade colorida. Débora (22 anos) entrou em um grupo de conversas com dezenas de desconhecidos para falar de assuntos aleatórios e conheceu aquele que é hoje seu namorado, mas enquanto não se encontravam porque não estavam vacinados, conversavam em *chat* privado e compartilhavam momentos ouvindo juntos as músicas de que mais gostavam. Flávia (23 anos) chamou de “webnamoro” a fase dos quatro primeiros meses após o início da pandemia, quando passou a ver o namorado somente pelas chamadas de vídeo online e trocaram a proximidade um do outro no cinema pela tela compartilhada no serviço que os permitia assistir a filmes e séries e conversar, trocar impressões e se verem simultaneamente – Ana (19 anos) também recorreu a esse recurso, como disse durante as entrevistas. A ausência dos afetos vindos do contato pessoal quando substituída pela presença corporificada na tecnologia ou materializada na emoção compartilhada por letras de músicas, filmes, séries etc. – é mais uma das linguagens da expressão do sentimento na relação dos jovens casais – é a afetividade mediada.

Com esse quadro concluo a pesquisa, certo de que a riqueza das falas no discurso emocional dessas jovens pode permitir outras tantas observações das linguagens na gramática do amor nas culturas juvenis. Seja pelo potencial dos acontecimentos narrados de nos permitir compreender o social, seja pela pluralidade de experiências que tangibilizam para resolver os novos desafios da vida social nas culturas juvenis.

7. Considerações Finais

A motivação para essa pesquisa começou anos atrás, assim que concluí o mestrado e estava feliz com a chance de aproximar emoção e comunicação. Logo eu, que me sentia desde sempre uma pessoa tão pouco sentimental, encantei-me com a oportunidade de investigar sentimentos e poder estudar e pesquisar a respeito. Não é das tarefas mais simples, hoje posso afirmar com convicção. Porque, ao contrário do que imaginava, descobri-me emotivo demais – se é que se pode usar qualquer medida para classificar a emoção. E falar de amor, para mim, é falar do sentimento que me trouxe até aqui – vivo, perto de concluir o doutorado. Porém, era preciso manter-se firme ao propósito de pesquisador e aos cânones da pesquisa social, equilibrando minhas emoções com as das descobertas ao longo deste trabalho.

Ao iniciar o projeto, as possibilidades de pesquisar sobre o amor pareciam infinitas, afinal de contas, todo mundo tem uma história de amor para contar. Mas a presença de mulheres tão imprescindíveis na minha vida e que me permitiram chegar até aqui mostravam que eu poderia contar algumas dessas histórias junto com elas. Elegi as jovens para contribuir com suas narrativas individuais porque é fato que a juventude ainda carece de atenção para que os jovens se tornem protagonistas de suas próprias histórias, não apenas objetos de políticas forjadas por outros para eles, tal como afirmou Martín-Barbero (2008). Mas essa escolha também tem dois aspectos particulares: o primeiro deles é o fato de que, ao iniciar o doutorado, estava apoiado pelo conhecimento de uma pesquisadora que é referência no país sobre estudos da juventude, a Cláudia Pereira. O segundo aspecto diz respeito à minha atual relação com jovens enquanto professor do ensino superior, que me oferece a oportunidade de ouvir, perceber e sentir um pouco das suas aspirações, desejos, angústias, motivações e formas de expressar sentimentos. Considero-me uma pessoa privilegiada que pôde potencializar uma das habilidades que percebo mais latentes no meu olhar de pesquisador que é a capacidade de observar a sensibilidade das relações. E, sem dúvidas, é decorrente desse lugar que ocupo que fui capaz de alcançar as linguagens do amor entre essas jovens ao longo da pesquisa.

Parte do trabalho poderia ter sido realizado de maneira a me ajudar a concretizar mais um sonho, que era envolver-me com a antropologia a partir da etnografia, da qual sempre ouvia falar com os olhos brilhando. Queria a oportunidade de me colocar em campo como fizeram tantas pesquisadoras e pesquisadores inspiradores, deixando-me envolver pelo “método pensamento” (Caiafa, 2007) do qual me tornara admirador e com o qual gostaria de fazer pesquisa mais vezes. Porém, uma pandemia atravessa nossos caminhos e precisei colocar-me em outros campos, de outras maneiras, sem perder de vista a motivação da pesquisa e as heranças do que caracteriza o deslocamento do pesquisador do método etnográfico. Ainda que possa ter havido limitações, estou convencido de que esse trabalho pode ser o ponto de partida para reflexões a respeito da prática avançando sobre outros campos que nos convidam para maior aproximação, tal como o grupo de convivência confirmou nesta ocasião. Estou satisfeito com o resultado e na expectativa de que ainda há muitas oportunidades para desenvolver essa experiência.

A propósito, além da satisfação com os resultados apresentados no capítulo anterior, considero relevante destacar a apropriação da tecnologia na prática metodológica que me permitiu dar conta do prosseguimento da pesquisa. Mais do que uma correção ou ajuste no meio do caminho, a ideia de promover um grupo de conversas pela internet mostrou-se capaz de sustentar com rigor científico e metodológico as práticas da pesquisa, revelando distintos traços do trabalho de campo através desse meio que ainda poderão ser mais bem explorados em novas investigações que visam a compreender as relações entre as pessoas em diferentes circunstâncias do social. Carrego, a partir de agora, a expectativa de que o grupo de convivência, tal como realizado aqui, multiplique as oportunidades das práticas de investigação para pesquisadoras e pesquisadores das ciências humanas e sociais.

Na mesma medida, espero que a aproximação entre a sociologia, a psicologia social e a comunicação, na maneira como feito aqui ou entre tantas outras formas criativas de realizar essa conexão, promova e apoie mais ideias e hipóteses de pesquisa. Em particular, acredito que a análise interpretativa de conteúdo e o grupo de convivência poderão ser admitidos em futuras pesquisas em que o trabalho de campo exija criatividade tanto para observação, quanto para coleta de dados e

interpretação das linguagens inerentes às relações sociais entre os mais distintos grupos de indivíduos. Tratando especificamente dos espaços por onde circulam os jovens, há vasto material a ser explorado para análises interpretativas de conteúdo, especialmente aqueles produzidos a partir da internet. Ao mesmo tempo, tanto aquela análise quanto o deslocamento no campo através de meios tecnológicos podem contribuir para aproximar os jovens dos interesses das pesquisas, uma vez que formam um grupo bastante familiarizado com novas tecnologias.

E ainda pela mesma razão vislumbro oportunidades de pesquisas visando a compreensão das linguagens dos sentimentos quando atravessadas pela mediação das tecnologias entre os jovens. Dado que se mostram como indivíduos mais dispostos a adotar tecnologias emergentes para as mais corriqueiras tarefas, de trabalho a lazer até relacionamentos, considero haver variadas hipóteses que poderiam ser submetidas à investigação para revelar as dinâmicas das linguagens afetivas atravessadas por e atravessando aquelas tecnologias nos dias de hoje. Por exemplo, interessou-me em particular a ideia de uma das interlocutoras que afirmou que qualquer rede social online é espaço para buscar relacionamentos, independente de haver aplicativos ou portais especializados nessa função. Ou seja, ela demonstra como a linguagem da investida para um relacionamento afetivo pode ser desdobrada em qualquer espaço online, bastando para tanto criar, identificar e fazer com que se reconheçam os indicativos da linguagem em cada experiência.

Aliás, experiência, uma palavra que usei de maneira bastante recorrente nesta tese é também o indicador e o convite para rediscutir tudo aquilo que apresentei até agora. Sei que uma tese não se encerra em si mesma ao final da produção, por isso mesmo tenho certeza de que essa ideação da expressão do sentimento amor que elegi para analisar poderia ser vista sob tantas outras perspectivas teóricas, culturais, históricas, políticas etc. Mas, sem dúvidas, uma dessas que mais me desestabilizou – positivamente, claro – foi a que a professora Cláudia Barcellos Rezende – tão referenciada nesta pesquisa – me apresentou a partir de Joan Scott. Digo que desestabilizou porque fez repensar meu projeto quase completamente tamanha a força das ideias de Scott (1999). Se há uma perspectiva sobre a qual considero outra grande oportunidade para desdobrar meu trabalho é certamente a das ideias da autora mencionada. Ainda que não se mostre explicitamente presente na tese, as

reflexões sobre a invisibilidade da experiência, de Scott (1999), repercutiram em minhas ideias e ainda vão ressoar em futuros trabalhos que almejo desenvolver.

Assim como também quero deixar registrado agora a certeza de que tudo, ao longo do período de elaboração desta tese, aconteceu na hora certa, na medida ideal e com pessoas que transformariam o meu processo produtivo, criativo e até existencial. Prova disso foi ter conhecido a professora Maria Isabel Mendes de Almeida – já próximo do final do curso, quando tinha apenas que escolher uma última disciplina para cursar – e reconhecer hoje toda influência que ela provocou sobre o meu trabalho. Foi ela que apresentou Gabriel Tarde para a turma na qual me inscrevi, fazendo com que o sociólogo tomasse uma das partes principais do referencial teórico desta pesquisa. Com seu vasto conhecimento e sabedoria, a professora, sempre gentil, generosa e dedicada, estava a todo tempo atenta aos nossos projetos. Tem muito da professora Maria Isabel aqui, com quem pude encontrar uma última vez na qualificação. Daqui vou continuar emanando as boas vibrações que ela merece como forma de agradecimento por ter deixado sua marca na minha vida neste momento tão singular.

Por fim, quero deixar registrado que entre o mestrado e o doutorado alguns anos se passaram até que essa trajetória com a recente pesquisa começasse, em alguns momentos cheguei a imaginar que esse lugar não poderia ser meu. Mas é só mesmo o tempo que traz a maturidade que ajuda a perceber que tempo decorrido não é tempo perdido, é tempo de crescimento. Entre a conclusão do mestrado e o início do doutorado foram anos em que pude aprender mais, descobrir, duvidar do que parecia tão consistente e, então, começar essa jornada mais seguro, mais preparado e confiante ao lado de quem poderia me ajudar a continuar aprendendo. E a Cláudia Pereira, minha orientadora, é uma dessas pessoas que me pegou pela mão e não largou mais. Serei eternamente grato a ela pelo apoio incondicional e por me permitir concluir mais essa etapa. Se posso falar de amor hoje é porque ela acreditou em mim, nas minhas ideias e me orientou para alcançar esse resultado no momento certo, com a calma e a tranquilidade que eu precisava e que só ela sabe proporcionar a quem acolhe.

Superadas as dificuldades e as dúvidas e confirmada a conclusão do trabalho, espero que esta pesquisa possa contribuir para a aproximação essencial entre

ciências humanas e sociais, admitindo o sentimento como objeto de estudo da comunicação. Assim como também permita-nos aproximar dos jovens para falar com eles e não por eles, tornando-os protagonistas e não apenas limitando-os a sujeitos de políticas construídas para eles. Como defende Ferreira (2017), espero contribuir para arejar a ortodoxia metodológica nos estudos de juventude, adaptando métodos e técnicas clássicas de forma criativa, a fim de “torná-los *youth-friendly* (Heath e Walker, 2012), *juvenizá-los* para que façam sentido aos jovens contemporâneos, para que a possibilidade de participar num estudo lhes pareça atrativa, interessante e credível” (Ferreira, 2017, p.21). Por fim, espero que as linguagens do amor entre os jovens continuem multiplicando-se para que o mundo ame mais, para que todos possam ter o direito de amar e para que não falte amor para que possamos conhecer cada vez mais a nós mesmos.

8. Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction. *In: Language and the politics of emotion*. Cambridge: Cambridge University, 1990. p. 1–23.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Andréa Moraes. Fazendo antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante. *In: Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. [s.l.]: Jorge Zahar Editor, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BELELI, Iara. O imperativo das imagens: CONstrução de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, [S. l.], v. 2015, n. 44, p. 91–114, 2015. DOI: 10.1590/1809-4449201500440091.

BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. *In: TAVARES, FREDERICO; SCHWAAB, Reges (org) (org.)*. **A Revista e seu Jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 44–57.

BERTOLDO, Raquel Bohn; BARBARÁ, Andréa. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. **Psico-USF**, v. 11, p. 229-237, 2006.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Revista Saúde Pública**, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 285–293, 1996.

COELHO, Maria Claudia. **O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COSTA, Emília Viotti Da. A concepção do amor e idealização da mulher no romantismo. **Alfa: Revista de Linguística**, [S. l.], v. 4, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3216>.

COSTA, Vanuzia; FERNANDES, Sheyla Christine Santos. O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 391-401, 2012.

CUNHA, Gustavo Ximenes. Um panorama de abordagens da narrativa nos estudos da linguagem. **Guavira Letras**, [S. l.], n. 21, p. 36–51, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Grupo focal online e offline como técnica de coleta de dados. **Informação & Sociedade: estudos**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 81–95, 2007.

DUARTE, Teresa. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). **Sociologia**, [S. l.], p. 1–24, 2009. DOI: LISBOA. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1319>. Acesso em: 29 dez. 2021.

DUMONT, Louis. **O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURKHEIM, Émile. **As regras elementares do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

DUVEEN, Gerard. Introdução - O poder das ideias. *In*: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro]: Zahar, 1994.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Delineamentos para uma cartografia brasileira dos Estudos Culturais**. **Revista ECO-Pós**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2009. DOI: 10.29146/eco-pos.v7i2.1118. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1118>. Acesso em: 29 dez. 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. *In*: **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 151-170, 2001.

FALCKE, Denise; ZORDAN, Eliana. Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 2, p. 143-155, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, 2005.

FONSECA, L. K. S., Araújo, L. F., Santos, J. V. O., Salgado, A. G. A. T., Jesus, L. A. & Gomes, H. V. Velhice LGBT e facilitadores de grupos de convivências de idosos: suas representações sociais. **Psicología desde el Caribe**, v.37, n.1, p. 91-106, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14482/psdc.37.1.306.76>.

FREIRE FILHO, J.; BORELLI, Silvia H. S. Introdução. *In*: FREIRE FILHO, João; BORELLI, Silvia H. S. (org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008. p. 7–8.

FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. **MATRIZES**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 61-81, 2017. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v11i1p61-81. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/122954>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

_____. Em cartaz as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência na revista Capricho. **Revista Fronteira - Estudos Midiáticos**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 102–111, 2006.

_____. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREITAS, Itamar. Narrativa histórica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Maria Margarida Dias (org.). **Dicionário do ensino de História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009. p. 173–178.

GENETTE, Gerard. Fronteiras da narrativa. *In*: **Análise estrutural da narrativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 265–284.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar [recurso eletrônico]: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. ePub ed. Rio de Janeiro.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 3ªed., 1999.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAN, Byung-Chul. O capitalismo da emoção. *In*: **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Frankfurt Am Main: Editora Âyiné, 2018.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural. **Revista Brasileira de História**, [S. l.], v. 28, n. 56, p. 529–548, 2008.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Estilos de vida e individualidade: escritos em antropologia das emoções**. Curitiba: Appris, 2014.

LANNA, Marcos P. D. Marcel Mauss (1872-1950). *In: Os antropólogos: clássicos das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

LÁZARO, André. **Amor do mito ao mercado**. Petrópolis: Vozes, 1996. b.

_____. **Eros e comunicação**. 1996a. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, [S. l.], 1996.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor, volume 2**. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 13, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2003.20.3198.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. *In: BORELLI, Silvia H. S.; FILHO, João Freire (orgs. ... (org.)). Culturas juvenis no século XXI juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9–32.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. *In: FIGUEIRA, S. (org). Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. Effet physique chez l'individu de l'idée de mort suggérée par la collectivité (Australie, Nouvelle-Zélande). *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1926].

_____. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda. Da etnografia autoral à etnografia artífice: algumas reflexões sobre o método etnográfico contemporâneo e os modos de operacionalização do encontro com o Outro. *In: Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013. p. 232.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto; DOUTORA PELA PARIS, Pós; DIDEROT, Paris. Fotonovelas e leitoras: um romance. **ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, v. 5, p. 1-17, 2014.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose e necrose**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11^a ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. *In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

_____. **Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

OLTRAMARI, Leandro Castro. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. **Psicologia em estudo**, v. 14, n. 4, p. 669-677, 2009.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTNER, Sherry B. **Subjetividade e crítica cultural**. Horizontes Antropológicos [online]. 2007, v. 13, n. 28, pp. 375-405. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832007000200015>>. Epub 05 Nov 2007. ISSN 1806-9983. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832007000200015>. Acesso em: 20 out. 2021.

PAIS, José Machado. **Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. 6^a ed. Lisboa: ICS Imprensa das Ciências Sociais, 2015.

PEREIRA, Claudia da Silva. Ainda somos os mesmos? Representações midiáticas da juventude em movimentos sociais, ontem e hoje. **Revista Famecos**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. ID22285, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22285>. Acesso em: 20 out. 2021.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia De. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

REZENDE, C.B. Diversidade e identidade: discutindo jovens de camadas médias urbanas. *In: Individualidade e juventude*, VELHO, G. (org.), p.55-24. Comunicação nº 18, Rio de Janeiro: MN-UFRJ, 1990.

_____. **Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROCHA, Everardo. **O paraíso do consumo: Émile Zola, a magia e os grandes magazines**. 1^a ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Claudia da Silva. **Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2009.

RODRIGUES, J.V. **Gramática da amizade: um estudo sobre comunicação e a construção das emoções nas redes sociais on-line**. 2012.110f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro, 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

SANTANA, Maria Aparecida C. T. de. **Envelhecimento e a pessoa idosa: grupos de convivência promovendo saúde**. 2010.248f. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2010.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Record, 1ª ed., 2014.

SERVO, Maria Lucia Silva; ARAUJO, Pricila Oliveira. Grupo focal em pesquisas sociais. **Revista Espaço Acadêmico**, [S. l.], v. 12, n. 137, p. 07–15, 2012.

SIMMEL, Georg. **Fidelidade e Gratidão e Outros Textos**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

_____. **Filosofia do amor**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Questões fundamentais da Sociologia: inpaividuo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006b.

_____. The problem of sociology. *In: On individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

SMEHA, Luciane Najar; DE OLIVEIRA, Micheli Viera. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 2, p. 33-45, 2013.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia* [MS]. *In: Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Editora UNESP, 2018 [1895].

TUCHERMAN, Ieda. **Arqueologia do discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

VARGAS, Eduardo Viana. Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal. *In: Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2010.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2 edição ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, [S. l.], v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>.

W. BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

WELLER, W.; ZARDO, S. P. Entrevista Narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 131-143, 16 out. 2019.